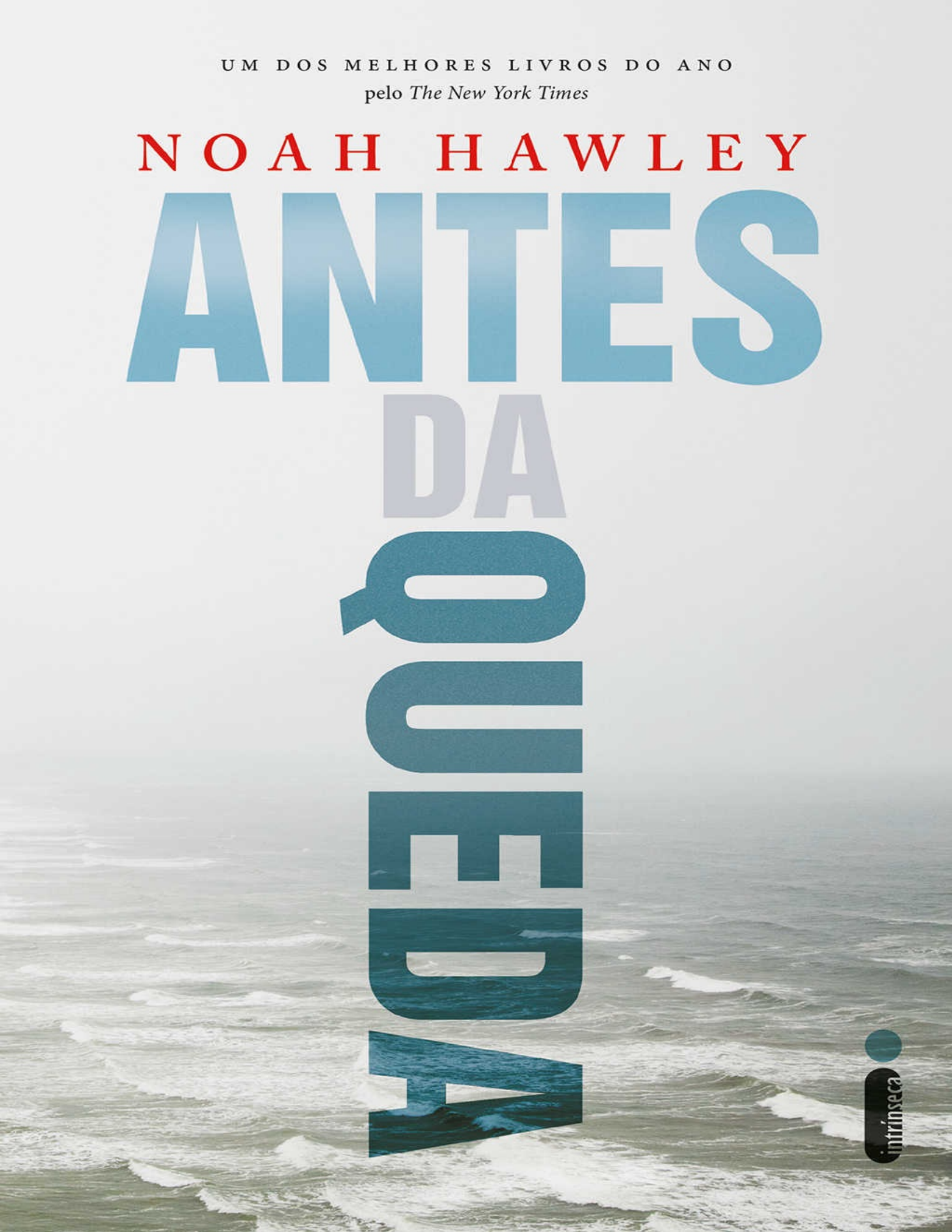
UM DOS MELHORES LIVROS DO ANO
pelo *The New York Times*

NOAH HAWLEY

ANTES DA QUEDA



intrínseca

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***Epubr.club*** e baixar livros exclusivos neste link.



NOAH HAWLEY

ANTES DA QUEDA

Tradução de Carolina Selvatici



Copyright © 2016 by Noah Hawley

TÍTULO ORIGINAL
Before the Fall

REVISÃO
Laís Curvão
Guilherme Semionato

DESIGN DE CAPA
Anne Twomey

FOTOGRAFIA
Moof/Cultura/Aurora Photos

ADAPTAÇÃO DE CAPA
Julio Moreira | Equatorium Design

REVISÃO DE E-BOOK
Maíra Pereira

GERAÇÃO DE E-BOOK
Intrínseca

E-ISBN
978-85-510-0114-1

Edição digital: 2017

1ª edição

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br



intrinseca.com.br

SUMÁRIO

Folha de rosto
Créditos
Mídias sociais
Dedicatória
1.
- Ondas
- David Bateman
- Ferimentos
- Quadro nº 1
- Nuvens de tempestade
- Órfãos
- Quadro nº 2
- Layla
- Ben Kipling e Sarah Kipling

2.
- Cunningham
- Casa de espelhos
- Tramas
- Quadro nº 3
- Transcrição
- Aliados
- Rachel Bateman
- Blanco
- Quadro nº 4
- Público / Privado
- Jack
- Imago
- Gil Baruch
- Interior

3.
- Tempo de exibição
- James Melody
- A escuridão

Emma Lightner
Dor
Balas
Jogos
Quadro nº 5
O histórico da violência
Charles Busch
Voo
Sobre o autor
Leia também

Para Kyle

UM AVIÃO PARTICULAR está parado em uma pista de Martha's Vineyard, em Massachusetts, Estados Unidos, as escadas da frente abertas. É um OSPRY 700SL com nove assentos, construído em 2001 em Wichita, no Kansas. É difícil dizer com certeza de quem é o avião. Ele está registrado como propriedade de uma *holding* holandesa com endereço de correspondência nas Ilhas Cayman, mas a logomarca na fuselagem é da GULLWING AIR. O piloto, James Melody, é britânico. Charlie Busch, o copiloto, é de Odessa, no Texas. A comissária de bordo, Emma Lightner, nasceu em Mannheim, na Alemanha, filha de um tenente da Força Aérea dos Estados Unidos e de sua esposa adolescente. Eles se mudaram para San Diego quando Emma tinha nove anos.

Todos têm o próprio caminho. Escolhas feitas. O modo como duas pessoas acabam no mesmo lugar no mesmo instante é um mistério. Entramos em um elevador com uma dezena de desconhecidos. Andamos de ônibus, esperamos na fila do banheiro. Isso acontece todos os dias. Tentar prever os lugares em que estaremos e as pessoas que vamos conhecer seria inútil.

Um brilho suave de lâmpadas emana da cabine dianteira envidraçada. Nada parecido com o violento clarão fluorescente que vemos nos aviões comerciais. Em duas semanas, em uma entrevista à *New York Magazine*, Scott Burroughs vai dizer que a coisa que mais o surpreendeu naquela primeira viagem em um jatinho não foi o espaço interno nem o bar cheio, mas o quanto a decoração parecia personalizada, como se, ao se alcançar determinado nível de renda, as viagens aéreas fossem apenas outra maneira de estar em casa.

É uma noite quente e agradável em Martha's Vineyard, trinta graus com ventos leves, vindos do sudoeste. A partida está marcada para as vinte e duas horas. Nas últimas três horas, uma pesada névoa costeira se formou sobre o golfo, e tentáculos de um nevoeiro branco e denso começaram a se arrastar lentamente pelo asfalto iluminado.

A família Bateman é a primeira a chegar, no Range Rover que mantém na ilha: David, o pai, Maggie, a mãe, e Rachel e J.J., seus dois filhos. É fim de agosto e Maggie e as crianças ficaram o mês todo na cidade; David vinha de Nova York nos fins de semana. Apesar de querer se afastar do trabalho por mais tempo, é

difícil para ele fazer isso. David trabalha no ramo de entretenimento — na verdade, hoje em dia, é assim que as pessoas que trabalham no setor chamam os telejornais. Um circo romano de informação e opinião.

Ele é um homem alto e tem uma voz intimidadora ao telefone. Ao conhecerem David, as pessoas geralmente ficam impressionadas com o tamanho de suas mãos. J.J. dormiu no carro e, enquanto os outros se encaminham até o avião, David se inclina sobre o banco de trás e, com cuidado, tira o filho do assento, segurando todo o peso do menino com um dos braços. J.J. instintivamente passa os braços em volta do pescoço do pai, a boca aberta enquanto dorme. O calor de sua respiração faz um arrepio descer pela coluna de David. Ele pode sentir os ossos do quadril do filho na palma da mão, as pernas dele derramadas na lateral de seu corpo. Aos quatro anos, J.J. tem idade suficiente para saber que as pessoas morrem, mas ainda é jovem demais para entender que um dia ele será uma delas. David e Maggie o chamam de máquina de movimento perpétuo, porque ele não para. Aos três anos, o menino basicamente se comunicava rugindo como um dinossauro. Agora ele é o rei das interrupções e questiona cada palavra dos pais com uma paciência aparentemente interminável até que escute uma resposta ou que alguém o mande calar a boca.

David fecha a porta com o pé, o peso do filho tirando seu equilíbrio. Está segurando o telefone próximo ao ouvido com a mão livre.

— Diga a ele que, se falar uma palavra sobre isso — afirma, baixinho, para não acordar o menino —, a gente vai entrar com um processo de proporções bíblicas contra ele. Advogados vão cair em cima dele.

Aos cinquenta e seis anos, David ostenta uma camada pesada de gordura em torno do corpo, como um colete à prova de balas. Tem um queixo forte e cabelo volumoso. Nos anos 1990, David ficou famoso coordenando campanhas políticas — governadores, senadores e um presidente duas vezes eleito —, mas se aposentou em 2000 para se tornar um lobista com um escritório na rua K. Dois anos depois, um bilionário idoso o havia procurado com a ideia de criar um canal de notícias vinte e quatro horas. Treze anos e treze bilhões de lucro depois, David tem um escritório com janelas à prova de bombas em uma cobertura e acesso ao jatinho da empresa.

Ele não consegue passar tempo suficiente com os filhos. David e Maggie concordam quanto a isso, apesar de brigarem por esse motivo com frequência. O que significa que ela traz o assunto à tona e ele fica na defensiva, apesar de, no fundo, sentir a mesma coisa. Mas não seria isso o casamento: duas pessoas brigando pelo direito aos mesmos quinze centímetros de terra?

No asfalto, uma rajada de vento sopra. David, ainda ao telefone, olha para Maggie e dá um sorriso que diz *Estou feliz por estar aqui com você*. Diz *Eu te amo*. Mas também diz *Eu sei que estou no meio de outro telefonema de trabalho e preciso que você não se irrite com isso*. O sorriso diz *O que importa é que estou aqui e que estamos todos juntos*.

É um sorriso que pede desculpas, mas também há algo de forte nele.

Maggie sorri de volta, mas de um jeito mais casual, mais triste. A verdade é que ela não sabe mais dizer quando vai conseguir perdoá-lo e quando não vai.

Estão casados há menos de dez anos. Maggie tem trinta e seis anos e é ex-professora de pré-escola, a moça bonita que habita as fantasias dos meninos mesmo antes que eles entendam o que isso significa — uma fixação por seios compartilhada por crianças e adolescentes. A Srta. Maggie, como era chamada, era alegre e amorosa. Chegava cedo todo dia, às seis e meia, para arrumar tudo. Ficava até mais tarde para escrever relatórios e preparar as aulas. A Srta. Maggie era uma jovem de vinte e seis anos de Piedmont, na Califórnia, que adorava dar aulas. Adorava. Era o primeiro adulto que aquelas crianças de três anos conheciam que as levava a sério, que ouvia o que tinham a dizer e fazia com que se sentissem maduras.

Foi o destino, se podemos chamar assim, que pôs Maggie e David no mesmo salão de festas do Waldorf Astoria em uma noite de quinta-feira no início da primavera de 2005. Era um baile de gala beneficente para um fundo educacional. Maggie estava lá com uma amiga. David fazia parte da diretoria do fundo. Ela era a beleza humilde em um vestido floral e tinha uma mancha de tinta guache azul atrás do joelho direito. Ele era o executivo charmoso em um terno de dois botões. Ela não era a mulher mais nova da festa, nem mesmo a mais bonita, mas era a única com giz na bolsa, a única que sabia construir um vulcão de papel machê e tinha um chapéu listrado do *Gatola da cartola*, que usava todo ano no trabalho, no dia do aniversário do Dr. Seuss. Em outras palavras, era tudo que David queria em uma esposa. Ele pedira licença e se aproximara, sorrindo com suas próteses dentárias perfeitas.

Pensando agora, ela nunca tivera como escapar.

Dez anos depois, eles têm dois filhos e uma casa em Gracie Square. Rachel, de nove anos, estuda em Brearley com outras cem meninas. Maggie, hoje aposentada, cuida de J.J., o que a torna diferente das outras mulheres de sua classe social — as donas de casa tranquilas, esposas de milionários workaholics. Quando leva o filho para passear de manhã, é a única mãe no parquinho. Todas as outras crianças chegam em carrinhos de design europeu, empurrados por babás ao celular.

Agora, na pista do aeroporto, Maggie sente um arrepio e aperta mais o cardigã em torno do corpo. Os tentáculos do nevoeiro se tornaram ondas que rolam lentamente e se unem no asfalto com uma paciência glacial.

— Tem certeza de que é seguro voar nisso? — pergunta ela para as costas do marido.

Ele já alcançou o topo da escada, onde Emma Lightner, a comissária de bordo, em um terninho azul bem cortado, o recebe com um sorriso.

— Vai dar tudo certo, mãe — diz Rachel, de nove anos, andando atrás de Maggie. — Eles não precisam enxergar para fazer o avião voar.

— Eu sei, eu sei.

— Eles têm instrumentos.

Maggie abre um sorriso compreensivo para a filha. Rachel está carregando sua mochila verde — com um exemplar de *Jogos Vorazes*, suas Barbies e seu iPad — que bate ritmicamente na lombar da menina enquanto ela caminha. Está muito grande. Mesmo aos nove anos, já exibe sinais da mulher que vai se tornar. Uma professora que espera pacientemente que você descubra seus próprios erros. Em outras palavras, a pessoa mais inteligente que você vai encontrar, mas não alguém que se exibe, nunca, alguém de bom coração e risada melodiosa. A questão é: será que são qualidades que tem desde que nasceu ou foram semeadas nela pelo que aconteceu? O verdadeiro crime de sua infância? Em algum lugar on-line, toda a saga está registrada em palavras e imagens — filmagens arquivadas no YouTube, centenas de horas de trabalho de repórteres guardadas na grande memória coletiva feita de zeros e uns. Um repórter da *New Yorker* quisera fazer um livro sobre aquilo no ano anterior, mas David havia abafado a história sem criar escândalo. Rachel é apenas uma criança, no fim das contas. Às vezes, quando pensa no que podia ter dado errado, Maggie teme que seu coração se parta ao meio.

Instintivamente, ela olha para o Range Rover, onde Gil se comunica por rádio com a equipe avançada. Gil é a sombra deles, um israelense enorme que nunca tira o paletó. É o que pessoas do nível social deles chamam de *segurança particular*. Um metro e oitenta e oito de altura, oitenta e seis quilos. Existe um motivo para ele nunca tirar o paletó, um motivo que não é discutido por pessoas educadas. É o quarto ano de Gil com a família Bateman. Antes de Gil, eles tinham Misha e, antes de Misha, toda uma equipe de homens mal-humorados de terno, que carregavam armas automáticas no porta-malas do carro. Quando era professora, Maggie zombava daquele tipo de intrusão militar na vida das famílias. Dizia que era narcisismo pensar que o dinheiro os tornava alvos da violência. Mas isso havia sido antes dos acontecimentos de julho de 2008, antes do sequestro da filha e dos três

dias agonizantes que tinham sido necessários para recuperá-la.

Ao pé da escada, Rachel se vira e dá um falso aceno de princesa para a pista vazia. Está usando um casaco azul de *fleece* sobre o vestido e o cabelo preso em um rabo de cavalo baixo. Apenas alguns sinais meio escondidos indicam que Rachel foi afetada por aqueles três dias: um medo de cômodos pequenos, certo tremor perto de homens desconhecidos. Por outro lado, Rachel sempre foi uma criança feliz, uma brincalhona com um sorriso esperto. E, apesar de não saber como, Maggie agradece todos os dias por sua filha não ter perdido isso.

— Boa noite, Sra. Bateman — cumprimenta Emma quando Maggie chega ao topo da escada do avião.

— Oi, obrigada — responde Maggie, por reflexo.

Ela sente a costumeira necessidade de pedir desculpas pela riqueza deles — não necessariamente a do marido, mas a sua própria, pela enorme incongruência daquilo. Não faz muito tempo, ela era professora de pré-escola e morava em um prédio de seis andares sem elevador, com duas garotas más, como a Cinderela.

— O Scott já chegou? — pergunta.

— Não, senhora. Vocês foram os primeiros a chegar. Abri uma garrafa de pinot gris. A senhora gostaria de uma taça?

— Agora não, obrigada.

O interior do jatinho é uma discreta declaração de luxo. Paredes curvas cobertas com painéis de madeira finos. Os assentos são de couro cinza e distribuídos de forma casual, em pares, como se sugerissem que a pessoa aproveitaria mais o voo com uma companhia. O interior é dominado por um silêncio elegante, como o de uma biblioteca presidencial. Apesar de já ter viajado daquela maneira muitas vezes, Maggie não consegue se reconciliar com o privilégio daquilo. Um avião inteiro para eles.

David põe o filho em um dos assentos e o cobre com uma manta. Já está em outra ligação e esta é claramente importante. Maggie percebe pela contração de seu maxilar. Abaixo dele, o menino se remexe no assento, mas não acorda.

Rachel vai até a cabine conversar com os pilotos. É algo que faz aonde quer que vá: procura a autoridade local e a enche de perguntas. Maggie vê Gil à porta da cabine, vigiando a menina de nove anos. Ele carrega, além de uma pistola, uma arma de choque e algemas de plástico. É o homem mais silencioso que Maggie já conheceu.

Com o telefone no ouvido, David aperta de leve o ombro da esposa.

— Está animada para voltar para casa? — pergunta ele, cobrindo o bocal com a outra mão.

— Mais ou menos — responde ela. — É tão gostoso aqui.

— Você pode ficar. Quer dizer, temos aquele negócio no fim de semana que vem, mas, tirando isso, por que não?

— Não — diz ela. — As crianças têm aula e eu tenho aquela reunião da diretoria do museu na quinta.

Ela sorri para ele e complementa:

— Não dormi muito bem — explica. — Só estou cansada.

Os olhos de David se fixam em algo sobre o ombro de Maggie. Ele franze o cenho.

Maggie se vira. Ben e Sarah Kipling estão parados no topo da escada. São um casal rico, mais amigos de David do que dela. Mesmo assim, Sarah solta um gritinho quando vê Maggie.

— Querida! — exclama, abrindo os braços.

Sarah dá um abraço em Maggie, enquanto a comissária espera, sem jeito, atrás delas, segurando uma bandeja com bebidas.

— Adorei seu vestido — diz Sarah.

Ben passa pela esposa e chega até David, apertando sua mão vigorosamente. Ele é sócio de uma das quatro grandes empresas de Wall Street, um ferrenho negociante de olhos azuis, em uma camisa azul justa e short branco com cinto.

— Você viu a bosta daquele jogo? — pergunta. — Como é que ele não pegou aquela bola?

— Nem me fale — responde David.

— Até eu poderia ter pegado aquela bola e sou o maior mão de alface do mundo.

Os dois estão de pé, as pontas dos pés encostadas, em uma postura falsa, dois grandes cervos batendo galhadas só pelo amor à luta.

— Ele não viu a bola por causa dos holofotes — afirma David, antes de sentir o telefone vibrar.

Ele confere o aparelho, franze o cenho e digita uma resposta. Ben olha rapidamente para trás e sua expressão fica mais séria. As mulheres estão conversando. Ele se aproxima de David.

— A gente tem que conversar, companheiro.

David o afasta, ainda digitando.

— Agora não.

— Tentei ligar para você — diz Kipling.

Ele começa a falar, mas Emma surge com as bebidas.

— Glenlivet com gelo, se não me engano — afirma ela, entregando um copo a

Ben.

— Você é muito gentil — elogia ele, antes de virar metade do uísque de uma só vez.

— Só água para mim — pede David, enquanto Emma tira um copo de vodca da bandeja.

— Claro — responde ela, sorrindo. — Já volto.

A alguns passos dali, Sarah Kipling já esgotou seu estoque de conversa fiada. Ela dá um leve apertão no braço de Maggie.

— Como você está? — pergunta com sinceridade e pela segunda vez.

— Ah, estou bem — responde Maggie. — É só que... Dia de viagem, sabe? Vou ficar feliz quando a gente chegar em casa.

— Eu sei. Quer dizer, eu adoro a praia, mas sinceramente? Fico tão entediada. Não dá para passar os dias assistindo ao pôr do sol sem querer, sei lá, ir até a Barneys.

Maggie olha nervosamente para a porta aberta. Sarah percebe.

— Está esperando alguém?

— Não. Quer dizer, acho que vamos ter outro passageiro, mas...

A filha a interrompe.

— Mãe — diz Rachel de seu assento —, não esqueça que amanhã é a festa da Tamara. A gente ainda tem que comprar um presente.

— Está bem — responde Maggie, distraída. — Vamos à Dragonfly de manhã.

Ao olhar para a filha, Maggie nota David e Ben aconchegados conversando. David não parece contente. Ela poderia perguntar a ele depois, mas o marido tem estado azedo e a última coisa que ela quer é uma briga.

A comissária passa por ela e entrega a água a David.

— Quer limão? — pergunta.

David faz que não com a cabeça. Ben esfrega a careca, nervoso. Ele olha para a cabine.

— Estamos esperando alguém? — pergunta. — Vamos logo com isso.

— Mais uma pessoa — afirma Emma, olhando para a lista de passageiros. — Scott Burroughs?

Ben olha para David e pergunta:

— Quem?

David dá de ombros.

— A Maggie fez um amigo — explica.

— Ele não é meu amigo — diz ela, ao ouvir aquilo. — Quer dizer, as crianças o conhecem. Encontramos com ele na feira hoje de manhã. Ele disse que tinha

que ir para Nova York, então o convidei para vir conosco. Acho que ele é pintor. — Ela olha para o marido. — Mostrei algumas obras dele para você.

David confere o relógio.

— Você avisou que íamos sair às dez? — pergunta David.

Ela assente.

— Bom — diz ele, sentando-se —, mais cinco minutos e ele vai ter que pegar a balsa como todo mundo.

Pela janela arredondada, Maggie vê o comandante parado na pista, examinando a asa. Ele observa o alumínio liso, depois anda lentamente até o avião.

Atrás dela, J.J. se remexe, a boca aberta. Maggie ajeita a manta que o cobre, depois dá um beijo na testa do filho. Ele sempre parece tão preocupado quando dorme, pensa.

Por sobre as costas do assento, ela vê o piloto voltar para o avião. Ele vem cumprimentá-los, um homem do tamanho de um jogador de futebol americano e compleição de militar.

— Senhores, senhoras. Bem-vindos. Deve ser um voo curto. Um pouco de vento, mas, tirando isso, a viagem vai ser bem tranquila.

— Vi você ali fora — afirma Maggie.

— Inspeção de rotina — explica ele. — Faço isso antes de todos os voos. O avião está ótimo.

— E a neblina? — pergunta Maggie.

A filha revira os olhos.

— A neblina não é problema para uma máquina sofisticada como esta — diz o piloto. — Quando chegarmos a uns duzentos metros de altitude, já vamos ter nos livrado dela.

— Então vou comer um pouquinho desse queijo — afirma Ben. — Que tal a gente colocar uma musiquinha? Ou ligar a TV? Acho que o Boston está jogando contra o White Sox.

Emma vai procurar o jogo no sistema de entretenimento do avião. Faz-se um longo período de silêncio enquanto todos se sentam ou guardam seus pertences. Na cabine, os pilotos fazem a checagem dos instrumentos.

O telefone de David vibra outra vez. Ele o confere e franze o cenho.

— Está bem — diz, ficando impaciente. — Acho que já esperamos esse pintor muito tempo.

Ele faz um sinal para Emma, que vai fechar a porta principal. Na cabine, como por telepatia, o piloto liga os motores. A porta da frente está quase fechada quando todos ouvem o grito de um homem:

— *Esperem!*

O avião balança quando o último passageiro sobe a escada. Sem querer, Maggie se sente ruborizar, um frio de ansiedade na barriga. E lá está ele, Scott Burroughs, quarenta e poucos anos, o rosto vermelho e sem fôlego. Tem o cabelo desgrenhado e um pouco grisalho, mas a pele de seu rosto é lisa. Há manchas de guache cor de gelo e azul-celeste em seus velhos Keds brancos. Traz uma bolsa de ginástica verde suja pendurada em um dos ombros. Seu rosto ainda tem o vigor da juventude, mas as rugas em torno dos olhos são profundas e merecidas.

— Desculpem — reage ele. — O táxi demorou uma eternidade. Acabei pegando um ônibus.

— Bom, você chegou — responde David, indicando com a cabeça que o copiloto feche a porta. — É isso que importa.

— Posso pegar sua mala, senhor? — pergunta Emma.

— Oi? — reage Scott, momentaneamente assustado com a aproximação furtiva da comissária. — Não. Pode deixar.

Ela indica um assento vazio para ele. Enquanto vai até a cadeira, Scott observa o interior do avião pela primeira vez.

— Caramba! — exclama.

— Ben Kipling — apresenta-se Ben, erguendo-se para apertar a mão de Scott.

— Fala — responde Scott. — Scott Burroughs.

Ele nota Maggie.

— Oi — cumprimenta, abrindo um sorriso largo e caloroso para ela. — Mais uma vez, obrigado.

Maggie também sorri, ruborizando.

— Não foi nada — diz. — Tinha lugar.

Scott despenca no assento ao lado de Sarah. Antes mesmo que consiga pôr o cinto de segurança, Emma entrega uma taça de vinho a ele.

— Ah. Não, obrigado. Eu não... Talvez um copo d'água?

Emma sorri e se afasta.

Scott olha para Sarah.

— É fácil se acostumar com isso aqui, hein?

— Isso é uma grande verdade — afirma Kipling.

O motor ronca e Maggie sente o avião começar a se mover. A voz do comandante Melody soa pelos alto-falantes.

— Senhoras e senhores, por favor, preparem-se para a decolagem.

Maggie olha para os dois filhos: Rachel sentada sobre uma das pernas dobradas, escolhendo uma música no telefone, e o pequeno J.J. dormindo, encolhido, de

boca aberta, embalado por uma tranquilidade infantil.

Assim como em outros milhares de momentos aleatórios todos os dias, Maggie é tomada por uma onda de amor materno, crescente e desesperado. Aquelas crianças são sua vida. Sua identidade. Ela estende a mão mais uma vez para ajeitar a coberta sobre o filho, e, no mesmo instante, a gravidade parece parar de agir quando as rodas do avião deixam a pista. Aquele ato de esperança impossível, aquela suspensão rotineira das leis da física que mantêm os homens no chão inspira e assusta Maggie. Voando. Estão voando. E, enquanto voam, em meio à névoa branca, conversando e rindo, embalados por músicas dos anos 1950 e pela narração do jogo de beisebol, nenhum deles imagina que, dezesseis minutos depois, o avião vai cair no mar.

1.

AOS SEIS ANOS, Scott Burroughs fez uma viagem para São Francisco com a família. Eles passaram três dias em um hotel perto da praia: Scott, os pais e a irmã June, que, mais tarde, morreria afogada no Lago Michigan. A cidade estava fria e encoberta pela neblina naquele fim de semana, largas avenidas se desenrolando feito línguas até a água. Scott lembra que o pai pediu patas de caranguejo em um restaurante e que, quando chegaram, eram monstruosas, do tamanho de galhos de árvores. Como se eles fossem o alimento dos caranguejos e não o contrário.

No último dia da viagem, o pai de Scott pôs toda a família em um ônibus que levava ao Fisherman's Wharf. Scott — vestindo uma calça velha de veludo cotelê e uma camiseta listrada — se ajoelhara no banco de plástico curvo e observara o estuque plano e largo do Sunset District se transformar nas colinas de concreto e casas vitorianas que cobriam as ladeiras íngremes. Eles foram ao Museu Acredite Se Quiser e posaram para uma caricaturista: uma família de quatro enormes cabeças lado a lado, equilibrando-se em monociclos. Depois, pararam e observaram as focas esparramadas sobre as docas encharcadas. A mãe de Scott, com brilho nos olhos, apontou para os bandos de gaivotas de asas brancas. Eles eram pessoas presas à terra. Para Scott, era como se tivesse feito uma viagem de espaçonave para um planeta distante.

No almoço, comeram salsichões e tomaram Coca-Cola de enormes e divertidos copos de plástico. Ao entrar no Parque Aquático, viram que uma multidão havia se reunido. Dezenas de pessoas olhavam para o norte e apontavam na direção de Alcatraz.

A baía tinha um tom cinzento de ardósia naquele dia e as colinas de Marin emolduravam a hoje desativada ilha-prisão como os ombros de um guarda. À esquerda, a Golden Gate era um gigante laranja turvo com vigas decapitadas pela névoa do fim da manhã.

Scott viu um grupo de pequenos barcos descrevendo círculos pela água.

— Alguém fugiu? — perguntou o pai de Scott em voz alta para ninguém.

A mãe de Scott franziu o rosto e sacou um folheto de informações. Pelo que ela sabia, disse, a prisão estava fechada. A ilha era só uma atração turística.

O pai de Scott deu uma batidinha no ombro do homem ao seu lado.

— O que estamos olhando? — perguntou.

— Ele está nadando de Alcatraz para cá — explicou o homem.

— Quem?

— O cara dos exercícios. Como é que é o nome dele? Jack LaLanne. É um desses desafios. Ele está algemado e puxando um barco.

— Como assim, puxando um barco?

— Com uma corda. Ouvi no rádio. Está vendo aquele barco ali? O grande? Ele tem que arrastar aquele troço até aqui.

O homem balançou a cabeça, como se, de repente, o mundo tivesse enlouquecido.

Scott subiu até um degrau mais alto, de onde pudesse ver por cima dos adultos. De fato, havia um grande barco na água, a ponta voltada para a praia. Estava cercado por uma frota de embarcações menores. Uma mulher se abaixou e cutucou o braço de Scott.

— Tome — disse, sorrindo. — Dê uma olhada.

Ela entregou-lhe um binóculo pequeno. Pelas lentes, ele via apenas que havia um homem na água, usando uma toca de natação bege. Seus ombros estavam nus. Ele nadava dando saltos para a frente, como uma sereia.

— A corrente é forte para caramba ali — disse o homem ao pai de Scott. — Sem contar que a água deve estar, tipo, uns quatorze graus. Existe um motivo para ninguém nunca ter fugido de Alcatraz. Além disso, há os tubarões. Acho que o cara tem uns vinte por cento de chance de conseguir.

Pelo binóculo, Scott viu que as lanchas que cercavam o nadador estavam cheias de homens uniformizados. Eles carregavam rifles e observavam o mar.

Na água, o nadador erguia os braços e saltava para a frente. Tinha os pulsos amarrados e estava concentrado na praia. Sua respiração era regular. Se tinha consciência dos policiais ou do risco de um ataque de tubarão, não demonstrava. Jack LaLanne, o homem mais em forma do mundo. Faria sessenta anos em cinco dias. Sessenta anos. A idade em que qualquer pessoa de bom senso reduz o ritmo, põe as pernas para o ar e deixa algumas coisas de lado. No entanto, como Scott ficaria sabendo mais tarde, a disciplina de Jack transcendia a idade. Ele era uma ferramenta criada para completar uma tarefa, uma máquina de superação. Em torno da cintura, a corda parecia um tentáculo querendo puxá-lo para as profundezas frias e escuras, mas ele não prestava atenção nela, como se, ao ignorar o peso que estava carregando, pudesse retirar a força dele. De qualquer maneira, Jack já estava acostumado com aquela corda. Em casa, ele se amarrava à lateral da piscina e nadava sem sair do lugar trinta minutos por dia, além de levantar pesos

por noventa minutos e correr por mais meia hora. Ao se olhar no espelho depois, Jack não deparava com um homem mortal. Via um ser de energia pura.

Ele já percorrera aquele trecho a nado, em 1955. Alcatraz ainda era uma prisão na época, uma rocha fria de penitência e punição. Jack tinha quarenta e um anos, um jovem já famoso pela boa forma. Ele tinha um programa de TV e academias de ginástica. Toda semana, aparecia em preto e branco, usando seu macacão característico e extremamente justo, os bíceps inchados. De vez em quando, sem avisar, ele se jogava no chão e pontuava seus conselhos fazendo cem flexões de braço apoiado na ponta dos dedos.

Frutas e legumes, dizia. Proteína, exercícios.

Na emissora NBC, às segundas-feiras às oito, Jack passava o segredo da vida eterna. Só era preciso ouvir. Rebocando o barco, ele se lembrou daquele primeiro desafio. Muitos tinham dito que não podia ser completado, um percurso de três quilômetros e duzentos metros contra fortes correntes marítimas em uma água a doze graus, mas Jack o percorrera em pouco menos de uma hora. Então, dezenove anos depois, estava de volta, mãos amarradas e pernas atadas, com um barco de quase meia tonelada preso à cintura.

Em sua mente não havia barco. Não havia corrente. Não havia tubarões.

Só havia sua força de vontade.

— Pergunte ao pessoal que faz triatlo — diria ele depois — se há limites para o que pode ser feito. O limite está bem aqui, na sua cabeça. É preciso estar em forma entre as orelhas. Os músculos não sabem de nada. Têm que ser ensinados.

Jack era o garoto fracote cheio de espinhas que se entupia de doces, o menino que um dia enlouquecera de tanto comer açúcar e tentara matar o irmão com um machado. Então, teve uma epifania, a decisão definitiva. Rápida como um relâmpago. Ele ia usar todo o potencial de seu corpo. Ia se reconstruir completamente e, ao fazer isso, mudaria o mundo.

Dessa forma, um Jack gordinho e viciado em açúcar inventara os exercícios. Tornara-se o herói que conseguia fazer mil polichinelos e mil flexões na barra fixa em noventa minutos. O músculo que treinava para fazer mil e trinta e três flexões em vinte minutos subindo uma corda de sete metros e meio de comprimento, com sessenta e três quilos de peso presos à cintura.

As pessoas o abordavam aonde quer que ele fosse. Era o início da era da televisão. Ele era um cientista, um mágico, um deus.

— Não posso morrer — dizia Jack às pessoas. — Isso acabaria com minha imagem.

Naquele instante, na água, ele saltava para a frente usando a pernada de

borboleta que havia inventado. Via a praia, câmeras de telejornais reunidas à beira d'água. A multidão havia aumentado, espalhando-se pelos degraus curvos. A esposa de Jack, Elaine, estava entre aquelas pessoas, uma ex-bailarina aquática que fumava sem parar e sobrevivia à base de donuts antes de conhecer Jack.

— Lá está ele — disse alguém, apontando.

Um homem de sessenta anos puxando um barco.

Algemado. Com os pés amarrados. Ele era Houdini, mas sem tentar escapar. Se Jack seguisse sua vontade, ficaria preso àquele barco para sempre. Acrescentaria um novo barco à corda todos os dias até que estivesse puxando o mundo inteiro. Até que estivesse carregando todos nós em suas costas, em direção a um futuro em que o potencial humano fosse ilimitado.

A idade é um estado de espírito, dizia ele às pessoas. Aquele era o segredo. Ele terminaria aquele trajeto e saltaria para fora da água. Comemoraria pulando, como um boxeador depois de um nocaute. Talvez até se jogasse no chão e fizesse cem flexões. Ele se sentia bem a esse ponto. Na idade de Jack, a maioria dos homens estava curvada, reclamando de dor nas costas. Nervosos com o fim. Mas não Jack. Quando fizesse setenta anos, ele nadaria por setenta horas puxando setenta barcos com setenta pessoas em cada um. Quando completasse cem anos, o país seria rebatizado com seu nome. Ele acordaria toda manhã com uma ereção de ferro até o fim dos tempos.

Na praia, Scott ficou na ponta dos pés e olhou para a água. Tinha se esquecido dos pais. Do almoço do qual não gostara. Não havia nada no mundo além da cena diante dele. O menino observava o homem de toca de natação lutar contra a maré. Braçada após braçada, músculos contra a natureza, força de vontade desafiando primitivas forças brutas. A multidão estava de pé incentivando o nadador, movimento a movimento, centímetro a centímetro, até que Jack LaLanne saiu da água e os repórteres correram para encontrá-lo. Ele estava ofegante, os lábios, azulados, mas sorria. Os repórteres desamarraram seus pulsos, tiraram a corda de sua cintura. A multidão enlouquecia. Elaine entrou no mar e Jack a ergueu em seus braços como se ela fosse uma pena.

A praia estava agitada. Todos sentiam que haviam testemunhado um milagre. Por um bom tempo, pensariam que qualquer coisa era possível. Passariam o dia se sentindo animadas.

E Scott Burroughs, seis anos, parado no último degrau das arquibancadas, se viu dominado por um estranho sentimento. Sentiu algo crescer em seu peito — euforia? assombro? — que o deixou com vontade de chorar. Apesar da pouca idade, ele sabia que havia testemunhado algo não quantificável, uma faceta incrível

da natureza selvagem. O que aquele homem havia feito — amarrar um peso ao corpo, atar seus membros e nadar três quilômetros e duzentos metros em uma água gelada — era algo que o Super-Homem faria. Seria possível? Seria ele o Super-Homem?

— Caramba — disse seu pai, bagunçando o cabelo de Scott. — Isso foi incrível, não foi?

Mas Scott ficou sem palavras. Ele apenas fez que sim com a cabeça, os olhos fixos no homem forte à beira d'água, que havia erguido um repórter acima da cabeça e fingia que ia jogá-lo na água.

— Vejo esse cara na TV o tempo todo — afirmou seu pai —, mas achei que era só uma piada. Um fortão. Mas, cara...

Ele balançou a cabeça, maravilhado.

— É o Super-Homem? — perguntou Scott.

— O quê? Não. É... Quer dizer, é só um cara.

É só um cara. Como o pai de Scott ou o tio Jake, com seu bigode e sua barriguinha de chope. Como o Sr. Branch, seu professor de educação física de penteado afro. Scott não conseguia acreditar. Seria possível? Será que alguém poderia ser o Super-Homem caso realmente se dedicasse? Se estivesse disposto a fazer o que fosse preciso? *O que quer* que fosse preciso?

Dois dias depois, quando voltaram para Indianapolis, Scott Burroughs se inscreveu nas aulas de natação.

ONDAS

ELE EMERGE DA água, gritando. É noite. A água salgada faz seus olhos arderem. O calor queima seus pulmões. Não há lua, só um luar diluído através da névoa espessa, ondas se revirando em um azul-escuro à sua frente. À sua volta, chamas alaranjadas sombrias lambem a espuma.

A água está pegando fogo, pensa ele, afastando-se instintivamente.

Então, depois de um segundo de choque e confusão:

O avião caiu.

Scott pensa isso, mas não com palavras. Em seu cérebro, há imagens e sons. Uma inclinação repentina para a frente. O pânico do cheiro forte de metal queimando. Gritos. Uma mulher com a cabeça sangrando, cacos de vidro brilhando na pele dela. E o modo como tudo que estava solto pareceu flutuar por um instante interminável, à medida que o tempo ficava mais devagar. Uma garrafa de vinho, uma bolsa de mulher, o iPhone de uma garota. Pratos de comida girando lentamente no ar, os aperitivos ainda em seus lugares, depois o guincho de metal roçando em metal e o mundo de Scott dando uma pirueta enquanto se despedaçava.

Uma onda atinge seu rosto com força e ele bate os pés para se erguer na água. Seus sapatos o puxam para baixo, então ele os tira e se esforça para sair da calça impregnada de sal. O homem treme em meio à corrente fria do Atlântico, boiando, as pernas batendo, os braços afastando o oceano com movimentos rígidos. As ondas estão cobertas de espuma — não são os triângulos duros dos desenhos infantis, mas fractais de água, minúsculas ondas empilhando-se sobre as maiores. Do mar aberto, elas o atingem vindo de todas as direções, como uma matilha de lobos testando suas defesas. O fogo que se apaga as agita, dá a elas rostos com intenções sinistras. Scott nada, dando uma volta de trezentos e sessenta graus. A seu redor, ele vê montes de ferro amassado boiando, pedaços da fuselagem, uma parte da asa. A gasolina que flutuava já se dissipou ou evaporou. Logo tudo vai ficar escuro. Lutando contra o pânico, Scott tenta analisar a situação. O fato de ser verão é uma vantagem. A temperatura do Atlântico é de cerca de dezoito graus, fria o bastante para causar hipotermia, mas quente o suficiente para dar-lhe tempo

de alcançar a praia, caso isso seja possível. Caso ele esteja perto.

— Ei! — grita ele, virando-se na água. — Estou aqui! Estou vivo!

Deve haver outros sobreviventes, pensa. Como um avião pode cair e apenas uma pessoa sobreviver? Ele pensa na mulher que estava sentada ao seu lado, a esposa tagarela do banqueiro. Pensa em Maggie, com seu sorriso alegre.

Pensa nas crianças. Porra. Havia crianças. Duas, certo? Um menino e uma menina. De quantos anos? A garota era mais velha. Talvez dez anos? Mas o menino era pequeno, quase um bebê ainda.

— Olá? — grita, com ainda mais urgência, nadando em direção ao maior pedaço de fuselagem.

Parece parte de uma asa. Quando a alcança, o metal está quente demais para servir como apoio, então ele bate as pernas com força. Não quer ser levado até a asa pelas ondas e se queimar.

Será que o avião se partiu com o impacto?, pensa. *Ou será que se quebrou ao cair, despejando os passageiros?*

Parece impossível que ele não saiba, mas o fluxo de informação em sua memória está emperrado por fragmentos indecifráveis, imagens sem ordem, e ele não tem tempo de esclarecer nada.

Apertando os olhos no escuro, Scott é erguido repentinamente por uma onda enorme. Ele luta para se manter na superfície, percebendo que não pode mais evitar o óbvio.

Esforçando-se para continuar boiando, ele sente algo estalar em seu ombro esquerdo. A dor que tolerou após a queda parece uma faca que o atravessa toda vez que ergue o braço esquerdo acima da cabeça. Batendo as pernas, ele tenta se alongar, como faria se estivesse sentindo cãibras, mas fica claro que algo na articulação se rompeu ou quebrou. Ele terá que ser cuidadoso. Ainda pode movê-lo parcialmente — consegue nadar peito de maneira razoável —, mas, caso o ombro piore, ele pode se tornar um homem com apenas um braço, à deriva, ferido, um pequeno peixe no estômago salgado de uma baleia.

Então se dá conta de que pode estar sangrando.

E é quando a palavra *tubarão* surge em sua mente.

Por um instante, não sente nada além de puro pânico animal. A razão desaparece. As batidas de seu coração disparam, as pernas se agitam, desesperadas. Ele engole água salgada e começa a tossir.

Pare, diz a si mesmo. *Devagar. Se entrar em pânico agora, vai morrer.*

Ele se força a ficar calmo, virando-se lentamente para tentar se localizar. Se pudesse ver as estrelas, pensa, poderia se orientar. Mas o nevoeiro está espesso

demais. Será que deve nadar para o leste ou para o oeste? De volta para Martha's Vineyard ou em direção ao continente? E, mesmo assim, como vai saber onde fica o quê? A ilha de onde ele veio flutua como um cubo de gelo em uma tigela de sopa. Àquela distância, caso Scott siga a trajetória errada, pode facilmente passar por ela e nunca perceber.

O melhor é tentar alcançar a extensão maior de costa. Se puder manter um ritmo regular de braçadas, pensa, descansar de vez em quando e não entrar em pânico, vai chegar a terra mais dia, menos dia. Afinal de contas, é um nadador e conhece bem o mar.

Você consegue, diz a si mesmo. A ideia faz com que ele se sinta confiante. Ele sabe, por já ter pegado a balsa, que Martha's Vineyard fica a pouco mais de onze quilômetros de Cape Cod. Mas o avião deles seguia para o aeroporto JFK, o que significa que estava voando para o sul, sobre o mar aberto, em direção a Long Island. Quantos quilômetros teriam percorrido? A que distância estavam da costa? Será que Scott consegue nadar dezesseis quilômetros com um único braço? E trinta e dois?

Ele é um mamífero terrestre perdido em mar aberto.

⋆ ⋆ ⋆

O avião deve ter mandado um pedido de socorro, Scott diz a si mesmo. A Guarda Costeira está a caminho. Mas, enquanto pensa nisso, percebe que a última chama se apagou e que os destroços estão se espalhando com a corrente.

Para não entrar em pânico, Scott pensa em Jack. Jack, o deus grego de sunga, sorrindo, os braços flexionados, formando torres onduladas, ombros curvados para a frente, peitoral saliente. O caranguejo. Era assim que chamavam. *Quebrar um caranguejo*. Scott manteve um pôster de Jack na parede durante toda a infância. Pusera-o ali para se lembrar de que qualquer coisa era possível. Ele podia ser um explorador ou um astronauta. Podia velejar pelos sete mares, ou escalar a mais alta montanha. Bastava acreditar.

⋆ ⋆ ⋆

Sob a água, Scott se inclina, arranca as meias molhadas e flexiona os dedos nas profundezas frias. O ombro esquerdo está começando a enrijecer. Ele o deixa descansar o máximo que pode, puxando o peso com o braço direito, nadando por intervalos de quinze minutos em estilo cachorrinho. Mais uma vez, reconhece a

impossibilidade do que deve fazer: escolher uma direção qualquer e nadar por sabe-se lá quantos quilômetros contra fortes correntezas com apenas um dos braços. O desespero, primo do pânico, ameaça se instalar, mas ele o afasta.

A língua já começa a ficar seca. A desidratação é outra coisa com a qual ele deve se preocupar, caso fique ali tempo suficiente. À sua volta, o vento está aumentando, deixando o mar mais agitado. *Se vou fazer isso*, decide Scott, *preciso começar a nadar agora.* Mais uma vez, procura uma brecha em meio à névoa, mas não vê nenhuma, então fecha os olhos por um instante. Tentar sentir o *oeste*, adivinhá-lo como um ferro sente o ímã.

Atrás de você, pensa Scott.

Ele abre os olhos e respira fundo.

Vai dar a primeira braçada quando ouve o barulho. Primeiro, acha que são gaivotas, um uivo agudo que oscila. Então, o mar o ergue alguns metros e, no topo da onda, ele entende o que está ouvindo.

Um choro.

Em algum lugar há uma criança chorando.

Ele gira, tentando localizar o som, mas as ondas se erguem e caem de forma irregular, criando barreiras e ecos.

— Ei! — chama Scott. — Ei, estou aqui!

O choro para.

— Ei! — berra ele, batendo os pés contra a correnteza. — Onde você está?

Ele procura os destroços, mas as peças que não afundaram flutuaram em várias direções. Scott se esforça para ouvir e encontrar a criança.

— Ei! — grita de novo. — Estou aqui. Onde você está?

Por um instante, ele ouve apenas o barulho das ondas e começa a se perguntar se não foram gaivotas. Então a voz de uma criança surge, alta e surpreendentemente próxima.

— *Socorro!*

Scott se lança em direção ao ruído. Não está mais sozinho, não é mais um homem solitário envolvido em um gesto de autopreservação. Agora é responsável pela vida de outra pessoa. Pensa na sua irmã, que se afogou no Lago Michigan aos dezesseis anos, e então nada.

Encontra a criança agarrada à almofada de um assento a cerca de dez metros de distância. É o menino. Ele não deve ter mais de quatro anos.

— Ei — diz Scott quando o alcança. — Oi, querido.

A voz fica presa em sua garganta quando Scott toca o ombro do menino. Percebe que ele está chorando.

— Estou aqui. Estou com você.

A almofada do assento é um dispositivo para flutuação, com alças e um cinto, mas foi criada para um adulto, por isso Scott tem dificuldade de prendê-la ao menino, que treme de frio.

— Eu vomitei — diz a criança.

Scott limpa a boca do garoto com cuidado.

— Tudo bem. Você está bem. Só um pouco enjoado.

— Onde a gente está? — pergunta o menininho.

— A gente está no mar — explica Scott. — O avião caiu e estamos no mar, mas vou nadar até a praia.

— Não me deixe aqui — pede o garoto, a voz em pânico.

— Não, não — responde Scott. — É claro que não. Vou levar você comigo. A gente só vai... Tenho que prender isso em você. Aí eu... Você vai se deitar em cima e eu vou puxar você. Que tal?

O garoto faz que sim com a cabeça e Scott começa a trabalhar. É difícil fazê-lo com apenas um braço, mas, depois de alguns momentos torturantes, ele consegue trançar as faixas do dispositivo de flutuação. Então, prende o garoto e analisa o resultado. Não está tão apertado quanto ele gostaria, mas deve manter o garoto acima da água.

— Certo — afirma Scott. — Preciso que você segure firme. Vou te puxar até a praia. Você... sabe nadar?

O menino assente.

— Ótimo — diz Scott. — Então, se você cair da almofada, quero que bata as pernas com força e reme com os braços, está bem?

— Cachorrinho — diz o menino.

— Isso mesmo. Nade cachorrinho com as mãos, como a mamãe ensinou.

— O papai.

— Claro. Como o papai ensinou, está bem?

O garoto faz que sim com a cabeça e Scott percebe o medo dele.

— Você sabe o que é um herói? — pergunta Scott.

— Ele luta contra os malvados — explica o menino.

— Isso mesmo. O herói luta contra os malvados. E nunca desiste, não é?

— Não.

— Bem, agora você vai ter que ser um herói, está bem? Finja que as ondas são os caras malvados e nós vamos nadar por entre eles. E não podemos desistir. Não vamos. Vamos continuar nadando até chegar à praia, está bem?

O menino assente. Estremecendo, Scott passa o braço esquerdo por uma das

faixas. O ombro dói. Cada onda que os ergue o deixa mais desorientado.

— Certo — diz ele. — Vamos lá.

Scott fecha os olhos e tenta adivinhar outra vez para que lado deve nadar.

Para trás, pensa. *A praia está atrás de você.*

Ele gira com cuidado em torno do menino e começa a bater as pernas, mas, assim que faz isso, o luar penetra a névoa. Uma parte do céu estrelado fica visível por pouco tempo acima deles. Scott procura desesperadamente as constelações que conhece, já que o espaço está se fechando rápido. Então, ele vê Andrômeda, depois a Ursa Maior e então a Estrela Polar.

É para o outro lado, percebe ele, com uma vertigem nauseante.

Por um instante, Scott sente uma impressionante vontade de vomitar. Se o céu não tivesse se aberto, ele e o menino começariam a nadar para as profundezas do Atlântico e a Costa Leste teria ficado cada vez mais para trás, a cada batida de perna, até que a exaustão os dominasse e eles afundassem sem deixar rastros.

— Mudança de planos — diz ele ao menino, tentando manter a voz tranquila. — Vamos para o outro lado.

— Está bem.

— Está bem. Ótimo.

Batendo as pernas, Scott os põe na posição certa. O máximo que ele já nadou foi vinte e quatro quilômetros, tendo treinado durante meses. Além disso, a competição era em um lago sem correnteza. E seus dois braços estavam inteiros. Agora é noite, a temperatura da água está caindo e ele vai ter que lutar contra a forte corrente do Atlântico por sabe-se lá quantos quilômetros.

Se sobreviver a isto, pensa, *vou mandar uma cesta de frutas à viúva de Jack LaLanne.*

A ideia é tão ridícula que, boiando na água, Scott começa a rir e, por um instante, não consegue parar. Ele pensa em si mesmo, parado em frente ao balcão de uma loja, preenchendo o cartão.

Com todo o meu carinho, Scott.

— Pare — pede o garoto, com medo de que sua sobrevivência esteja nas mãos de um maluco.

— Tudo bem — diz Scott, tentando tranquilizá-lo. — Está tudo bem. Eu só me lembrei de uma piada. A gente vai começar a nadar agora.

Ele leva alguns minutos para acertar a braçada, uma braçada em estilo peito diferente, que puxa mais água com a mão direita do que com a esquerda, acompanhada de uma pernada forte. É uma confusão barulhenta, e seu ombro esquerdo parece um saco de vidro quebrado. Um temor consome suas entranhas. Eles vão se afogar. Os dois vão sumir nas águas profundas. Mas, então, um ritmo se

estabelece e ele começa a se perder na repetição. Scott ergue o braço, que entra na água, as pernas batendo. Ele nada em meio às profundezas infinitas, a água respingando em seu rosto. É difícil manter uma noção do tempo. A que horas o avião decolou? Às dez da noite? Quanto tempo passou? Trinta minutos? Uma hora? Quanto tempo vai demorar até o sol nascer? Oito horas? Nove?

À sua volta, o mar está ondulado e inconstante. Ao nadar, ele tenta não pensar na imensidão do mar aberto. Tenta não imaginar a profundidade do oceano ou o fato de o Atlântico em agosto ser o berço de formação de enormes tempestades, furacões que surgem nas correntes frias de desfiladeiros submarinos, massas de ar que colidem, temperatura e umidade gerando enormes bolsões de baixa pressão. Forças globais que conspiram, hordas bárbaras com clavas e pintura no rosto atacando aos berros, o céu se fechando e se escurecendo instantaneamente, uma tempestade ameaçadora de relâmpagos, barulhos fortes de trovões que se tornam gritos de batalha e o mar, que momentos antes estava calmo, se torna um inferno na Terra.

Scott nada em meio a uma calma passageira, tentando esvaziar a mente.

Então, algo encosta em sua perna.

Ele fica paralisado, começa a afundar e tem que bater as pernas para se manter boiando.

Tubarão, pensa.

Você tem que ficar parado.

Mas, se parar de se mover, vai se afogar.

Ele se vira para ficar de costas e respira fundo para inflar o peito. Nunca teve tanta consciência de seu lugar tênue na cadeia alimentar. Todo instinto de seu corpo grita para que não dê as costas às profundezas, mas é o que ele faz. Flutua no mar com toda calma que tem, erguendo-se e afundando com a maré.

— O que a gente está fazendo? — pergunta o menino.

— Descansando — explica Scott. — Vamos ficar bem quietinhos agora, está bem? Não se mexa. Tente manter os pés fora da água.

O garoto fica em silêncio. Eles sobem e descem com o movimento das ondas. O cérebro primitivo de Scott o manda fugir, mas ele o ignora. Um tubarão pode sentir o cheiro de uma gota de sangue em dois milhões de litros d'água, por isso, se Scott ou o menino estiverem sangrando, vão morrer. Mas, se não estiverem e ficarem bem parados, o tubarão (se é que era um tubarão) deve deixá-los em paz.

Ele pega a mão do menino.

— Cadê minha irmã? — sussurra o garoto.

— Não sei — murmura Scott. — O avião caiu. A gente se separou.

Um longo silêncio.

— Talvez ela esteja bem. Talvez seus pais estejam com ela e eles estejam flutuando em outro lugar. Ou talvez já tenham sido resgatados.

Depois de um longo silêncio, o menino diz:

— Eu acho que não.

Eles flutuam por um tempo pensando nisso. Acima deles, a névoa começa a se dissipar. O movimento é lento: primeiro surge uma mancha de céu, depois estrelas aparecem e, por fim, a lua crescente. De repente, o oceano ao redor deles se torna um vestido coberto de lantejoulas. De costas, Scott encontra a Estrela Polar e confirma que estão seguindo na direção certa. Ele olha para o menino, os olhos arregalados de medo. Pela primeira vez, Scott consegue ver seu pequeno rosto, com a testa enrugada e a boca curvada para baixo.

— Oi — diz Scott, a água batendo em suas orelhas.

A expressão do menino é impassível, séria.

— Oi — responde.

— Estamos descansados? — pergunta Scott.

O menino faz que sim com a cabeça.

— Certo — afirma Scott, virando-se. — Vamos para casa.

Ele se ajeita e começa a nadar, certo de que, a qualquer momento, vai sentir um ataque vindo de baixo, o aperto afiado de uma boca cheia de dentes que não surge, e, depois de algum tempo, o tubarão some de sua mente. Ele os leva para a frente, braçada após braçada, as pernas se movendo, o braço direito esticando e puxando, esticando e puxando. Para manter a mente ocupada, ele pensa em outros líquidos em que gostaria de estar nadando, como leite, sopa ou uísque. Um oceano de uísque.

Ele analisa sua vida, mas os detalhes parecem insignificantes naquele momento. Suas ambições. O aluguel que deve ser pago todo mês. A mulher que o deixou. Pensa em suas obras, nas pinceladas na tela. Hoje ele estava pintando o oceano, braçada a braçada, como Harold e seu giz de cera roxo, desenhando um balão ao cair.

Flutuando no Atlântico Norte, Scott percebe que nunca havia entendido com tanta clareza quem ele é e qual é sua função. É tão óbvio... Ele viera à Terra para conquistar aquele oceano, para salvar aquele garoto. O destino o havia colocado naquela praia de São Francisco quarenta e um anos antes. Tinha levado a ele um deus dourado, de pulsos algemados, que lutava contra a brisa do mar. O destino dera a Scott a vontade de nadar, de se juntar primeiro à equipe de natação do ensino fundamental e depois à do ensino médio e da faculdade. Ele o levara a

treinar todas as manhãs às cinco, antes do nascer do sol, uma volta após a outra, em meio à água azul cheia de cloro, ao barulho dos outros meninos mergulhando, ao apito do treinador. O destino o levara à água, mas tinha sido a *força de vontade* que o havia levado à vitória em três campeonatos estaduais, que o fizera ganhar uma medalha de ouro na prova de duzentos metros estilo livre masculino no ensino médio.

Ele havia passado a adorar a pressão nos ouvidos quando mergulhava até o fundo liso da piscina. Sonhava com isso à noite, flutuava como uma boia no azul. E, quando começara a pintar na faculdade, azul tinha sido a primeira cor que ele comprara.

★ ★ ★

Scott está começando a ficar com sede quando o menino pergunta:

— O que é aquilo?

O pintor levanta a cabeça da água. O menino está apontando para algo à direita e Scott olha naquela direção. Ao luar, vê uma onda negra crescente se erguendo silenciosa em direção a eles, ganhando altura, reunindo forças. Scott a mede, sete metros e meio, um monstro prestes a desabar. O topo curvo da onda brilha ao luar. Um relâmpago de pânico o atinge. Não há tempo para pensar. Ele se vira e começa a nadar em direção à onda. Tem cerca de trinta segundos para chegar até lá. O ombro esquerdo dói, mas ele ignora. O menino começa a chorar, sentindo que a morte está próxima, mas não há tempo para tranquilizá-lo.

— Respire fundo — grita Scott. — Respire fundo agora.

A onda é grande e rápida demais. Ela os atinge antes que o próprio Scott consiga respirar direito.

Ele puxa o menino da boia e mergulha.

Algo em seu ombro esquerdo estala. Ele ignora. O menino luta contra ele, contra o louco que o arrasta para a morte. Scott o agarra com ainda mais força e bate as pernas. Ele é uma bala, uma bala de canhão atravessando a água, mergulhando sob uma parede mortal. A pressão aumenta. Seu coração dispara, seus pulmões travam, cheios de ar.

Enquanto a onda passa por eles, Scott tem certeza de que não conseguiu. Percebe que está sendo sugado de volta para a superfície em um turbilhão de correnteza. A onda vai mastigá-los, rasgá-los ao meio. Scott bate as pernas com mais força, segurando o menino junto ao peito, lutando para avançar cada

centímetro. Acima deles, a onda atinge a altura máxima e cai no mar atrás de seus corpos — sete metros e meio de oceano caindo como um martelo, milhões de litros de água furiosa — e a corrente que os puxa para cima é substituída no mesmo instante por um ciclo de enxágue violento.

Eles são girados e arrastados. O fundo da água se torna o topo. A pressão ameaça afastá-los, o homem do menino, mas Scott o segura com força. Seus pulmões estão doendo. Os olhos, ardendo com o sal. Em seus braços, o garoto parou de lutar. O oceano é escuridão pura, sem sinais de estrelas ou da lua. Scott solta o ar dos pulmões e sente as bolhas rolarem por seu queixo e seus braços. Com toda a força, ele os abre e bate as pernas em busca da superfície.

Ele emerge, tossindo, os pulmões repletos de água. O homem grita para limpá-los. O garoto está desmaiado em seus braços, com a cabeça inerte no ombro de Scott, que o vira até que as costas dele estejam em seu peito. O homem, com toda sua força, aperta os pulmões do menino até ele também tossir e expelir a água salgada.

O assento da poltrona sumiu, foi engolido pela onda. Scott segura o menino com o braço bom. O frio e a exaustão ameaçam dominá-lo. Durante um tempo, tudo que ele consegue fazer é mantê-los na superfície.

— Aquele cara malvado era enorme — diz o menino, por fim.

Por um instante, Scott não entende as palavras, mas então lembra. Ele tinha dito ao menino que as ondas eram caras malvados e que eles eram heróis.

Tão corajoso, pensa Scott, impressionado.

— Eu comeria um cheeseburger agora — diz, na calmaria entre as ondas. — E você?

— Uma torta — afirma o garoto, depois de alguns segundos.

— Qual?

— Todas.

Scott ri. Ele não acredita que ainda esteja vivo. Fica alegre por um instante, o corpo vibrando, cheio de energia. Pela segunda vez naquela noite, ele enfrentou a morte certa e sobreviveu. Então procura a Estrela Polar.

— Falta muito? — Quer saber o menino.

— Não muito — responde Scott, apesar da possibilidade de eles estarem a quilômetros da costa.

— Estou com frio — reclama o menino, batendo os dentes.

Scott o abraça.

— Eu também. Aguente firme, está bem?

Ele põe o menino nas costas, tentando se manter acima das ondas. O garoto

agarra o pescoço de Scott, a respiração ofegante em seu ouvido.

— Agora é ir até o fim — diz Scott, tanto para si quanto para o menino.

Ele dá uma última olhada no céu, depois começa a nadar. Usa uma braçada lateral, batendo as pernas, uma das orelhas submersa na escuridão salgada. Seus movimentos estão mais desajeitados, agitados. Não consegue encontrar um ritmo. Ambos estão tremendo, a temperatura do corpo caindo a cada segundo que passa. É só uma questão de tempo. Logo o pulso e a respiração ficarão mais lentos, enquanto as batidas do coração se aceleram. A hipotermia vai aumentar o ritmo delas. Um ataque cardíaco não está fora de questão. O corpo precisa de calor para funcionar. Sem isso, os órgãos principais vão começar a falhar.

Não desista.

Nunca desista.

Ele nada sem parar, batendo os dentes, sem se render. O peso do garoto ameaça afundá-lo, mas ele bate com mais força as pernas moles como borracha. À sua volta, o mar está roxo e azul-escuro, o branco frio das ondas brilhando ao luar. A pele de suas pernas começa a arder no ponto onde se esfregam, o sal causando danos traiçoeiros. Seus lábios estão rachados e secos. Acima deles, gaivotas gritam e pairam, como urubus à espera do fim. Elas o ridicularizam com seus gritos, e, em silêncio, Scott manda todas para o inferno. Existem coisas no mar incrivelmente antigas, absurdamente grandes, enormes rios submarinos que puxam água quente do Golfo do México. O oceano Atlântico é um conjunto de rodovias, de viadutos e de passagens subterrâneas marítimas. E ali, como um ponto em uma bolinha de uma mosca, está Scott Burroughs, o ombro latejando de dor enquanto luta pela vida.

Depois do que parecem horas, o menino grita uma única palavra:

— Terra!

Por um instante, Scott não sabe se o garoto realmente disse alguma coisa. Deve ser um sonho. Mas então ele repete, apontando:

— Terra!

Parece um erro, como se o menino tivesse confundido a palavra que indica sobrevivência com outra qualquer. Scott ergue a cabeça, quase cego de exaustão. Atrás deles, o sol começa a se erguer, um leve tom rosado toma o céu. De início, Scott acha que a massa de terra à frente deles são apenas nuvens baixas no horizonte, mas então percebe que é ele que está se movendo.

Terra. Quilômetros de terra. Uma praia aberta que se curva até uma ponta rochosa. Ruas e casas. Cidades.

Salvação.

Scott resiste à vontade de comemorar. Ele ainda tem que nadar pelo menos dois quilômetros difíceis contra correntezas. Suas pernas estão tremendo, o braço esquerdo, dormente. Mas ele não consegue deixar de ser dominado pela euforia.

Ele conseguiu. Salvou os dois.

Como isso é possível?

★ ★ ★

Trinta minutos depois, um homem de cueca e cabelo grisalho sai tropeçando da água, carregando um menino de quatro anos. Ambos caem juntos na areia. O sol está alto, nuvens brancas finas emolduradas em um azul mediterrâneo escuro. A temperatura está em torno de vinte graus e as gaivotas pairam, sem peso, na brisa. O homem se deita, arquejando, o peito ofegante ladeado por braços de borracha inúteis. Agora que estão ali, ele não consegue se mexer nem mais um centímetro. Está exausto.

Encolhido junto ao seu peito, o menino chora baixinho.

— Está tudo bem — diz Scott, reconfortando-o. — Estamos seguros agora. Vamos ficar bem.

Há uma barraca de salva-vidas vazia a alguns metros deles. A placa nas costas dela diz PRAIA ESTADUAL DE MONTAUK.

Nova York. Ele nadou até Nova York.

Scott sorri, um sorriso puro e alegre de *puta que pariu*.

Caramba, pensa.

Vai ser um belo dia.

UM PESCADOR DE olhos arregalados os leva para o hospital. Os três se amontoam no banco esfarrapado da picape, saltando sobre amortecedores velhos. Scott está sem calça, sapatos, dinheiro nem identidade. Tanto ele quanto o garoto estão sendo torturados por um frio que chegou aos ossos. Eles ficaram quase oito horas em uma água a quinze graus. A hipotermia os deixou abobalhados e mudos.

O pescador fala com eles de modo eloquente sobre Jesus Cristo em espanhol. O rádio está ligado, tocando basicamente estática. Sob seus pés, o vento sopra por um buraco de ferrugem no chão. Scott puxa o garoto para si e tenta aquecê-lo, esfregando seus braços e suas costas vigorosamente com a mão que ainda está boa. Na praia, Scott disse ao pescador em seu espanhol limitado que o menino era seu filho. Pareceu mais fácil do que tentar explicar a verdade, que eram estranhos e haviam se reunido por um acidente bizarro.

O braço esquerdo de Scott está totalmente inútil. A dor esfaqueia seu corpo a cada solavanco, deixando-o zonzo e enjoado.

Você está bem, diz a si mesmo, repetindo as palavras sem parar. *Você conseguiu*. Mas, no fundo, ele ainda não é capaz de acreditar que os dois sobreviveram.

— *Gracias* — balbucia ele quando a picape para na entrada em meia-lua da emergência do hospital de Montauk.

Scott empurra a porta com o ombro bom e desce, todos os músculos dormentes de exaustão. A névoa da manhã já se dissipou e o sol quente em suas costas e pernas parece quase um milagre. O homem ajuda o garoto a saltar e juntos eles mancam até a emergência.

A sala de espera está quase vazia. Em um canto, um homem de meia-idade segura um saco de gelo na cabeça, a água pingando do punho para o piso de linóleo. Em outro canto da sala, um casal idoso está de mãos dadas, as cabeças próximas. De tempos em tempos, a mulher tosse em um lenço de papel amassado que aperta com força na mão esquerda.

Uma enfermeira está sentada atrás do vidro. Scott manca até ela, o garoto segurando a beirada de sua camisa.

— Oi — diz ele.

A enfermeira o olha rapidamente de cima a baixo. A plaquinha com seu nome

diz MELANIE. Scott tenta imaginar o que aquilo deve parecer. Só consegue pensar no Coiote depois de um foguete da ACME explodir em seu rosto.

— O avião caiu — explica.

As palavras soam incríveis em voz alta. A enfermeira aperta os olhos para ele.

— Sinto muito.

— O avião saiu de Martha's Vineyard. Um avião particular. A gente caiu no mar. Acho que estamos hipotérmicos e meu... Não consigo mexer o braço esquerdo. A clavícula deve estar quebrada.

A enfermeira ainda está tentando entender.

— Vocês caíram no mar.

— A gente nadou... Eu nadei... Acho que dezesseis quilômetros. Acabamos de chegar à praia, coisa de uma hora atrás. Um pescador nos trouxe até aqui.

As palavras o estão deixando zonzo, os pulmões estão parando de funcionar.

— Escute, você acha que pode ajudar a gente? Pelo menos o menino. Ele só tem quatro anos.

A enfermeira olha para o garoto, molhado, tremendo.

— É seu filho?

— Se eu disser que *sim*, vai levar a gente até um médico?

A enfermeira funga.

— Não precisa ser grosseiro.

Scott sente a mandíbula contrair.

— Preciso, sim. A gente acabou de cair da porra de um avião. Chame a merda do médico.

Ela fica parada, em dúvida.

Scott olha para a televisão no teto. O som está baixo, mas, na tela, há imagens de barcos de resgate no mar. Uma faixa com a manchete diz: AVIÃO PARTICULAR DESAPARECE.

— Pronto — diz Scott, apontando. — Fomos nós. Dá para acreditar agora?

A enfermeira olha para a TV, imagens da fuselagem partida boiando no mar. Sua reação é instantânea, como se Scott tivesse sacado um passaporte em uma guarita de fronteira, depois de fingir procurá-lo freneticamente.

Ela aperta o botão do intercomunicador.

— Código laranja — chama. — Preciso de todos os médicos disponíveis na recepção imediatamente.

A câimbra na perna de Scott já passou do nível emergencial. Ele está desidratado, sem potássio, como um maratonista que não deu ao corpo a nutrição que ele pedia.

— Só... — começa ele, caindo no chão — um já deve ser suficiente.

Ele fica deitado no linóleo frio, olhando para o menino. O rosto do garoto está sério, preocupado. Scott tenta sorrir para tranquilizá-lo, mas até seus lábios estão exauridos. Em um segundo, eles são cercados pela equipe do hospital, todos gritando. Scott sente que está sendo posto em uma maca. As mãos do menino escorregam das suas.

— Não! — grita o garoto.

Ele berra, se debate. Um médico conversa com ele, tentando fazer o menino entender que vão tomar conta dele, que nada de mau vai lhe acontecer. Não importa. Scott se esforça para se sentar.

— Garoto — chama, cada vez mais alto, até o menino olhar para ele. — Está tudo bem. Estou aqui.

Ele desce da maca, as pernas moles, mal conseguindo se manter de pé.

— Senhor — diz uma enfermeira —, tem que se deitar.

— Estou bem — avisa Scott aos médicos. — Ajudem o menino.

Para o garoto, ele diz:

— Estou aqui. E não vou a lugar nenhum.

Os olhos do menino, à luz do dia, são incrivelmente azuis. Depois de um segundo, ele concorda com a cabeça. Scott, sentindo-se zonzo, vira-se para o médico.

— É melhor a gente acelerar, se não for incômodo.

O médico assente. É jovem e esperto. Dá para ver nos olhos dele.

— Está bem — responde ele. — Mas vou pôr você em uma cadeira de rodas.

Scott consente. Uma enfermeira traz a cadeira e ele desaba nela.

— Você é o pai dele? — pergunta ela enquanto o leva para a sala de exame.

— Não — responde Scott. — Nós nos conhecemos há pouco tempo.

Dentro da baia, o médico examina o menino depressa, procurando fraturas, luz nos olhos, *siga meu dedo*.

— Temos que dar soro a ele — diz a Scott. — Está extremamente desidratado.

— Ei, amiguinho — chama Scott. — O médico tem que colocar uma agulha no seu braço, está bem? Vão dar soro e... vitaminas para você.

— Agulha, não — responde o garoto, com medo nos olhos.

Mais uma palavra errada e ele vai perder a cabeça.

— Também não gosto delas — diz Scott —, mas quer saber? Eu também vou ganhar uma, viu? Vamos fazer isso juntos. Que tal?

O menino pensa no assunto. Parece justo, por isso ele assente.

— Está bem, ótimo — afirma Scott. — Vamos... Segure a minha mão e vamos

lá... Não olhe, está bem?

Scott se vira para o médico.

— Pode pôr o soro em nós dois? — pergunta.

O médico assente e dá as ordens. As enfermeiras preparam as agulhas e penduram bolsas de soro em hastes de metal.

— Olhe para mim — pede Scott à criança quando chega o momento.

Os olhos do menino estão arregalados. Ele se encolhe quando a agulha entra em sua pele. Seus olhos se enchem de lágrimas e o lábio treme, mas ele não chora.

— Você é meu herói — diz Scott. — Meu grande herói.

Scott sente os fluidos entrarem em seu organismo. A vontade de desmaiar desaparece quase no mesmo instante.

— Vou dar um sedativo leve para os dois — afirma o médico. — O corpo de vocês fez muita hora extra para se manter aquecido. Precisam descansar.

— Estou bem — diz Scott. — Dê a ele primeiro.

O médico percebe que não adianta discutir. Uma agulha é inserida no tubo do soro do menino.

— Você vai descansar um pouco — explica Scott. — Vou ficar bem aqui. Talvez saia por um minutinho, mas vou voltar. Está bem?

O garoto assente. Scott põe a mão no topo da cabeça dele. Lembra-se de que, aos nove anos, caiu de uma árvore e quebrou a perna. De como ele havia sido corajoso durante todo o processo, mas, quando o pai aparecera no hospital, começara a chorar aos berros. E os pais daquele menino provavelmente estavam mortos. Ninguém ia entrar pela porta e dar a ele permissão para desmoronar.

— Muito bem — diz ao menino quando os olhinhos dele começam a fechar. — Você está indo muito bem.

Depois que o menino dorme, Scott é levado até outra sala de exames. É posto em uma maca e sua camisa é cortada. O ombro parece um motor que travou.

— Como está se sentindo? — pergunta o médico.

Ele deve ter trinta e oito anos e tem rugas em torno dos olhos.

— Sabe como é — responde Scott. — As coisas estão começando a girar.

O médico faz um exame superficial, em busca de cortes e hematomas óbvios.

— Você nadou mesmo esse tempo todo no escuro?

Scott assente.

— Você se lembra de alguma coisa?

— Fico meio confuso com os detalhes — afirma Scott.

O médico confere seus olhos.

— Bateu a cabeça?

— Acho que sim. No avião, antes de a gente cair...

A luz da caneta o cega por um instante. O médico estala a língua.

— Seus olhos estão respondendo bem. Não acho que tenha sofrido uma concussão.

Scott bufa.

— Não acho que conseguiria fazer aquilo... nadar a noite toda... com uma concussão.

O médico pensa.

— Provavelmente está certo.

Enquanto se esquenta e seus fluidos são restituídos, as coisas começam a voltar à memória de Scott: o mundo em geral, o conceito de países e cidadãos, a vida diária, a internet, a TV. Ele pensa em sua cadela de três patas, que está com uma vizinha, no quão perto ela ficou de nunca mais ganhar uma almôndega por baixo da mesa. Seus olhos se enchem de lágrimas. Ele balança a cabeça, afastando-as.

— O que o noticiário está dizendo? — pergunta.

— Não muito. Falaram que o avião decolou perto das dez da noite. O controle de tráfego aéreo o manteve no radar por cerca de quinze minutos e depois ele simplesmente desapareceu. Sem pedido de socorro. Nada. Estavam torcendo para que o rádio tivesse quebrado e vocês tivessem feito um pouso de emergência em algum lugar. Mas aí um barco pesqueiro achou um pedaço da asa.

Por um instante, Scott volta ao oceano, nadando nas profundezas sombrias, cercado por chamas alaranjadas.

— Acharam algum outro... sobrevivente? — questiona.

O médico faz que não com a cabeça. Está concentrado no ombro de Scott.

— Isso dói? — indaga, erguendo o braço de Scott com cuidado.

A dor é imediata. Ele berra.

— Vamos tirar uma radiografia e uma tomografia — diz o médico à enfermeira.

Ele se vira para Scott.

— Pedi uma tomografia para o menino também — avisa. — Quero conferir se não há nenhuma hemorragia interna.

Ele põe a mão no braço de Scott.

— Você salvou a vida dele — diz. — Sabe disso, não é?

Pela segunda vez, Scott luta contra as lágrimas. Por um longo instante, não consegue dizer nada.

— Vou ligar para a polícia — explica o médico. — Avisar que vocês estão aqui. Se precisar de alguma coisa, de qualquer coisa, fale com a enfermeira. Vou voltar

para dar uma olhada em você daqui a pouco.

Scott assente.

— Obrigado — diz.

O médico encara Scott por mais um instante, depois balança a cabeça.

— Caramba! — exclama, sorrindo.

★ ★ ★

A hora seguinte é preenchida por exames. Aquecido pelos fluidos quentes, o corpo de Scott volta ao normal. Dão-lhe um analgésico, e, por um tempo, ele flutua, entorpecido. Parece que seu ombro está deslocado, não quebrado. O procedimento para colocá-lo de volta no lugar é um golpe rápido e violento, seguido pelo fim imediato da dor. A sensação é tão intensa que faz parecer que o dano foi apagado do corpo de Scott de maneira retroativa.

Depois de muito insistir, colocam-no no quarto do menino. Normalmente crianças ficam em uma ala separada, mas abriram uma exceção devido às circunstâncias. O menino está acordado, comendo gelatina, quando Scott é levado até ele na cadeira de rodas.

— É boa? — quer saber Scott.

— É verde — responde o garoto, franzindo o rosto.

A cama de Scott fica perto da janela. Ele nunca sentiu nada tão confortável quanto aqueles lençóis grosseiros de hospital. Do outro lado da rua há árvores e casas. Carros passam pela janela, os para-brisas brilhando. Na ciclovia, uma mulher corre no sentido contrário ao tráfego. Em um jardim próximo, um homem de boné azul empurra o cortador de grama.

Parece impossível, mas a vida continua.

— Você dormiu, não é? — pergunta Scott.

O menino dá de ombros.

— Minha mãe já chegou? — pergunta ele.

Scott tenta manter o rosto impassível.

— Não — responde. — Ligaram para seus... Parece que você tem tios em Westchester. Eles estão vindo.

O menino sorri.

— Ellie — diz.

— Você gosta dela?

— Ela é engraçada — afirma o garoto.

— Que legal — responde Scott, os olhos se fechando. A palavra *exaustão* não basta para descrever o peso da gravidade que pressiona seus ossos. — Se você não se importar, vou dormir um pouquinho.

Scott não fica sabendo se o garoto se importa. Adormece antes que o menino responda.

★ ★ ★

Ele dorme por certo tempo, um sono vazio, como o porão de um castelo. Quando acorda, não tem ninguém na cama do menino. Scott entra em pânico. Já está saindo da cama quando a porta do banheiro se abre e o menino sai, arrastando o suporte de soro.

— Eu tinha que fazer xixi — explica ele.

Uma enfermeira entra para conferir a pressão de Scott. Ela trouxe um bicho de pelúcia para o garoto, um urso marrom com corações vermelhos nas patas. Ele o pega, soltando uma exclamação de alegria, e logo começa a brincar.

— Crianças... — diz a enfermeira, balançando a cabeça.

Scott assente. Agora que dormiu, está ansioso para obter mais detalhes sobre a queda do avião. Pergunta à enfermeira se pode sair da cama. Ela confirma com a cabeça, mas pede que ele não vá muito longe.

— Vou voltar daqui a pouco, está bem, amiguinho?

O menino anui enquanto brinca com o urso.

Scott põe um roupão fino de algodão sobre a túnica do hospital e leva o suporte do soro pelo corredor até a sala de espera vazia. É um cômodo estreito com cadeiras de compensado. Scott encontra uma TV, coloca no canal de notícias e aumenta o volume.

—... o avião era um OSPRY construído no Kansas. A bordo estavam David Bateman, presidente da ALC News, e sua família. Também foram confirmados como passageiros Ben Kipling e sua esposa, Sarah. Kipling era sócio sênior da Wyatt, Hathoway, a gigante do setor financeiro. Mais uma vez, acredita-se que o avião tenha caído no oceano Atlântico, na costa de Nova York, por volta das dez da noite de ontem.

Scott observa as imagens de ondas cinzentas, feitas por helicópteros. Barcos da Guarda Costeira e marinheiros de fim de semana curiosos. Apesar de saber que os destroços já devem ter se espalhado, talvez por mais de cento e cinquenta quilômetros, ele não pode deixar de pensar que estava ali embaixo, pouco tempo

atrás, uma boia abandonada no escuro.

— Novas informações estão chegando — afirma o âncora. — Ben Kipling estava sendo investigado por um setor do Departamento do Tesouro, a Agência de Controle de Ativos Estrangeiros, e ia ser processado. O escopo e a fonte da investigação ainda não estão claros. Continuaremos acompanhando as novas informações.

Aparece na tela uma foto de Ben Kipling mais jovem e com mais cabelo. Scott se lembra das sobrancelhas. Ele percebe que todos naquele avião, com exceção dele e do menino, só existem no passado. A ideia faz os pelos de sua nuca se arrepiarem e, por um segundo, ele acha que vai desmaiar. Então ouve uma batida na porta. Scott olha em sua direção e encontra um grupo de homens de terno parados no corredor.

— Sr. Burroughs — diz o que bateu na porta. Ele tem cerca de cinquenta anos, um afro-americano de cabelo grisalho. — Sou Gus Franklin, do Conselho Nacional de Segurança nos Transportes.

Scott começa a se levantar. Um reflexo do protocolo social.

— Não, por favor — diz Gus. — O senhor passou por muita coisa.

Scott volta a se sentar no sofá e cobre ainda mais as pernas com o roupão.

— Eu só estava... assistindo a tudo na TV — afirma. — O resgate. Salvamento? Não sei como chamar isso. Acho que ainda estou em choque.

— É claro — diz Gus. Ele olha para a salinha. — Vamos... Acho que só cabem quatro pessoas nesta sala — informa a seus colegas. — Senão, vai ficar meio claustrofóbico.

Eles fazem uma breve reunião. No fim, decidem que serão seis: Gus e dois outros (um homem e uma mulher) entram na sala, dois outros ficam à porta. Gus se senta ao lado de Scott no sofá. A mulher fica à esquerda da TV enquanto um homem magro e barbudo para à direita dela. Eles são, por falta de palavra melhor, nerds. A mulher usa rabo de cavalo e óculos. O homem, um corte de cabelo barato e um terno da JCPenney. Os dois homens à porta são mais sérios, bem-vestidos, e têm o cabelo cortado em estilo militar.

— Como eu disse — continua Gus —, sou do Conselho Nacional de Segurança nos Transportes. A Leslie é da Administração Federal de Aviação e o Frank, da OSPRY. À porta está o agente especial O'Brien, do FBI, e Barry Hex, da Agência de Controle de Ativos Estrangeiros.

— Agência de Controle de Ativos Estrangeiros — responde Scott. — Acabei de ver alguma coisa sobre isso na TV.

Hex masca um chiclete sem responder.

— Se achar que está em condições, Sr. Burroughs — diz Gus —, gostaríamos de fazer algumas perguntas sobre o voo, sobre as pessoas que estavam nele e as circunstâncias que levaram à queda.

— Supondo que tenha sido uma queda — afirma O'Brien — e não um ato de terrorismo.

Gus ignora a afirmação.

— O que eu sei é o seguinte: até agora não encontramos nenhum outro sobrevivente. Nem recuperamos nenhum corpo. Alguns pedaços da fuselagem foram encontrados flutuando a quarenta e seis quilômetros da costa de Long Island. Estamos examinando tudo neste exato momento — explica Gus a Scott.

Ele se inclina para a frente, pondo as mãos nos joelhos.

— O senhor passou por muita coisa, então, se quiser parar, é só avisar.

Scott consente.

— Alguém disse que os tios do menino estão vindo de Westchester — diz. — O senhor sabe quando vão chegar aqui?

Gus olha para O'Brien, que sai da sala.

— Vamos conferir isso para o senhor — afirma Gus. Ele tira um fichário de sua pasta. — A primeira coisa que preciso fazer é confirmar quantas pessoas estavam no voo.

— O senhor não tem, sei lá, um itinerário? — pergunta Scott.

— Aviões particulares registram planos de voo, mas suas listas de passageiros são muito pouco confiáveis.

Ele analisa a papelada.

— Estou certo quando digo que seu nome é Scott Burroughs?

— Está.

— O senhor se importaria em me dar o número da sua identidade? Só para registro.

Scott diz o número. Gus o anota.

— Obrigado — diz ele. — Isso ajuda. Existem dezesseis Scott Burroughs na região. Não tínhamos certeza qual deles era o senhor.

Ele sorri para Scott, que tenta retribuir com uma reação encorajadora.

— Pelo que conseguimos descobrir — explica Gus —, o avião era tripulado por um comandante, um copiloto e uma aeromoça. Saberia reconhecer os nomes deles se eu dissesse?

Scott faz que não com a cabeça. Gus faz uma anotação.

— Quanto aos passageiros — continua Gus —, sabemos que David Bateman reservou o voo e que estavam a bordo ele e a família: a esposa, Maggie, e os dois

filhos, J.J. e Rachel.

Scott pensa no sorriso que Maggie abriu quando ele embarcou no avião. Simpático e acolhedor. Uma mulher que ele mal conhecia, de bate-papos na feira — *Como você está? Como estão as crianças?* — e conversas ocasionais sobre o trabalho dele. O fato de ela estar morta, no fundo do Atlântico, faz Scott querer vomitar.

— E, por fim — diz Gus —, além do senhor, acreditamos que Ben Kipling e a esposa, Sarah, estavam a bordo. O senhor confirma essa informação?

— Confirmo — responde Scott. — Fui apresentado a eles quando entrei no avião.

— Descreva o Sr. Kipling para mim, por favor — pede o agente Hex.

— Bom, devia ter um e oitenta de altura, cabelo grisalho. Ele tinha... sobrancelhas muito chamativas. Eu me lembro disso. E a mulher dele falava bastante.

Hex olha para O'Brien e balança a cabeça.

— E só para deixar claro — continua Gus. — Por que o senhor estava no avião?

Scott olha para o rosto deles. Detetives em busca de fatos, preenchendo lacunas. Um avião caiu. Foi falha mecânica? Erro humano? Quem pode ser culpado? Quem é confiável?

— Eu estava... — Scott se interrompe e então recomeça. — Encontrei a Maggie, a Sra. Bateman, na ilha algumas semanas atrás. Na feira. Eu ia... ia lá todo dia para tomar café e comer *bialy*. E ela ia com as crianças. Às vezes ia sozinha. Então, um dia, a gente começou a conversar.

— O senhor estava dormindo com ela? — pergunta O'Brien.

Scott pensa.

— Não — responde. — Não que isso seja relevante.

— Nós decidimos o que é relevante — retruca O'Brien.

— Claro — afirma Scott. — Mas talvez possa me explicar como as relações sexuais de um passageiro de um avião que caiu são relevantes para a sua... O que é isso mesmo?... Sua investigação.

Gus assente rapidamente, três vezes. Estão seguindo pelo caminho errado. Cada segundo perdido os deixa mais longe da verdade.

— Voltando ao assunto — diz.

Scott olha para O'Brien por mais um longo e hostil segundo, então continua:

— Reencontrei a Maggie no domingo de manhã. Disse a ela que tinha que passar uns dias em Nova York. Ela me convidou para ir com eles.

— E por que estava indo para Nova York?

— Sou pintor. Estava... Eu moro em Martha's Vineyard e ia encontrar minha agente e falar com algumas galerias sobre uma exposição. Meu plano era ir de balsa até o continente. Mas a Maggie me convidou e, bom, era um avião particular. Tudo parecia muito... Quase não fui.

— Mas foi.

Scott assente.

— No último minuto. Joguei tudo numa bolsa. Na verdade, estavam fechando as portas quando cheguei correndo.

— Para a sorte do menino, você chegou — diz Leslie, da Administração Federal de Aviação.

Scott pensa. Foi mesmo sorte? É sorte sobreviver a uma tragédia?

— Na sua opinião, o Sr. Kipling pareceu agitado? — pergunta Hex, claramente impaciente. Ele tem uma investigação a fazer e ela tem muito pouco a ver com Scott.

Gus o interrompe:

— Vamos seguir a ordem que estabelecemos. Sou o chefe aqui. A investigação é minha.

Ele se vira para Scott.

— O registro do aeroporto diz que o avião decolou às vinte e duas horas e seis minutos.

— Acho que foi isso — confirma Scott. — Não olhei para meu telefone.

— Pode descrever a decolagem?

— Foi... tranquila. Quer dizer, era a primeira vez que eu andava de jatinho.

Ele olha para Frank, o representante da OSPRY.

— É muito bom — diz. — Quer dizer, tirando a queda.

Frank parece abalado.

— Então você não se lembra de nada estranho? — pergunta Gus. — Algum barulho ou movimento fora do comum?

Scott tenta lembrar. Foi tão rápido. Antes que afivelasse o cinto de segurança, já estavam taxiando. E Sarah Kipling estava falando com ele, perguntando sobre seu trabalho e sobre como conhecera Maggie. E a menina estava no iPhone, ouvindo música ou jogando. O garoto estava dormindo. E Kipling estava... *O que ele estava fazendo?*

— Acho que não — responde. — Eu lembro... Dava para sentir mais a força do avião. A potência. Imagino que todo jatinho seja assim. Então a gente decolou e começou a subir. A maior parte das persianas estava fechada e o avião estava muito

tranquilo. Tinha um jogo de beisebol passando na TV.

— O Boston jogou ontem — comenta O'Brien.

— Dworkin — fala Frank, como se estivesse compreendendo algo.

Os dois agentes federais à porta sorriem.

— Não sei o que isso significa — responde Scott —, mas também me lembro de uma música. Jazz, eu acho. Talvez Sinatra?

— E em algum momento alguma coisa estranha aconteceu? — pergunta Gus.

— Bom, nós caímos no mar — responde Scott.

Gus assente.

— E como isso aconteceu exatamente?

— Bom, é difícil lembrar exatamente — explica Scott. — O avião virou de repente, embicou e eu...

— Pode ir com calma — pede Gus.

Scott tenta lembrar. A decolagem, a taça de vinho oferecida a ele. Imagens passam por sua mente, a vertigem de um astronauta, uma confusão de barulhos. Metais guinchando. O rodopio desorientador. Como um negativo de filme que foi picotado e colado aleatoriamente. O cérebro humano tem por função organizar todas as informações obtidas no mundo — imagens, sons, cheiros — em uma narrativa coerente. Isso é a memória, uma história construída de maneira cuidadosa, criada a partir de nosso passado. Mas o que acontece quando esses detalhes desmoronam? Granizo em um teto de zinco. Tanques atirando aleatoriamente. O que acontece quando sua vida não pode ser traduzida em uma narrativa linear?

— Eu ouvi umas batidas — declara Scott. — Eu acho. Um tipo de... Me pareceu um tipo de pancada.

— Tipo uma explosão? — pergunta o homem da OSPRY, esperançoso.

— Não. Quer dizer, eu acho que não. Foi mais tipo... alguma coisa batendo... no mesmo instante em que o avião meio que... caiu.

Gus pensa em dizer alguma coisa, fazer outra pergunta, mas não faz.

Em meio às lembranças, Scott ouve um grito. Não de medo, mas uma expulsão involuntária, uma reação vocal reflexiva a algo inesperado. É o barulho que o medo faz quando surge, a compreensão repentina, visceral de que você não está seguro, de que a atividade que está praticando é muito, muito arriscada. O corpo faz esse som e imediatamente começamos a suar frio. O esfíncter se fecha. A mente, que até aquele momento funcionava em velocidade de caminhada, de repente começa a correr, a fugir para defender sua vida. Lutar ou fugir. É o momento em que o intelecto fracassa e algo primitivo, animal nos domina.

Com uma certeza repentina e incômoda, Scott percebe que o grito veio dele. Então a escuridão. Seu rosto perde a cor. Gus se aproxima dele.

— Quer parar?

Scott expira.

— Não. Está tudo bem.

Gus pede a um assistente que pegue um refrigerante na máquina de venda automática para Scott. Enquanto esperam, Gus discorre sobre os fatos que conseguiu descobrir.

— De acordo com o nosso radar — diz ele —, o avião ficou no ar por dezoito minutos. Chegou a doze mil pés de altitude, depois começou a cair depressa.

Gotas de suor escorrem pelas costas de Scott. Imagens estão voltando, lembranças.

— As coisas estavam... *Voando* é a palavra errada — explica. — À nossa volta. Coisas. Eu me lembro da minha bolsa. Ela meio que levitou, flutuou calmamente no ar como em um truque de mágica e, então, quando eu ia pegá-la, ela... sumiu, desapareceu. Aí a gente começou a girar e eu bati a cabeça, acho.

— Sabe se o avião se partiu no ar? — pergunta Leslie. — Ou se o piloto seria capaz de pousar?

Scott tenta lembrar, mas só vê imagens soltas. Ele balança a cabeça.

Gus assente.

— Está bem — diz. — Vamos parar por aqui.

— Espere — pede O'Brien. — Eu ainda tenho algumas perguntas.

Gus se levanta.

— Mais tarde — afirma. — Agora o Sr. Burroughs precisa descansar.

Os outros ficam de pé. Desta vez, Scott também fica de pé e suas pernas tremem.

Gus estende a mão.

— Durma um pouco — pede. — Vi dois carros de reportagem estacionarem aqui na frente quando estávamos entrando. Isso vai estar em todos os jornais e você vai ser a atração principal.

Scott não faz a mínima ideia do que ele está falando.

— O que você quer dizer com isso? — pergunta.

— Vamos tentar esconder a sua identidade pelo máximo de tempo possível — explica Gus. — Seu nome não estava na lista de passageiros, o que ajuda. Mas a imprensa vai querer saber como o menino conseguiu chegar à praia. Quem o salvou. Porque isso é notícia. Você é um herói agora, Sr. Burroughs. Tente entender isso, o que significa. Além do mais, o pai do garoto, Bateman, era

importante. E o Kipling... Bom, o senhor vai ver... A coisa é uma loucura.

Ele estende a mão. Scott a aperta.

— Já vi muita coisa por aí — diz Gus. — Mas isso...

Ele balança a cabeça.

— O senhor é um nadador e tanto, Sr. Burroughs.

Scott se sente dormente. Com gestos, Gus faz os outros agentes saírem da sala.

— Vamos voltar a conversar — diz.

Depois que todos vão embora, Scott cambaleia na sala vazia. O braço esquerdo está em uma tipoia de poliuretano. O silêncio do cômodo parece um zumbido. Ele respira fundo, expira. Está vivo. A esta hora, no dia anterior, estava almoçando na varanda dos fundos, olhando para o jardim, salada de ovos e chá gelado. A cadela de três patas estava deitada na grama lambendo o cotovelo. Havia ligações a fazer, roupas a pôr na mala.

Agora tudo mudou.

Ele leva o suporte do soro até a janela, olha para fora. No estacionamento, vê seis carros de reportagem com antenas parabólicas. Uma multidão reunida. Quantas vezes o mundo foi interrompido pelo frenesi de reportagens especiais? Escândalos políticos, assassinatos em série, famosos flagrados durante relações sexuais. Comentaristas de TV cravando seus dentes perfeitos em corpos ainda quentes? Agora é a vez dele. Agora ele é a notícia, o inseto examinado no microscópio. Para Scott, que os observa pelo vidro temperado, eles são um exército inimigo se reunindo nos portões da cidade. Ele está em sua torre, vendo-os montar suas catapultas e afiar suas espadas.

Tudo o que importa, pensa, é que o menino seja salvo disso.

Uma enfermeira bate na porta. Scott se vira.

— É hora de descansar. — diz ela.

Scott aquiesce. Ele se lembra do instante da noite anterior em que a névoa se dissipou e a Estrela Polar ficou visível. Um ponto distante de luz que trouxe consigo a certeza absoluta da direção em que deviam seguir.

Parado ali, estudando seu reflexo no vidro, o pintor se pergunta se um dia voltará a ter aquele tipo de clareza. Dá uma última olhada na multidão crescente, depois se vira e volta para o quarto.

Lista de Mortos

David Bateman, 56
Margaret Bateman, 36
Rachel Bateman, 9
Gil Baruch, 48
Ben Kipling, 52
Sarah Kipling, 50
James Melody, 50
Emma Lightner, 25
Charlie Busch, 30

DAVID BATEMAN

2 DE ABRIL DE 1959 – 23 DE AGOSTO DE 2015

ERA O CAOS crônico que tornava aquilo interessante. A maneira como uma notícia podia surgir das cinzas e correr pelo ciclo jornalístico, mudando de direção e velocidade, tornando-se cada vez mais incontrolável, devorando tudo em seu caminho. Gafes políticas, tiroteios em escolas, crises de repercussão nacional e internacional. Em outras palavras: notícias. No décimo andar do prédio da ALC News, os repórteres torciam por incêndios, tanto literais quanto metafóricos, e apostavam neles como se fossem um jogo de dados ilegal.

Quem pudesse adivinhar quanto tempo um escândalo duraria ganhava um secador de alface, dizia David. Cunningham dava o próprio relógio se alguém pudesse prever um pedido de desculpas de um político palavra por palavra, antes que fosse feito. Napoleon oferecia sexo com a própria esposa a qualquer repórter que fizesse o assessor de imprensa da Casa Branca soltar um palavrão ao vivo. Eles haviam passado horas estabelecendo as regras para aquela oferta: o que era um palavrão? *Porra*, sem dúvidas. *Merda* ou *escroto*. Mas e *droga*? *Caramba* era o suficiente?

— *Caramba* rende uma punheta — dissera Napoleon, os pés sobre a mesa, o esquerdo sobre o direito.

Mas, quando Cindy Bainbridge conseguira fazer Ari Fleishcher falar aquilo, Napoleon dissera que ela não contava porque era mulher.

Quando tinham sorte, o que começava como fogo de palha — o nome de um governador na lista de clientes de uma prostituta, por exemplo — rapidamente se tornava um enorme fogaréu, que fazia a audiência disparar e tirava todo o fôlego do mercado de TV. David lembrava constantemente a eles que o caso Watergate havia começado com uma simples acusação de roubo.

— O que foi o Whitewater, no fim das contas? — dizia. — Só um escândalo imobiliário ridículo no interior.

Eles eram jornalistas do século vinte e um, prisioneiros do ciclo. A História havia ensinado que deviam procurar escândalos no entorno de cada fato. Todos eram sujos. Nada era simples, além da mensagem.

A ALC News, com uma equipe de quinze mil funcionários e uma audiência que girava em torno de dois milhões de pessoas por dia, tinha sido fundada em 2002, com um investimento de cem milhões de dólares feito por um bilionário inglês. David Bateman tinha sido seu arquiteto, seu fundador. Nas trincheiras, ele era chamado de O Diretor. Mas na verdade era um general, como George S. Patton, que se mantinha imóvel enquanto tiros de metralhadora espalhavam a terra entre seus pés.

Em sua carreira, David havia trabalhado em ambos os lados dos escândalos políticos. Primeiro, como consultor, correndo para se adiantar às gafes e aos erros de seus candidatos. Depois, ao se aposentar da política, na criação de uma pretensiosa rede de notícias vinte e quatro horas. Isso acontecera treze anos antes. Treze anos de atrocidades, mensagens, gráficos irônicos e uma longa guerra demolidora; de 4.745 dias de transmissão constante, 113.800 horas de esportes, erudição e meteorologia, 6.832.800 minutos contados, preenchidos com palavras, imagens e som. O volume infinito de tempo às vezes era assustador. Hora após hora, estendendo-se até a eternidade.

Mas o fato de não serem mais escravos dos acontecimentos que cobriam os salvava. Não eram mais reféns da ação ou da inércia de outros. Esta havia sido a Grande Ideia que David aplicara ao criar a rede, seu golpe de mestre. Ao sentar-se para almoçar com o bilionário tantos anos antes, ele a explicara de forma simples.

— Todos esses outros canais — dissera ele — *reagem* às notícias. Correm atrás delas. Nós vamos Criar as Notícias.

O que ele queria dizer era que, ao contrário da CNN ou da MSNBC, a ALC teria um ponto de vista, uma agenda. É claro, eles ainda cobririam algumas decisões aleatórias de Deus, mortes de celebridades e escândalos sexuais. Mas isso seria apenas o acompanhamento. O prato principal do negócio seria moldar os acontecimentos do dia para que se encaixassem na proposta do canal.

O bilionário havia adorado a ideia de controlar as notícias, como David antevira. Era um bilionário, afinal, e bilionários se tornam bilionários quando assumem o controle. Depois do café, tinham acertado tudo com um aperto de mãos.

— Em quanto tempo ela pode começar a funcionar? — perguntara ele.

— Me dê setenta e cinco milhões e o canal vai entrar no ar em um ano e meio.

— Vou dar cem. Esteja pronto em seis meses.

E estavam. Seis meses de construção frenética, de roubo de âncoras de outros canais, de criação de logomarcas e composição de músicas-tema. David encontrara

Bill Cunningham fazendo comentários sarcásticos em um programa de variedades de segunda classe. Bill era um branco irritadiço, com uma inteligência mordaz. David vira além do tamanho do programa. Ele previra o que o cara poderia se tornar na plataforma certa, um *moai* da Ilha de Páscoa, um marco. Tinha um ponto de vista que David achava que podia personificar a marca deles.

— Não é preciso ter feito uma faculdade de elite para ter um cérebro — dissera Cunningham a David quando haviam se encontrado para tomar café da manhã naquele primeiro dia. — Nascemos com eles. E o que eu não aguento é essa atitude elitista que diz que nenhum de nós é inteligente o bastante para controlar nosso próprio país.

— Você está fazendo um discurso agora — afirmou David.

— Onde você fez faculdade, afinal? — perguntou Cunningham, pronto para atacar.

— Na Academia Paisagística de Saint Mary.

— É sério. Eu frequentei a Stony Brook. É uma faculdade estadual. E, quando me formei, nenhum daqueles idiotas de Harvard ou de Yale se dispuseram a me ceder um pouquinho do seu tempo. E as mulheres? Nem pensar. Tive que transar com mulheres de Nova Jersey durante seis anos, até arranjar uma que aparecesse na TV.

Eles estavam em um restaurante cubano-chinês na Oitava Avenida, comendo ovos e bebendo um café forte. Cunningham era um cara grande, alto, com uma postura propositalmente ameaçadora. Ele gostava de ser agressivo, de chegar com tudo, invadindo.

— O que você acha dos telejornais? — perguntara David.

— Um monte de merda — respondera Cunningham, mastigando. — Vendem uma imparcialidade falsa, como se não defendessem nenhum lado, mas é só ver o que estão relatando. Veja quem são os heróis. Os trabalhadores? Nem pensar. O homem de família que trabalha dobrado para pôr o filho na faculdade? Piada. Tem um cara na Casa Branca recebendo boquetes das filhas desses caras. Mas o presidente ganhou uma bolsa Rhodes, então acho que está tudo bem. Eles chamam isso de objetividade. Eu chamo de preconceito, puro e simples.

O garçom havia se aproximado e deixado a conta, uma folha velha suja de papel carbono arrancada de um bloquinho. David ainda a tem, emoldurada na parede de seu escritório, uma das pontas manchadas de café. Para o mundo, Bill Cunningham era um fracassado de segunda categoria, mas David viu sua essência. Cunningham era um astro, não porque fosse melhor do que qualquer outra pessoa, mas porque era *igual* a qualquer outra pessoa. Era a voz furiosa do senso comum, o

homem são em um mundo insano. Depois de Bill ter aceitado o convite, as outras peças se encaixaram naturalmente.

Porque, no fim das contas, Cunningham estava certo e David sabia disso. Os jornalistas se esforçavam muito para parecerem objetivos, quando na verdade eram tudo menos isso. A CNN, a ABC, a CBS vendiam as notícias como mercadorias em um supermercado, uma coisa para cada um. Mas as pessoas não queriam apenas informação. Queriam saber o que significava. Queriam uma perspectiva. Precisavam reagir a alguma coisa. Concordar ou discordar. E, quando um espectador não concordava com o que via mais da metade do tempo, ele trocava de canal, era a filosofia de David.

Sua ideia era transformar os jornais em um clube de pessoas com a mesma opinião. Os primeiros espectadores seriam aqueles que vinham defendendo aquela filosofia havia anos. E, logo depois deles, as pessoas que passaram a vida inteira procurando alguém que dissesse em voz alta o que sempre haviam sentido. E, depois que tivessem angariado esses dois grupos, hordas de curiosos e indecisos os seguiriam.

Essa reconfiguração aparentemente simples do modelo de negócios acabara trazendo uma maré de mudanças para a indústria. Mas, para David, era apenas uma maneira de liberar o estresse da espera. Porque o que é de fato a indústria da informação senão o trabalho de hipocondríacos? Homens e mulheres ansiosos, que aumentam e investigam cada tique e cada tosse, torcendo para que, dessa vez, seja sério. Esperar e se preocupar. Bom, para David, esperar não era interessante e ele nunca tinha sido uma pessoa preocupada.

Ele havia crescido em Michigan, filho de um operário de uma fábrica da GM, David Bateman, o pai, que nunca tirara um dia de folga, jamais faltara ao trabalho. O pai de David tinha contado os carros que construíra nos trinta e quatro anos que havia trabalhado na linha de produção da suspensão traseira. O total era 94.610. Para ele, era a prova de uma vida bem vivida. Ele recebia para fazer um trabalho e o fazia. O pai de David nunca conseguira nada além de um diploma de ensino médio. Tratava todos que conhecia com respeito, mesmo os caras da diretoria, ex-alunos de Harvard que vistoriavam a fábrica de tempos em tempos, vindos da área nobre para dar tapinhas nas costas dos homens comuns.

David era filho único, o primeiro da família a frequentar uma faculdade. Mas, para demonstrar sua lealdade ao pai, ele recusara o convite de Harvard (com bolsa integral) e frequentara a Universidade de Michigan. Lá, ele descobrira o amor pela política. Ronald Reagan estava na Casa Branca naquele ano e David vira algo em seu estilo popular e em seu olhar determinado que o inspirara. David tinha

concorrido ao cargo de presidente da turma do último ano e perdido. Ele não tinha o rosto nem o charme de um político, mas tinha ideias, estratégias. Via os movimentos como outdoors à distância, ouvia as mensagens em sua cabeça. Sabia como vencer. Só não conseguia fazer aquilo sozinho. Então David Bateman percebera que, se quisesse fazer carreira na política, teria que ser nos bastidores.

Vinte anos e trinta e oito eleições estaduais e nacionais depois, David Bateman ganhara a fama de ter um toque de Midas. Ele transformara seu amor pela política em uma consultoria extremamente lucrativa, que tinha, entre seus clientes, um canal de notícias a cabo, que o contratara para ajudá-lo a reestruturar a cobertura que faziam das eleições.

Havia sido essa combinação de itens em seu currículo que, em um dia de março de 2002, levara ao início de um movimento.

DAVID ACORDOU ANTES do nascer do sol. Isso já estava programado nele depois de vinte anos participando de campanhas eleitorais. Marty sempre dizia: *Bobeou, dançou*, e isso era verdade. Campanhas não eram concursos de beleza. Exigiam resistência, uma longa e sofrida corrida pela obtenção de votos. Raramente o nocaute vinha no primeiro round. O normal era que quem estivesse de pé no último round vencesse, escapando de socos com pernas ágeis. Era isso que fazia com que uma coisa fosse uma coisa e outra coisa, outra coisa, David gostava de dizer. Por isso ele havia aprendido a viver sem dormir. Quatro horas por noite era tudo que pedia agora. Em caso de necessidade, ele conseguia se virar com vinte minutos a cada oito horas.

Em seu quarto, as enormes janelas em frente à cama emolduravam os primeiros raios de sol. Ele ficou deitado de costas, olhando para fora, enquanto, no andar de baixo, o café se fazia sozinho. Ao longe, via as torres do teleférico de Roosevelt Island. O quarto — dele e de Maggie — tinha vista para o rio East. Um vidro espesso como um exemplar de *Guerra e paz* silenciava o rugido infinito da via expressa. Era à prova de balas, assim como todas as outras janelas da casa. O bilionário pagara pela instalação após o Onze de Setembro.

— Não posso perder você para um motorista de táxi jihadista com uma bazuca — dissera ele a David.

Era uma sexta-feira, 21 de agosto. Maggie e as crianças estavam em Martha's Vineyard durante todo o mês, deixando David sozinho andando pelo mármore dos banheiros. No andar de baixo, ele ouviu a empregada preparar o café da manhã. Depois de uma chuveirada, parou à porta do quarto dos filhos, como fazia toda manhã, e ficou olhando suas camas perfeitamente arrumadas. A decoração do quarto de Rachel misturava parafernália científica e uma adoração por cavalos. O de J.J. tinha carros por todos os lados. Como todas as crianças, havia uma tendência ao caos; uma bagunça juvenil que os empregados da casa arrumavam sistematicamente, muitas vezes em tempo real. Ao olhar para aquela organização estéril, limpa, David se pegou querendo bagunçar as coisas, deixar o quarto do filho mais parecido com o de uma criança e menos com um museu da infância. Por isso, foi até uma cesta de brinquedos e a derrubou com um chute.

Pronto, pensou. *Assim está melhor.*

Ele deixaria um bilhete para a empregada. Sempre que as crianças viajassem, ela deveria deixar seus quartos como havia encontrado. Se fosse preciso, ele os isolaria, como se fossem uma cena de crime. Qualquer coisa para deixar a casa mais viva.

Da cozinha, ligou para Maggie. O relógio acima do fogão apontava seis e quatorze da manhã.

— Estamos acordados há uma hora — disse ela. — Rachel está lendo. J.J. está jogando detergente na privada para ver o que acontece.

A voz dela soou abafada quando ela cobriu o bocal do telefone.

— Meu amor — berrou. — Isso não me parece uma boa ideia.

Em Nova York, David ergueu uma xícara imaginária e a empregada lhe trouxe mais café. A esposa voltou ao telefone. David notou na voz dela a exaustão de quando passava tempo demais sozinha com as crianças. Todos os anos, ele tentava convencê-la a levar Maria, a babá, para a ilha, mas ela sempre recusava a oferta. As férias de verão eram deles, dizia, para ficar em família. Senão, Rachel e J.J. cresceriam chamando a babá de *mamãe*, como todas as outras crianças da vizinhança.

— Está supernublado lá fora — disse a mulher.

— Você recebeu o troço que eu mandei? — perguntou ele.

— Recebi — respondeu ela, parecendo feliz. — Onde encontrou?

— Os Kipling me deram. Eles conhecem um cara que viaja o mundo todo colecionando mudas do Velho Mundo. Maçãs do século dezenove. Pereiras que ninguém vê desde a virada para o século vinte. A gente comeu aquela salada de frutas na casa deles no verão passado.

— É verdade — disse ela. — Estava deliciosa. Foram... É bobeira perguntar se foram caras? Parecem aquelas coisas que vemos no jornal e custam o mesmo que um carro novo.

— Talvez uma Vespa — explicou ele.

Era típico de Maggie perguntar o preço, como se em parte não pudesse entender a renda líquida deles e suas implicações.

— Eu nem sabia que existiam ameixas dinamarquesas — disse ela.

— Nem eu. Quem iria imaginar que o mundo das frutas podia ser tão exótico?

Ela riu. Quando as coisas estavam boas entre eles, havia serenidade. Uma rotina de dar e receber que vinha de viver o presente, de enterrar velhas brigas. Quando ligava em algumas manhãs, David percebia que ela havia sonhado com ele. Era uma coisa que Maggie fazia de tempos em tempos. Muitas vezes ela contava depois, escolhendo as palavras certas, incapaz de olhar nos olhos dele. Nos sonhos,

ele era sempre um monstro que a desprezava e a abandonava. As conversas que os seguiam eram frias e breves.

— Bom, vamos plantar as árvores hoje — disse Maggie. — Vai ser o nosso projeto do dia.

Eles conversaram por mais dez minutos sobre como o dia dele seria, a que horas ele sairia naquela noite. Enquanto isso, o celular dele vibrava, trazendo notícias, mudanças em seu calendário, crises a serem controladas. O som do pânico de outras pessoas reduzido a um zumbido eletrônico regular. Enquanto isso, as crianças surgiam e sumiam no outro lado da linha, como abelhas explorando um piquenique. Ele gostava de ouvi-las ao fundo, a bagunça delas. Era isso que diferenciava sua geração da de seu pai. David queria que seus filhos tivessem uma infância. Uma infância de verdade. Ele trabalhava duro para que eles pudessem brincar. Para o pai de David, a infância era um luxo que seu filho não podia ter. Brincadeiras tinham sido consideradas uma porta de entrada para a preguiça e a pobreza. A vida, dizia o pai, era uma jogada ensaiada. Você só tinha uma oportunidade de fazê-la e, caso não treinasse todos os dias — com piques de corrida e circuitos na grama —, ela daria errado.

Por isso, desde cedo, David sempre tivera muitos afazeres. Aos cinco anos, ele esvaziava as latas de lixo. Aos sete, punha toda a roupa para lavar. A regra em casa era que o dever e as tarefas domésticas deviam ser feitos antes de sair para jogar bola, andar de bicicleta ou tirar os soldadinhos da lata de café.

Ninguém se torna homem por acidente, dizia o pai. David também acreditava nisso, mas de uma maneira mais suave. Para David, o treinamento para a idade adulta tinha início na idade de dois dígitos. Aos dez anos, pensava ele, era hora de começar a pensar em crescer. A ter lições suaves sobre disciplina e responsabilidade que lhe haviam sido dadas na infância e a fortalecê-las com regras para uma vida saudável e produtiva. Até ali, podia-se ser criança e agir desse modo.

— Papai — pediu Rachel —, pode trazer meu tênis vermelho? Está no meu armário.

Ele entrou no quarto dela e pegou o tênis enquanto conversavam para que não esquecesse.

— Vou pôr na minha mala — respondeu ele.

— Sou eu de novo — falou Maggie. — No ano que vem, acho que você devia ficar aqui com a gente o mês inteiro.

— Eu também — concordou ele, imediatamente.

Todo ano eles tinham a mesma conversa. Todo ano ele dizia a mesma coisa. *Eu vou*. E então não ia.

— São só notícias, cacete — disse ela. — Vai ter mais amanhã. Além disso, já não deu tempo de você treinar todo mundo?

— Eu prometo — afirmou ele. — Ano que vem, vou ficar mais aí.

Porque era mais fácil dizer que sim do que analisar probabilidades reais, explicar fatores atenuantes e tentar controlar as expectativas dela.

Nunca lute hoje o combate que pode lutar amanhã era o lema dele.

— Mentiroso — disse ela, mas com alegria na voz.

— Te amo — disse ele. — Vejo você hoje à noite.

★ ★ ★

O carro estava esperando por ele. Dois seguranças da agência subiram de elevador para buscá-lo. Eles dormiam em turnos em um dos quartos de hóspedes do primeiro andar.

— Bom dia, rapazes — disse David, vestindo o paletó.

Eles o levaram até o carro juntos, dois homens grandes com pistolas sob os paletós, os olhos analisando a rua em busca de possíveis ameaças. Todos os dias, David recebia mensagens de ódio, cartas furiosas sobre sabe Deus o quê, às vezes até pacotes com merda humana. Era o preço a pagar por ter escolhido um lado, pensava ele, por ter uma opinião sobre política e guerra.

Fodam-se você e seu Deus, diziam.

Ameaçavam sua vida, sua família, ameaças que ele havia aprendido a levar a sério.

No carro, ele pensou em Rachel, nos três dias que ela ficara desaparecida. Ligações pedindo resgate, a sala de estar cheia de agentes do FBI e seguranças particulares. Maggie chorando no quarto dos fundos. Tinha sido um milagre eles recuperarem a filha, um milagre que ele sabia que não aconteceria duas vezes. Por isso, viviam com a vigilância constante, a equipe avançada. Segurança primeiro, dizia ele aos filhos. Depois diversão. Depois o estudo. Era uma piada interna.

Ele atravessou a cidade, seguindo o tráfego intenso. A cada dois segundos, seu celular vibrava. A Coreia do Norte estava testando mísseis no Mar do Japão outra vez. Um policial de Tallahassee estava em coma depois de um tiroteio em uma blitz. Fotos nuas de uma estrela de Hollywood enviadas por celular para um jogador de futebol americano tinham vazado. Caso não tivesse cuidado, podia parecer que era um maremoto, todas aquelas coisas importantes. No entanto, David via aquilo pelo que era e entendia seu papel. Ele era uma máquina de

seleção e separava as notícias por categoria e prioridade, antes de mandar dicas para vários departamentos. Escrevia respostas simples e apertava o ENVIAR. *Bobagem* ou *Fraco* ou *Mais*. Tinha respondido trinta e três e-mails e retornado dezesseis ligações quando o carro parou na frente do prédio da ALC na Sexta Avenida, e aquilo era pouco para uma sexta-feira.

Um segurança abriu a porta traseira para ele. David saiu do carro no meio da confusão. Do lado de fora, o ar era quente. Ele usava um terno cinza-chumbo, camisa branca e gravata vermelha. Às vezes, de manhã, gostava de desviar da porta da frente no último instante e andar um pouco, em busca de um segundo café da manhã. Isso mantinha os seguranças atentos. Mas, naquele dia, ele tinha coisas a fazer, se quisesse estar no aeroporto às três.

O escritório de David ficava no quinquagésimo oitavo andar. Ele saiu do elevador em um passo rápido, os olhos concentrados na porta de sua sala. As pessoas saíam do caminho quando ele passava. Enfiavam-se em seus cubículos. Viravam-se e fugiam. Não era tanto o homem, nem o escritório. Talvez fosse o terno. Os rostos à sua volta pareciam ficar mais jovens a cada dia, pensou David, produtores e administradores executivos, nerds de cavanhaque, apreciadores de café artesanal, satisfeitos consigo mesmos por saberem que eram o futuro. Todos que trabalhavam na empresa estavam construindo um legado. Alguns eram ideólogos, outros, oportunistas, mas todos estavam ali porque a ALC era o maior canal de notícias de TV a cabo do país e David Bateman havia criado aquilo.

Lydia Cox, sua secretária, já estava em sua mesa. Ela trabalha com David desde 1995, uma mulher de cinquenta e nove anos que nunca havia se casado, mas nunca tivera um gato. Ela era magra, tinha o cabelo curto e um tipo de empáfia tradicional do Brooklyn que, como uma antiga tribo indígena próspera, havia sido expulsa do bairro por gentrificadores hostis vindos do outro lado do oceano.

— A reunião por telefone com o Sellers é daqui a dez minutos — lembrou ela, logo de cara.

David não diminuiu a velocidade. Foi até sua mesa, tirou o paletó e o pendurou no encosto da cadeira. Lydia pusera sua agenda no assento. Ele a pegou, franziu a testa. Começar o dia com Sellers — o diretor do escritório de Los Angeles, cada vez menos popular — era como começar o dia com uma colonoscopia.

— Ninguém esfaqueou esse cara ainda? — perguntou ele.

— Não — respondeu Lydia, seguindo-o. — Mas, no ano passado, o senhor comprou um túmulo no nome dele e mandou para ele de Natal uma foto do lugar.

David deu um sorriso. Quem dera pudesse ter mais momentos como aquele na

vida.

— Adie para segunda — pediu ele.

— Ele já ligou duas vezes. *Não ouse deixar o David adiar isso* foi o assunto.

— Já era.

Havia uma xícara de café quente na mesa de David. Ele apontou para ela.

— É para mim?

— Não — respondeu Lydia, balançando a cabeça. — É para o papa.

Bill Cunningham apareceu à porta. Estava de calça jeans, camiseta e com os tradicionais suspensórios vermelhos.

— Oi — falou. — Tem um tempinho?

Lydia se virou para sair. Enquanto Bill dava um passo para o lado para deixar a secretária passar, David notou Krista Brewer parada atrás dele. Parecia preocupada.

— Claro — respondeu David. — O que houve?

Os dois entraram. Bill fechou a porta, algo que não costumava fazer. Cunningham era um artista performático. Todo seu estilo era baseado em um discurso contra reuniões secretas nos bastidores. Em outras palavras, não fazia nada em particular. Em vez disso, preferia entrar no escritório de David duas vezes por semana e berrar até cansar. O assunto não importava. Era uma demonstração de força, como um exercício militar. Por isso, a porta fechada significava um problema.

— Bill — disse David —, você fechou a porta mesmo?

Ele olhou para Krista, a produtora-executiva de Bill. Ela estava abatida. Bill desabou no sofá. Ele tinha a envergadura de um pterodátilo. Sentou-se, como sempre fazia, com as pernas arreganhadas, para que todos pudessem ver como suas bolas eram grandes.

— Primeiro — disse ele —, não é tão ruim assim.

— Não — afirmou Krista. — É pior.

— Dois dias de encheção de saco — respondeu Bill. — Talvez os advogados tenham que entrar na jogada. Talvez.

David se levantou e olhou pela janela. Achava que a melhor coisa que podia fazer com um *showman* como Bill era não olhar para ele.

— Que advogados? — perguntou. — Os meus ou os seus?

— Mas que droga, Bill! — disse Krista, virando-se para o âncora. — Você não desobedeceu a uma regra. *Não cuspa na igreja*. Foi uma lei. Provavelmente várias leis.

David observou o trânsito fluir pela Quinta Avenida.

— Vou para o aeroporto às três — disse. — Vocês vão conseguir entrar no

assunto até lá ou vamos ter que terminar isso pelo telefone?

Ele se virou e olhou para os dois. Krista estava de braços cruzados, em uma pose de desafio. *O Bill vai ter que contar*, dizia sua linguagem corporal. Mensageiros eram assassinados por entregarem notícias ruins e Krista não estava disposta a perder o emprego por outro erro estúpido de Cunningham. Já Bill exibia um sorriso irritado, como um policial que jura que os tiros que disparou foram justificáveis.

— Krista — pediu David.

— Ele mandou grampear o telefone de algumas pessoas — explicou ela.

As palavras pairaram, um momento de tensão, mas não o estopim de uma crise ainda.

— Pessoas — repetiu David, com cuidado, a palavra amarga em sua língua.

Krista olhou para Bill.

— O Bill conhece um cara — disse ela.

— Namor — explicou Bill. — Você se lembra dele. Ex-SEAL, ex-integrante da inteligência do Pentágono.

David balançou a cabeça. Nos últimos anos, Bill havia começado a se cercar de um bando de malucos, adeptos de teorias conspiratórias.

— Claro que lembra — afirmou Bill. — Bom, a gente estava bebendo uma noite. Isso foi há um ano, mais ou menos. E estava falando do Moskewitz, sabe, o deputado que gostava de cheirar pés de meninas negras? Bom, Namor riu e disse: "Não seria legal se a gente tivesse esses telefonemas gravados? Seria uma mina de ouro para a TV, não é? Um congressista judeu dizendo para uma negra o quanto ele quer cheirar os pés dela?" Então eu disse que sim, seria ótimo. E, bom, pedimos mais dois uísques e Namor disse: "*Olha...*"

Bill fez uma pausa dramática. Não conseguia evitar. Atuar fazia parte da sua natureza.

— "*Olha...* Isso não é difícil." Namor disse isso. "Na verdade", disse ele, "é muito fácil. Porque tudo passa por um servidor. Todo mundo tem e-mail, celular... Eles têm secretárias eletrônicas com senhas e nomes de usuário para mensagens de texto. E essa merda toda pode ser acessada. É hackeável. Tipo, quando a gente sabe o telefone de alguém, pode simplesmente clonar e, toda vez que a pessoa receber uma ligação..."

— Não — disse David, sentindo uma onda de calor subir por sua coluna, saindo de sua bunda.

— Tanto faz — continuou Bill. — Éramos só dois caras em um bar à uma da manhã. Só conversa de bêbado. Mas então ele disse: "Escolha uma pessoa. Alguém

que você gostaria de ouvir." Então falei: "Obama." E ele respondeu: "Isso é a Casa Branca. Não é possível. Escolha outra pessoa. De hierarquia menor." E eu falei do Kellerman. Sabe, aquele merdinha liberal reacionário da CNN. E ele disse: "Pode deixar."

David percebeu que estava em sua cadeira, apesar de não se lembrar de como havia se sentado. Krista olhava para ele, como se dissesse: "Vai ficar pior."

— Bill — disse David, balançando a cabeça, as mãos erguidas. — Pare. Não posso ouvir isso. Você devia estar falando com um advogado.

— Foi o que eu disse — afirmou Krista.

Cunningham afastou a possibilidade com um aceno, como se os dois fossem órfãos paquistaneses em um bazar em Islamabad.

— Eu não fiz nada — disse. — Escolhi um nome. E daí? Éramos dois bêbados em um bar. Eu fui para casa e esqueci tudo. Uma semana depois, Namor apareceu no meu escritório. Queria me mostrar uma coisa. Então a gente entrou na minha sala e ele pôs um pen drive no meu computador. Tinha um monte de arquivos de áudio. Da porra do Kellerman, sabe? Falando com a mãe, com a lavanderia... E também com o produtor dele, sobre cortar uns pedaços de uma notícia para passar a mensagem contrária.

David sentiu uma tontura repentina.

— Foi assim que você... — começou a dizer.

— Foi, porra. A gente encontrou as imagens originais e deu a notícia. Você adorou aquela história.

David ficou de pé outra vez, os punhos fechados com força.

— Mas eu achei que fosse jornalismo — disse. — Não...

Bill riu, balançando a cabeça, maravilhado com a própria criatividade.

— Tenho que mostrar os arquivos para você. São incríveis.

David deu a volta na mesa.

— Pare de falar.

— Aonde você vai? — perguntou Bill.

— Não fale uma palavra para mais ninguém — disse David. — Nenhum de vocês dois.

E saiu do escritório.

Lydia estava em sua mesa.

— O Sellers está na linha dois — afirmou ela.

David não parou, não se virou. Atravessou as fileiras de divisórias, suor escorrendo pela lateral de seu corpo. Aquilo podia ser o fim deles. No fundo, ele sabia: nem precisava ouvir o resto da história.

— Saiam da frente — berrou para um grupo de moleques de camisa de manga curta.

Eles fugiram como coelhos.

Com a cabeça a mil, David chegou ao elevador e apertou o botão. Sem esperar, chutou a porta da escada e desceu um andar. Ele andou a passos largos pelo corredor, como um assassino em série com um rifle, e encontrou Liebling na sala de conferências, sentado com outros dezesseis advogados.

— Todo mundo para fora agora — disse David.

Eles saíram engalfinhando-se, meros desconhecidos vestidos de terno e com diplomas de Direito, a porta batendo nos calcanhares do último. Don Liebling ficou sentado, com uma expressão pasma no rosto. Era o consultor jurídico da empresa. Tinha cinquenta e poucos anos e um corpo esculpido pelo pilates.

— Pelo amor de Deus, Bateman! — exclamou.

David andou de um lado para outro.

— Cunningham... — Foi tudo que pôde dizer naquele instante.

— Merda — respondeu Liebling. — O que aquele babaca fez agora?

— Só ouvi uma parte da história — explicou David. — Interrompi o cara antes que pudesse ser considerado cúmplice.

Liebling franziu a testa.

— Me diga que não tem uma prostituta morta em um quarto de hotel em algum lugar.

— Bem que eu queria — afirmou David. — Uma prostituta morta seria tranquilo comparado a isso.

Erguendo os olhos, ele viu um avião passar acima do Empire State. Por um instante, a necessidade de estar nele, de ir para algum lugar, qualquer lugar, foi esmagadora. Ele desabou em uma cadeira de couro, passou a mão pelo cabelo.

— O retardado grampeou o telefone do Kellerman. E provavelmente de outras pessoas. Fiquei com a impressão de que ele ia começar a listar vítimas, tipo um assassino, então saí da sala.

Liebling ajeitou a gravata.

— Quando você diz *grampeou o telefone dele*...

— Ele conhece um cara. Um consultor da inteligência que disse que podia dar ao Bill acesso ao e-mail ou ao telefone de qualquer um.

— Meu Deus.

David se recostou na cadeira e olhou para o teto.

— Você tem que falar com ele.

Liebling assentiu.

— Ele precisa de um advogado particular — explicou. — Acho que ele se consulta com o Franken. Vou ligar para ele.

David bateu a ponta dos dedos na mesa. Sentiu-se velho.

— Cara, e se foram deputados ou senadores? — perguntou. — Meu Deus. Já é ruim o bastante ele estar espionando a concorrência.

Liebling pensou na possibilidade. David fechou os olhos e imaginou Rachel e J.J. cavando buracos no jardim, plantando macieiras do Velho Mundo. Ele devia ter tirado o mês de folga, devia estar com eles naquele instante, de chinelo, um Bloody Mary na mão, rindo todas as vezes que o filho dissesse: *E aí, velhinho?*

— Isso pode acabar com a gente? — perguntou, os olhos ainda fechados.

Liebling acenou com a cabeça de forma pouco clara.

— Vai acabar com ele. Isso com certeza.

— Mas vai afetar a gente?

— Sem dúvida — respondeu Liebling. — Uma coisa assim... O congresso pode pedir uma audiência. No mínimo, o FBI vai ficar enchendo seu saco durante dois anos. Vão falar em tirar sua licença de transmissão.

David parou para pensar na possibilidade.

— Tenho que pedir demissão?

— Por quê? Você não sabia de nada. Sabia?

— Não importa. Uma coisa dessas... Se não sabia, devia saber.

Ele balançou a cabeça.

— Porra, Bill.

Mas não era culpa de Bill, pensou David. Era sua culpa. Cunningham tinha sido o presente de David para o mundo, o homem branco irritadiço que as pessoas convidavam à sua sala de estar para apontar os erros do mundo, para bradar contra um sistema que nos roubava tudo o que julgávamos merecer — os países do Terceiro Mundo que estavam levando nossos empregos. Os políticos que aumentavam nossos impostos. Bill Cunningham, o Sr. Fala na Cara, o Sr. Justiça, que se sentava em nossas salas de estar e compartilhava de nossas dores, que falava o que queríamos ouvir: que estávamos por baixo na vida não porque éramos perdedores, mas porque alguém estava enfiando a mão nos nossos bolsos, nas nossas empresas, no nosso país e pegando o que, por direito, era nosso.

Bill Cunningham era a voz da ALC News e tinha ficado maluco. Parecia um louco destemperado e David devia ter percebido, devia tê-lo impedido, mas a audiência era boa demais e os ataques que Bill estava fazendo ao inimigo eram certeiros. Eles eram o canal de notícias número um e isso significava tudo. Bill era uma diva? Com certeza. Mas divas podem ser controladas. Já os lunáticos...

— Tenho que ligar para o Roger — disse, referindo-se ao bilionário. Referindo-se seu chefe. *O* chefe.

— Para dizer o quê? — perguntou Liebling.

— Que essa bomba vai estourar. Que a história se espalhou e que ele tem que se preparar. Você precisa encontrar o Bill, levar o cara para uma sala e dar uma surra nele com uma meia cheia de laranjas. Chame o Franken. Descubra a verdade e proteja a gente.

— Ele vai apresentar o programa hoje?

David pensou.

— Não. Está doente. Está gripado.

— Ele não vai gostar disso.

— Diga que a alternativa é ele ir para a cadeia ou a gente quebrar os joelhos dele. Ligue para o Hancock. Vamos anunciar agora de manhã que o Bill está doente. Na segunda, podemos fazer um especial de melhores da semana. Não quero mais esse cara no meu canal.

— Ele não vai aceitar isso calado.

— Não — respondeu David. — Não vai.

À NOITE, QUANDO sonha, Scott se vê com tubarões, musculosos e gananciosos. Acorda com sede. O hospital é um ecossistema de bipes e zumbidos. Do lado de fora, o sol está começando a nascer. Ele olha para o menino, que ainda dorme. O volume da televisão está baixo, um ruído que assombra seus sonhos. A tela está divida em cinco pedaços, uma manchete correndo pela parte de baixo. A busca por sobreviventes continua. Parece que a Marinha está usando mergulhadores e veículos de submersão em águas profundas para tentar encontrar os destroços e recuperar os corpos. Scott vê homens de roupa de borracha pularem do deque da lancha da Guarda Costeira e desaparecerem no mar.

— Estão chamando de acidente — anuncia Bill Cunningham da maior caixa da tela. É um homem alto, com um penteado impactante, mexendo nos suspensórios. — Mas você e eu sabemos... Não existem acidentes. Aviões não caem do céu, assim como nosso presidente não esqueceu que o Congresso estava de férias quando nomeou aquele idiota do Rodriguez para o cargo de juiz.

Cunningham tem os olhos inchados, a gravata torta. Ele está no ar há nove horas, noticiando um obituário elogioso ao chefe morto.

— O David Bateman que eu conhecia, meu chefe, meu amigo, não pode ter sido morto por um erro mecânico nem por um erro do piloto. Ele era um anjo vingador. Um herói americano. E este repórter acredita que estamos falando aqui de nada menos que um ato de terrorismo, se não por estrangeiros, então por certos elementos da mídia liberal. Aviões não caem assim, pessoal. Isso foi sabotagem. Foi um foguete lançado de um barco a motor. Foi um jihadista com um colete suicida a bordo do avião, talvez alguém da tripulação. Assassinato, meus amigos, cometido pelos inimigos da liberdade. Nove mortos, inclusive uma menina de nove anos. Nove. Uma menina que já havia sofrido uma tragédia na vida. Uma menina que segurei nos braços quando nasceu, cujas fraldas eu troquei. A gente devia estar abastecendo nossos jatos. Equipes de SEALS deviam estar pulando de aviões de grandes altitudes e surgindo de submarinos. Um grande patriota morreu, o padrinho da liberdade no Ocidente. E nós vamos até o fim dessa história.

Scott baixa o volume. O menino se remexe, mas não acorda. Enquanto dorme,

ele ainda não é um órfão. Enquanto dorme, seus pais e sua irmã ainda estão vivos. Eles o beijam nas bochechas e fazem cócegas em sua barriga. Enquanto dorme, é semana passada e ele está correndo na areia, segurando um agitado caranguejo verde pela pata. Está bebendo refrigerante de laranja com um canudinho e comendo batatas fritas, o cabelo castanho alourado pelo sol, sardas espalhadas pelo rosto. E, quando acordar, haverá o instante em que todos os sonhos serão reais, em que o amor que carrega consigo será suficiente para manter a verdade distante. Mas então esse momento acabará. O menino vai ver o rosto de Scott, ou uma enfermeira vai entrar no quarto e, de repente, ele voltará a ser órfão. Desta vez para sempre.

Scott se vira e olha pela janela. Eles devem ser liberados hoje, ele e o menino, expulsos do alto-falante regular da vida hospitalar, da pressão aferida a cada meia hora, da temperatura medida, das refeições prontas. Os tios do menino chegaram ontem à noite, tristes, com os olhos vermelhos. A tia é Eleanor, irmã mais nova de Maggie. Ela está dormindo em uma cadeira de encosto duro ao lado da cama do garoto. Eleanor tem trinta e poucos anos e é bonita. É massagista em Croton-on-Hudson, Westchester. O marido dela, tio do menino, é escritor, evita olhar nos olhos dos outros, o tipo de idiota que deixa a barba crescer no verão. Não passou uma boa impressão a Scott.

Trinta e duas horas se passaram desde a queda, um piscar de olhos e uma vida inteira. Scott ainda não tomou banho, sua pele continua salgada do mar. O braço esquerdo está em uma tipoia. Ele não tem identidade nem calça. Mesmo assim, apesar disso, está disposto a ir para a cidade mais tarde, como havia planejado. Tem reuniões agendadas. Encontros que podem ajudar sua carreira. Magnus, amigo de Scott, ofereceu-se para ir até Montauk buscá-lo. Deitado ali, Scott acha que vai ser bom vê-lo, um rosto conhecido. Ele e Magnus não são muito próximos, não são como irmãos, estão mais para companheiros de copo. No entanto, Magnus é imperturbável e incansavelmente positivo, e foi por isso que Scott pensou em ligar para ele na noite anterior. Era essencial que não falasse com ninguém que pudesse chorar. Tinha que manter as coisas tranquilas. Esse era seu objetivo. Na verdade, depois que terminara de contar a Magnus — que não tinha televisão — o que havia acontecido, ele respondera "que estranho" e sugerira que fossem beber uma cerveja.

Olhando para o menino, Scott percebe que ele acordou e o encara sem piscar.

— Oi, amigão — diz Scott, baixinho, para não acordar a tia. — Você dormiu bem?

O menino faz que sim com a cabeça.

— Quer ver um desenho?

Outro aceno de cabeça, assentindo. Scott pega o controle e troca de canal até achar um desenho animado.

— Bob Esponja? — pergunta Scott.

O menino volta a concordar com a cabeça. Ele ainda não disse nenhuma palavra desde ontem à tarde. Logo depois que haviam chegado à praia, tinha sido possível extrair algumas palavras dele, saber como estava se sentindo, se precisava de alguma coisa. Mas então, como uma ferida que incha e se fecha, ele havia parado de falar. E agora está mudo.

Scott vê uma caixa de luvas de látex cheias de talco na mesa. Enquanto o menino observa, ele pega uma delas.

— Xi... — diz.

Então, silenciosamente, finge estar enchendo o peito para espirrar. Com o *atchim*, ele pendura a luva na narina esquerda. O menino sorri.

A tia acorda e se espreguiça. É uma mulher bonita, com uma franja mal cortada, como uma pessoa que compensa o fato de dirigir um carro chique deixando de lavá-lo. Scott observa o rosto da tia enquanto ela recupera a consciência, enquanto entende onde está e o que aconteceu. Por um instante, ela quase desaba com a seriedade da situação, mas então vê o menino e se força a abrir um sorriso.

— Ei — diz, afastando o cabelo do rosto dele.

Ela olha para a TV e depois para Scott.

— Bom dia — cumprimenta ele.

Ela afasta o cabelo do próprio rosto, confere o corpo para ver se suas roupas estão no lugar apropriado.

— Desculpe — diz. — Acho que peguei no sono.

Não parece um comentário que mereça resposta, então Scott simplesmente assente. Eleanor olha para os lados.

— Você viu o... Doug? Meu marido?

— Acho que ele foi pegar café — explica Scott.

— Ótimo — diz ela, parecendo aliviada. — Isso é ótimo.

— Vocês são casados há muito tempo? — pergunta Scott.

— Não. Só, é... setenta e um dias.

— Mas para que contar, não é? — diz Scott.

Eleanor ruboriza.

— Ele é um cara legal — explica. — Acho que só está um pouco confuso agora.

Scott olha para o menino, que parou de assistir à TV e está observando Scott e sua tia. A ideia de que *Doug* está confuso por causa do que eles passaram é intrigante.

— O pai do menino tinha algum parente? — pergunta Scott. — Seu cunhado?

— O David? — confirma ela. — Não. Quer dizer, os pais dele morreram e ele... Bom, acho que ele era filho único.

— E os seus pais?

— Minha, hum, mãe ainda está viva. Ela mora em Portland. Acho que vem para cá hoje.

Scott assente.

— E vocês moram em Woodstock?

— Em Croton — explica ela. — Fica a uns quarenta minutos da cidade.

Scott imagina aquilo, uma pequena casa em um vale cheio de árvores, espreguiçadeiras na varanda. Pode ser bom para o menino. Por outro lado, pode ser desastroso; o isolamento da floresta, o escritor bêbado e ameaçador, como Jack Nicholson nas montanhas no inverno.

— Ele já esteve lá? — pergunta Scott, meneando a cabeça na direção do menino.

Ela aperta os lábios.

— Desculpe, mas por que está me fazendo todas essas perguntas?

— Bom — explica Scott —, acho que estou só curioso com o que vai acontecer com ele agora. Pode-se dizer que tenho certo interesse nisso.

Eleanor concorda. Ela parece ter medo, não de Scott, mas da vida, do que a vida dela está prestes a tornar.

— A gente vai ficar bem — diz, bagunçando o cabelo do menino. — Não é?

Ele não responde, os olhos fixos em Scott. Há certo desafio neles, um pedido. Scott pisca primeiro, depois se vira e olha pela janela. Doug entra. Está segurando um copo de café, usando um cardigã abotoado de forma errada sobre uma camisa quadriculada. Ao vê-lo, Eleanor parece aliviada.

— É para mim? — pergunta ela, apontando.

Por um instante, Doug parece confuso, então percebe que ela está falando do café.

— Ah, claro — responde e entrega-o a ela.

Scott vê que o copo está quase vazio, pela maneira como ela o segura. Vê o rosto dela ficar triste. Doug dá a volta na cama do menino e fica de pé ao lado da esposa. O pintor sente o cheiro de álcool em suas roupas.

— Como está o paciente? — pergunta Doug.

— Está bem — diz Eleanor. — Dormiu um pouco.

Analisando as costas de Doug, Scott se pergunta quanto dinheiro o menino deve herdar dos pais. Cinco milhões? Cinquenta? O pai era diretor de um império televisivo e viajava em jatinhos. Ele terá bens, imóveis. Fungando, Doug puxa as pernas da calça com ambas as mãos. Tira um pequeno carrinho de brinquedo do bolso. Ainda está com a etiqueta de preço.

— Aqui está, amiguinho — diz. — Comprei isto para você.

Existem muitos tubarões no mar, pensa Scott, observando o menino pegar o carrinho.

O Dr. Glabman entra, com os óculos apoiados no topo da cabeça. Tem uma banana muito amarela saindo do bolso do jaleco.

— Estão prontos para ir para casa? — pergunta.

Eles se vestem. O hospital dá a Scott uma calça azul do uniforme. Ele a veste com uma das mãos, encolhendo-se de dor, enquanto a enfermeira põe seu frágil braço esquerdo na manga da camisa. Quando sai do banheiro, o menino já está vestido e sentado em uma cadeira de rodas.

— Vou passar para vocês o nome de um psiquiatra infantil — avisa o médico a Eleanor, sem que o menino possa ouvir. — Ele é especialista em transtorno pós-traumático.

— A gente não mora aqui na cidade — diz Doug.

Eleanor o cala com um olhar.

— Claro — diz, pegando o cartão de visitas entregue pelo médico. — Vou ligar para ele hoje à tarde.

Scott vai até o menino e ajoelha no chão diante dele.

— Comporte-se, está bem? — diz.

O menino balança a cabeça, com lágrimas nos olhos.

— Vou visitar você — avisa Scott. — Vou dar meu telefone à sua tia. Para você poder ligar. Está bem?

O garoto não olha para ele.

Scott toca em seu pequenino braço por um instante, sem saber o que fazer. Ele não tem filhos, sobrinhos nem afilhados. Nem sequer tem certeza de que os dois estejam falando a mesma língua. Depois de um segundo, Scott se levanta e entrega a Eleanor um pedaço de papel com um número de telefone.

— Ligue quando quiser, obviamente — diz. — Não que eu saiba o que posso fazer para ajudar. Mas, se ele quiser conversar ou você...

Doug pega o papel da mão da esposa. Ele o dobra e o enfia no bolso de trás da calça.

— Pode deixar, cara.

Scott fica parado um minuto, olhando para Eleanor, depois para o garoto e, por fim, para Doug. Parece um momento importante, uma daquelas encruzilhadas decisivas da vida, quando devemos dizer ou fazer alguma coisa, mas não sabemos o quê. Só mais tarde é que atinamos. Mais tarde, a coisa que devíamos ter dito fica clara como o dia, mas, naquele instante, é apenas uma sensação incômoda, os dentes cerrados e uma leve náusea.

— Certo — diz, por fim, antes de andar até a porta, pensando que tem simplesmente que ir embora.

É a melhor coisa a fazer. Deixar o garoto ficar com a família. Mas, quando entra no corredor, ele sente dois bracinhos agarrarem sua perna e, ao se virar, vê que o menino o abraçou.

O corredor está cheio de pacientes e visitantes, médicos e enfermeiras. Scott põe a mão na cabeça do garoto, depois se abaixa e o pega no colo. Os braços do menino envolvem seu pescoço e ele o abraça com força suficiente para deixar Scott sem fôlego. O homem pisca para afastar as lágrimas.

— Não se esqueça — diz ao menino. — Você é meu herói.

Ele deixa o menino abraçá-lo pelo tempo que quer, depois o carrega de volta para a cadeira de rodas. Scott sente que Eleanor e Doug o estão observando, mas mantém os olhos fixos no menino.

— Nunca desista — diz.

Então se vira e segue para o corredor.

★ ★ ★

No início da carreira, quando estava concentrado em uma pintura, Scott se sentia submerso. Sentia a mesma pressão nos ouvidos, o mesmo silêncio abafado. As cores pareciam mais fortes. A luz se curvava e ondulava. Ele havia feito a primeira exposição coletiva aos vinte e seis anos, a primeira individual aos trinta. Cada centavo que conseguia ganhar era gasto em telas e tinta. Em algum momento da vida, ele parara de nadar. Havia galerias a visitar, mulheres com quem transar, e ele era um namorador alto de olhos verdes e com um sorriso contagiante. O que significava que sempre havia uma mulher para comprar seu café da manhã ou lhe dar um teto, pelo menos por algumas noites. Na época, isso quase compensava o fato de seu trabalho ser bom, e não ótimo. Ao olhar para ele, dava para perceber que tinha potencial, uma voz singular, mas lhe faltava algo. Anos haviam passado. As grandes exposições individuais e as aquisições de museus famosos nunca

tinham acontecido. As bienais alemãs e bolsas para gênios, os convites para pintar e dar aulas no exterior. Ele fizera trinta, trinta e cinco anos. Uma noite, depois de muitos drinques, na sua terceira abertura de exposição daquela semana, celebrando um artista cinco anos mais novo que ele, Scott percebera que nunca se tornaria o sucesso imediato que imaginou que seria, o *enfant terrible*, o superastro da cidade. O entusiasmo inebriante das possibilidades artísticas tinha se tornado esquivo e assustador. Ele era um artista menor. Isso era tudo que seria. As festas ainda eram boas. As mulheres ainda eram lindas, mas Scott se sentia mais feio. A liberdade da juventude havia sido substituída por um egoísmo de meia-idade, os casos tinham se tornado rápidos e sujos. Ele bebia para esquecer. Sozinho no ateliê, Scott ficava horas encarando a tela, esperando que as imagens aparecessem.

Nada nunca surgia.

Um dia, ele acordou e descobriu que era um homem de quarenta anos e que os vinte de bebida e decadência haviam inchado sua barriga e marcado seu rosto. Ele tinha ficado noivo uma vez, depois deixado de ficar, parara de beber e tivera uma recaída. Havia sido jovem e sem limites e, então, de alguma maneira, sua vida se tornara uma conclusão óbvia. Alguém cujo ápice fora *quase* alcançar o objetivo, mas *não* alcançá-lo. Scott já via seu obituário. Scott Burroughs, um sedutor talentoso e dissoluto, que nunca correspondeu às expectativas, que já ultrapassou o limite entre o divertido e misterioso para o grosseiro e triste. Mas quem ele estava enganando? Até o obituário era uma fantasia. Ele não era ninguém. Sua morte não lhe traria nada.

Então, depois de uma semana de festa na casa de um pintor muito mais famoso nos Hamptons, Scott se vira deitado de bruços, no chão da sala de estar. Ele tinha quarenta e seis anos. O dia começava a nascer. Cambaleando, levantara-se e saíra para o pátio. A cabeça latejava e havia um gosto de borracha em sua boca. Ele apertara os olhos sob o brilho repentino do sol, a mão se erguendo para proteger o rosto. A verdade sobre ele, sobre seu fracasso, voltara como uma dor de cabeça lancinante. Então, quando seus olhos haviam se acostumado à luz, ele baixara a mão e se pegara olhando para a piscina do artista famoso.

Tinha sido ali que o artista e sua namorada haviam encontrado Scott uma hora depois, nadando nu, o peito ardendo, os músculos doendo. Os dois haviam gritado para que ele fosse tomar um drinque com eles. Mas Scott os dispensara com um aceno. Sentia-se vivo outra vez. No instante em que tinha entrado na água, voltara a ter dezoito anos e a ganhar a medalha de ouro do campeonato nacional. Voltara a ter dezesseis anos e a executar uma virada perfeita sob a água. Voltara a ter doze anos e a se levantar antes do nascer do sol para percorrer aquela imensidão azul.

Ele voltara no tempo nadando, uma volta após a outra, até ter seis anos e estar observando Jack LaLanne arrastar um barco de mais de quatrocentos e cinquenta quilos pela baía de São Francisco, até aquela sensação voltar — aquela certeza profunda de menino:

Tudo é possível.

Tudo é alcançável.

Você só tem que querer muito.

No fim das contas, Scott não estava velho. Não estava acabado. Tinha apenas desistido.

Trinta minutos depois, ele saíra da piscina e, sem se secar, vestira-se e voltara para a cidade. Nos seis meses seguintes, nadara cinco quilômetros todos os dias. Jogara as bebidas e os cigarros fora. Cortara a carne vermelha e a sobremesa. Comprara tela após tela e as preparara para pintura cobrindo as superfícies disponíveis com um *primer* branco esperançoso. Ele era um boxeador treinando para uma luta, um violoncelista ensaiando para um concerto. O corpo era seu instrumento, maltratado como o violão de Johnny Cash, duro e cheio de farpas, mas ele ia transformá-lo em um Stradivarius.

Era o sobrevivente de um desastre, pois havia sobrevivido ao desastre que era sua vida. Então, começara a pintar isso. Naquele verão, havia alugado uma pequena casa em Martha's Vineyard e se trancara nela. O trabalho voltara a ser a única coisa que importava, só que Scott havia percebido que ele era o trabalho. *Não há como separar você das coisas que você faz*, pensou. *Se você é uma fossa, seu trabalho só pode ser uma merda.*

Ele havia adotado uma cadela e passara a preparar espaguete com almôndegas para ela. Todos os dias eram iguais. Nadar no mar. Café e um doce no mercado agrícola. Depois, horas livres no ateliê, pincéis e tinta, linhas e cores. O que vira ao terminar era animador demais para ser mencionado em voz alta. Ele tinha dado um grande salto e, ao perceber isso, ficara estranhamente assustado. Suas obras haviam se tornado seu segredo, um baú do tesouro escondido sob um solo rochoso.

Apenas recentemente ele havia saído de seu esconderijo, primeiro para comparecer a alguns jantares na ilha e depois para permitir que uma galeria do Soho incluísse uma nova tela sua em uma retrospectiva dos anos 1990. A obra chamara muita atenção. Fora comprada por um colecionador importante. O telefone de Scott havia começado a tocar. Alguns grandes agentes foram a sua casa e deram uma volta pelo ateliê. Estava acontecendo. Tudo pelo que havia trabalhado, o sonho de uma vida ia se realizar. Tudo que tinha que fazer era dar o

primeiro passo.

Por isso, ele havia entrado em um avião.

CERCA DE DEZ carros de reportagem estão estacionados na porta do hospital, equipes de cinegrafistas reunidas, esperando. Barricadas policiais foram erguidas, meia dúzia de policiais uniformizados mantém a ordem. Scott espia a cena do saguão do hospital, escondido atrás de uma planta. É ali que Magnus o encontra.

— Caramba, cara — diz ele. — Você não faz nada pela metade, não é?

Eles se dão um abraço rápido. Magnus é pintor em tempo parcial e conquistador em tempo integral, com apenas um vestígio de sotaque irlandês na voz.

— Obrigado por vir — agradece Scott.

— Não se preocupe, cara.

Magnus olha Scott de cima a baixo.

— Você está na merda, hein?

— Eu me sinto na merda — afirma Scott.

Magnus ergue uma mochila.

— Trouxe uns sutiãs, um vestido incrível e algumas calcinhas. Quer se trocar?

Scott olha por sobre o ombro de Magnus. Do lado de fora, a multidão está crescendo. Estão ali para vê-lo, para dar uma olhada, para ouvir uma parte do discurso do homem que nadou no Atlântico por oito horas, à noite, com um menino de quatro anos nas costas. Ele fecha os olhos e imagina o que vai acontecer depois que estiver vestido, depois que passar por aquelas portas, os holofotes e as perguntas, seu rosto na TV. O circo todo, a sede de sangue.

Não existem acidentes, pensa ele.

À esquerda de Scott há um longo corredor e uma porta com uma placa escrito VESTIÁRIO.

— Tenho uma ideia melhor — diz Scott. — Mas você vai ter que desrespeitar uma lei.

Magnus sorri.

— Só uma?

Dez minutos depois, Scott e Magnus saem por uma porta lateral. Ambos estão de jalecos brancos, dois médicos indo para casa no final de um longo turno. Scott segura o celular de Magnus próximo à orelha e finge falar nele. O disfarce

funciona. Eles chegam ao carro de Magnus, um Saab que já viu dias melhores, com o teto de tecido manchado pelo sol. Dentro do veículo, Scott põe a tipoia de volta no braço esquerdo.

— Só para você saber — diz Magnus —, a gente com certeza vai usar isso no bar mais tarde. Mulheres adoram médicos.

Enquanto passam pela fila de repórteres, Scott protege o rosto com o telefone. Ele pensa no menino, encolhido e minúsculo na cadeira de rodas, órfão agora e para sempre. Scott não duvida que a tia o ame, não duvida que o dinheiro que ele vai herdar dos pais vai protegê-lo de qualquer coisa parecida com falência. Mas será o suficiente? Será que o menino vai conseguir crescer e ser normal ou vai ser destruído para sempre pelo que aconteceu?

Eu devia ter pegado o número do telefone da tia, pensa Scott. Mas, ao mesmo tempo, ele se pergunta o que teria feito com aquilo. Scott não tem o direito de forçar uma participação na vida deles. E, mesmo se tivesse, o que ele tem a oferecer? O menino só tem quatro anos e Scott é um homem solteiro com quase cinquenta, um famoso galanteador e alcoólatra recuperado, um artista com dificuldades que nunca conseguiu manter um único relacionamento. Ele não é exemplo para ninguém. Não é um herói para ninguém.

Eles pegam a Long Island Expressway em direção à cidade. Scott baixa a janela e sente o vento no rosto. Apertando os olhos por causa do sol, ele quase consegue se convencer de que os acontecimentos das trinta e seis horas anteriores foram apenas um sonho. Não houve jatinho, acidente, braçadas épicas nem uma internação incômoda no hospital. Com a mistura certa de drinques e vitórias profissionais, ele pode apagar tudo. Mas, mesmo enquanto pensa aquilo, Scott sabe que é bobagem. O trauma que sofreu agora faz parte de seu DNA. Ele é um soldado após uma batalha épica, à qual vai voltar, inevitavelmente, daqui a cinquenta anos, em seu leito de morte.

Magnus mora em Long Island City, em uma fábrica de sapatos desapropriada e transformada em lofts. Antes da queda, o plano de Scott era ficar ali durante alguns dias e ir de trem até a cidade. Mas, ao trocar de faixa, Magnus diz a Scott que as coisas mudaram.

— Recebi ordens bem claras de levar você para o West Village. Você está subindo na vida — diz ele.

— Ordens bem claras de quem? — quer saber Scott.

— De uma nova amiga — explica Magnus. — É tudo que posso dizer por enquanto.

— Encoste — ordena Scott com convicção.

Magnus ergue a sobrancelha duas vezes para Scott e sorri.

Scott põe a mão na maçaneta da porta.

— Calma, amigão — pede Magnus, fazendo o carro balançar um pouco. — Dá para ver que você não está com paciência para suspense.

— Só me diga aonde a gente vai.

— Para a casa da Leslie — explica Magnus.

— Quem é Leslie?

— Pelo amor de Deus, você bateu a cabeça no acidente? Leslie Mueller? Da Galeria Mueller?

Scott não está entendendo.

— Por que a gente iria para a Galeria Mueller?

— Para a galeria, não, idiota. Para a casa dela. Ela é bilionária, lembra? Filha do nerd que inventou aquela geringonça nos anos 1990. Bom, depois que você me ligou, talvez eu tenha falado que ia buscá-lo e que íamos sair um pouco, arranjar os telefones de algumas mulheres, já que agora você é um herói de verdade e tal. E acho que ela ficou sabendo porque me ligou. Disse que viu você no jornal. Disse que a porta dela está aberta. Ela tem uma suíte de hóspedes no terceiro andar.

— Não.

— Não seja burro, companheiro. É a Leslie Mueller. Existe uma diferença entre vender um quadro por três mil dólares e vender por trezentos mil. Ou três milhões.

— Não.

— Maravilha. Já entendi. Mas então pense na *minha* carreira por um minuto. É a porra da Leslie Mueller. Minha última exposição foi em um restaurante especializado em caranguejos em Cleveland. Pelo menos vamos jantar, deixar a mulher se esfregar no seu pau enorme de herói e encomendar algumas telas. Pode até falar bem do seu amigão. Depois a gente inventa uma desculpa para ir embora.

Scott se vira para olhar pela janela. No carro ao lado, um casal está discutindo, um homem e uma mulher de vinte e poucos anos, vestidos para o trabalho. O homem está dirigindo, mas não olha para a rua. Sua cabeça está virada para o lado e ele balança uma das mãos, irritado. Em resposta, a mulher segura um batom aberto, semiaplicado, e gesticula na direção do homem, o rosto amargo de desprezo. Olhando para eles, uma imagem passa pela cabeça de Scott. Ele está no voo, o cinto de segurança afivelado. À frente, à porta aberta da cabine, a jovem aeromoça — qual era o nome dela? — está discutindo com um dos pilotos. Ela está de costas para Scott, mas o rosto do piloto pode ser visto por sobre seu ombro. É feio e carrancudo e, enquanto Scott observa, o piloto agarra o braço da mulher

com força. Ela se afasta.

Na lembrança, Scott sente o cinto de segurança soltar em sua mão. Seus pés estão apoiados no chão, as panturrilhas tensas como se ele fosse se levantar. Por quê? Para ajudá-la?

A imagem surge rápida e desaparece. Uma imagem que poderia ser de um filme, mas que parece de sua vida. Será que aconteceu? Houve algum tipo de briga?

Na faixa ao lado, o motorista furioso se vira e cospe, mas o vidro está fechado. Um fio borbulhante de cuspe escorre pelo vidro curvo e então Magnus acelera e o casal some.

Scott vê um posto de gasolina à frente.

— Você pode parar ali? — pergunta Scott. — Quero comprar um chiclete.

Magnus remexe no painel.

— Tenho um Juicy Fruit em algum lugar.

— Alguma coisa de hortelã — diz Scott. — Encoste ali, por favor.

Magnus encosta sem dar seta e estaciona na lateral.

— Vai ser rápido — afirma Scott.

— Traga uma Coca para mim.

Scott percebe que está usando uniforme de hospital.

— Me empreste vinte dólares — pede.

Magnus pensa um pouco.

— Está bem, mas prometa que a gente vai para a casa da Mueller. Aposto que ela tem um uísque no armário que foi engarrafado antes da porra do *Titanic*.

Scott o encara.

— Prometo.

Magnus saca uma nota amassada do bolso.

— E um salgadinho — pede.

Scott fecha a porta do carona. Está usando chinelos descartáveis.

— Já volto — diz ele, antes de andar até a loja de conveniência do posto.

Uma mulher robusta está atrás do balcão.

— Onde fica a porta dos fundos? — pergunta Scott.

Ela aponta.

Scott percorre o corredor curto, passa pelo banheiro. Ele abre uma porta corta-fogo pesada e para, apertando os olhos contra o sol. Há uma cerca a alguns metros dali e, atrás dela, o início de um bairro residencial. Scott põe os vinte dólares no bolso da frente da camisa e tenta escalar a cerca com uma das mãos, mas a tipoia o atrapalha, por isso ele a joga fora. Instantes depois, está do outro lado, andando por

um estacionamento vazio, os chinelos batendo nos calcanhares. É fim de verão e o ar está quente e úmido. Ele imagina Magnus no banco do motorista. Deve ter ligado o rádio, encontrado uma estação de músicas antigas. Agora provavelmente está cantando junto com o Queen, arqueando o pescoço nas notas mais altas.

Ao redor de Scott, a vizinhança é de classe baixa e há carros sem pneus nas calçadas, as águas das piscinas de plástico respingando e fazendo barulho nos quintais. Ele é um homem de uniforme de médico e chinelo, andando no calor do meio-dia. Vão achar que fugiu de um hospital psiquiátrico.

Trinta minutos depois, ele encontra uma lanchonete e entra. É só um balcão e um fogão com algumas cadeiras na frente.

— Tem um telefone que eu posso usar? — pergunta ao dominicano atrás do balcão.

— Tem que pedir alguma coisa — explica o cara.

Scott pede um balde de frango frito e um refrigerante. O atendente aponta para o telefone na parede da cozinha. Scott tira um cartão de visita do bolso e digita o número. Um homem atende no segundo toque.

— Conselho Nacional de Segurança nos Transportes.

— Gus Franklin, por favor — diz Scott.

— É ele.

— É Scott Burroughs. Do hospital.

— Como vai, Sr. Burroughs?

— Bem. Escute. Eu... Eu quero ajudar... Com a busca. O resgate. Sei lá.

Faz-se silêncio do outro lado da linha.

— Eu soube que o senhor saiu do hospital — diz Gus. — Sem ser visto pela imprensa.

Scott pensa em uma resposta.

— Eu me vesti de médico e saí pela porta dos fundos.

Gus ri.

— Muito esperto. Escute. Pus mergulhadores na água para procurar pela fuselagem, mas está indo devagar e esse caso é dos grandes. Tem alguma coisa que possa nos contar, alguma outra coisa de que tenha se lembrado sobre o acidente, sobre o que aconteceu antes?

— As lembranças estão voltando — responde Scott. — Ainda são pedaços, mas... Me deixe ajudar com a busca. Talvez se estiver lá... Talvez alguma coisa volte.

Gus pensa na possibilidade.

— Onde o senhor está?

— Bem — diz Scott —, apara início de conversa: o senhor gosta de frango frito?

QUADRO Nº 1

A PRIMEIRA COISA que chama a atenção é a luz, ou melhor, duas luzes voltadas para um único ponto, formando um brilho em forma de oito no meio da tela. O quadro é grande, dois metros e meio de largura por um e meio de altura. A tela que um dia fora branca ganhou um brilho cinza esfumaçado. Ou talvez a primeira coisa que vejamos seja a calamidade, dois retângulos escuros cortando a moldura, esfaqueada, os esqueletos metálicos brilhando ao luar. Há chamas na margem do quadro, como se a história não acabasse só porque a pintura termina, e as pessoas que veem a imagem geralmente andam até a borda da tela para procurar mais informações, para analisar microscopicamente a moldura de madeira em busca de alguma outra pista sobre o drama.

As luzes que brilham no centro da imagem são os faróis de um trem de passageiros da Amtrak, a locomotiva quase perpendicular aos trilhos de ferro retorcido que se dobram e ondulam sob ela. O primeiro vagão de passageiros se desconectou da locomotiva e agora forma o tronco de um T, já que continuou correndo e bateu bem no meio da locomotiva, transformando o contorno de pão de forma em um vago V.

Como com qualquer luz forte, o brilho dos faróis escurece a maior parte da imagem, mas, após uma análise mais minuciosa, o observador pode descobrir um único passageiro: neste caso uma mulher, vestida com uma saia preta e uma blusa branca rasgada, o cabelo bagunçado no rosto, manchado de sangue. Ela anda descalça pelos destroços afiados e, caso você consiga ver através da ilusão da luz, perceberá que está com os olhos arregalados, procurando algo. Ela é uma vítima do desastre, uma sobrevivente do calor e do impacto, catapultada de sua posição de imobilidade em uma parábola impossível de tortura inesperada, seu mundo, antes plácido — acompanhado por um leve balanço, clic, clac, clic, clac —, agora um pedaço de metal retorcido.

O que esta mulher está procurando? Apenas uma saída? Um caminho fácil e sensato até um local seguro? Ou será que perdeu alguma coisa? Alguém? Será que, no momento em que o leve balanço se tornou o ricochete de uma bala de canhão, ela deixou de ser esposa e mãe, irmã ou namorada, filha ou ficante, e se

tornou uma refugiada? Passou de um *nós* pleno e feliz a um *eu* assustado e triste?

E assim, mesmo enquanto outros quadros nos chamam, não conseguimos deixar de ficar ali, ajudando a moça a procurar.

O COLETE SALVA-VIDAS está tão apertado que torna difícil respirar, mas Scott puxa as faixas outra vez. É um gesto inconsciente. Algo que ele vem repetindo em intervalos regulares desde que subiram no helicóptero. Gus Franklin está sentado diante dele, analisando seu rosto. Ao lado dele, está o suboficial Berkman, de macacão laranja e capacete preto brilhante. Estão em um Dolphin MH-65C da Guarda Costeira, correndo sobre as ondas do Atlântico. À distância, Scott consegue distinguir os penhascos de Martha's Vineyard. Sua casa. Mas não é para lá que estão indo. Ainda não. Sneeze, a cadela de três patas, terá que esperar. Scott pensa nela, uma vira-lata branca, com um dos olhos escuro. Uma comedora de cocô de cavalo, especialista em gramas altas, que perdeu a pata direita traseira para o câncer no ano passado e voltou a subir escadas dois dias depois. Scott ligou para a vizinha depois de telefonar para Gus naquela manhã. A cadela estava ótima, disse-lhe a mulher. Estava deitada na varanda, arfando ao sol. Scott voltou a agradecer por ela cuidar do animal. Disse que retornaria para casa dali a dois dias.

— Leve o tempo que quiser — respondeu a vizinha. — Você passou por muita coisa. E parabéns. Pelo que fez pelo menino. Parabéns.

Ele pensa na cadela, sem uma pata. *Se ela pode se recuperar, por que eu não poderia?*

O helicóptero balança no ar pesado, cada gota parece uma mão que bate em um vidro tentando pegar o último amendoim. Só que nesse caso Scott é o amendoim. Ele se agarra ao assento com a mão direita, o braço esquerdo ainda na tipoia. A viagem pela costa leva vinte minutos. Olhando pela janela, para os muitos quilômetros de oceano, Scott não acredita no quanto nadou.

Scott ficou na lanchonete, bebendo água, por cerca de uma hora até que Gus chegasse. Ele havia aparecido em um sedã branco — é o carro da empresa, dissera a Scott — e entrado no restaurante com uma muda de roupas na mão.

— Tentei adivinhar seu tamanho — disse, antes de jogar as roupas para Scott.

— Tenho certeza de que vão ficar ótimas. Obrigado — respondeu ele, indo para o banheiro se trocar.

Calça cargo e um moletom. A calça estava larga demais na cintura e o moletom apertado demais nas costas — e, além disso, o ombro deslocado tornava a troca de roupas um desafio —, mas, pelo menos, ele voltou a se sentir uma pessoa normal.

Lavou as mãos e enfiou o uniforme bem no fundo do lixo.

No helicóptero, Gus aponta para estibordo. Scott segue o dedo dele até a lancha da Guarda Costeira, *Willow*, uma embarcação branca brilhante ancorada abaixo deles, no mar.

— Já esteve em um helicóptero? — berra Gus.

Scott balança a cabeça em negativa. Ele é pintor. Quem levaria um pintor para passear de helicóptero? Por outro lado, era isso que ele pensava sobre jatinhos e veja só o que aconteceu.

Ao olhar para baixo, Scott nota que a lancha está acompanhada. Meia dúzia de embarcações salpicam o mar. A polícia acredita que o avião caiu em uma parte especialmente funda do oceano. A fossa *tal*. Isso significa, segundo Gus, que eles podem levar semanas até localizar os destroços.

— É uma operação de busca e resgate conjunta — diz Gus. — Temos navios da Marinha, da Guarda Costeira e da NOAA.

— De onde?

— Da NOAA, a Administração Oceânica e Atmosférica Nacional.

Gus sorri.

— São nerds que entendem de água, com sonares laterais e de múltiplos feixes. A Força Aérea emprestou dois HC-130s e temos trinta mergulhadores da Marinha e vinte da polícia estadual de Massachusetts prontos para entrar na água se e quando encontrarmos os destroços.

Scott pensa um pouco na situação.

— Isso é normal quando um jatinho cai? — pergunta.

— Não — diz Gus. — É o padrão VIP, com certeza. É o que acontece quando o presidente dos Estados Unidos dá um telefonema.

O helicóptero vira para a direita e circunda a lancha. A única coisa que impede que Scott caia pela porta aberta é o cinto de segurança.

— Você disse que havia destroços na superfície da água quando acordou — berra Gus.

— O quê?

— Destroços na água.

Scott assente.

— A água estava pegando fogo.

— Combustível do avião — diz Gus. — O que significa que os tanques de combustível se romperam. Você teve sorte de não se queimar.

Scott faz que sim com a cabeça, lembrando.

— Eu vi... — começa. — Não sei, parte de uma asa? Talvez alguns outros

destroços. Estava escuro.

Gus assente. O helicóptero desce com um movimento rápido. O estômago de Scott sobe até a garganta.

— Um barco pesqueiro encontrou pedaços da asa perto de Philbin Beach ontem de manhã — explica Gus. — Uma bandeja de metal, um apoio de cabeça e um assento de privada. Ficou claro que não estamos procurando uma aeronave intacta. Parece que o avião todo se desmontou. Talvez a gente encontre mais coisas na praia nos próximos dias, dependendo da correnteza. A questão é: ele se partiu com algum impacto ou no ar?

— Desculpe. Eu gostaria de poder explicar melhor. Mas, como disse, em algum momento, eu bati a cabeça.

Scott olha para o oceano, quilômetros infinitos de mar aberto, até onde a vista alcança. Pela primeira vez ele pensa: *Talvez o fato de estar escuro tenha sido bom*. Se ele tivesse visto a vastidão que o cercava, o vazio épico, talvez nunca tivesse conseguido.

Diante dele, Gus come amêndoas de um saquinho plástico. Enquanto as pessoas comuns apreciam a beleza das ondas e do mar, Gus, um engenheiro, vê apenas a função prática delas. A gravidade, as correntes marítimas e o vento. A poesia para o homem comum é um unicórnio visto de canto de olho — uma breve visão inesperada do intangível. Para um engenheiro, apenas a engenhosidade das soluções pragmáticas são poéticas. A função sobre a forma. Não é uma questão de otimismo ou pessimismo, um copo meio cheio ou meio vazio.

Para um engenheiro, o copo é simplesmente grande demais.

Era assim que Gus Franklin via o mundo quando jovem. Criado em Stuyvesant Village por um pai catador de lixo e uma mãe dona de casa, Gus — o único negro de sua aula de cálculo avançado — tinha se formado com o mérito *summa cum laude* na Universidade de Fordham. Ele via beleza não na natureza, mas no projeto elegante dos aquedutos romanos e dos microchips. Para sua mente, todos os problemas da Terra podiam ser resolvidos com o conserto ou a substituição de uma peça. E, caso a falha operacional fosse mais sorrateira, bastaria desmontar todo o sistema e começar de novo.

Fora isso que ele havia feito com seu casamento depois que a mulher cuspira em sua cara e saíra batendo a porta em uma noite chuvosa de 1999. *Você não sente nada?*, tinha gritado ela alguns segundo antes. E Gus franzira a testa e pensara na pergunta — não porque a resposta era "não", mas porque ele claramente tinha sentimentos. Só não eram os sentimentos que ela queria.

Por isso ele dera de ombros. E ela cuspira e saíra batendo a porta.

Dizer que a esposa dele era emotiva era um eufemismo. Belinda era a pessoa com a cabeça menos mecânica que Gus já havia conhecido — ela, certa vez, tinha dito que o fato de flores terem nomes latinos *tirava o mistério delas*. Esse, percebera ele (o cuspe escorrendo pelo rosto), fora o erro fatal em seu casamento, aquilo que não podia ser consertado. Eles eram incompatíveis, um bloco quadrado em um buraco redondo. Na verdade, sua vida ia exigir uma reformulação sistêmica — no caso, um divórcio.

Naquele solitário ano de casamento, ele havia tentado aplicar soluções práticas para problemas irracionais. Ela achava que ele trabalhava demais — mas, na verdade, ele trabalhava menos que a maioria de seus colegas, por isso o termo *demais* parecia mal utilizado. Ela queria filhos imediatamente, mas ele acreditava que deviam esperar até que sua carreira estivesse mais estabelecida, ou seja, que seu salário aumentasse e resultasse em um orçamento maior para moradia, logo um apartamento maior — em termos claros: um lugar com espaço para crianças.

Por isso Gus sentara-se ao lado dela em um sábado e mostrara uma apresentação em PowerPoint sobre o assunto — completa, com gráficos e planilhas —, contendo uma equação que demonstrava que o momento perfeito para a concepção (supondo, claro, uma série de dados: sua evolução na hierarquia, o aumento gradual na renda etc.) seria setembro de 2002, dali a três anos. Belinda o havia chamado de robô sem emoções. Ele dissera a ela que robôs, por definição, não tinham emoções (pelo menos até aquele momento), mas que ele claramente não era um robô. Tinha sentimentos. Eles só não o controlavam da maneira que a controlavam.

O divórcio tinha sido muito mais simples do que o casamento, especialmente porque ela havia contratado um advogado impelido por um desejo imediatista de ganho financeiro — ou seja, alguém com um objetivo claro e racional. E assim Gus Franklin voltara a ser um homem solitário e — como havia projetado em sua apresentação de PowerPoint — acabara avançando depressa, escalando cargos na Boeing e, por fim, aceitara uma função de líder investigativo no Conselho Nacional de Segurança nos Transportes, onde estivera nos últimos onze anos.

No entanto, com o passar dos anos, Gus acabara percebendo que seu cérebro mecânico havia evoluído. Sua antiga visão limitada do mundo — como uma máquina que operaria com uma função mecânica dinâmica — tinha florescido e crescido. Grande parte da mudança havia sido provocada pelo novo cargo de investigador de acidentes em transportes de grande escala, que o expunha à morte e à urgência da tristeza humana cotidianamente. E, como dissera à ex-mulher, ele não era um robô. Sentia amor. Entendia a dor da perda. A questão era que, em sua

juventude, aqueles fatores haviam parecido controláveis, como se a tristeza fosse uma simples falha na maneira de o intelecto gerenciar os subsistemas do corpo.

Mas seu pai fora diagnosticado com leucemia em 2003. Ele falecera em 2009 e a mãe de Gus morrera em decorrência de um aneurisma um ano depois. O vazio que as mortes deixaram era impossível de compreender por meio da lógica prática de um engenheiro. A máquina que acreditava ser havia quebrado e Gus se vira imerso em uma experiência que havia testemunhado durante anos em seu trabalho no Conselho Nacional de Segurança nos Transportes, mas que nunca tinha entendido de verdade. A tristeza. A morte não era um conceito teórico. Era um buraco negro existencial, um enigma animal, tanto problema quanto solução, e a tristeza que ela gerava não podia ser consertada ou resolvida como uma transmissão quebrada — podia apenas ser suportada.

Por isso, hoje, aos cinquenta e um anos, Gus Franklin deixou a inteligência simples para trás e se aproximou de algo que só pode ser descrito como sabedoria, definida, neste caso, pela habilidade de entender os pedaços factuais e práticos de um acontecimento, mas também toda sua implicação humana. A queda de um avião não é simplesmente a soma de uma série de acontecimentos no tempo + elementos mecânicos + elementos humanos. É uma tragédia incalculável, que nos mostra a suprema finitude do controle humano sobre o universo e o poder esmagador da morte coletiva.

Por isso, quando o telefone tocara naquela noite do fim de agosto, Gus fizera o que sempre fazia. Começara a prestar atenção e pusera seu lado engenheiro para trabalhar. Mas também havia pensado nas vítimas — tripulantes, civis e, para piorar, duas crianças pequenas com toda a vida pela frente — e nas dificuldades e perdas que as pessoas deixadas para trás enfrentariam.

No entanto, primeiro vinham os fatos. Um jatinho — *fabricante? modelo? ano de fabricação? histórico?* — havia desaparecido — *aeroporto de onde tinha saído? destino? última transmissão por rádio? dados do radar? condições climáticas?*. Outros aviões da região haviam sido contatados — *alguém o vira?* —, assim como outros aeroportos — *o voo foi desviado ou entrou em contato com outra torre?*. Mas ninguém tinha visto nem ouvido nada sobre o voo desde o segundo em que a torre de controle do Aeroporto Teterboro o perdera de vista.

Uma série de telefonemas havia sido feita, uma equipe de trabalho, reunida. À luz do dia, telefones tocavam em escritórios e carros. No meio da noite, tocavam em quartos, perturbando o sono.

Quando chegara ao carro, já havia uma lista de passageiros. Projeções foram feitas — *quantidade de combustível* X *velocidade máxima* = *nossa possível área de busca.*

Sob suas ordens, a Guarda Costeira e a Marinha tinham sido contatadas, helicópteros e fragatas, disponibilizados. Assim, quando Gus chegara ao Aeroporto Teterboro, uma busca já estava sendo realizada no mar. Todos ainda torciam por um problema no rádio e uma aterrisagem segura em algum lugar desconhecido, mas sabiam que era improvável.

Vinte e duas horas passariam antes que os primeiros destroços fossem encontrados.

DEPOIS DE TODO o drama da descida, o pouso do helicóptero foi tranquilo, como o de um pé que testa a água. Eles saem da aeronave, as pás girando acima deles. À sua frente, Scott vê dezenas de marinheiros e técnicos a postos.

— Quanto tempo depois que sumimos... — começa a dizer, mas, antes que possa terminar, Gus já está respondendo:

— Vou ser sincero. A torre de controle do Teterboro fez merda. Ninguém notou que o voo estava fora do radar por seis minutos. Bom, isso é muito tempo para um controlador de voo e abre uma enorme área de busca em todas as direções. Porque talvez o avião tenha caído imediatamente ou talvez tenha saído do radar e continuado voando. Sobre a água, qualquer coisa abaixo de onze mil pés não aparece no radar, então um avião pode facilmente chegar a essa altura e continuar voando. Depois tem o seguinte: *e se o avião mudou de direção?* Onde devemos procurar? Então o controlador percebeu que o avião tinha sumido e, primeiro, tentou localizar a aeronave pelo rádio. Mais noventa segundos. Depois, ligou para outros aviões que estavam na área para saber se tinham visto alguma coisa. Porque talvez seu avião só estivesse com um problema na antena ou com o rádio quebrado. Mas ele não encontrou ninguém que o tivesse visto. Então, ligou para a Guarda Costeira e disse: "Um avião está fora do radar há oito minutos. A última localização era esta, estava indo para tal direção a esta velocidade." E a Guarda Costeira pôs um navio na água e um helicóptero no ar.

— E quando ligaram para você?

— Seu voo caiu na água perto das dez e dezoito da noite de domingo. Às onze e meia eu já estava indo para o Aeroporto Teterboro com a minha equipe.

Um avião HC-130 da Força Aérea ruge acima dele. Scott se abaixa por reflexo, cobrindo a cabeça. O avião é um monstrengo pesado, com quatro propulsores.

— Está procurando sinais de *transponder* — explica Gus sobre o avião. — Basicamente, vamos usar todos esses navios, helicópteros e aviões para fazer uma busca visual em uma área cada vez maior. E estamos usando o sonar no fundo do oceano para procurar pedaços de fuselagem. Queremos recuperar tudo que pudermos, mas especialmente a caixa-preta do avião, porque isso e o gravador de voz da cabine vão nos contar o que aconteceu dentro daquela aeronave segundo a

segundo.

Scott vê o avião dar a volta e manobrar para fazer uma segunda aproximação.

— E não houve nenhum contato por rádio? — pergunta. — Nenhum pedido de socorro? Nada?

Gus guarda o caderninho no bolso.

— A última coisa que o piloto disse foi: "GullWing 613, muito obrigado", alguns minutos depois da decolagem.

O navio se ergue por trás de uma onda. Scott segura o corrimão para se equilibrar. À distância, vê o navio da NOAA se mover lentamente.

— Cheguei no Teterboro às onze e quarenta e seis — continua Gus — e conferi os fatos com a torre de controle. Um jatinho particular sem plano de voo e com um número desconhecido de passageiros tinha desaparecido na água havia uma hora e vinte minutos.

— Eles não passaram o plano de voo?

— Não é obrigatório para aviões particulares dentro dos Estados Unidos. Havia uma lista de passageiros, mas só incluía a família. Então era a tripulação mais quatro. Mas eu soube, pelo aeroporto de Martha's Vineyard, que eles achavam que pelo menos sete pessoas estavam a bordo e tive que descobrir quem mais estava no avião e se isso tinha alguma coisa a ver com o que havia acontecido. O que, naquele momento, a gente ainda não sabia o que era. Será que o avião tinha mudado de curso e voado para a Jamaica? Ou pousado em um aeroporto diferente em Nova York ou Massachusetts?

— Nessa hora eu já estava nadando, eu e o menino.

— É, estavam. E já havia três helicópteros da Guarda Costeira no ar, e talvez até um da Marinha, porque, cinco minutos depois que entrei na torre de controle, recebi um telefonema do meu chefe, que tinha recebido uma ligação do chefe dele, dizendo que David Bateman era uma pessoa muito importante, o que eu já sabia, e que o presidente já estava monitorando a situação, o que significava que eu não podia cometer erros em circunstância nenhuma e que uma equipe do FBI ia me encontrar e talvez alguém com um cargo alto na Segurança Nacional.

— E quando foi que você ficou sabendo do Kipling?

— A Agência de Controle de Ativos Estrangeiros me ligou enquanto eu estava voando do Teterboro para Martha's Vineyard. Disseram que tinham grampeado o telefone de Ben Kipling e que achavam que ele estava no avião. O que significava que, além do FBI e da Segurança Nacional, dois agentes do Tesouro iam se juntar à equipe e eu ia precisar de um helicóptero maior.

— Por que está me contando isso? — pergunta Scott.

— Você pediu.

— E foi por isso que me trouxe aqui? Porque eu pedi?

Gus pensa no que dizer, a verdade humana *versus* a verdade estratégica.

— Você disse que talvez isso o ajudasse a lembrar — responde.

Scott balança a cabeça.

— Não. Eu sei que não devia estar aqui. Não é assim que vocês trabalham.

Gus pensa.

— Sabe quantas pessoas sobrevivem à maioria dos acidentes de avião? Nenhuma. Talvez estar aqui ajude você a se lembrar de alguma coisa. Ou talvez eu só esteja cansado de ir a enterros. Talvez eu queira que saiba que valorizo o que você fez.

— Não diga *pelo menino*.

— Por que não? Você salvou a vida dele.

— Eu... estava nadando. Ele gritou. Qualquer pessoa teria feito o que eu fiz.

— Elas teriam tentado.

Scott olha para a água, mordendo o lábio.

— Então o fato de eu ter sido da equipe de natação no ensino médio me torna um herói?

— Não. Você é um herói porque agiu heroicamente. E eu trouxe você aqui porque isso significa alguma coisa para mim. Para todos nós.

Scott tenta se lembrar da última vez em que comeu.

— Ei, o que ele quis dizer?

— Quem?

— No hospital. Quando aquele cara do FBI disse que o Boston jogou ontem à noite. O cara da OSPRY falou alguma coisa sobre beisebol.

— É. O Dworkin estava rebatendo. Ele joga pelo Red Sox.

— E?

— E no domingo à noite ele quebrou um recorde. Foi o jogador que ficou mais tempo rebatendo em um único jogo.

— E daí?

Gus sorri.

— Ele fez isso enquanto vocês estavam voando. Vinte e duas rebatidas em pouco mais de dezoito minutos, do instante em que vocês decolaram até segundos antes da queda.

— Você só pode estar brincando.

— Não. Foi o cara que ficou mais tempo rebatendo em toda a história do beisebol. E esse tempo foi exatamente igual à duração do seu voo.

Os olhos de Scott voltam à água. Nuvens cinzentas e pesadas estão se reunindo no horizonte. Ele lembra que um jogo passava na TV, que algo incrível parecia estar acontecendo — pelo menos os outros dois homens a bordo estavam ficando animados com aquilo. *Olhe só isso, querida* e *Dá para acreditar nesse cara?* Mas Scott nunca havia ligado muito para esportes e quase nunca assistia a nada. No entanto, ali, ao ouvir a história — a coincidência —, sentiu os pelos da nuca se arrepiarem. Duas coisas acontecem ao mesmo tempo. Ao serem contadas, conectam-se. Convergência. É uma daquelas coisas que *parecem* significativas, mas não são. Pelo menos ele acha que não. Como poderiam ser? Um rebatedor do Boston lança bolas para as arquibancadas enquanto um pequeno avião abre caminho pela névoa costeira baixa. Quantos milhões de outras atividades começam e terminam ao mesmo tempo? Quantos outros "fatos" convergem da maneira certa e criam uma conectividade simbólica?

— Os primeiros relatórios sobre o piloto e o copiloto pareciam tranquilos — diz Gus. — O piloto Melody era um veterano de vinte e três anos que trabalhava para a GullWing há onze. Sua ficha não tinha nenhuma marca negativa, nenhuma menção, nenhuma queixa. Mas ele teve uma infância interessante: foi criado pela mãe solteira, que o levou para morar com um grupo que acreditava no fim do mundo.

— Tipo o culto do Jim Jones na Guiana? — pergunta Scott.

— Não sabemos — responde Gus. — Estamos investigando, mas o mais provável é que seja só um detalhe.

— E o outro? — indaga Scott. — O copiloto?

— Tem uma história mais interessante — explica Gus. — É claro que nada pode ser divulgado, mas você provavelmente vai ver grande parte dela no jornal. Charles Busch era sobrinho de Logan Birch, o senador. Cresceu no Texas. Passou um tempo na Guarda Nacional. Parece que era meio playboy. Algumas queixas na ficha, a maior parte por problemas na aparência, como ir trabalhar sem fazer a barba. Devia ter bebido demais na noite anterior. Mas nenhum problema sério. Estamos conversando com a companhia aérea, tentando entender melhor.

James Melody e Charles Busch. Scott mal vira o copiloto, tinha apenas uma vaga lembrança do comandante Melody. Ele tenta gravar os detalhes. São pessoas que morreram. Cada uma tinha uma vida, uma história.

Ao redor deles, o mar se agita. A lancha da Guarda Costeira se ergue e balança.

— Parece que vem uma tempestade por aí — diz Scott.

Gus se segura no corrimão e olha para o horizonte.

— A não ser que seja um furacão de categoria quatro, não vamos abandonar as

buscas.

★ ★ ★

Scott toma uma xícara de chá na cabine enquanto Gus coordena a busca. Há uma TV ligada transmitindo imagens do navio em que ele está, gravadas por um helicóptero, a busca sendo transmitida ao vivo. Scott sente que está em uma sala de espelhos e que sua imagem se reflete infinitamente. Dois marinheiros aproveitam o intervalo para tomar café e se ver na televisão.

A imagem do grupo de resgate é substituída por uma tomada em close-up: Bill Cunningham de suspensórios vermelhos.

— Observando o andamento da busca. Às quatro da tarde, não perca o programa especial: *Nossos céus são seguros?* Mas, olhem, já segurei minha língua por tempo suficiente. Essa história toda cheira muito mal para mim. Porque, se o avião realmente caiu, então onde estão os *corpos*? Se David Bateman e a família estão mesmo... mortos, então por que ainda não vimos... E agora fico sabendo, a ALC divulgou a história algumas horas depois do acidente, que Ben Kipling, o famoso especialista em finanças, segundo dizem, estava no voo... Que Ben Kipling ia ser indiciado pelo Tesouro por fazer negócios com o inimigo. É isso mesmo, pessoal, por investir dinheiro obtido ilegalmente de países como o Irã e a Coreia do Norte. E se esse desastre foi provocado por um país inimigo que queria aparar as arestas? Calar a boca do traidor do Kipling de uma vez por todas? Por isso temos que perguntar. Por que o governo não dá a esse acidente o nome certo: um ataque terrorista?

Scott dá as costas para a TV e toma o chá servido em copo de papel. Ele tenta ignorar as vozes.

— E outra coisa importante: quem é esse homem, Scott Burroughs?

Espera aí, como é que é? Scott se vira. Na tela há uma foto dele tirada em algum momento da última década: um retrato feito para uma exposição em Chicago.

— É, eu sei, estão dizendo que ele salvou um menino de quatro anos, mas quem ele é e o que estava fazendo naquele avião?

Depois surge uma imagem ao vivo da casa de Scott em Martha's Vineyard. *Como isso é possível?* Scott vê a cadela de três patas à janela, latindo sem emitir som.

— A Wikipédia diz que ele é pintor, mas não dá informações pessoais. Entramos em contato com a galeria de Chicago onde o Sr. Burroughs supostamente fez sua última exposição em 2010, mas eles disseram que nunca o

encontraram. Por isso, pensem bem: como um zé-ninguém que não exibe uma tela há cinco anos foi parar em um avião de luxo com dois dos homens mais ricos de Nova York?

Scott observa sua casa na TV. Tem um andar e telhado em declive, alugada de um pescador grego por novecentos dólares por mês. Ela precisa de uma camada de tinta — e ele espera a piada inevitável de Cunningham, a casa do pintor que precisa de pintura, mas não a ouve.

— Por isso, agora, ao vivo neste canal, este jornalista pede: se você conhece esse pintor misterioso, por favor, ligue para cá. Me convençam de que o Sr. Burroughs é real e não um agente infiltrado que passou anos bancando o fracassado e acabou de ser usado pelo Estado Islâmico.

Scott toma um gole do chá, percebendo o olhar dos dois soldados. Sente uma presença atrás de si.

— Parece que é melhor você não voltar para casa — afirma Gus, que parou atrás de Scott.

Scott se vira.

— Pelo jeito... — diz.

Ele sente um dilema absolutamente novo: quem ele é por dentro *versus* essa nova imagem, sua nova identidade como pessoa pública, seu nome pronunciado com desprezo por um rosto famoso. Caso vá para casa, vai sair de sua vida e cair em uma tela. Vai se tornar posse deles.

Gus observa a TV por um instante, depois vai até ela e a desliga.

— Tem algum lugar onde possa ficar por alguns dias? — pergunta. — Sem chamar atenção?

Scott pensa a respeito e não encontra uma alternativa. Ele havia ligado para o único amigo que tinha e o deixara no estacionamento de um posto de gasolina. Tem primos em algum lugar, uma ex-noiva, mas imagina que essas pessoas já foram descobertas no Google pela curiosidade moderna. Ele precisa de alguém não linear, de um nome gerado de forma aparentemente aleatória, que nenhum olhar, nenhum algoritmo computacional possa prever.

Então um nome surge em sua cabeça, após um disparo sináptico cósmico. Duas palavras ditas com sotaque irlandês pintam uma imagem: uma mulher loura com bilhões de dólares.

— É, acho que sei para quem ligar.

ÓRFÃOS

ELEANOR SE LEMBRA de quando eram meninas. Não havia *seu e meu*. Tudo que ela e Maggie tinham era comum: a escova de cabelo, os vestidos listrados e de bolinhas, as bonecas doadas. Elas ficavam sentadas na pia da fazenda, olhando para o espelho e penteando o cabelo uma da outra, música tocando na sala de estar — Pete Seeger e Arlo Guthrie ou The Chieftains —, o barulho do pai cozinhando. Maggie e Eleanor Greenway, de oito e seis anos, ou doze e dez anos, compartilhavam CDs, sonhavam com os mesmos garotos. Eleanor era a mais nova, uma criança loura e animada. Maggie dançava, girava com uma longa fita até ficar tonta. Eleanor apenas observava, sem parar de rir.

Eleanor nunca havia pensado em si mesma como *eu*. Toda frase que saía de sua cabeça começava com *nós*. Quando Maggie foi para a faculdade, Eleanor tivera que aprender a pensar no singular. Ela se lembrava do primeiro feriadão, de ficar girando no quarto vazio, esperando uma risada que nunca vinha. E de como aquela sensação de estar sozinha provocava uma inquietação que a corroía por dentro como insetos andando sobre seus ossos. Por isso, na segunda-feira, quando a escola começara, ela havia se jogado de cabeça nos meninos, e abrira, pela primeira vez, os olhos para a ideia de formar um casal com alguém. Na sexta, já estava namorando Paul Aspen. E, quando o relacionamento terminara três semanas depois, ela o havia trocado por Damon Wright.

Era a luz que a guiava, essa ideia de nunca ficar sozinha outra vez.

Na década seguinte, ela conhecera uma série de homens, paqueras e paixonites, substitutos. Dia sim, dia não, Eleanor ignorava seu principal defeito, trancando a porta e fechando a janela, os olhos fixos à frente, mesmo quando as batidas se tornavam cada vez mais fortes.

Conhecera Doug três anos antes em Williamsburg. Havia acabado de fazer trinta e um anos, trabalhava como temporária no sul de Manhattan e fazia ioga à noite. Morava com duas amigas em um prédio de três andares, sem elevador, em Carroll Gardens. O último amor de sua vida, Javier, a abandonara uma semana antes — depois que ela encontrara manchas de batom em sua cueca — e, na maior parte dos dias, Eleanor se sentia como um saco de papel molhado na chuva.

Suas colegas tinham dito que ela devia tentar ficar sozinha um pouco. No norte da cidade, Maggie dissera a mesma coisa, mas, toda vez que tentava, Eleanor tinha a mesma sensação, a inquietação que a corroía por dentro.

Eleanor havia passado o fim de semana com Maggie e David. Lembrava-se de ter ajudado com as crianças, mas, na verdade, havia apenas ficado deitada no sofá, olhando pela janela e tentando não chorar. Duas noites depois, ela fora com amigos do trabalho a um restaurante hipster barato perto da linha L do metrô, e então se deparara com Doug. Ele tinha a barba fechada e usava macacão. Ela gostara dos olhos dele, das rugas que se formavam quando ele sorria. Puxara conversa quando Doug fora até o balcão buscar outra cerveja. Ele contara que era um escritor que, para não escrever, dava jantares elaborados. Seu apartamento era cheio de máquinas misteriosas de preparação de comida: abridores de massa vintage e uma máquina de cappuccino de quase cento e quarenta quilos que ele reconstruíra, parafuso por parafuso. No ano anterior, ele tinha começado a curar os próprios salames e comprava tripas do açougueiro de um bairro vizinho. O truque era controlar a umidade para que o botulismo não se instalasse. Ele a chamara para provar de seus salames. Ela respondera que aquilo soava estranho.

Doug contara que estava trabalhando no "maior romance americano" — ou talvez em um peso de papel feito totalmente de folhas de papel. Os dois tinham bebido cerveja e ignorado os amigos. Ela fora para casa com ele uma hora depois e vira que ele dormia em lençóis de flanela, mesmo no verão. A decoração da casa era uma mistura de rusticidade e ciência maluca. Tinha uma cadeira de dentista vintage, que ele estava remontando. Uma TV tinha sido acoplada ao braço dela. Nu, ele parecia um urso e cheirava a cerveja e serragem. Deitada sob ele, Eleanor se sentira um fantasma, vendo-o se mover como se estivesse fazendo amor com a sombra dela.

Doug avisara que tinha problemas para se envolver e que bebia demais. Eleanor dissera: *Ei, eu também*. E os dois riram daquilo. A verdade era que ela não bebia tanto, mas ele, sim, e que o grande peso de papel americano o chamava em horas estranhas e inspirava nele ataques de autopiedade e raiva. Ela acordava suando sob os lençóis de flanela e, ao se levantar, descobria que ele estava destruindo a escrivaninha (uma velha porta apoiada sobre dois cavaletes).

Mas, quando o sol nascia, ele era carinhoso e muitos de seus amigos apareciam noite e dia; dessa maneira, Eleanor nunca tinha a oportunidade de ficar sozinha. Doug se entregava à distração e largava tudo para começar uma aventura culinária — encontrar um descaroçador de cerejas na rua Orchard ou ir de metrô ao Queens para comprar carne de cabra de haitianos. A presença dele era tão

marcante que Eleanor nunca se sentia sozinha, mesmo quando ele voltava tarde para casa. Ela se mudara para o apartamento dele um mês depois e, quando se sentia só, colocava uma de suas camisas e comia sobras sentada no chão da cozinha.

Ela tirara a licença de massagista e começara a trabalhar em uma clínica de ponta no bairro de Tribeca. Seus clientes eram estrelas do cinema e banqueiros. Eram simpáticos e davam boas gorjetas. Já Doug fazia bicos: serviços aleatórios de carpinteiro e coisas do tipo. Ele tinha um amigo que reformava restaurantes e o pagava para encontrar e reformar fogões vintage. Para Eleanor, eles estavam felizes e faziam o que jovens casais deviam estar fazendo nos tempos modernos.

Ela o apresentara a David, Maggie e as crianças, mas vira que Doug não gostava de ficar perto de um homem tão talentoso e rico quanto David. Eles haviam comido na sala de jantar da família (era mais fácil para as crianças), em uma mesa para doze pessoas, e ela vira Doug beber uma garrafa de vinho francês e inspecionar os eletrodomésticos de ponta (um fogão Wolf de oito bocas, uma geladeira Sub-Zero) com inveja e desdém ("você pode comprar as ferramentas, mas não o talento para usá-las"). No metrô, indo para casa, Doug criticara o "republicano que bancava a irmã dela" e agira como se David tivesse esfregado a cara deles em suas falhas. Eleanor não havia entendido. Sua irmã estava feliz. David era legal e as crianças eram uns anjos. E, não, ela não concordava com a opinião política do cunhado, mas ele não era má pessoa.

Mas Doug tinha a mesma reação clichê exagerada à riqueza que a maioria dos homens barbados de sua idade. Eles a difamavam, mesmo quando a cobiçavam. Ele começara um monólogo que durara todo o trajeto da linha seis do metrô, tendo sobrevivido à troca de trem na Union Square e chegado ao quarto deles na avenida Wythe. Falara que David vendia ódio para brancos armados. Que o mundo estava pior do que nunca porque David traficava extremismo e cultura de ódio.

Eleanor acabara lhe dizendo que não queria mais falar sobre o assunto e indo dormir no sofá.

Os dois tinham se mudado para Westchester em maio. Doug comprara um restaurante em Croton-on-Hudson com alguns amigos. Na verdade era mais um espaço vazio, e a ideia era se mudar para lá e ele e os amigos construírem o lugar do zero. Mas o dinheiro era pouco e um dos amigos tinha pulado do barco no último minuto. O outro se dedicara por seis meses em tempo parcial, depois engravidara uma aluna do ensino médio e fugira de volta para a cidade. O espaço estava semiconstruído: era basicamente uma cozinha e algumas caixas de ladrilhos

brancos apodrecendo em uma poça de água parada.

Doug vai com a velha picape até o local quase todos os dias, mas apenas para beber. Ele instalou um computador em um canto e trabalha em seu peso de papel quando tem vontade, coisa que não costuma acontecer. O contrato de aluguel expira no fim do ano e, caso Doug não consiga transformá-lo em um restaurante funcional (o que parece impossível agora), eles vão perder o espaço e todo o dinheiro que investiram.

Em determinado momento, Eleanor havia sugerido (apenas sugerido) que David podia emprestar dez mil a eles para que terminassem o lugar. Doug desdenhara dela e começara uma ladainha de dois dias sobre como ela devia ter se casado com um idiota rico como a maldita irmã dela. Naquela noite, ele não havia voltado para casa e ela ficara deitada, sentindo a velha inquietação que a corroía por dentro.

Por um tempo, ela tivera a impressão de que o casamento deles seria apenas outra planta que deixaria de crescer, sufocada pela falta de dinheiro e pela morte dos sonhos.

Então, David, Maggie e a linda Rachel morreram e o casal havia ganhado mais dinheiro do que jamais poderia gastar.

★ ★ ★

Três dias depois do acidente, eles estão sentados em uma sala de conferências no último andar do edifício da Avenida Park, 432. Doug, sob protesto, pôs uma gravata e penteou o cabelo, mas a barba ainda está desgrenhada, e Eleanor acha que ele ficou um ou dois dias sem tomar banho. Ela está usando um vestido preto e saltos baixos e, sentada, segura a bolsa com força. Estar ali, naquele edifício, enfrentando uma legião de advogados, a importância daquilo tudo, a chateia profundamente. Abrir o testamento deles, ler as diretrizes de um documento que deve ser lido em caso de morte, é uma prova irrefutável de que alguém que você ama morreu.

A mãe de Eleanor está cuidando do menino no norte do estado. Eleanor sentira um embrulho no estômago enquanto estavam saindo. Ele parecera muito alheio e triste quando ela o abraçara para se despedir, mas sua mãe garantira que eles ficariam bem. Afinal, era neto dela. Eleanor se forçara a entrar no carro.

Durante a viagem, Doug não havia parado de perguntar quanto dinheiro ela achava que eles iriam ganhar e ela explicara que o dinheiro não era deles. Era de J.J. e haveria um fundo e, como tutora do menino, ela poderia usar o dinheiro para

cuidar dele, mas não para benefício próprio. E Doug respondera: *Claro, claro*, assentindo e agindo como se dissesse *É claro que sei disso*, mas ela vira pela maneira que ele dirigia e pelo fato de ter fumado meio pacote de cigarros em uma hora e meia que Doug sentia que tinha ganhado na loteria e estava esperando receber um enorme cheque simbólico.

Olhando pela janela, ela pensa no instante em que viu J.J. no hospital pela primeira vez, depois se lembra de três dias antes, do momento em que o telefone tocou e ela descobriu que o avião de sua irmã estava desaparecido. E de como havia ficado sentada sob as cobertas muito tempo depois de ter desligado, segurando o fone, enquanto Doug dormia ao seu lado, de costas, roncando para o teto. Ela encarara as sombras até o telefone tocar de novo, em algum momento após o nascer do sol, e uma voz de homem avisar que seu sobrinho estava vivo.

Só ele?, perguntara ela.

Até agora, sim. Mas continuamos a procurar.

Ela acordara Doug e lhe contara que tinham que ir para um hospital em Long Island.

Agora?, perguntara ele.

Ela havia dirigido. Engrenara o carro antes que Doug, com a braguilha aberta e o moletom semivestido, tivesse fechado a porta. Dissera-lhe que um acidente havia acontecido em algum lugar no oceano. Que um dos passageiros nadara quilômetros até o litoral, carregando o menino. Queria que ele dissesse a ela para não se preocupar, que, se haviam sobrevivido, então os outros também teriam, mas ele não dissera nada. Seu marido se sentara no banco do carona e perguntara se podiam parar para tomar um café.

Ela não se lembra do resto. Lembra-se de sair do carro em um pulo, na área de desembarque do hospital, lembra-se do pânico que sentiu enquanto procurava pelo quarto de J.J. Será que ela se lembrara de abraçar o menino ou conhecer o herói na cama ao lado dele? Ele é uma forma, uma voz, iluminada pelo sol. O nível de adrenalina dela estava tão alto, a surpresa diante da magnitude dos acontecimentos, do tamanho que a vida podia adquirir — helicópteros circundando ondas, navios da Marinha a postos. Tão enorme que preenchia as telas de três milhões de televisões, tão enorme que sua vida se tornara um mistério histórico a ser discutido, os detalhes vistos e revistos, tanto por amadores quanto por profissionais.

Ali, na sala de conferências, ela fecha as mãos, luta contra o formigamento e tenta sorrir. Diante dela, Larry Page sorri de volta. Há dois advogados, um de cada lado dele, separados por gênero.

— Olhe — diz Larry —, vamos ter tempo para as minúcias depois. Esta reunião é mesmo só para dar a vocês uma noção geral do que David e Maggie queriam para os filhos caso... Na eventualidade da morte deles.

— É claro — responde Eleanor.

— Quanto é? — pergunta Doug.

Eleanor o chuta por baixo da mesa. O Sr. Page franze a testa. Ele espera certo decoro, um desinteresse estudado, ao lidar com questões relativas à riqueza extrema.

— Bem — diz ele —, como expliquei, os Bateman estabeleceram um fundo para ambas as crianças, dividindo os bens entre os dois. Mas como a filha deles...

— Rachel — corrige Eleanor.

— É, Rachel. Como a Rachel não sobreviveu, todos os bens vão para o J.J. Isso inclui todos os imóveis: a casa em Manhattan, a de Martha's Vineyard e o pequeno apartamento em Londres.

— Espere — diz Doug. — O... *o quê*?

O Sr. Page continua:

— Além disso, os testamentos deles estabelecem a doação de um grande valor em dinheiro e ações para várias instituições de caridade. Cerca de trinta por cento dos bens deles. O restante vai ficar no fundo do J.J. e será liberado para ele em etapas nos próximos quarenta anos.

— Quarenta anos — repete Doug, franzindo a testa.

— A gente não precisa de muita coisa — diz Eleanor. — O dinheiro é dele.

É a vez de Doug chutá-la por baixo da mesa.

— O importante não é o que vocês precisam — afirma o advogado. — É realizar os últimos desejos dos Bateman. E, sim, ainda estamos esperando a declaração oficial de óbito, mas, dadas as circunstâncias, eu gostaria de liberar um pouco do dinheiro para vocês nesse meio-tempo.

Uma das mulheres à esquerda dele entrega um envelope em papel pardo ao advogado. O Sr. Page o abre. Dentro há uma única folha de papel.

— No valor atual de mercado — diz ele —, o fundo do J.J. vale cento e três milhões de dólares.

Ao lado dela, Doug solta um ruído, como se estivesse engasgando. Eleanor sente o rosto ruborizar. Está com vergonha da cobiça que o marido demonstra e sabe que, se olhasse, depararia com o sorriso idiota dele.

— A maior parte do patrimônio, sessenta por cento, vai ficar disponível quando ele fizer quarenta anos. Quinze por cento serão liberados no aniversário de trinta anos e outros quinze por cento quando completar vinte um. Os dez por cento

restantes foram reservados para cobrir os custos da criação dele a partir de agora.

Ela notou Doug fazendo as contas ao seu lado.

— São dez milhões e trezentos mil. Mais uma vez, de acordo com o fechamento do mercado de hoje.

Do lado de fora da janela, Eleanor vê pássaros voando em círculo. Ela pensa no momento em que tirou J.J. do hospital naquele primeiro dia, no peso dele — muito maior do que ela lembrava. Como eles não tinham cadeirinha, Doug havia empilhado alguns cobertores no banco traseiro e os três tinham ido até a Target comprar uma. Parados no estacionamento, ficaram sentados em silêncio por um instante. Eleanor olhara para Doug.

O que foi?, perguntara ele, o rosto impávido.

Diga a eles que precisamos de uma cadeirinha, respondera ela. *Tem que ser voltada para a frente. Lembre-se de avisar que ele tem quatro anos.*

Ele tinha pensado em argumentar — *Eu? Em uma Target? Eu odeio a porra da Target!* —, mas tivera o mérito de não falar nada, apenas abrir a porta com o ombro e entrar. Ela havia se virado e olhado para J.J.

Você está bem?, perguntara.

Ele havia feito que sim com a cabeça e depois vomitado nas costas do banco dela.

O homem à direita de Page fala:

— Sra. Dunleavy, sou Fred Cutter. Meu escritório cuida das finanças do seu falecido cunhado.

Então, pensa Eleanor, *você não é advogado.*

— Criei uma estrutura financeira básica para cobrir gastos mensais e educacionais, que ficaria feliz em revisar quando a senhora quiser.

Eleanor se arrisca a olhar para Doug. Ele, de fato, está sorrindo e assente para ela.

— E eu... — diz Eleanor. — Eu serei a encarregada do fundo. Eu?

— É, a não ser que a senhora decida não assumir essa responsabilidade. Nesse caso, o Sr. e a Sra. Bateman indicaram um sucessor.

Ela sente Doug enrijecer ao seu lado ao perceber que ela poderia passar todo o dinheiro para um substituto.

— Não — diz Eleanor —, ele é meu sobrinho. Eu o quero comigo. Só preciso esclarecer uma coisa. Só eu fui indicada como tutora, não...

Ela olha rapidamente para o marido. Page nota o olhar.

— É — confirma. — A senhora é a tutora e a executora do testamento.

— Está bem — responde ela, depois de um segundo.

— Nas próximas semanas, vou precisar que você venha e assine mais papéis. E, por *vir*, quero dizer que podemos ir até a senhora. Alguns documentos terão que ser autenticados. Quer as chaves das propriedades hoje?

Ela pisca, pensando no apartamento da irmã, agora um museu cheio de coisas de que ela nunca mais vai precisar: roupas, móveis, a geladeira cheia de comida, os quartos das crianças lotados de livros e brinquedos. Sente os olhos se encherem de lágrimas.

— Não — diz. — Não acho...

Eleanor faz uma pausa para se recompor.

— Eu entendo — afirma Page. — Vou pedir que entreguem na sua casa.

— Será que alguém pode pegar as coisas do J.J. no quarto dele? Brinquedos e livros. Roupas. Ele provavelmente... Não sei, talvez isso ajude.

A mulher à esquerda de Page faz uma anotação.

— Caso vocês decidam vender alguma ou todas as propriedades — diz Cutter —, podemos ajudá-los com isso. O valor justo de mercado para as três é de cerca de trinta milhões, pela última estimativa que fiz.

— E esse dinheiro vai para o fundo — diz Doug — ou...

— Seria acrescentado ao fundo disponível atualmente para vocês.

— Então dez milhões se tornam quarenta milhões.

— Doug — retruca Eleanor, mais ríspida do que pretendia.

Os advogados fingem não ter ouvido.

— O que foi? Estou só... esclarecendo as coisas.

Ela faz que sim com a cabeça, abrindo e esticando as mãos sob a mesa.

— Está bem — diz. — Acho que tenho que voltar. Não quero deixar o J.J. sozinho por muito tempo. Ele não está dormindo muito bem.

Ela fica de pé. Do outro lado da mesa, o grupo todo se levanta ao mesmo tempo. Apenas Doug fica sentado, sonhando acordado.

— Doug — chama ela.

— Ah, claro — responde ele, ficando de pé e esticando os braços e as costas como um gato que acorda de um longo cochilo ao sol.

— Vocês vão voltar de carro? — pergunta Cutter.

Ela assente.

— Não sei que carro estão usando, mas os Bateman tinham vários, inclusive a SUV da família. Eles também estão disponíveis para vocês ou podem ser vendidos. O que vocês preferirem.

— Eu só... — diz Eleanor. — Desculpe. Não consigo decidir nada agora. Eu só preciso... pensar ou entender isso tudo ou...

— Claro. Vou parar de fazer perguntas.

Cutter põe a mão no ombro dela. É um homem magro com um rosto bondoso.

— Saiba que David e Maggie eram mais que clientes. Tínhamos filhas da mesma idade e...

Ele para, os olhos se enchendo de lágrimas e depois assente. Ela aperta o braço dele, agradecida por ver algo de humano naquele momento. Ao lado dela, Doug pigarreia.

— Quais carros você disse que eram mesmo? — pergunta ele.

★ ★ ★

Ela fica em silêncio na volta para casa. Doug fuma a outra metade do pacote, a janela aberta, fazendo cálculos com os dedos no volante.

— Acho que a gente pode manter a casa em Nova York, não é? — pergunta ele. — Uma casa na cidade. Mas, não sei, será que a gente vai voltar a Martha's Vineyard? Quer dizer, depois do que aconteceu?

Ela não responde, só apoia a cabeça no banco e olha para as árvores.

— E Londres — diz ele. — Até que seria legal. Mas com que frequência a gente vai... Acho melhor vender e, se a gente quiser ir, sempre pode ficar em um hotel.

Ele esfrega a barba, como um pão-duro de uma história infantil que fica rico de repente.

— O dinheiro é do J.J. — afirma ela.

— Claro — diz Doug —, mas, quer dizer, ele tem quatro anos, então...

— O que a gente quer não importa.

— Amor, claro, eu sei, mas esse menino está acostumado a certo... E nós somos tutores dele agora.

— Eu sou tutora dele.

— Claro, legalmente, mas nós somos uma família.

— Desde quando?

Ele aperta os lábios e ela sente que está engolindo a vontade de retrucar.

Doug diz:

— Está bem, eu sei que não estive... Mas foi um choque, sabe? Tudo isso... E sei que para você também foi. Quer dizer, mais do que para mim, mas... Bom, quero que você saiba que já deixei essa merda toda para trás.

Ele põe a mão sobre o braço dela.

— Estamos nessa juntos.

Eleanor sente que ele está olhando para ela, ouve seu sorriso, mas não olha para o marido. Talvez, naquele momento, ela se sinta mais sozinha do que nunca.

Só que ela não está sozinha.

Agora ela é mãe.

Nunca mais vai ficar sozinha.

QUADRO Nº 2

SE OLHAR APENAS para a moldura central, você pode se convencer de que não há nada de errado. Que a moça em questão — de talvez dezoito anos, com uma mecha de cabelo sobre os olhos — só saiu para caminhar em um campo de milho em um dia nublado. Ela nos encara, essa mulher, depois de ter emergido, alguns segundos antes, de um labirinto de plantas altas. E, apesar de o céu acima dos pés de milho ser de um cinza relativamente ameaçador, a mulher e a primeira fileira de plantas atrás dela estão iluminadas por um sol febril, intenso e laranja. Tanto que seus olhos estão apertados atrás do cabelo, uma das mãos erguidas, como se quisesse distinguir um objeto à distância.

É a qualidade da luz que nos atrai, que nos faz perguntar: *Que combinação de cores, aplicada em que ordem, com que técnica, criou esse brilho de tempestade?*

À esquerda dela, em uma tela de mesmo tamanho, separada por uma fina parede branca, há uma casa de fazenda, não perpendicular ao campo, após um gramado extenso, que faz com que a mulher à frente pareça ser maior que a casa, tão poderosa é a ilusão de ótica. A casa é de madeira pintada de vermelho, tem dois andares, um telhado inclinado e venezianas fechadas. Se apertar os olhos, você vai ver a porta de madeira de um abrigo subterrâneo aberta no chão, ao lado da casa, revelando um buraco negro. E, desse buraco, emerge o braço de um homem, coberto por uma longa manga branca, a minúscula mão agarrando uma maçaneta de corda firme, tensa, paralisada naquele movimento. Mas ele está abrindo ou fechando a porta?

Olhamos mais uma vez para a moça. Ela não observa a casa. O cabelo cai em seu rosto, mas os olhos podem ser vistos e, apesar de ela estar voltada para a frente, suas pupilas dançaram para a direita e fazem o olhar do observador passar pela emaranhada extensão folhosa, por outra fina parede branca da galeria e chegar à terceira tela, a final.

É então que você vê o que essa moça acabou de notar.

O tornado.

Aquele coágulo giratório demoníaco, aquele redemoinho negro de majestade cilíndrica. É um ovo de aranha cinzento, girando, se desfazendo, cheio de dentes

podres. Um monstro bíblico, a vingança divina. Assobiando e batendo, como uma criança petulante, ele nos mostra o que comeu, casas e árvores quebradas e girando, uma auréola suja de destroços. Visto de qualquer lugar da sala, ele parece estar indo na direção do observador e, quando o vemos, damos um passo para trás. A tela em si está dobrada e gasta, o canto direito superior quebrado para dentro, rachado e retorcido, como se o próprio poder do vento tivesse feito aquilo. Como se a tela estivesse destruindo a si mesma.

Voltamos a olhar para a moça, os olhos se arregalando, a mão se erguendo, não para tirar o cabelo do rosto, notamos, mas para proteger os olhos do horror. Então, sentindo um arrepio, olhamos para além dela, para a casa, mais especificamente para aquela minúscula porta de abrigo, aquele poço negro da salvação e, para dentro dele, para o único braço masculino, cuja mão agarra a maçaneta de corda gasta. Então, quando compreendemos a cena, percebemos...

Ele está fechando a porta, nos deixando para fora.

Estamos sozinhos.

LAYLA

AS COISAS QUE *o dinheiro não compra*, diz a famosa citação, *ninguém quer mesmo*. O que é bobagem porque, na verdade, não há nada que o dinheiro não possa comprar. Não mesmo. Amor, felicidade, tranquilidade. Tudo isso está disponível por um preço. A verdade é que haveria dinheiro suficiente no mundo para que todos se sentissem completos, se pudéssemos apenas aprender a fazer o que qualquer criança sabe: dividir. Mas o dinheiro, assim como a gravidade, é uma força que se acumula, que se fecha cada vez mais em si mesmo e, às vezes, cria um buraco negro que conhecemos como *riqueza*. Isso não é simplesmente culpa dos seres humanos. Pergunte a qualquer nota de dólar e ela dirá que prefere a companhia de centenas de outras notas à de algumas. Melhor ser uma nota qualquer em uma conta de bilionário do que uma única nota suja no bolso rasgado de um viciado.

Aos vinte e nove anos, Leslie Mueller é a única herdeira de um império da tecnologia. Filha de um bilionário e de uma modelo de passarela, ela faz parte de uma crescente raça dominante e geneticamente projetada. Parece que estão em todos os cantos hoje em dia, os filhos endinheirados de capitalistas brilhantes, que usam parte de suas heranças para lançar empresas e financiar as belas-artes. Aos dezoito, dezenove, vinte anos, eles compram imóveis caríssimos em Nova York, Hollywood, Londres. Estabelecem-se como uma nova dinastia Médici, atraída pelo pulsar imperativo do futuro. São algo que ultrapassa o sofisticado; colecionadores de talentos, voando de um festival para outro, participando de reuniões, oferecendo, com dinheiro e o prestígio de sua companhia, uma massagem sedutora no ego de artistas, músicos e diretores de cinema.

Lindos e ricos, eles não aceitam "não" como resposta.

Leslie — "Layla" para os amigos — foi uma das primeiras. Sua mãe era uma modelo de Sevilha, na Espanha, que desfilava para o melhor estilista da época. Seu pai inventou um circuito de alta tecnologia encontrado em todos os computadores e smartphones do planeta. Ele é a nona pessoa mais rica do mundo e, mesmo com apenas um terço de sua herança garantido, Layla Mueller já é a 399ª. Ela tem tanto dinheiro que faz com que os outros ricos que Scott já conheceu — David Bateman, Ben Kipling — pareçam pedreiros. Para pessoas

como Layla, a riqueza independe das variações do mercado. Um valor tão alto nunca poderia acabar. É tão grande que o dinheiro gera seu próprio dinheiro e aumenta quinze por cento ao ano, fabricando milhões a cada mês.

Ela ganha tanto dinheiro apenas por ser rica que os dividendos anuais de sua poupança a tornam a sétima pessoa mais endinheirada do mundo. Pense nisso. Imagine, se puder — mas você não pode, é claro. Não de verdade, porque a única maneira de realmente entender a riqueza a este nível é tê-la. A vida de Layla é um caminho sem dificuldades, sem atritos de nenhum tipo. Não há nada no mundo que ela não possa comprar por impulso. Talvez a Microsoft ou a Alemanha. Mas com exceção disso...

— Meu Deus! — exclama ela, quando entra no escritório de sua casa em Greenwich Village e vê Scott. — Estou obcecada por você. Estou assistindo às notícias o dia todo. Não consigo tirar os olhos delas.

Eles estão em uma casa antiga de quatro andares na rua Bank, a duas quadras do rio, Layla, Scott e Magnus, para quem Scott ligou da base da Marinha. Quando teclou o número, Scott imaginou que ele ainda estava no carro, no estacionamento do posto de gasolina, mas Magnus disse que estava em um café, passando uma cantada em uma garota, e que podia buscá-lo em quarenta minutos — em menos tempo depois que Scott disse aonde queria ir. Se Magnus se sentia ofendido por ter sido dispensado antes, não mencionou.

— Olhe só para mim — diz ele para Scott depois que a empregada os deixa entrar e eles se sentam no sofá da sala. — Estou tremendo.

Scott observa a perna direita de Magnus balançar para cima e para baixo. Ambos sabem que o encontro que terão pode mudar o destino artístico deles para sempre. Há dez anos, Magnus, assim como Scott, mordisca as beiradas do sucesso artístico. Ele pinta em um depósito de tinta condenado no Queens, tem seis camisas manchadas. Toda noite, caminha silenciosamente pelas ruas de Chelsea e do Lower East Side, olhando as vitrines. Toda tarde, ele usa os telefones que tem em busca de convites para aberturas e uma inclusão na lista de convidados dos eventos do setor. É um irlandês charmoso de sorriso torto, mas também exibe certo desespero no olhar. Scott o reconhece facilmente porque, até alguns meses atrás, via isso toda vez que se olhava no espelho. A mesma sede de aceitação.

É como morar ao lado de uma padaria, mas nunca comer pão. Todos os dias você caminha pelas ruas sentindo o aroma e o estômago roncando. Mas, não importa quantas esquinas vire, você nunca consegue entrar na loja.

O mercado de arte, assim como o de ações, tem base em uma percepção de valor. Um quadro vale aquilo que alguém esteja disposto a pagar e esse número é

influenciado pela percepção da importância do artista, por sua aceitação. Para ser um artista famoso cujos quadros são vendidos por muito dinheiro é preciso já ser um artista famoso cujos quadros são vendidos por muito dinheiro, ou alguém que o chancele como tal. E a pessoa que cada vez mais chancela a relevância dos artistas hoje em dia é Layla Mueller.

Ela entra vestindo uma calça jeans preta e uma blusa de seda pré-enrugada, uma loura de olhos castanhos, descalça, com um cigarro eletrônico.

— Aqui estão eles — diz, animada.

Magnus se levanta, estende a mão.

— Sou Magnus, amigo da Kitty.

Ela faz que sim com a cabeça, mas não aperta a mão dele. Depois de um segundo, ele a abaixa. Layla se senta no sofá ao lado de Scott.

— Posso contar uma coisa estranha? — pergunta ela. — Voei para Cannes em maio com um dos seus pilotos. O mais velho. Tenho quase certeza.

— James Melody — diz ele, pois decorou o nome dos mortos.

Ela faz uma careta — *puta merda, não é?* —, depois assente e toca no ombro dele.

— Está doendo?

— O quê?

— Seu braço.

Ele o mexe dentro da nova tipoia.

— Não muito — responde Scott.

— E aquele menininho. Meu Deus! Tão corajoso. E então... Dá para acreditar? Eu acabei de ver uma coisa sobre o sequestro da filha que... Dá para imaginar?

Scott pisca.

— Sequestro? — repete ele.

— Você não sabia? — indaga ela, com o que parece ser verdadeira surpresa. — É, a irmã do menino, quando era pequena. Parece que alguém invadiu a casa deles e levou a coitadinha. Ela ficou desaparecida por, tipo, uma semana. E agora... Quer dizer, sobreviver a uma coisa assim e depois morrer de um jeito tão horrível... Não dá para inventar essas coisas.

Scott assente, sentindo-se repentinamente exausto. Uma tragédia é um drama que ninguém aguenta viver outra vez.

— Quero dar uma festa em sua homenagem — afirma ela. — O herói do mundo da arte.

— Não — responde Scott. — Obrigado.

— Ah, não fique assim. Está todo mundo comentando. E não só sobre o

resgate. Vi fotos dos seus quadros novos, a série sobre desastres. E adorei.

Magnus bate palmas de repente, fazendo muito barulho. Os dois se viram e olham para ele.

— Desculpe — diz ele. — Mas eu falei. Não falei? É maravilhosa!

Layla traga o cigarro eletrônico. *Isso é o futuro*, pensa Scott. *A gente fuma tecnologia agora*.

— Você pode... Se não se incomodar, pode contar o que aconteceu?

— Com o avião? Ele caiu.

Ela concorda com a cabeça. Seus olhos ficam mais calmos.

— Já falou sobre isso? Com um psicólogo ou...

Scott pensa na possibilidade. Um terapeuta.

— Porque — continua Layla — você ia adorar o meu. Fica em Tribeca. O Dr. Vanderslice. Ele é holandês.

Scott imagina um homem barbado em um escritório com lenços de papel em todas as mesas.

— O táxi não apareceu, então tive que pegar um ônibus.

Ela parece confusa por um instante, então percebe que ele está compartilhando uma lembrança com ela e se inclina para a frente.

Scott conta que se lembra de sua bolsa no chão, de uma lona verde-clara, gasta em alguns lugares, lembra-se de andar de um lado para outro, procurando faróis na janela (pelo vidro velho, leitoso), lembra-se do relógio, do ponteiro dos minutos se movendo. A bolsa tinha roupas, claro, mas estava basicamente cheia de slides, imagens de seus trabalhos. Seus novos trabalhos. Esperança. Seu futuro. Amanhã tudo começaria. Ele ia até o escritório de Michelle encontrá-la, eles iam revisar a lista de possíveis galerias. Planejara ficar três dias. Havia uma festa a que Michelle tinha dito que ele devia ir, um café da manhã.

Mas primeiro o táxi tinha que aparecer. Primeiro, ele precisava chegar ao aeroporto e entrar em um jatinho — por que havia concordado com aquilo? A pressão de viajar com estranhos, estranhos ricos, ter que conversar, discutir suas obras ou, ao contrário, ser ignorado, tratado como se não importasse. O que era verdade.

Ele era um homem de quarenta e sete anos que havia fracassado na vida. Não tinha carreira, nunca havia se casado, não tinha amigos nem namorada. Caramba, não conseguia lidar nem com um cachorro de quatro patas. Era por isso que havia trabalhado tanto naquelas semanas, fotografando seu trabalho, construindo um portfólio? Para tentar apagar o fracasso?

Mas o táxi não tinha aparecido e, no fim, ele agarrara a bolsa e correra para o

ponto de ônibus, o coração acelerado, suando com o ar espesso de agosto. Ele chegara quando o ônibus estava encostando, um longo retângulo de janelas iluminadas de um tom azulado e branco em meio à escuridão. Tinha entrado, sorrindo para o motorista, sem fôlego. Sentara-se no fundo do veículo, observando adolescentes dando uns amassos, sem prestar atenção nas empregadas domésticas sentadas ao seu lado, cansadas e em silêncio. Seus batimentos cardíacos tinham ficado mais lentos, mas o sangue parecia ainda estar correndo. Chegara. Sua segunda chance. Seu trabalho estava ali. Era bom. Ele sabia disso. Mas e ele? E se não conseguisse lidar com um retorno? E se tivesse uma nova chance e falhasse? Será que realmente podia voltar do lugar em que estava? Napoleão em Elba, um homem derrotado, lambendo suas feridas. Será que no fundo queria aquilo mesmo? A vida era boa ali. Simples. Acordar de manhã e caminhar até a praia. Dar à cadela restos de comida e coçar as orelhas caídas dela. Pintar. Simplesmente pintar, sem nenhum objetivo maior.

Mas dessa maneira ele podia ser alguém. Deixar sua marca.

Mas ele já não era alguém? A cadela achava que sim. Ela olhava para Scott como se ele fosse o melhor homem que já existira. Os dois iam à feira juntos e observavam as mulheres com calça de ioga. Ele gostava de sua vida. Gostava mesmo. Então por que estava tentando tanto mudá-la?

— Quando desci do ônibus — conta ele a Layla —, tive que correr. Iam fechar as portas do avião, sabe? E, bom, uma parte de mim queria isso, chegar e ver que o avião já havia partido. Porque aí eu precisaria acordar cedo e pegar a balsa como todo mundo.

Scott não olha para eles, mas sente que ambos o observam.

— Mas a porta estava aberta. Eu consegui.

Ela faz que sim com a cabeça, os olhos arregalados, e toca no braço dele.

— Incrível — diz, apesar de ele não entender o que ela quer dizer.

Está falando do fato de Scott ter quase perdido o fatídico voo ou do fato de não ter?

Scott olha para Layla, sentindo-se constrangido, como um pequeno pássaro que acabou de cantar para obter uma refeição e está esperando pelas sementes.

— Escute — diz Scott —, é muita gentileza sua me receber, querer organizar uma festa para mim, mas não consigo lidar com isso agora. Só preciso de um lugar para pensar e descansar.

Ela sorri e assente. Ele deu a ela algo que ninguém mais tem, um *insight*, detalhes. Agora ela faz parte da história, é a confidente dele.

— Pode ficar aqui, claro — diz ela. — Há um apartamento para hóspedes no

terceiro andar. Tem uma entrada própria.

— Obrigado — responde ele. — Isso é muito... E não quero ser grosseiro, mas acho que devia perguntar: o que você vai ganhar com isso?

Ela dá uma tragada no cigarro eletrônico, exalando vapor.

— Querido, não transforme isso em algo grandioso. Eu tenho um quarto. Estou impressionada com você e com o seu trabalho e você precisa de um lugar para ficar. Por que as coisas não podem ser simples?

Scott assente. Não está tenso, nem quer confrontá-la. Só quer saber.

— Ah, não estou dizendo que é complicado. Talvez você queira um segredo ou uma história para contar em festas. Só estou perguntando para que não haja nenhuma confusão.

Por um instante, parece surpresa. As pessoas não costumam falar com ela daquela maneira. Depois, ri.

— Gosto de descobrir pessoas — diz. — E a outra coisa é: foda-se esse ciclo de vinte e quatro horas de notícias que engole as pessoas. Espere só para ver: estão do seu lado agora, mas depois não vão estar. Minha mãe passou por isso quando meu pai se separou dela. Saiu em todos os tabloides. E também quando minha irmã teve aquele problema com o Vicodin. E, no ano passado, eu enfrentei a mesma coisa quando o Tony se matou. Só porque eu fiz uma exposição dele, criaram toda uma história sobre nós, em que eu era, tipo, uma porta de entrada para as drogas ou coisa assim.

Ela olha nos olhos dele, Magnus esquecido no outro sofá, esperando sua chance de brilhar.

— Está bem — diz Scott, depois de um instante. — Obrigado. Eu só preciso... Estão na porta da minha casa, todas aquelas câmeras e... Não sei o que dizer além de *eu nadei*.

O telefone dela apita. Ela o pega, olha, depois encara Scott. Algo no rosto dela faz as entranhas dele se contraírem.

— O que foi? — pergunta ele.

Ela vira o telefone e lhe mostra o aplicativo do Twitter. Ele se inclina para a frente e aperta os olhos para ver uma fileira de retângulos coloridos (pequenos rostos, símbolos de arroba, *emojis*, fotos), sem entender nada.

— Não sei o que estou vendo — explica ele.

— Encontraram corpos.

BEN KIPLING

10 DE FEVEREIRO DE 1963 – 23 DE AGOSTO DE 2015

SARAH KIPLING

1º DE MARÇO DE 1965 – 23 DE AGOSTO DE 2015

– AS PESSOAS usam a palavra *dinheiro* como se fosse um objeto. Um substantivo. O que é... é pura ignorância.

Ben Kipling estava de pé diante de um mictório de porcelana alto, no banheiro revestido de madeira do Soprezzi. Falava com Greg Hoover, que estava ao seu lado, balançando, mijando no brilho côncavo que protegia seu pau de ser visto, gotículas de mijo chovendo sobre os penduricalhos de seus sapatos de seiscentos dólares.

— O dinheiro é o vácuo negro do espaço — continuou Ben.

— O quê?

— O vácuo... É o alívio, sabe? Um lubrificante.

— Agora você está falando a minha...

— Mas isso não é...

Kipling sacudiu o pau, fechou o zíper. Foi até a pia, pôs a mão sob a saboneteira e esperou que o laser sentisse seu calor e jorrasse espuma nela. E esperou. E esperou.

— É fricção, sabe? — disse, sem fazer uma pausa. — Essa nossa vida. As coisas que fazemos e que fazem conosco. Só de passar o dia...

Ele fez gestos circulares cada vez mais insistentes sob o sensor. Nada.

— O trabalho, a esposa, o trânsito, as contas, sei lá...

Ele ergueu e baixou a mão, procurando o ponto mecânico certo. Nada.

— Mas que bosta esse troço...

Kipling desistiu e passou para a pia seguinte, enquanto Hoover cambaleava até a terceira.

— Falei com o Lance outro dia — começou Hoover.

— Espere. Não estou... Eu disse que era fricção. Que saco.

Dessa vez, quando pôs a mão sob o sensor, a espuma caiu suavemente. Kipling relaxou, aliviado, esfregou as mãos.

— A pressão imposta a um homem que acabou de sair da cama de manhã — disse. — O dinheiro é a cura. É um *redutor* de fricção.

Ele passou as mãos sob a torneira, esperando cegamente (mais uma vez) que o

sensor fizesse seu trabalho e mandasse um sinal para o gatilho que a ligava. Nada.

— Quanto mais dinheiro temos... Droga! Mais...

Irritado, ele desistiu, sacudiu o sabão no chão — que outra pessoa limpasse — e foi até o porta-toalhas. Viu que também era operado por sensor e nem tentou fazer nada. Preferiu enxugar as mãos na calça do terno de mil e cem dólares.

— ...dinheiro se tem, entendeu o que eu... Ele alivia os problemas. Pense nos favelados de Mumbai se arrastando pela lama em oposição a Bill Gates, no topo do mundo. Até que, no fim, a pessoa tem tanta grana que a vida toda dela não exige esforço. Tipo um astronauta flutuando livre no vácuo negro do espaço.

Com as mãos finalmente limpas e secas, ele se virou e viu que Hoover não tivera nenhum problema com os sensores: sabão, água, toalhas de papel. Arrancou mais folhas do que precisava, secou as mãos com vigor.

— Claro. Está bem — disse. — Mas o que estou dizendo é que falei com Lance no outro dia e ele usou muitas palavras de que eu não gostei nem um pouco.

— Tipo quais? *Pensão?*

— Rá-rá. Não, tipo *FBI*, por exemplo.

Uma sensação desagradável de pressão atingiu Kipling bem no esfíncter.

— Que... — respondeu ele — obviamente não é uma palavra.

— Como?

— É... Deixe para lá. Por que diabo Lance está falando do FBI?

— Ele tem ouvido coisas — explicou Hoover. — "Que tipo de coisas?", perguntei. Mas ele não quis falar pelo telefone. A gente teve que se encontrar em um parque. Às duas horas da tarde, como se fôssemos desempregados.

Kipling, repentinamente nervoso, foi até as portas dos reservados e conferiu embaixo delas para garantir que não havia nenhum outro cara de terno de marca, cagando em silêncio.

— Eles... Ele disse que a gente devia ficar...?

— Não, mas daria no mesmo se tivesse dito. Você sabe o que eu... Por que ele estaria... Especialmente quando... Especialmente se você pensar nos problemas que ele poderia ter...

— Está bem. Está bem. Não tão...

De repente, ele não conseguiu lembrar se havia conferido o último reservado, conferiu-o outra vez e se levantou.

— Vamos discutir isso — disse. — Quero saber, é claro, mas... A gente tem que terminar a negociação com esses caras. Não podemos deixar todo mundo esperando.

— Claro, mas e se eles...

— E se eles o quê? — perguntou Kipling, as doses de uísque funcionando como um atraso em uma ligação telefônica de longa distância nos anos 1940.

Hoover terminou a frase erguendo as sobrancelhas.

— Esses caras? — continuou Kipling. — O que você... Foi o Gillie que indicou os caras.

— Isso não significa... Merda, Ben, todo mundo pode ser pego.

— *Pego?* Isso é... A gente entrou em *A trama* de repente e ninguém se deu o trabalho de...

Hoover amassa e aperta o chumaço molhado de papel como se fosse massa de pão.

— Isso é um problema, Ben. É só isso que... A porra de um...

— Eu sei.

— A gente tem... Você não pode...

— Não vou. Pare de frescura.

Kipling foi até a porta e a abriu. Atrás dele, Hoover fez uma bola com as toalhas de papel molhadas, arremessou-a na lata de lixo e acertou em cheio.

— Ainda levo jeito — disse ele.

★ ★ ★

Enquanto se aproximava da mesa, Kipling viu que Tabitha estava fazendo seu trabalho. Ela amaciava os clientes com bebida e contava aos homens — dois banqueiros suíços do setor de investimentos checados e indicados por Bill Gilliam, um sócio sênior da firma de advocacia que cuidava de todos os negócios deles — histórias inapropriadas sobre homens que havia chupado na faculdade. Eram duas e meia de uma quarta-feira. Eles estavam no restaurante desde o meio-dia, bebendo uísque da melhor qualidade e comendo bifes que custam cinquenta dólares. Era o tipo de restaurante em que homens de terno iam para reclamar que suas piscinas eram quentes demais. Os cinco reunidos ali tinham um valor líquido de quase um bilhão de dólares. O próprio Kipling valia trezentos milhões no papel. A maior parte estava presa no mercado, mas também havia os imóveis e as contas no exterior. Dinheiro para momentos difíceis. Dólares que o governo americano não podia rastrear.

Ben havia se tornado, aos cinquenta e dois anos, o tipo de homem que dizia: *Vamos passear de barco esse fim de semana*. Sua cozinha podia ser usada como reserva

caso a energia acabasse em um restaurante fino como o Le Cirque. Ele tinha um forno Viking de oito bocas com grelha e chapa. Toda manhã, acordava e encontrava uma dezena de bagels de cebola em uma bandeja com café e suco de laranja fresco, junto com os quatro jornais (*Financial Times*, *Wall Street Journal*, *Post* e *Daily News*). Ao abrir a geladeira dos Kipling, via-se uma verdadeira feira (Sarah insistia para que comessem apenas produtos orgânicos). Havia uma geladeira separada para vinhos com quinze garrafas de champanhe no gelo o tempo todo, caso uma festa de ano-novo começasse inesperadamente. O armário de Ben parecia uma loja da Prada. Ao andar de um cômodo para outro, não estaríamos enganados ao supor que Ben Kipling esfregara uma lâmpada um dia e um gênio tivesse saído dela, e que agora ele apenas tivesse que dizer *preciso de meias novas* em voz alta, em qualquer lugar do apartamento, e, na manhã seguinte, uma dezena de pares aparecesse do nada. Só que, naquele caso, o gênio era um mordomo de quarenta e sete anos chamado Mikhail, formado em hotelaria em Cornell e que estava com eles desde que tinham se mudado para a casa de dez quartos em Connecticut.

A TV sobre o bar mostrava os melhores momentos do jogo do Red Sox na noite anterior. Os comentaristas calculavam a probabilidade de Dworkin quebrar o recorde de rebatidas em uma temporada. O jogador já havia participado de quinze jogos seguidos. *Incontrolável* foi a palavra que usaram, as consoantes rígidas seguindo Ben até sua cadeira.

Em quarenta minutos, ele voltaria para o escritório e dormiria no sofá para digerir a carne e a bebida. Então, às seis, o motorista o levaria pela rodovia até Greenwich, onde Sarah teria algo na mesa — um prato pedido no Allesandro's provavelmente — ou não, espere, *merda*, eles tinham aquele jantar com os pais do noivo da Jenny hoje. Uma espécie de jantar de apresentação. Onde ia ser mesmo? Em algum restaurante do centro? Devia estar na agenda dele, provavelmente escrito em vermelho, como uma lavagem intestinal adiada duas vezes.

Ben podia imaginá-los, Sr. e Sra. Comstock. Ele, o dentista corpulento. A esposa com batom demais, vinda de Long Island: "Você veio de trem ou de carro?" E Jenny ficaria sentada ali com Don ou Ron ou seja lá qual fosse o nome do noivo dela, de mãos dadas, contando histórias sobre como ela e os pais "sempre passavam o verão em Martha's Vineyard", sem perceber como isso soa privilegiado e antipático. Não que Ben pudesse falar alguma coisa. Naquela manhã, ele se pegara debatendo os impostos estaduais com o personal trainer e dizendo: "Bom, Jerry, espere até você ter cem milhões ou mais em vários bens que o governo quer taxar duas vezes para ver se vai pensar do mesmo jeito."

Kipling se sentou, subitamente exausto, e pegou o guardanapo por reflexo, apesar de já ter terminado de comer. Ele o deixou cair em seu colo, olhou para o garçom e apontou para seu copo. "Outro", disse com os olhos.

— Eu estava contando ao Jorgen — falou Tabitha — sobre aquela reunião que a gente fez em Berlim. Lembra quando o cara com o bigodinho ficou tão irritado que tirou a gravata e tentou estrangular o Greg?

— Por cinquenta milhões, eu teria deixado — respondeu Kipling. — Mas, no fim das contas, o babaca estava quebrado.

Os suíços sorriram pacientemente. Não tinham o menor interesse em fofocas. E o decote exagerado de Tabitha não parecia estar causando o efeito habitual. "Eles podem ser bichas", pensou Kipling sem nenhum julgamento moral, só um computador registrando fatos.

Ele mordeu o interior da bochecha, pensando. O que Hoover lhe dissera no banheiro ricocheteava em seu cérebro como uma bala que tinha errado o alvo e rebatera, por azar, no asfalto. O que de fato ele sabia sobre aqueles caras? Foram recomendados por uma fonte confiável, mas quem era realmente confiável, afinal? Os caras podiam ser do FBI? Da Agência de Controle de Ativos Estrangeiros? O sotaque suíço deles era bom, mas talvez não ótimo.

Kipling sentiu uma vontade repentina de jogar dinheiro na mesa e sair andando. Ele a controlou, pois, se estivesse errado, ia desistir de uma quantia enorme de dinheiro e Ben Kipling não era um homem que desistia de — *o que o suíço havia dito?* — talvez um bilhão de dólares em uma moeda de difícil conversão? Foda-se, Ben decidiu. Se não vai recuar, então tem que atacar. Ele abriu a boca e foi direto ao assunto sem ser específico demais. Sem expressões problemáticas que poderiam ser usadas contra ele em um tribunal.

— Bom, chega de papo furado — disse. — Todos nós sabemos o que estamos fazendo aqui. A mesma coisa que os homens das cavernas faziam na época dos dinossauros: analisando uns aos outros, vendo em quem podemos confiar. O que é um aperto de mãos, afinal, além de uma maneira socialmente aceitável de garantir que o outro cara não está com uma faca escondida?

Ele sorriu para os outros. Eles retribuíram o olhar, sem sorriso, mas atentos. Aquele era o momento que importava — caso fossem quem diziam ser. O negócio. O garçom trouxe o uísque de Kipling e o pôs na mesa. Por costume, Ben o levou mais para o centro da mesa. Ele falava com as mãos e já havia derrubado uma bela quantidade de drinques no meio de um monólogo.

— Vocês têm um problema — disse ele. — Têm moeda estrangeira que precisam investir em um mercado aberto, mas nosso governo não permite. Por

quê? Porque, em algum momento, esse dinheiro passou por uma região que é mantida em uma lista em algum prédio federal em Washington. Como se o dinheiro em si tivesse um ponto de vista. Mas vocês e eu sabemos que dinheiro é dinheiro. O dólar que um negro do Harlem usa para comprar crack hoje é o mesmo que uma dona de casa de classe média vai usar para comprar macarrão instantâneo amanhã. Ou que o Tio Sam vai usar para comprar sistemas de armas na quinta-feira.

Ben observava as melhores jogadas do dia na televisão — uma série de *home runs*, pegadas no último segundo e corridas até as bases. Era mais que um interesse passageiro. Ben era uma enciclopédia de beisebol. Era paixão de uma vida inteira, algo que lhe havia ensinado (coincidentemente) o valor de um dólar. Bennie Kipling, aos dez anos, tivera a maior coleção de cards de chicletes de toda Sheepshead Bay. Ele sonhara em jogar no Mets e, todos os anos, tentara entrar na Liga Infantil, mas era muito pequeno para sua idade, lento nas bases e não conseguia rebater a bola e fazê-la sair do campo, por isso começara a colecionar cards de beisebol, a estudar o mercado de perto, a explorar as mentalidades amadoras dos colegas de escola — que só se concentravam nos jogadores preferidos —, a encontrar cards raros e usar a ascensão e a queda de cada jogador. Toda manhã, Bennie lia o obituário, procurando sinais de que os falecidos eram fãs de beisebol, e depois ligava para as viúvas, dizendo que conhecia seus maridos (ou pais) do circuito de troca de cartões e que tal pessoa havia sido um mentor para ele. Nunca pedia a coleção do morto de cara, só usava sua voz de menininho triste. Sempre funcionava. Em mais de uma ocasião, o garoto pegara o metrô até a cidade para recolher uma valiosa caixa de cartões antigos de beisebol.

— Procuramos o senhor, Sr. Kipling — disse Jorgen, o ariano de cabelo escuro e terno de algodão —, porque ouvimos coisas boas. Obviamente, é um assunto complicado, mas meus colegas afirmam que é um homem correto. Que complicações não acontecem. Custos adicionais. Os clientes que representamos, bem, não são pessoas que apreciam complicações nem que tentam tirar vantagem.

— E quem são eles mesmo? — perguntou Hoover, as sobrancelhas suando. — Diga sem dizer, se puder. Só para ficar tudo claro.

O suíço não falou nada. Eles também temiam uma armadilha.

— O acordo que fizermos será o acordo que vamos manter — afirmou Kipling. — Não importa quem está do outro lado. Não posso dizer exatamente como fazemos o que fazemos. É nosso direito, certo? Mas o que posso dizer é que contas são abertas. Contas que não podem ser ligadas a vocês. Depois disso, o dinheiro que investirem na minha firma ganha um novo pedigree e é tratado

como qualquer outro dinheiro. Ele entra sujo e sai limpo. Simples assim.

— E como isso...

— Funciona? Bem, se fecharmos o acordo agora, a princípio, para começar o negócio, meus colegas vão a Genebra ajudar a instalar os sistemas de que vocês vão precisar, usando um pacote de softwares patenteados. Meu operador então vai para sua sede monitorar seus investimentos e burlar a senha diária e as mudanças no endereço de IP. Ele não precisa de um escritório chique. Na verdade, quanto menos atenção chamar, melhor. Coloque o cara em um banheiro ou no porão, ao lado do aquecedor.

Os homens pensaram na ideia. Enquanto isso, Kipling agarrou um garçom que passava e entregou a ele seu Amex preto.

— Olhem — continuou. — Os piratas enterravam tesouros na areia e depois iam embora. E, no segundo em que partiam, na minha opinião, ficavam falidos porque dinheiro em uma caixa...

Do lado de fora, ele observou um grupo de homens de terno escuro se aproximar da porta da frente. Em um segundo, Ben viu todo o desenrolar: eles entrariam rápido, com as armas na mão, os distintivos erguidos, pegos em flagrante, uma operação policial, como uma armadilha para tigres na selva. Ben se viu deitado de bruços, algemado, o terno de verão manchado para sempre, pegadas sujas nas costas. Mas os homens continuaram andando. O momento passou. Kipling voltou a respirar, terminou o uísque em um único gole.

— Dinheiro que não se pode usar não vale nada.

Ele analisou os dois homens de Genebra — não eram maiores nem menores do que a dezena de outros homens diante de quem já havia se sentado, fazendo a mesma proposta. Eram peixes a serem capturados com um anzol, mulheres a serem paparicadas e seduzidas. Com ou sem o FBI, Ben Kipling atraía dinheiro como um ímã. Tinha uma qualidade que não podia ser descrita. Pessoas ricas olhavam para ele e o consideravam um cofre com duas portas. Visualizavam seu dinheiro entrando por uma porta e saindo pela outra, multiplicado. Uma certeza.

Ele afastou a cadeira, abotoando o paletó.

— Gostei de vocês — disse. — Confio em vocês e não falo isso para qualquer um. Eu acho que devíamos fechar negócio, mas, no fim, depende de vocês.

Ele se levantou.

— A Tabitha e o Greg vão ficar e pegar as informações. Foi um prazer.

Os suíços se levantaram, apertaram a mão dele. Ben Kipling se afastou e a porta da frente se abriu quando ele se aproximou. Seu carro estava na calçada, a porta traseira aberta, o motorista a postos. Ele entrou sem diminuir o passo.

O vácuo negro do espaço.

★ ★ ★

Do outro lado da cidade, um táxi parou em frente ao Museu Whitney. O motorista tinha nascido no Katmandu, roubado de Saskatchewan até Michigan e comprado uma identidade falsa de um contrabandista por seiscentos dólares. Agora dormia em um apartamento com outras quatorze pessoas e mandava a maior parte de seu salário para o exterior na esperança de um dia conseguir trazer a esposa e os filhos de avião.

Por outro lado, a passageira que levava e que mandou que ficasse com o troco da nota de vinte morava em Greenwich, Connecticut, e tinha dezenove televisões a que não assistia. Muito tempo atrás, ela havia sido filha de um médico de Brookline, Massachusetts, uma menina que crescera cavalgando e ganhara uma plástica no nariz no aniversário de dezesseis anos.

Todos são de algum lugar. Todos temos histórias e nossas vidas se desenrolam em linhas tortas, colidindo de maneiras inesperadas.

Sarah Kipling fizera cinquenta anos em março — uma festa surpresa fora oferecida nas Ilhas Cayman. Ben a buscara de limusine para ir até um restaurante fino (era o que ela pensava), mas, em vez disso, a levara ao aeroporto. Cinco horas depois, ela estava bebendo ponche de rum com os pés na areia. Naquele momento, do lado de fora do museu, ela saía de um táxi. Ia encontrar a filha, Jenny (vinte e seis anos), para visitar a bienal e obter um resumo rápido dos pais de seu noivo antes do jantar. Isso não era tanto para seu benefício, porque ela sabia conversar com qualquer um, mas para Ben. O marido tinha dificuldade com conversas que não envolviam dinheiro. Ou talvez não fosse exatamente isso. Talvez ele tivesse dificuldade de conversar com pessoas que não *tinham* dinheiro. Não que fosse indiferente aos problemas dos outros, mas ele havia esquecido como era ter que se preocupar em pagar a hipoteca ou o financiamento do carro. O que era *se virar*, ir a uma loja e conferir o preço de algum produto antes de comprar. E isso podia fazê-lo parecer vulgar e indiferente.

Sarah odiava o que sentia quando via o marido envergonhar a si mesmo (e a ela). Não havia outra palavra em sua mente para descrever aquilo. Como esposa, ela estava irrevogavelmente ligada a ele — as opiniões do marido eram também as suas. E passavam uma impressão errada — não porque ela as defendesse, mas porque, ao escolher Ben, ao ficar com ele, ela demonstrara ter (aos olhos dos

outros) pouco discernimento. Embora tenha sido criada em uma família com dinheiro, Sarah sabia que a pior coisa que se podia fazer era *falar sobre dinheiro*. Essa era a diferença entre novos e antigos ricos. Filhos de famílias ricas eram os descabelados que usavam blusas furadas na faculdade. Eram vistos nas cafeterias pedindo dinheiro emprestado para almoçar e comendo do prato dos amigos. Passavam por pobres, fingindo estar *além do dinheiro* — como se uma das riquezas que o dinheiro houvesse comprado para eles tivesse sido o direito de nunca ter de voltar a pensar em dinheiro. Dessa maneira, eles pairavam pelo mundo real da mesma maneira que as crianças-prodígio tropeçavam nas tarefas diárias da existência humana, a cabeça nas nuvens, sem meias, camisas abotoadas da forma errada.

Por isso ela desenvolveu uma surdez seletiva para os momentos em que o marido falava de dinheiro, a necessidade constante de ele lembrar aos outros o quanto tinham parecia muito estranha, muito *grosseira*. Por causa disso, a missão de sua vida passara a ser suavizar os defeitos dele, ensiná-lo a se tornar rico sem ser brega.

Por isso Jenny contaria a ela sobre seus futuros sogros e Sarah mandaria uma mensagem a Ben. "Você pode falar de política com o marido (ele é republicano) ou esportes (torce para os Jets). A mulher foi para a Itália no ano passado com o clube do livro (viagens? livros?). Eles têm um filho com síndrome de Down que mora em uma instituição, então não faça piada com retardados!"

Sarah havia tentado fazer Ben demonstrar mais interesse pelas pessoas, ser mais aberto a novas experiências — tinham feito terapia com esse objetivo durante duas semanas, antes de Ben dizer que preferia cortar as próprias orelhas a "ouvir aquela mulher mais um dia" —, mas, por fim, tinha feito o que a maioria das esposas fazia: desistido. Então agora era ela quem precisava fazer um esforço extra para garantir que os compromissos sociais dessem certo.

Jenny esperava pela mãe na entrada principal. Vestia uma calça boca de sino e uma camiseta e tinha na cabeça o tipo de boina que as meninas estavam usando na época.

— Mãe — chamou ela, porque Sarah não a viu de imediato.

— Desculpe — respondeu a mãe. — Minha visão está horrível. Seu pai fica insistindo para eu ir ao oftalmologista, mas quem tem tempo para isso?

Elas se abraçaram rapidamente, depois entraram.

— Cheguei cedo, então comprei as entradas — explicou Jenny.

Sarah tentou enfiar uma nota de cem dólares na mão da filha.

— Mãe, não seja boba. Fico feliz em poder pagar.

— Para o táxi depois — disse a mãe, tentando enfiar a nota na mão dela como se estivesse distribuindo panfletos de uma loja de colchões.

Jenny apenas se virou e entregou as entradas ao guia. Sarah se viu obrigada a pôr a nota de volta na carteira.

— Soube que as melhores obras estão no andar de cima — afirmou Jenny. — Então talvez a gente deva começar de cima.

— O que você preferir, querida.

As duas esperaram o elevador e subiram em silêncio. Atrás delas, uma família latina conversava em um espanhol animado. A mulher repreendia o marido. Sarah havia iniciado os estudos de espanhol no ensino médio, apesar de não tê-los mantido. Reconheceu as palavras para "moto" e "babá" e ficou claro pela conversa que algum tipo de traição devia ter acontecido. Aos pés deles, duas crianças pequenas jogavam em video games portáteis, os rostos iluminados por um azul sombrio.

— O Shane está nervoso por causa de hoje — disse Jenny depois que eles saíram do elevador. — É tão fofo!

— Quando conheci os pais do seu pai, eu vomitei — contou Sarah.

— É mesmo?

— É, mas acho que pode ter sido a sopa de mariscos que tinha comido no almoço.

— Ah, mamãe — disse Jenny, sorrindo —, você é tão engraçada...

Jenny sempre contava às amigas que a mãe era "meio maluca". Sarah sabia ou sentia de alguma forma. E ela era — qual era a palavra? — um pouco aérea, um pouco, bem... Às vezes sua cabeça fazia conexões singulares. O Robin Williams não tinha essa mesma qualidade? Ou outros, sabe, pensadores inovadores.

Então agora você é o Robin Williams?, perguntaria Ben.

— Bom, ele não precisa ficar nervoso — afirmou Sarah. — A gente não morde.

— Classes existem — disse Jenny. — Voltaram a existir. A divisão, sabe? Pessoas ricas e... Quer dizer, os pais do Shane não são pobres, mas...

— É um jantar no Bali, não uma luta de classes. Além disso, a gente não é tão rico assim.

— Quando foi a última vez que voou com uma companhia aérea comercial?

— No inverno passado, indo para Aspen.

A filha fez um barulho, como se quisesse dizer: *Você ouviu o que disse?*

— Não somos bilionários, querida. Estamos em Manhattan, sabia? Frequentamos algumas festas em que *eu* me sinto uma empregada.

— Vocês têm um iate.

— Não é... É um barco a vela e eu falei para o seu pai não comprar. "É isso que a gente é agora?", falei. "Gente que anda de barco?" Mas você conhece *seu pai* quando enfia uma coisa na cabeça.

— Deixe para lá. A questão é que ele está nervoso, então, por favor, assim, não forcem a barra.

— Você está falando com a mulher que encantou um príncipe sueco. E, caramba, como ele era mal-humorado...

Ao dizer isso, elas entraram no espaço principal da galeria. Telas enormes cobriam as paredes, cada painel uma demonstração de força de vontade. Pensamentos e ideias reduzidos a linhas e cores. Sarah tentou tirar a rotina do cérebro, silenciar o falatório constante de pensamentos, a crônica lista de afazeres da vida moderna, mas era difícil. Quanto mais uma pessoa tem, mais ela se preocupa. Era isso que ela pensava.

Quando Jenny nascera, eles moravam em um apartamento de dois quartos no Upper West Side. Ben ganhava oitenta mil por ano trabalhando na bolsa. Mas ele era bonito, bom em fazer as pessoas rirem e sabia aproveitar uma oportunidade, por isso, dois anos depois, fora promovido a corretor e ganhava quatro vezes esse valor. Eles se mudaram para um condomínio e começaram a fazer compras em mercados gourmet.

Antes de ser mãe, Sarah havia trabalhado com marketing e, quando Jenny entrara na pré-escola, ela havia flertado com a ideia de voltar ao mercado, mas sentia um embrulho no estômago ao imaginar uma babá criando sua filha enquanto ela trabalhava. Por isso, apesar de sentir que estava desistindo de um pedaço de sua alma, Sarah ficara em casa, preparara almoços, trocara fraldas e esperara o marido voltar para casa e fazer sua parte.

Sua mãe a havia incentivado a fazer isso, a se tornar — como ela chamava — *uma senhora do lar*. Mas Sarah não lidava bem com a rotina desestruturada, provavelmente porque sua mente era muito desestruturada. Por isso ela havia se tornado uma mulher cheia de listas, uma mulher com vários calendários, que prendia bilhetes na parte de dentro da porta de casa. Era o tipo de pessoa que precisava ser lembrada, que esquecia um número de telefone um segundo depois que a pessoa o dizia. Tinha percebido a gravidade disso quando a filha de três anos havia começado a lembrar coisas a ela. Por isso, fora a um neurologista, que não encontrara nada de fisicamente errado com seu cérebro e sugerira Ritalina, supondo que Sarah tivesse TDAH. Só que ela odiava remédios e temia que eles a transformassem em uma pessoa diferente, por isso voltara a suas listas, seus

calendários e seus alarmes.

Nas noites em que Ben trabalhava até tarde — que haviam se tornado cada vez mais frequentes —, Sarah não conseguia evitar a lembrança de sua mãe na cozinha, quando ela era pequena, lavando a louça após o jantar, supervisionando os desenhos do fim do dia, enquanto preparava o almoço do dia seguinte. Era esse o ciclo da maternidade? A volta constante. Alguém havia dito a ela que mães existiam para amortecer a solidão eterna de ser uma pessoa. Se era verdade, então sua maior responsabilidade maternal era apenas fazer companhia. A mulher trazia a criança àquele mundo mal-humorado e caótico, tirando-a do calor do útero, e depois passava os dez anos seguintes andando ao seu lado, enquanto ela tentava descobrir como ser uma pessoa.

Os pais, por outro lado, estavam ali para deixar a criança mais resistente, para dizer *Engole o choro*, enquanto as mães a abraçavam quando ela caía. As mães davam o incentivo. Os pais, o castigo.

E assim Sarah havia se visto sozinha em sua cozinha, na rua East 63rd, arrumando o almoço para a filha levar para o colégio e lendo livros ilustrados durante banhos quentes, seu corpo e o da filha unidos. Nas noites em que dormia sozinha, Sarah levava Jenny para a cama com ela, lia livros e conversava com ela até que as duas adormeciam, entrelaçadas. Era assim que Ben as encontrava quando voltava para casa, fedendo a bebida, a gravata torta, tirando os sapatos de forma barulhenta.

— Como estão minhas meninas? — dizia ele.

As meninas dele, como se as duas fossem suas filhas. Mas ele dizia aquilo com amor, o rosto iluminado, como se aquela fosse sua recompensa por um longo dia, os rostos das mulheres que amava fixando nele seus olhos sonolentos, do conforto da cama familiar.

— Gostei deste aqui — disse Jenny, agora uma mulher de vinte e poucos anos, a cinco anos de ter os próprios filhos.

Apesar de tudo, elas haviam conseguido se manter próximas durante a tempestuosa adolescência. Jenny nunca fora muito adepta do drama. O pior que podiam dizer era que ela não *respeitava* mais a mãe como antes. É a maldição da mulher moderna. Elas ficam em casa e criam as filhas, que crescem, arranjam empregos e sentem pena das mães donas de casa.

Ao seu lado, Jenny falava dos pais de Shane. O pai reformava carros antigos. A mãe gostava de fazer caridade na igreja deles. Sarah tentou se concentrar, procurando possíveis problemas, coisas que Ben teria que saber, mas sua mente viajava. Ela percebeu que podia comprar qualquer quadro daquele salão. Quanto a

maioria das obras de jovens artistas custava? Algumas centenas de milhares? Um milhão?

No Upper West Side, eles haviam morado no terceiro andar. O apartamento da rua East 63rd ficava no nono. Agora eles tinham um loft em uma cobertura em Tribeca, no quinquagésimo terceiro andar. E, apesar de a casa em Connecticut ter apenas dois andares, a própria localização a tornava um tipo de estação espacial. Os "fazendeiros" da feira de sábado, que defendiam o retorno das maçãs *heirloom* e da arte perdida das cesteiras, eram o novo grupo de artesãos hipsters. As coisas que Sarah passara a chamar de problemas eram completamente eletivas: *Não há mais lugares na primeira classe no nosso voo*, *o barco está com um vazamento* etc. Problemas reais — como o corte no fornecimento de gás, o risco de o filho ser esfaqueado na escola, ou o carro ter sido apreendido — tinham se tornado coisas do passado.

E tudo aquilo havia feito Sarah perguntar, agora que Jenny tinha crescido, agora que a riqueza deles era seis vezes maior do que suas necessidades: para que aquilo tudo? Os pais dela tinham dinheiro, claro, mas não tanto. O bastante para integrar o melhor clube, para comprar uma casa de seis quartos e os carros mais novos, o suficiente para se aposentar com alguns milhões no banco. Mas aquilo — centenas de milhões limpos nas Ilhas Cayman — estava além dos limites da riqueza tradicional, além até mesmo dos limites do que um dia havia sido considerado novo-rico. A riqueza moderna era algo completamente diferente.

E, nesses dias — nas horas desestruturadas de sua vida —, Sarah se perguntava se vivia apenas para movimentar dinheiro.

Compro, logo existo.

★ ★ ★

Quando voltou ao escritório, Ben encontrou dois homens esperando por ele. Estavam sentados na sala de espera, lendo revistas, enquanto Darlene digitava nervosamente ao computador. Ben percebeu pelos ternos baratos que eles eram do governo. Quase deu meia-volta e saiu, mas não o fez. A verdade era que, a conselho de seu advogado, ele tinha uma mala feita em um depósito e alguns milhões não rastreáveis no exterior.

— Sr. Kipling — disse Darlene alto demais, ficando de pé. — Estes senhores estão aqui para falar com o senhor.

Os homens largaram as revistas e se levantaram. Um era alto e tinha um queixo firme. O outro tinha uma verruga escura sob o olho esquerdo.

— Sr. Kipling — disse o Queixo Firme. — Sou Jordan Bewes do Departamento do Tesouro. Este é meu colega, agente Hex.

— Ben Kipling.

Kipling se forçou a cumprimentá-los.

— O que houve? — perguntou, tentando ser o mais casual possível.

— Vamos conversar, senhor — disse Hex —, mas em particular.

— É claro. Farei o que puder para ajudar. Venham comigo.

Ele se virou para levá-los para sua sala e notou o olhar de Darlene.

— Chame o Barney Culpepper.

Ben levou os agentes até seu escritório. Estavam no octogésimo sexto andar, mas o vidro temperado os protegia da intempérie, criando uma vedação hermética, a sensação de que estavam em um dirigível, flutuando acima de tudo.

— Posso oferecer alguma coisa a vocês? — perguntou ele. — Água Pellegrino?

— Estamos bem — respondeu Bewes.

Kipling foi até o sofá e desabou no canto mais próximo da janela. Decidiu que agiria como um homem que não tinha nada a temer. Havia uma tigela de pistaches no aparador. Ele pegou um, abriu e comeu.

— Sentem-se, por favor.

Os homens tiveram que virar as cadeiras de convidados para o sofá. Sentaram-se, incomodados.

— Sr. Kipling — disse Bewes —, somos da Agência de Controle de Ativos Estrangeiros. O senhor sabe o que fazemos?

— Já ouvi falar, mas, sinceramente, não me pagam por causa do meu conhecimento logístico. Sou mais o cara das ideias.

— Somos um braço do Departamento do Tesouro.

— Isso eu entendi.

— Bem, nós existimos para garantir que os negócios e os bancos de investimento americanos não façam negócios com países que o governo considera fora de sua alçada. E, bom, a sua empresa chamou nossa atenção.

— Por *fora de sua alçada* o senhor quer dizer...

— Que estão sob sanções — respondeu Bewes. — Estamos nos referindo a países como Irã e Coreia do Norte. Países que financiam o terrorismo.

— O dinheiro deles é nocivo — afirmou Hex — e a gente não o quer aqui.

Ben sorriu, exibindo suas próteses dentárias perfeitas.

— Os países são nocivos. Isso com certeza. Mas o dinheiro? Bem, dinheiro é uma ferramenta, senhores. Nunca é bom nem mau.

— Está bem, senhor, deixe-me voltar um pouco. Já ouviu falar da lei, não?

— Qual lei?

— Não, quero dizer... O senhor sabe que existem coisas chamadas *leis* neste país.

— Sr. Bewes, não me menospreze.

— Só estou tentando falar uma língua que todos possamos entender — respondeu Bewes. — A questão é que suspeitamos que sua empresa esteja lavando dinheiro para... Porra, para praticamente todo mundo. E viemos aqui para avisá-lo que estamos vigiando.

Naquele momento, a porta se abriu e Barney Culpepper entrou. Vestindo um terno de algodão azul e branco, Barney tinha tudo o que todos gostariam de ter em um advogado corporativo: agressividade e sangue azul — era filho de um antigo embaixador dos Estados Unidos na China. Seu pai fora amigo de três presidentes. Naquele instante, Barney tinha na boca um pirulito vermelho e branco, típico do Natal, apesar de ser agosto. Ao vê-lo, Kipling sentiu uma onda de alívio — como uma criança que é chamada ao escritório do diretor e recua quando o pai chega.

— Senhores — disse Ben —, este é o Sr. Culpepper, o consultor jurídico da empresa.

— É uma conversa informal — afirmou Hex. — Não há necessidade de advogados.

Culpepper não se deu o trabalho de cumprimentá-los. Apoiou o traseiro no aparador.

— Pergunte sobre o pirulito — disse.

— Como assim? — respondeu Hex.

— O pirulito. Pergunte sobre isso.

Hex e Bewes trocaram olhares, como se quisessem dizer: *Não quero fazer isso. Pergunte você.*

Por fim, Bewes deu de ombros.

— Qual é a do...

Culpepper tirou o pirulito da boca e mostrou a eles.

— Quando minha assistente disse que dois agentes do Tesouro estavam aqui, só consegui pensar: "Devem estar distribuindo presentes de Natal."

— Muito engraçado, Sr...

— Porque eu sei que meu velho companheiro de partidas de badminton, Leroy Able... Sabem quem ele é, não?

— É o secretário do Tesouro.

— Exatamente. Bom, eu sei que meu velho companheiro de partidas de

badminton, Leroy, não mandaria agentes aqui sem me ligar antes. E como ele não ligou...

— É mais uma visita de cortesia — explicou Hex.

— Tipo aquelas em que a gente leva biscoitos e diz: "Bem-vindo ao bairro?"

Culpepper olhou para Kipling.

— Eles trouxeram biscoitos? Eu perdi a...

— Não trouxeram — respondeu Ben.

Bewes sorriu.

— Quer biscoitos?

— Não — disse Culpepper. — É só que, quando seu amigo disse *visita de cortesia*, eu achei...

Bewes e Hex se olharam e se levantaram.

— Ninguém está acima da lei — afirmou Bewes.

— Quem disse que... — respondeu Culpepper. — Achei que a gente estivesse falando de sobremesas.

Bewes abotoou o paletó sorrindo. Era um cara com cartas na manga.

— Um caso está sendo montado. Meses, anos. Países com as sanções mais pesadas. E quer falar sobre provas? Que tal se eu disser que vocês vão precisar de dois tratores para levar tudo para o tribunal?

— Abra um processo — disse Culpepper. — Mostre um mandado. Então vamos responder.

— Quando chegar a hora — afirmou Hex.

— Se vocês não estiverem estacionando carros no Queens depois que eu der um telefonema — retrucou Culpepper, mastigando o pirulito.

— Bom — respondeu Bewes —, eu sou do Bronx. Se quiser ligar para alguém, ligue. Mas lembre-se da briga que está comprando.

— É tão fofo — disse Culpepper — você achar que o tamanho do seu pau importa. Porque, meu querido, quando eu fodo alguém, eu uso o braço inteiro.

Ele mostrou o braço e a mão, na ponta da qual apenas um dedo estava erguido, de prontidão.

Bewes riu.

— Sabe aqueles dias em que a gente vai trabalhar e é um saco? — perguntou. — Bom, isso vai ser divertido.

— É o que todos dizem — disse Culpepper — até meu cotovelo entrar.

★ ★ ★

Naquela noite, no jantar, Ben estava distraído. Ele revisou mentalmente a conversa com Culpepper.

— Não é nada — dissera Culpepper, jogando o pirulito no lixo depois que os agentes haviam saído. — São agentes de trânsito tentando multar por nada no fim do mês. Estão tentando cumprir as cotas.

— Eles disseram meses — respondera Ben. — Anos.

— Veja o que aconteceu com o HSBC. Foi um tapinha na mão. Sabe por quê? Porque, se aplicassem a lei realmente, teriam que tirar a licença de funcionamento do banco. E todo mundo sabe que isso não vai acontecer. Ele são grandes demais para ir para a cadeia.

— Está chamando uma multa de um bilhão de dólares de um tapinha na mão?

— São trocados. Alguns meses de lucro. Você sabe disso melhor que ninguém.

Mas Ben não tinha tanta certeza. Havia algo no modo como os agentes se comportaram. Estavam agindo de maneira insolente, como se soubessem que tinham uma mão melhor em um jogo de cartas.

— A gente tem que se reunir — dissera ele — com todo mundo que sabe de alguma coisa.

— Já fiz isso. Você sabe que tipo de contrato de confidencialidade as pessoas tiveram que assinar para trabalhar até na recepção daqui? Essa porra é uma fortaleza.

— Não vou para a cadeia.

— Porra, larga de ser medroso. Você não entendeu? Ninguém vai para a cadeia. Você se lembra do escândalo da LIBOR? Uma conspiração que valia trilhões com T maiúsculo? Um repórter perguntou ao procurador-geral: "O banco já desrespeitou as leis, então por que não ser mais duro com ele?" O procurador-geral respondeu: "Não sei o que significaria ser mais duro."

— Eles vieram ao meu escritório — dissera Ben.

— Deram uma volta de elevador. Dois caras. Se tivessem alguma coisa, teriam sido centenas e teriam saído daqui com mais do que o pau na mão.

Mesmo assim, sentado em uma mesa de canto com Sarah, Jenny e a família do noivo dela, Ben não podia deixar de se perguntar se eles realmente só haviam saído com aquilo. Queria ter filmado a conversa para poder observar o próprio rosto, ver o quanto havia se denunciado. Sua cara de paisagem costumava ser perfeita, mas, naquela sala, ele se sentira perdido. Será que passara tensão pela boca? Pelas rugas nos olhos?

— Ben? — chamou Sarah, sacudindo o braço dele.

Pela expressão da mulher, ficou claro que uma pergunta havia sido feita a ele.

— Oi? — respondeu ele. — Desculpe. Não ouvi. O pessoal está falando muito alto aqui.

O lugar estava muito silencioso, com apenas alguns idosos sussurrando e tomando sopa.

— Falei que ainda preferimos investir nosso dinheiro em imóveis — disse Burt ou Carl ou qualquer que fosse o nome do pai de Shane. — E pedi sua opinião.

— Depende do imóvel — afirmou Ben, levantando-se do banco. — Mas meu conselho após o Furacão Sandy é: se for comprar alguma coisa em Manhattan, escolha um andar alto.

Ele pediu licença, desviou do olhar reprovador de Sarah, e saiu do restaurante. Precisava tomar ar.

Na calçada, ele pediu um cigarro de um homem que voltava tarde para casa e ficou fumando sob o toldo do restaurante. Uma leve garoa caía e ele observava a luz dos faróis brilhar no asfalto preto.

— Tem outro? — perguntou um homem de gola rulê, saindo de trás de Ben.

Kipling se virou e olhou para ele. Era um homem abastado de cerca de quarenta anos, mas com um nariz que havia sido quebrado pelo menos uma vez.

— Desculpe. Filei esse aqui.

O homem de gola rulê deu de ombros e ficou parado olhando a chuva.

— Tem uma moça no restaurante tentando chamar sua atenção — disse.

Ben olhou. Jenny acenava para ele. *Volte para a mesa.* Ele desviou o olhar.

— É minha filha — explicou. — É dia de conhecer os sogros dela.

— Parabéns — respondeu o homem.

Kipling bufou e assentiu.

— Com os meninos a gente se pergunta se eles vão sair de casa um dia — disse o homem. — Achar o caminho deles. Na minha época, a gente era jogado na rua assim que tinha idade para votar. Às vezes antes. Adversidade. É o único jeito de criar um homem.

— E o que aconteceu com o seu nariz? — perguntou Kipling.

O homem sorriu.

— Sabe como sempre mandam a gente encontrar o maior cara e acabar com a raça dele no primeiro dia de prisão? Bom, assim como tudo na vida, isso tem consequências.

— É... Você já foi preso? — indagou Kipling, sentindo a animação de um turista.

— Não aqui. Em Kiev.

— Caramba.

— E depois em Xangai, mas isso foi mamão com açúcar, em comparação.

— Estamos falando de azar ou...

O homem sorriu.

— Um acidente? Não, cara. O mundo é um lugar perigoso. Mas você sabe disso, não é?

— O quê? — perguntou Kipling, sentindo um arrepio levemente premonitório.

— Eu disse que você sabe que o mundo é um lugar perigoso. Causa e efeito. Lugar errado, hora errada. Dava para encher um dedal com a quantidade de vezes que, em toda a história da humanidade, um homem bom fez uma coisa ruim sem pensar.

— Eu não, é... não sei seu nome.

— Que tal meu Twitter? Quer me seguir no Instagram?

Kipling deixou o cigarro cair na calçada. Enquanto fazia isso, um carro preto parou em frente ao restaurante e ficou esperando.

— Bom conversar com você — disse Ben.

— Espere. Estamos quase acabando, mas falta uma coisa.

Kipling tentou passar pela porta, mas o homem estava na frente dela. Não impedia seu caminho exatamente, só estava ali.

— Minha mulher... — começou Ben.

— Ela está bem — afirmou o homem. — Provavelmente deve estar pensando na sobremesa. Talvez vá comer um suspiro. Então respire fundo ou dê uma volta de carro. Você decide.

O coração de Kipling batia a mil por segundo. Ele havia esquecido que aquela sensação existia. O que era aquilo? Mortalidade?

— Escute — disse Ben —, não sei o que acha...

— Você recebeu uma visita hoje. Da polícia. *Señor* Empata Foda. Estou sendo grosseiro deliberadamente. Mas devo dizer... Talvez tenham assustado você.

— Isso é uma ameaça ou...

— Não fique animadinho. Você não está em apuros. Talvez com eles. Mas não com a gente. Ainda não.

Kipling podia imaginar quem era *a gente*. As possibilidades eram claras. Apesar de sempre ter lidado com factótuns e intermediários (no máximo criminosos de colarinho branco), ele tinha construído suas bases na empresa explorando fontes de lucro previamente *subutilizadas*. Fluxos de receita que — como a visita dos agentes do Tesouro apenas reforçava — eram de natureza ilegal. O que significava, para todos os efeitos, que lavava dinheiro para países que patrocinavam o

terrorismo, como o Irã e o Iêmen, e países que matavam os próprios cidadãos, como o Sudão e a Sérvia. E fazia isso de um escritório enorme em um arranha-céu no centro da cidade. Porque, quando alguém lida com *bilhões* de dólares, faz isso à vista de todos, criando empresas de fachada e disfarçando origens de transferências de todas as maneiras possíveis, até o dinheiro estar tão limpo que poderia ser novo.

— Não tem nenhum problema — disse Ben ao homem de gola rulê. — Eram só dois jovens agentes ficando animados demais. Mas, acima deles, as coisas estão acertadas. No nível que importa.

— Não — afirmou o homem. — Você está com alguns problemas nesse nível também. Mudanças na política executiva. Novas ordens. Não estou mandando você *entrar em pânico*, mas...

— Escute — interrompeu Ben. — Somos bons nisso. Os melhores. Por isso seus chefes...

Um olhar severo.

— Não vamos falar sobre eles.

Ben sentiu um arrepio descer por sua espinha e fechar seu esfíncter.

— Estou falando que pode confiar na gente. *Em mim*. Esse sempre foi o meu compromisso. Ninguém vai para a cadeia por... por causa disso. Foi o que Barney Culpepper disse.

O homem olhou para Ben como se quisesse dizer: *Talvez eu acredite em você, talvez não*. Ou talvez estivesse tentando dizer: *Não depende de você.*

— Proteja o dinheiro — respondeu. — É isso que importa. E não se esqueça de quem é o dono dele. Porque, tudo bem, talvez você tenha lavado tudo tão direitinho que ele não possa ser ligado à gente, mas isso não o torna seu.

Ben levou um segundo para entender o que ele queria dizer. Achavam que ele era um ladrão.

— Não. É claro.

— Você parece preocupado. Não fique assim. Está tudo bem. Quer um abraço? Tudo que estou dizendo é para não esquecer as coisas mais importantes. Ou seja: o seu traseiro fica em segundo lugar. O importante é o dinheiro. Se tiver que ir para a cadeia, vá para a cadeia. E, se sentir vontade de se enforcar, bem, talvez isso também não seja má ideia.

Ele sacou um maço de cigarros e o sacudiu até pegar um com os lábios.

— Enquanto isso — disse —, peça o flã de sobremesa. Você não vai se arrepender.

Então o homem de gola rulê foi até o sedã preto parado e entrou. Kipling

ficou observando o carro se afastar.

ELES FORAM PARA Martha's Vineyard na sexta-feira. Sarah tinha um leilão de caridade. Algo a ver com "Salvem as andorinhas-do-mar". Na balsa, ela reclamou do fracasso do jantar com os possíveis sogros da filha. Ben Kipling pediu desculpas. "É uma coisa no trabalho", justificou-se à esposa. Mas ela já tinha ouvido aquilo vezes demais.

— Então se aposente — disse Sarah. — Já que está tão estressado. Temos mais dinheiro do que poderíamos gastar. Poderíamos até vender o apartamento ou o barco. Sinceramente, eu não dou a mínima.

Ele se irritou com aquelas palavras, com a insinuação de que o dinheiro que ele havia ganhado, que continuava ganhando, de alguma maneira, não valesse nada para ela. Como se a técnica, a expertise que havia acumulado, o amor pelo negócio, por novos desafios, não valessem nada. Como se fossem um fardo.

— A questão não é o dinheiro — respondeu ele. — Eu tenho responsabilidades.

Ela não se deu o trabalho de continuar argumentando, não se deu o trabalho de dizer: "E suas responsabilidades para comigo? Para com a Jenny?" Sarah sabia que havia se casado com uma máquina de movimento perpétuo, uma engrenagem que devia continuar girando ou nunca mais giraria. Ben era o trabalho. O trabalho era Ben. Era uma equação matemática. Ela precisara de quinze anos e três terapeutas para aceitar aquilo — pois, para ela, aceitar era a chave para a felicidade. Mas às vezes aquilo ainda machucava.

— Eu não peço muito — disse. — Mas o jantar com os Comstock era importante.

— Eu sei — respondeu ele —, me desculpe. Vou convidar o cara para ir ao clube, para jogar golfe. Depois que terminar de massagear o ego dele, o homem vai ser presidente do nosso fã-clube.

— Não é o marido que importa. É a esposa. E já vi que ela está meio cética. Acha que a gente é do tipo de pessoa que compra tudo o que quer.

— Ela disse isso?

— Não, mas dá para perceber.

— Foda-se ela.

Ela travou os dentes. Ele sempre fazia aquilo, dispensava as pessoas. Isso só piorava as coisas, acreditava ela, apesar de ter inveja dele por se importar tão pouco.

— Não — retrucou ela. — Isso é importante. Temos que ser melhores.

— Em quê?

— Como pessoas.

Uma resposta ácida morreu na ponta da língua de Ben quando viu o rosto da mulher. Ela estava falando sério. Para ela, de alguma forma, eles haviam se transformado em pessoas ruins só por serem ricos. Aquilo ia contra tudo que ele acreditava. Bastava olhar para Bill Gates. O homem havia doado metade da fortuna dele para causas beneficentes. Bilhões de dólares. Isso não o tornava uma pessoa melhor que, sei lá, um padre? Se analisassem o impacto, Bill Gates não seria uma pessoa melhor que Gandhi? E Ben e Sarah Kipling, que doavam milhões para causas nobres todos os anos, não eram pessoas melhores que os Comstock, que doavam — no máximo — cinquenta mil?

★ ★ ★

Sarah acordou cedo no domingo. Mexeu na cozinha, ajeitando tudo, vendo do que precisavam, depois calçou o tênis, pegou a cesta de vime e atravessou a ilha a pé até a feira. O tempo estava quente e úmido, a névoa marinha se dissipava e o sol, amplificado pelas moléculas de água, fazia o mundo parecer, de alguma maneira, líquido. Ela passou pelas caixas de correio tortas do fim da rua e andou pela lateral da rua principal. Gostava do barulho de seus sapatos na areia que margeava o asfalto. O tênis macio marcava o ritmo. Nova York era tão barulhenta, com a agitação do trânsito e do metrô, que não dava para ouvir nem a própria respiração. Às vezes, entre o som das britadeiras e o sibilar explosivo dos ônibus freando, era preciso se beliscar para saber se você ainda estava vivo.

Mas, ali, enquanto o frio da noite dava lugar à umidade quente de um dia de verão, formando um arco-íris, Sarah sentia a própria respiração, os músculos se movendo. Ouvia seu cabelo bater na gola da jaqueta leve.

A feira já estava agitada. Dava para sentir o cheiro das frutas que fermentavam em cestas escondidas, tomates e pêssegos machucados, encaixotados por causa da aparência, apesar de as frutas manchadas serem as mais doces. Toda semana, os vendedores montavam as barracas em uma ordem um pouco diferente — às vezes o vendedor de pipoca doce ficava em uma ponta, às vezes na outra. A florista preferia o meio, o padeiro, a ponta mais próxima da água. Fazia quinze anos que

Ben e Sarah iam a Martha's Vineyard: primeiro para casas alugadas e, depois, quando a riqueza havia se tornado fortuna, como proprietários de um bloco de concreto moderno com vista para o mar.

Sarah conhecia todos os produtores pelo nome. Tinha visto seus filhos passarem de crianças a adolescentes. Andava ao lado dos turistas e dos moradores, sentindo-se mais parte do lugar do que realmente consumidora. Eles iam pegar a balsa à tarde. Seria inútil comprar mais que um único pêssego, mas ela não podia *deixar* de ir à feira no domingo de manhã. Nas semanas em que chovia e a feira era cancelada, ela se sentia perdida. De volta à cidade, perambulava pelas ruas como um rato em um labirinto, procurando alguma coisa, sem nunca saber exatamente o quê.

Sarah parou e analisou um agrião. A briga que ela e Ben tiveram após o jantar — o fato de ele ter se levantado e saído com desdém no meio da refeição — tinha sido breve, mas feia. Ela dissera ao marido claramente que não ia mais tolerar o egoísmo dele. O mundo não existia para satisfazer as necessidades de Ben Kipling. E, se era aquilo que ele queria — cercar-se de pessoas em quem podia pisar sempre que quisesse —, bem, então, ia ter que achar outra esposa.

Ben, estranhamente, pedira muitas desculpas, pegara a mão dela e dissera que ela estava certa, que ele sentia muito e faria de tudo para garantir que aquilo nunca mais acontecesse. Aquilo a pegara de surpresa. Estava muito acostumada a brigar com as costas do marido. Mas, daquela vez, ele havia olhado nos olhos dela. Dissera que sabia que sempre dera a presença dela como certa, dera tudo como certo. Com arrogância. *Soberba* tinha sido a palavra que usara. Mas, a partir daquele dia, seria um novo homem. Parecera um pouco assustado, na verdade. Ela considerara o medo um sinal de que a ameaça tinha dado certo, de que ele havia acreditado que ela o deixaria e não sabia o que fazer sem ela. Mais tarde perceberia que ele já estava com medo — medo de estar a ponto de perder tudo que tinha, tudo que era.

Por isso, naquele dia, depois de testemunhar o arrependimento do marido e se deitar com ele na cama de casal, com a cabeça dele entre os seios, as mãos em suas coxas, ela sentia que um novo capítulo de sua vida ia começar. Um renascimento. Eles haviam conversado até tarde da noite, planejado tirar um mês de férias e ir para a Europa. Os dois caminhariam pelas ruas de Úmbria, na Itália, de mãos dadas, recém-casados outra vez. Em algum momento depois da meia-noite, ele havia aberto a caixinha de mogno e eles fumaram maconha. Era a primeira vez que ela fazia isso desde que Jenny havia nascido. Os dois riram como crianças, sentados no chão da cozinha, diante da geladeira aberta, comendo morangos

direto do pote.

Ela passou por pepinos e cestas de alfaces com folhas soltas. O homem das frutas vermelhas havia arrumado seus produtos em três grupos: cestas verdes de mirtilos, amoras e framboesas. Perdida em uma ilusão, ela descascou as folhas rígidas de um milho, os dedos famintos pela seda amarela abaixo delas. Ali, na feira em Martha's Vineyard, naquele exato local, naquele momento, o mundo moderno desaparecia, a divisão velada das silenciosas lutas de classes. Não havia ricos nem pobres nem privilégios, apenas alimentos retirados da terra úmida, frutas colhidas de galhos fortes e mel roubado das colmeias. *Somos todos iguais diante da natureza*, pensou ela — o que era, em si, uma ideia nascida do luxo.

Ao olhar para a frente, viu Maggie Bateman à meia distância. A cena foi a seguinte: um casal com um carrinho de bebê passou diante dela e, ao fazer isso, o perfil de Maggie foi revelado, em meio a uma conversa; então, quando o casal com o carrinho sumiu totalmente, o homem com quem ela falava também foi revelado. Era um sujeito bonito, de cerca de quarenta anos, que usava calça jeans e camiseta, ambas manchadas de tinta, e um velho cardigã azul. Tinha cabelos relativamente longos, que haviam sido penteados para trás de forma descuidada, por isso, de tempos em tempos, caíam no rosto. Enquanto Sarah observava, ele voltou a jogá-los distraidamente para trás, da maneira que os cavalos afastam moscas com o rabo.

A primeira sensação que atingiu Sarah foi de simples reconhecimento. Ela *conhecia* aquela pessoa (Maggie). Depois, ela pensou no contexto (essa é Maggie Bateman, casada com David, mãe de dois filhos). Em seguida, viu que o homem com quem ela conversava estava parado perto demais, inclinava-se um pouco para ela e sorria. E que o olhar de Maggie era parecido. Havia uma *intimidade* entre eles que parecia mais do que casual. Então Maggie se virou e viu Sarah. Ela ergueu a mão e protegeu os olhos do sol, como um marinheiro que observa o horizonte.

— Oi — cumprimentou ela.

Algo na tranquilidade do cumprimento, no fato de Maggie não estar agindo como uma mulher que tinha acabado de ser pega flertando com um homem que não era seu marido, fez Sarah repensar o que havia suposto.

— Achei que fosse ver você aqui — disse Maggie. E então: — Ah, este é o Scott.

O homem mostrou a palma da mão para Sarah.

— Oi — respondeu ela, antes de se virar para Maggie. — É, você me conhece. Sempre que a feira acontece, venho aqui apertar abacates, faça chuva ou faça sol.

— Vai voltar hoje?

— Na balsa das três horas, eu acho.

— Não... Não faça isso. Estamos com o avião. Venham com a gente.

— Mesmo?

— É claro. Era o que eu... estava falando para o Scott. Ele também tem que ir para a cidade hoje.

— Eu estava pensando em ir andando — disse Scott.

Sarah franziu a testa.

— A gente está em uma ilha.

Maggie sorriu.

— Sarah. Ele está brincando.

Sarah percebeu que ruborizava.

— É claro.

Ela forçou uma risada.

— Às vezes eu sou uma boba.

— Então está fechado — disse Maggie. — Você tem que vir. Vocês dois. E o Ben. Vai ser divertido. A gente pode tomar um drinque e, sei lá, falar sobre arte.

Para Sarah, ela explicou:

— O Scott é pintor.

— Um pintor fracassado — esclareceu ele.

— Não. Isso não é... Você não acabou de me falar que tem reuniões em galerias na semana que vem?

— Que com certeza vão dar errado.

— O que você pinta? — perguntou Sarah.

— Catástrofes — respondeu ele.

Sarah demonstrou não ter entendido, então Maggie explicou:

— Scott pinta cenas de desastres que viu nos jornais: descarrilamentos, prédios desabados, monções, essas coisas. Elas são geniais.

— Bem — completou Scott —, são mórbidas.

— Gostaria de ver um dia — afirmou Sarah, de maneira educada, apesar de aquilo realmente ter soado mórbido para ela.

— Viu? — disse Maggie.

— Ela está sendo educada — respondeu Scott, perceptivo. — Mas obrigado. Vivo de maneira bem simples aqui.

Ficou claro que ele diria mais se alguém perguntasse, mas Sarah mudou de assunto.

— A que horas vocês vão voltar? — perguntou.

— Vou confirmar por mensagem — disse Maggie —, mas acho que por volta das oito. Vamos voar até o Aeroporto Teterboro e, de lá, para a cidade. A gente

costuma estar em casa e na cama às dez e meia.

— Uau! — exclamou Sarah. — Isso seria incrível. Só de pensar no trânsito de domingo à tarde... *Blergh*... Quer dizer, vale a pena, mas isso seria... O Ben vai adorar.

— Ótimo — disse Maggie. — Fico feliz. É para isso que serve, não é? Quando se tem um avião...

— Eu não saberia — afirmou Scott.

— Não seja sarcástico — respondeu Maggie, virando-se para ele. — Você também vai vir.

Ela sorria, provocava o pintor, então Sarah imaginou que era apenas a personalidade de Maggie, uma brincalhona, uma pessoa amistosa. Scott certamente não passava a impressão de que os dois eram nada além de amigos de feira.

— Vou pensar no assunto — disse ele. — Obrigado.

Scott deu um sorriso para as duas e se afastou. Por um instante, pareceu que os três iam seguir caminho, mas Maggie ficou um pouco mais e Sarah se sentiu na obrigação de continuar conversando, caso ela quisesse, por isso as duas olharam para ele e voltaram a conversar.

— Como você o conhece? — perguntou Sarah.

— O Scott? Daqui mesmo. Ele está sempre no Gabe's, sabe, tomando café, e eu levava as crianças lá o tempo todo, era um lugar a que íamos sempre, para sair um pouco de casa. A Rachel gostava dos muffins de lá. E a gente começou a conversar.

— Ele é casado?

— Não — respondeu Maggie. — Acho que foi noivo uma vez. Bom, eu e as crianças fomos até a casa dele uma vez para ver os quadros. São realmente incríveis. Fico tentando convencer David a comprar alguma coisa, mas ele diz que o cara trabalha com desastres e não quer voltar para casa e ficar vendo essas coisas. E, para ser sincera, são bem realistas.

— Aposto que sim.

— É.

As duas ficaram paradas por um instante, sem saber o que dizer, como duas pedras de um riacho, o movimento da multidão constante em torno delas.

— Está tudo bem? — perguntou Sarah.

— Tudo, e com vocês?

Sarah pensou na maneira que Ben a havia beijado naquela manhã. Ela sorriu.

— Tudo bem.

— Ótimo. Bom, a gente conversa mais no avião, está bem?

— Maravilha. Obrigada mais uma vez.

— Não é nada. Vejo você à noite.

Maggie deu um beijo rápido nela e foi embora. Sarah ficou observando Maggie se afastar, depois foi comprar mais morangos.

★ ★ ★

Enquanto isso, Ben estava sentado no deque — feito de madeira de demolição e treliça coberta de hera —, observando as ondas. No balcão da cozinha havia doze bagels com salmão defumado, tomates *heirloom*, alcaparras e cream cheese artesanal. Ben estava sentado em uma cadeira de palha, lendo o *New York Times* de domingo e bebendo um cappuccino, a leve brisa do mar batendo no rosto. Tinha trocado mensagens com Culpepper durante todo o fim de semana, usando um aplicativo chamado Redact, que apagava as mensagens depois de lidas e então as deletava de vez.

No mar, barcos à vela flutuavam lentamente pelas ondas. Culpepper havia escrito, de forma codificada, que tinha investigado o caso do governo por trás dos panos. Usara emoticons no lugar de palavras-chave, supondo que isso faria com que fosse mais difícil usar as mensagens como prova, caso o governo conseguisse hackear o aplicativo de alguma forma.

Parece que eles têm uma chave :-(fornecendo sujeira.

Ben limpou o tomate que escorria pelo queixo e terminou a primeira metade de bagel. Um dedo-duro? Era isso que Culpepper estava dizendo? Ben se lembrou do homem de gola rulê na porta do restaurante, o nariz quebrado em uma prisão russa. Aquilo realmente havia acontecido?

Sarah entrou na varanda com metade de uma toranja. Ele havia acabado de acordar, mas ela já tinha feito uma aula de spinning na cidade.

— A balsa sai às três e meia — disse. — Então a gente tem que estar lá às duas e quarenta e cinco.

Sarah passou um guardanapo para ele e sentou-se.

— Encontrei a Maggie na feira.

— Bateman?

— É. Ela estava com um pintor. Quer dizer, não *estava com ele*, mas estavam conversando.

— Ahã — respondeu ele, preparando-se para se desligar do restante da conversa.

— Ela disse que tem lugar no avião deles hoje.

Aquilo chamou a atenção dele.

— Ela ofereceu carona?

— A não ser que você queira pegar a balsa. Mas, é aquilo, o trânsito de domingo à noite.

— Não, isso é... Você aceitou?

— Disse que ia falar com você, mas para ela contar com a gente.

Ben se recostou na cadeira. Ele enviaria uma mensagem para que sua assistente mandasse um carro para o Aeroporto Teterboro. Estava sacando o telefone para fazer isso quando pensou em outra coisa.

David. Ele podia falar com David. Não em detalhes, é claro, mas explicar que estava tendo problemas — de magnata para magnata. Será que David recomendaria alguma estratégia? Eles deveriam contratar um gerente de crises preventivamente? Começar a procurar um bode expiatório? David era muito próximo do Executivo. Se havia realmente novas ordens no Departamento de Justiça, talvez ele pudesse saber com antecedência.

Ben largou o bagel comido pela metade, limpou as mãos na calça e se levantou.

— Vou dar uma caminhada na praia, organizar algumas coisas.

— Se esperar um pouquinho, posso ir com você.

Ele ia começar a dizer que precisava de tempo para pensar, mas se deteve. Depois do fiasco com o namorado de Jenny, precisava se esforçar. Por isso, fez que sim com a cabeça e entrou para pegar o tênis.

★ ★ ★

A viagem até o aeroporto foi curta. O carro os buscou pouco depois das nove da noite. Eles seguiram no banco traseiro, ar-condicionado ligado, em direção ao crepúsculo cada vez mais escuro, o sol baixo no horizonte, uma gema laranja mergulhando lentamente nas nuvens que pareciam suspiro frio. Ben revisou o que queria dizer a David, como abordaria o assunto — não diria: "Estou com um problema", e sim: "Você ouviu alguma coisa da Casa Branca que possa afetar o mercado em geral?". Ou não, talvez fosse específico demais. Talvez tivesse que ser simplesmente: "Ouvimos uns boatos sobre novas regulamentações. Você confirma ou nega?"

Ele suava, apesar da temperatura de vinte graus no carro. Ao lado de Ben, Sarah observava o pôr do sol com um sorriso discreto. Ben apertou a mão dela,

incentivando-a. Ela olhou para ele e abriu um grande sorriso — era *seu homem*. Ben sorriu para ela. Ele poderia virar um gim-tônica naquele instante.

Ben estava saindo do carro quando Culpepper ligou. Eram nove e quinze, e uma névoa pesada e branca se formava nos limites da pista.

— Vai acontecer — disse Culpepper, enquanto Ben pegava sua maleta com o motorista.

— O quê?

— Um indiciamento. Um passarinho me contou.

— O quê? Quando?

— De manhã. Os federais vão chegar em peso, com mandados. Liguei furioso para Leroy, mas ele vai ter que ficar do lado do presidente nessa. "Temos que mandar uma mensagem para Wall Street" ou qualquer merda parecida. Estou com cem temporários aqui cuidando das coisas.

— Que coisas?

— O que o Come-Come faz com tudo que vê pela frente?

Ben tremia. Seu raciocínio lógico e criativo tinha ido para o espaço.

— Caramba, Barney, fale logo.

— Não pelo telefone. Só saiba que nossas informações estão passando pelo que a URSS passou com Stalin. Mas você não sabe de nada. Para você, é só mais uma noite de domingo.

— O que eu...

— Nada. Vá para casa, tome um calmante e durma. De manhã, vista um terno confortável e passe hidratante nos pulsos. Vão prender você no escritório. Você, Hoover, Tabitha etc. Temos advogados de prontidão para pagar a fiança, mas eles vão ser cretinos e segurar vocês pelo máximo de tempo permitido.

— Na cadeia?

— Não. Na Best Buy. É, na cadeia. Mas não se preocupe. Tenho um cara ótimo com fianças.

Ele desligou. Ben ficou parado na pista, sem prestar atenção no vento quente e no olhar preocupado de Sarah. Tudo parecia diferente. A névoa que se formava, as sombras sob o avião. Ben começou a imaginar cordas sendo jogadas de um helicóptero e tropas de choque descendo por elas.

Vai acontecer, pensou. O pior cenário possível. *Vou ser preso, indiciado*.

— Nossa, Ben, você está mais branco que um fantasma.

Atrás deles, os dois homens da equipe de solo terminavam de abastecer o avião.

— Não — disse ele, tentando se controlar. — Não, é... Estou bem. Só... uma notícia ruim do mercado. Na Ásia.

Os dois homens retiraram a mangueira e a afastaram da fuselagem. Usavam macacões cáqui e bonés da mesma cor, os rostos escurecidos pela sombra. Um deles deu alguns passos para longe da mangueira, sacou um maço de cigarros. Acendeu um e a chama iluminou seu rosto com um brilho laranja. Ben apertou os olhos para vê-lo. *É o...?*, pensou, mas o rosto voltou a ficar no escuro. Seu instinto de autoproteção estava tão aguçado que era como se todos os seus medos o estivessem cercando, junto com a névoa. Seu coração trovejava e ele tremia, apesar do calor.

Depois de um instante, percebeu que Sarah falava com ele.

— O quê? — perguntou.

— Queria saber se devo ficar preocupada.

— Não — respondeu ele. — Não, é só... Sabe, eu quero muito fazer a viagem que a gente planejou. Itália, Croácia. Eu acho que seria... Não sei... Talvez a gente devesse ir hoje.

Ela pegou o braço dele.

— Você é totalmente maluco — disse, apertando-o.

Ele assentiu. O primeiro homem terminou de guardar a mangueira de combustível e entrou na caminhonete. O segundo deixou o cigarro cair, amassou-o e foi até a porta do carona.

— Eu não ia querer voar nisso — disse.

Algo na maneira como ele disse a frase soou estranho. Uma *insinuação*. Ben se virou.

— O quê? — perguntou.

Mas o homem já fechava a porta. Então a caminhonete se afastou. Era algum tipo de ameaça? Um aviso? Ou ele estava paranoico? Ben observou a caminhonete voltar ao hangar até as luzes traseiras se tornarem apenas duas manchas vermelhas em meio à névoa.

— Amor? — chamou Sarah.

Ben bufou, tentando dissipar o nervosismo.

— Oi — respondeu.

"Grandes demais para a cadeia." Era isso que Barney havia dito. Era apenas uma manobra. O governo estava querendo dar um exemplo, mas, no fim das contas — os segredos que ele guardava, as consequências nos mercados financeiros —, Ben tinha que acreditar em Barney. Que aquilo seria resolvido tranquilamente com alguns milhões de dólares. A verdade era que ele havia se preparado para aquele dia, se planejado para ele. Teria sido um idiota se não o fizesse, e Ben Kipling era tudo menos idiota. Ele havia se protegido financeiramente, escondido dinheiro —

não todo, é claro, mas alguns milhões. Havia um advogado criminal a postos. Sim, aquele era o pior cenário possível, mas ele construíra uma fortaleza para lidar com esse tipo de situação.

Que venham, pensou, rendendo-se ao destino, antes de apertar a mão de Sarah, voltar a respirar e levá-la até o avião.

2.

O FATO DE Bill Cunningham ter problemas com autoridade nunca foi um segredo. De certa forma, esta é sua marca registrada: o insatisfeito que solta fogo pelas ventas. E ele a havia transformado em um contrato de dez milhões por ano com a ALC. Mas, da mesma maneira que o nariz e as orelhas de um homem se tornam exagerados à medida que ele envelhece, os problemas psicológicos que o definem também se sobressaem. Todos nos tornamos caricaturas de nós mesmos quando vivemos o suficiente. Por isso, nos últimos anos, à medida que seu poder crescia, a postura *foda-se você e sua pose de fodão* de Bill fizera o mesmo. Até então, ele era um tipo de imperador romano sedento por sangue que, no fundo, acreditava que podia ser um deus.

Basicamente, é por isso que ele ainda está no ar, depois de toda a choradeira empresarial idiota sobre o seu suposto "grampeamento de telefones". No entanto, se fosse sincero (o que não é), teria que admitir que a morte de David teve muito a ver com aquilo. Uma resposta ao luto e à falta de comando em um momento de crise, que Bill conseguira explorar por meio do que chamava de "liderança", mas que, na verdade, era apenas um tipo de bullying.

— Vocês vão... — disse ele. — Deixe-me entender isso. Vocês vão me demitir agora que a guerra foi declarada.

— Bill — respondeu Don Liebling —, não faça isso.

— Não, eu quero... Isso tem que ficar registrado. Para depois, quando eu processar vocês e pedir um bilhão de dólares, eu poder ser específico ao dar meu depoimento enquanto estiver me masturbando com caviar.

Don o encarou.

— Cacete. O David morreu. A mulher dele morreu. A...

Ele fica em silêncio por um instante, dominado pela imensidão de tudo aquilo.

— A porra da filha dele. E você está... Eu não consigo nem falar em voz alta.

— Exatamente — disse Bill. — Não consegue. Mas eu consigo. É o que eu faço. Eu digo as coisas em voz alta. Faço as perguntas que ninguém mais está disposto a fazer. E milhões de pessoas assistem ao canal por causa disso. Pessoas que vão correr para a CNN se ligarem a TV para ver a nossa cobertura da morte da porra do nosso chefe e virem um substituto robô com um topete infantil colado

na cabeça lendo as próprias opiniões de um *teleprompter*. David, a esposa e a filha, que eu segurei na porra do dia do batizado, estão em algum lugar no fundo do Atlântico junto com Ben Kipling, que, pelo que fiquei sabendo, ia ser indiciado, e todo mundo está usando a palavra *acidente* como se ninguém no planeta tivesse motivo para ver essas pessoas mortas. Mas então por que o cara viajava em uma limusine blindada e as janelas do escritório dele aguentavam tiros da droga de uma bazuca?

Don olhou para Franken, advogado de Bill, já sabendo que, na guerra entre o senso comum e as estratégias de marketing, o marketing ganharia. Franken sorriu.

Peguei você.

E foi assim que Bill Cunningham voltou ao ar na segunda de manhã, três horas após a queda ter sido noticiada.

Ele se sentou diante das câmeras, o cabelo despenteado, de camisa social, a gravata torta, parecendo, para todos os efeitos, um homem abalado pela tristeza. Mesmo assim, quando falou, sua voz soou forte.

— Deixem-me ser claro — disse. — Esta organização e este planeta perderam um grande homem. Um amigo e líder. Eu não estaria aqui sentado diante de vocês agora...

Ele fez uma pausa, controlou-se.

— Eu ainda estaria apresentando a previsão do tempo em Oklahoma se David Bateman não tivesse visto potencial onde ninguém mais conseguiu ver. Construímos este canal juntos. Fui padrinho do casamento dele com Maggie. Sou... *Fui* padrinho da filha dele, Rachel. E é por isso que sinto que é minha *responsabilidade* garantir que o *assassinato* dele seja resolvido e que o assassino ou os assassinos sejam levados à justiça.

Ele se inclinou para a frente e encarou as lentes.

— E, sim, eu disse *assassinato*. O que mais poderia ser? Dois dos homens mais poderosos de uma cidade de homens poderosos estão em um avião que desaparece sobre as sombras do Atlântico, um avião inspecionado no dia anterior, pilotado por profissionais de primeira linha, que não relataram nenhum problema mecânico à torre de controle, mas que, de alguma maneira, sumiram do radar dezoito minutos depois da decolagem. Olhem só para minha cara... Ninguém no mundo pode me convencer de que não houve algum tipo de sabotagem.

A audiência naquela manhã foi a maior na história do canal e ela continuou subindo a partir disso. E, quando os primeiros destroços foram encontrados e os primeiros corpos apareceram na praia — Emma Lightner foi encontrada por um passeador de cachorros na Ilha Fisher na terça-feira, Sarah Kipling foi retirada do

mar por pescadores de lagosta na manhã de quarta-feira —, Bill pareceu se superar, como um jogador reserva que entra numa final de campeonato apertada.

Naquele dia, ele transformou a soturna descoberta dos restos mortais em mais intrigas. Onde estava Ben Kipling? Onde estava David Bateman? Não parecia conveniente que, das onze pessoas presentes no avião, entre passageiros e equipe de bordo, apenas sete corpos continuassem desaparecidos, inclusive os dos dois homens com maior possibilidade de terem sido alvo de um ataque de forças até então não identificadas? Se Ben Kipling estava sentado com a esposa, como havia sido relatado, por que o corpo dela fora recuperado e o dele não?

E onde estava aquele tal de Scott Burroughs? Por que ele ainda insistia em esconder seu rosto do mundo? Estava envolvido de alguma maneira?

— Ele claramente sabe mais do que está dizendo — disse Bill aos telespectadores.

Fontes envolvidas na investigação vinham vazando informações para a ALC desde que os primeiros policiais tinham chegado ao local. Por isso, eles haviam conseguido divulgar o mapa de assentos antes de todos. Também tinham sido os primeiros a dar a notícia do iminente indiciamento de Kipling.

Fora Bill que anunciara que o menino, J.J., estava dormindo quando havia chegado ao aeroporto e tinha sido carregado pelo pai até o avião. Sua ligação pessoal com a história, a quantidade de horas que passava atrás do balcão, como âncora, o fato de ter que fazer pausas frequentes para se recompor, tudo isso fazia com que fosse difícil para os telespectadores trocarem de canal. Será que ele desmoronaria ao vivo? O que diria depois? Com o passar das horas, Bill demonstrava ser um tipo de mártir, Jimmy Stewart de pé no senado em *A mulher faz o homem*, recusando-se a sucumbir ou a se render.

Mas, à medida que os dias passavam, mesmo os vazamentos obtidos por baixo dos panos começaram a parecer falsos. Será que realmente não havia nenhuma pista nova sobre a localização dos destroços? E, agora que todos os outros canais sabiam da história de Kipling — o *New York Times* havia publicado uma matéria de seis mil palavras no domingo, mostrando em detalhes como a firma dele havia lavado bilhões da Coreia do Norte, do Irã e da Líbia —, Bill ficou menos interessado em tentar achar sujeira em relação àquele assunto. Ficou restrito a dar opiniões, a repassar velhas informações — apontando para linhas do tempo, berrando com mapas.

Então ele teve uma ideia.

★ ★ ★

Bill se encontra com Namor em um bar vagabundo na rua Orchard — um muquifo, sem letreiro. Ele o escolheu porque acha que ninguém da elite liberal grunge dos novos-ricos conhece o rosto dele. Estudantes de arte barbados, com suas cervejas artesanais, que pensam que todos os especialistas conservadores são apenas outro amigo de seu pai.

Para se adequar, Bill trocou seus suspensórios característicos por uma camiseta e uma jaqueta de couro. Ele parece um ex-presidente tentando ser descolado — Bill Clinton em um show do U2.

O bar — Swim! — é decorado com uma luz baixa e aquários brilhantes, o que lhe dá um visual de filme de ficção científica de meados dos anos 1990. Bill pede uma Budweiser (sem querer ser irônico) e senta-se a uma mesa atrás de um grande tanque de água salgada. Então fica observando a porta, à espera do colega. Sentar-se atrás do tanque confere a ilusão de estar submerso e, através do vidro, o salão ganha características de uma casa de espelhos (como um bar hipster ficaria depois que o nível do mar subisse e engolisse a terra). Já passou um pouco das nove e o local está semitomado por grupos de amigos e hipsters em primeiros encontros. Bill bebe um gole da cerveja e confere o talento local: uma moça loura, com peitos decentes, um pouco gordinha. Um tipo do Leste Asiático com uma argola no nariz — *filipino talvez?* Ele pensa na última mulher que comeu, uma estagiária de vinte e dois anos da GW, debruçada sobre sua mesa, tossindo o orgasmo dele no cabelo castanho depois de seis minutos gloriosos de estocadas no estilo *segure a porta!*

Seu amigo entra de capa de chuva, um cigarro preso atrás da orelha. Ele olha ao seu redor de forma casual, nota a cabeça de Bill comicamente ampliada através do aquário e se aproxima.

— Suponho que você achou que estava sendo discreto — diz, sentando-se à mesa — quando escolheu essa pocilga.

— A base do meu público é formada por homens brancos de cinquenta e cinco anos que precisam de duas colheres de sopa cheias de fibras para cagar de forma minimamente decente toda manhã. Acho que estamos tranquilos aqui.

— Só que você veio em um carro de luxo, que está parado na calçada nesse instante, chamando atenção.

— Merda — diz Bill, sacando o telefone e mandando o motorista *circular*.

Bill conhecera Namor em uma viagem paga pelo governo para a Alemanha, durante o primeiro mandato do segundo Bush. Namor fora apresentado a ele por uma ONG local como *um cara útil de se conhecer*. E, desde o início, o garoto havia passado a ele informações que valiam ouro. Por isso, Bill o mantivera por perto,

pagara a ele refeições, ingressos para o teatro e outras coisas, e ficado disponível sempre que Namor queria conversar, o que geralmente acontecia depois da uma e meia da manhã.

— O que você descobriu? — pergunta ele a Namor depois de pôr o telefone de volta no bolso.

Namor olha para um lado e para o outro, calculando o volume e a distância.

— Os civis foram fáceis — responde. — Já estamos falando com o pai da aeromoça, a mãe do piloto e os tios do menino.

— Eleanor e... Qual era o nome?... Doug.

— Isso.

— Eles devem estar nas nuvens — diz Bill —, depois de ganhar a droga da loteria dos órfãos. O garoto deve herdar uns trezentos milhões de dólares.

— Mas ele também ficou órfão — lembra Namor.

— Tadinho... Quisera *eu* ser órfão assim. Minha mãe me criou em uma pensão e usava água sanitária como contraceptivo.

— Bom, grampeamos os três telefones: o dela, o dele e o residencial. E vamos ver todas as mensagens eletrônicas antes deles.

— E essas informações estão indo para onde?

— Criei uma conta falsa. Você vai receber tudo em mensagens codificadas quando sairmos daqui hoje. Também hackeei a secretária eletrônica dela para você escutar tarde da noite, quando estiver transando com o seu travesseiro.

— Pode acreditar, eu como tanta mulher que, quando vou para casa à noite, a única coisa em que encosto meu pau é no gelo.

— Me lembre de nunca pedir uma margarita na sua casa.

Bill termina a cerveja e acena para o barman pedindo a segunda.

— E o Rei Netuno? — pergunta. — O nadador de longa distância?

Namor toma um gole da cerveja.

— Nada.

— Como assim *nada*? Estamos em 2015.

— O que posso dizer? Ele é das antigas. Não tem celular, não manda mensagens, paga todas as contas no caixa.

— Aposto que depois vai me dizer que ele é trotskista.

— Ninguém mais é trotskista. Nem o Trótski.

— Provavelmente porque ele morreu cinquenta anos atrás.

Uma garçonete traz outra cerveja para Bill. Namor sinaliza que quer uma também.

— Pelo menos — diz Bill — diga em que planeta esse escoteiro está.

Namor pensa um pouco.

— Por que quer tanto achar esse cara? — pergunta.

— Do que está falando?

— Só estou dizendo que... Esse nadador... Todo mundo acha que ele é um herói.

Bill faz uma careta, como se a palavra o tivesse deixado enjoado.

— É como dizer que tudo que há de errado nesse país é o que faz dele incrível.

— É, mas...

— Um bêbado fracassado que tentava se enturmar com homens que realmente tinham vencido na vida, um cara que pega carona no trem da fama.

— Eu não sei o que...

— Ele é uma fraude, pode acreditar. Um zé-ninguém. Lutando para ficar sob os holofotes, bancando o cavaleiro humilde, quando os verdadeiros heróis, os grandes homens, estão mortos nas profundezas daquela grande merda azul. E, se isso é o que a gente chama de herói em 2015, então, companheiro, estamos fodidos.

Namor palita os dentes. Ele não considera muito arriscado, mas é um pedido difícil, para o qual vai desrespeitar muitas leis, então é melhor ter certeza se vale a pena.

— Ele salvou o garoto — diz.

— E daí? As pessoas treinam cachorros para carregar barris de uísque e encontrar corpos quentes em avalanches, mas você não me vê ensinando a meus filhos que eles têm que ser são-bernardos quando crescerem.

Namor pensa na ideia.

— Bom, ele não foi para casa.

Bill o encara. Namor sorri sem mostrar os dentes.

— Estou analisando uns boatos. Talvez ele apareça.

— Mas você não sabe. É isso que está dizendo.

— É. Pela primeira vez. Não sei.

Bill balança a perna, perdendo repentinamente o interesse na segunda cerveja.

— Então do que estamos falando aqui? De um bêbado degenerado? De um agente de operações especiais infiltrado? Algum tipo de Romeu?

— Ou talvez ele seja só um cara que subiu no avião errado e salvou uma criança.

Bill faz uma careta.

— É a história do herói. Todo mundo já sabe a história do herói. É aquela baboseira do lado humano. Não me diga que esse perdedor fracassado conseguiu

um lugar no avião só porque é um cara legal. Nem eu consegui uma carona no avião três semanas atrás. Tive que pegar a porra da balsa.

— Mas você definitivamente não é um cara legal.

— Vá se foder. Sou um grande americano. Como é que isso não é mais importante que... o quê? Ser legal?

A garçonete traz a segunda cerveja de Namor. Ele toma um gole.

— O negócio é o seguinte — diz. — Ninguém consegue ficar escondido para sempre. Mais cedo ou mais tarde, esse cara vai a uma mercearia comprar um bagel ou alguém vai tirar uma foto dele no celular. Ou ele vai ligar para alguém que a gente grampeou.

— Tipo o Franklin, do Conselho Nacional de Segurança nos Transportes.

— Eu já falei. Vai ser complicado com esse.

— Foda-se. Você disse qualquer um. Você disse para eu escolher um nome da lista telefônica.

— Olha, eu consigo grampear a linha pessoal dele, mas não o telefone via satélite.

— E o e-mail?

— Com o tempo, talvez. Mas temos que tomar cuidado. Eles monitoram tudo agora, desde o Ato Patriótico.

— Que você chamou de amadorismo. Quando é que vai resolver isso?

Namor suspira. Ele está de olho na loura, que está mandando mensagens para alguém enquanto o namorado está no banheiro. Se tiver o nome dela, pode descobrir selfies da moça nua em menos de quinze minutos.

— Pelo que lembro, você disse que tínhamos que parar com isso por um tempo — falou. — Não foi o que disse por telefone? "Queime tudo. Espere meu sinal."

Bill o dispensa com um aceno.

— Isso foi antes do Estado Islâmico matar meu amigo.

— Ou seja lá quem tenha sido.

Bill se levanta e fecha a jaqueta.

— Veja, é uma equação simples. Segredos mais tecnologia é igual ao fim dos segredos. Essa história precisa de um cérebro, alguém a seis mil metros de altura, que tenha acesso a todas as informações: governamentais, pessoais, a porra dos dados climáticos forenses. E ele, esse deus alçado aos céus, vai usar essa informação para descrever o quadro real, revelar quem está mentindo e quem está falando a verdade.

— E essa pessoa é você.

— É isso aí! — concorda Bill, saindo para pegar o carro.

CASA DE ESPELHOS

SCOTT ESTÁ SOZINHO naquela noite e se vê na televisão. É menos um ato de narcisismo e mais um sintoma de vertigem. Ver seu rosto na tela, com os traços invertidos, ter fotos de infância — *como será que conseguiram isso?* — desenterradas e exibidas em foro público (entre comerciais de fraldas geriátricas e minivans), para que a história de sua vida fosse contada como em uma brincadeira de telefone sem fio. Uma história que parece a sua, mas não é. Ele nasceu no hospital errado, frequentou uma escola errada, estudou pintura em Cleveland e não em Chicago — é como olhar para baixo e notar a sombra de alguém seguindo-o na rua. Ele já estava tendo dificuldade suficiente esses dias em se reconhecer sem esse sósia por aí. Este seu eu em terceira pessoa que agora é objeto de boatos e especulação. *O que ele estava fazendo no avião?* Na semana passada, era um homem comum, anônimo. Hoje, Scott é um personagem em uma história de detetive. *O último homem a ver as vítimas vivas* ou *o salvador da criança.* Todos os dias, ele faz seu papel, cena a cena, sentando-se em sofás e cadeiras de encosto duro, respondendo a perguntas do FBI e do Conselho Nacional de Segurança nos Transportes, repassando sem parar os detalhes — o que ele lembra, o que não lembra. E, depois, vendo as manchetes nos jornais, ouvindo uma voz sem corpo no rádio.

Um herói. Todos o chamam de herói. Não é uma palavra com que ele consegue lidar naquele momento, tão distante da própria noção de si mesmo, da narrativa que criou e que o permite funcionar — um homem desvalido com ambições modestas, um antigo bêbado inveterado que hoje vive minuto a minuto, apenas para seu sustento. Por isso, ele mantém a cabeça baixa e desvia das câmeras.

Às vezes é reconhecido no metrô ou andando pela rua. Para essas pessoas, ele é mais que uma celebridade. "Ei, você salvou aquele menino. Soube que lutou contra um tubarão, cara. Lutou mesmo contra um tubarão?" É tratado não como alguém da realeza — como se sua fama fosse baseada em algo raro —, mas como um cara da vizinhança que deu sorte. Porque o que ele fez, na verdade, além de nadar? É um deles, um zé-ninguém que deu certo. Então, quando é reconhecido, as pessoas se aproximam sorrindo. Querem apertar sua mão, tirar uma foto com ele. Scott sobreviveu a um acidente de avião e salvou uma criança. Tocar nele dá

sorte, a mesma que temos com uma moeda ou um pé de coelho. Ao fazer o impossível, ele — assim como Jack — provou que o impossível é possível. Quem não iria querer se contaminar disso?

Scott sorri e tenta ser simpático. Essas conversas são diferentes do que ele supõe que será com a imprensa. São um contato em termos humanos. E, apesar de se sentir constrangido, ele se força a nunca ser grosseiro. Entende que querem que ele seja especial. É importante para as pessoas que ele seja especial porque precisamos de coisas especiais em nossa vida. Queremos acreditar que a magia ainda é possível. Por isso Scott aperta mãos e aceita os abraços de mulheres aleatórias. Pede para que não tirem fotos suas e a maioria respeita.

— Vamos deixar isso em particular — diz. — Significa mais quando só eu e você sabemos.

As pessoas gostam desta ideia de que, em uma época de verdadeiros meios de comunicação de massa, elas podem ter uma experiência singular. Mas não são todas. Algumas tiram fotos de Scott na cara de pau, como se fosse direito delas. Outras ficam irritadas quando ele se recusa a posar para uma foto. Uma idosa o chamou de idiota perto do Washington Square Park, ao que ele assentiu e respondeu que ela estava certa. Ele era um idiota e esperava que ela tivesse um ótimo dia.

— Vá se foder — disse ela.

Depois de ser alçada ao posto de herói pelo resto da humanidade, a pessoa perde o direito à privacidade. Torna-se um objeto despido de uma parte incalculável de sua humanidade, como se tivesse ganhado uma loteria cósmica e acordado um dia como uma divindade menor. *O patrono da sorte.* O que você queria para si para de importar. Tudo o que importa é o papel que você tem na vida dos outros. Você é uma borboleta rara levemente erguida no ângulo certo em relação ao sol.

No terceiro dia, ele parou de sair.

Está morando no apartamento de hóspedes no terceiro andar da casa de Layla. É um espaço de pura brancura — paredes brancas, piso branco, teto branco, móveis brancos —, como se tivesse morrido e passado para algum tipo de limbo. O tempo, uma vez mergulhado em uma rotina bem pensada, se tornou fungível. Acordar em uma cama estranha. Fazer café com grãos estranhos. Tirar toalhas de banho chiques de armários que se fecham sozinhos e sentir sua textura de hotel na pele. Na sala de estar, há um bar cheio de uísques escoceses e coragem russa em estado líquido. Uma caixa de cerejeira, dos anos 1950, com uma minuciosa tampa dobrável. Scott a encarou por muito tempo na primeira noite, como um homem

em certo estado mental olha para o armário onde guarda as armas. Tantas maneiras de morrer. Então ele cobriu o bar com um cobertor, pôs uma cadeira na frente dele e nunca mais olhou em sua direção.

Em algum lugar, a esposa de Kipling e a bela aeromoça estão deitadas, de barriga para cima, em uma maca de aço. *Sarah*, esse era o nome dela. E a modelo de saia curta era *Emma Lightner*. Ele revisa os nomes várias vezes por dia, como um mantra zen. *David Bateman, Maggie Bateman, Rachel Bateman*...

Ele achava que já havia aceitado aquela situação, sua verdadeira importância, mas havia algo no fato de os corpos terem sido encontrados que o deixava desnorteado. Estão mortos. Todos eles. Ele sabe que estão mortos. Ele estava lá, no mar. Mergulhou sob a onda. Não podia haver sobreviventes, mas, ouvir a notícia, ver as cenas — "encontrados os primeiros corpos do acidente dos Bateman" — tornava tudo real, assim como nossas pernas cedem apenas depois que uma situação tensa acaba.

A mãe ainda está lá, o pai e a irmã também. Assim como os pilotos, Charlie Busch e James Melody. E Kipling, o traidor, e o segurança dos Bateman, enterrados em algum lugar profundo sob as ondas, balançando suavemente em meio à escuridão constante.

Ele sabe que devia ir para casa, voltar para a ilha, mas não consegue. Por algum motivo, ele se vê incapaz de enfrentar a vida que tivera um dia (*um dia*, naquele caso, era apenas alguns dias antes, como se o tempo linear significasse alguma coisa para um homem que sobreviveu ao que ele sobreviveu; existe um antes e um depois), incapaz de se aproximar do pequeno portão branco da tranquila estrada de areia, passar pelos velhos sapatos deixados, sem querer, ao lado da porta, um atrás do outro — a ponta do sapato de trás ainda encostada no calcanhar do da frente, onde ele os tirou. Sente-se incapaz de voltar para o leite talhado na geladeira e os olhos tristes de sua cadela. Aquela é a casa *dele*, do homem na TV que usa as camisas de Scott e aperta os olhos diante das lentes de velhos fotógrafos — *meus dentes são tão tortos assim?* Incapaz de encarar o desafio das câmeras, a interminável bateria de perguntas. Falar com pessoas no metrô é uma coisa, mas se dirigir às massas... é algo com o qual ele não consegue lidar. Uma declaração se torna um pronunciamento quando dita a uma multidão. Observações aleatórias se tornam informações públicas que serão repetidas por toda a eternidade. Passadas pelo Auto-Tune e transformadas em memes. Por alguma razão, ele não consegue refazer seus passos, voltar para o lugar onde morava "antes". Por isso, fica sentado no sofá emprestado do agora, encarando as copas das árvores e outras casas da rua Bank.

Onde está o menino naquele momento? Em uma casa de fazenda em algum lugar do país? Sentado à mesa de café da manhã cercado de folhinhas de morango verdes e pontudas e manchas de mingau de aveia? Toda noite, antes de se deitar, Scott pensa na mesma coisa. Dormindo, ele vai sonhar com o garoto perdido em um oceano negro infinito, com seus gritos ultrassônicos — que não vêm de lugar algum e ao mesmo tempo estão em todo lugar —, enquanto Scott se debate, quase se afogando, procurando sem nunca encontrar. Mas o sonho nunca vem. Em vez disso, só surge o vácuo profundo do sono. Ali, tomando café frio, ele percebe que esses talvez sejam os sonhos do garoto. Uma projeção de sua ansiedade, flutuando pelas correntes de ar como um apito para cachorros que apenas Scott pode ouvir.

Será que a ligação entre os dois é real ou sugerida, um produto da culpa, uma ideia que ele contraiu como um vírus? Salvar aquele menino, carregá-lo por oito horas exaustivas, levá-lo nos braços até o hospital... Será que aquilo criou novas sinapses em seu cérebro? A vida que salvou não foi o suficiente? Ele agora está em casa, esse menino que o mundo conhece como J.J., mas em quem Scott sempre pensará simplesmente como *garoto*. Em segurança e sob os cuidados de uma nova família, a tia e o — bem, vamos ser sinceros — marido *malandro*. Um multimilionário instantâneo, com menos de cinco anos, a quem nunca faltará nada. Scott salvou sua vida, deu-lhe um futuro, a chance de ser feliz. Isso não é o suficiente?

Ele liga para o auxílio à lista e pede o número da tia em Westchester. São nove da noite. Está sozinho no apartamento há dois dias. A telefonista faz a ligação e, enquanto escuta o telefone chamar, ele se pergunta o que está fazendo.

No sexto toque, ela atende. Eleanor. Ele imagina seu rosto, as bochechas rosadas e os olhos tristes.

— Alô?

Ela parece cautelosa, como se apenas notícias ruins viessem após o escurecer.

— Oi, é o Scott.

Mas ela já está falando.

— Já demos uma declaração. Poderia respeitar nossa privacidade?

— Não, é o Scott. O pintor. Do hospital.

A voz dela suaviza.

— Ah, desculpe. É que... Eles não deixam a gente em paz. E ele é só uma criança, sabe? E a mãe e o pai dele estão...

— Eu sei. Por que acha que estou escondido?

Um silêncio se instaura enquanto ela passa da ligação que achou que havia atendido para a real: um instante de humanidade com o salvador de seu sobrinho.

— Eu queria poder fazer isso — afirma ela. — Quer dizer, já é difícil o bastante passar por tudo o que está acontecendo sem...

— Tenho certeza de que é. E ele está...

Uma pausa. Scott tem a impressão de ouvir seus pensamentos. O quanto ela deve confiar nele? O quanto ela pode dizer?

— J.J.? Bem, ele não está falando muito. A gente o levou a um psiquiatra. Quer dizer, eu levei. E o cara disse: "Dê tempo a ele." Então não estou pressionando.

— Isso parece... Não dá para imaginar como...

— Ele não chora. Não que... Quer dizer, só tem quatro anos, então o quanto será que entende de verdade? Mesmo assim, achei que ele fosse chorar.

Scott pensa no assunto. O que pode dizer?

— Ele está só processando, eu imagino. Uma coisa tão... traumática. Quer dizer, as crianças acham que tudo que vivem é normal, não é? Digo, na cabeça delas. Estão aprendendo como é o mundo, então deve ser nisso que ele está pensando agora. Que aviões caem e pessoas morrem e a gente acaba na água. Então talvez ele esteja se perguntando sobre essa história toda de a vida na Terra ser só isso...

— Eu sei — responde ela.

Eles ficam um minuto em um silêncio que não é nem estranho nem incômodo. Apenas o som de duas pessoas pensando.

— Doug não anda falando muito também. A não ser sobre o dinheiro. Eu o peguei outro dia baixando um programa de planilhas financeiras. Mas... emocionalmente? Acho que ele está assustado com essa história toda.

— Ainda?

— É, ele... Bom, ele não é muito bom em se relacionar com pessoas. Também teve uma infância difícil.

— Vinte e cinco anos atrás?

Ele consegue ouvi-la sorrir ao telefone.

— Pega leve.

Scott gosta do som, do ritmo de sua voz. Há uma sugestão de intimidade nela, como se eles se conhecessem há muito, muito tempo.

— Não que eu possa falar muita coisa — comenta ele. — Dado o meu histórico com as mulheres.

— Não vou cair nessa — responde ela.

Eles conversam por um tempo sobre suas rotinas. Ela se levanta com o menino enquanto Doug dorme — pelo que parece, ele vai para a cama tarde. J.J. gosta de torradas no café da manhã e consegue comer um pote inteiro de mirtilos de uma vez só. Os dois desenham e pintam até a hora da soneca e, à tarde, ele gosta de

procurar insetos no jardim. Nos dias de coleta de lixo, ficam sentados na varanda e acenam para os lixeiros.

— É uma criança normal, basicamente — diz ela.

— Você acha que ele entende o que aconteceu?

Ela faz uma longa pausa e então pergunta:

— Você entende?

NA QUARTA-FEIRA, OS enterros começam. Sarah Kipling é a primeira. Seu corpo é enterrado no Cemitério Mount Zion, no Queens, em um túmulo à sombra de antigas chaminés altas, como se uma empresa ao lado dele fabricasse corpos. A polícia mantém as vans de telejornais em uma área cercada no lado sul do muro. O dia está nublado, o ar rígido, tropical. Uma tempestade está prevista para a tarde e já dá para sentir a eletricidade instável no ar. A fila de carros pretos se estende até a rodovia: família, amigos, figuras políticas. Ainda haverá outros oito antes que isso acabe — supondo que todos os corpos sejam recuperados.

Acima deles, helicópteros circulam. Scott chega em um táxi amarelo. Está usando um terno preto que encontrou no armário de hóspedes de Layla. É um tamanho maior que o seu, comprido nas mangas. Na gaveta de uma cômoda, ele encontrou, inversamente, uma camisa branca um tamanho menor, apertada demais no pescoço, deixando um espaço claro sob o nó da gravata. Ele se barbeou mal, cortando-se em dois lugares. A visão do próprio sangue no espelho do banheiro e a dor afiada o fizeram voltar, com um susto, à realidade.

Se for sincero, ainda consegue sentir o gosto da água salgada no fundo da garganta, mesmo dormindo.

Por que ele está vivo e os outros, mortos?

Scott pede que o motorista deixe o motor ligado e sai do carro. Por um instante, ele se pergunta se o menino vai estar lá — ele se esquecera de perguntar. Mas, então, pensa: *Quem traria uma criança ao enterro de um estranho?*

A verdade é que ele não sabe por que está ali. Não é da família nem é amigo.

Scott sente os olhares fixos nele enquanto caminha. Há duas dezenas de convidados de preto cercando o túmulo. Ele nota que o viram. Parece um raio que caiu duas vezes no mesmo lugar. Uma anomalia. Ele baixa os olhos por consideração.

Parados a uma distância respeitosa, ele vê meia dúzia de homens de terno. Um deles é Gus Franklin. Ele reconhece dois outros: o agente O'Brien do FBI e o outro é... agente alguma coisa, do que mesmo, do Tesouro? Eles fazem um gesto rápido com a cabeça para ele.

Enquanto o rabino fala, Scott observa as nuvens escuras cobrirem a paisagem.

Eles estão em um planeta chamado Terra, no meio da galáxia chamada Via Láctea. Girando, sempre girando. Tudo no universo parece se mover em um padrão circular, objetos celestes girando em órbita. Forças de sucção e pressão que tornam insignificantes os esforços de homens e animais. Mesmo em termos planetários somos pequenos — um homem boiando em um oceano, uma gota no meio de ondas. Acreditamos que nossa capacidade de raciocinar nos torna maior do que somos, nossa capacidade de entender a expansão infinita de corpos celestiais. Mas a verdade é que essa noção de escala apenas nos faz encolher.

O vento ganha força. Scott tenta não pensar nos outros corpos, ainda enterrados com o avião — o comandante Melody, Ben Kipling, Maggie Bateman e sua filha, Rachel. Ele os imagina, como uma carta perdida nas profundezas sombrias, balançando silenciosamente ao som de uma música inaudita, enquanto os caranguejos consomem seus narizes e dedos.

Quando a cerimônia termina, um homem se aproxima de Scott. Tem porte militar e um rosto bonito, enrugado, como se tivesse passado anos de sua vida sob o sol quente do Arizona.

— Scott? Sou Michael Lightner. Minha filha era...

— Eu sei — diz Scott, baixinho. — Eu me lembro dela.

Eles ficam parados entre os túmulos. À distância, surge um mausoléu com uma grande cúpula, sobre a qual há a estátua de um homem, com uma das pernas erguidas, andando com um cajado na mão, como se quisesse dizer que, mesmo agora, sua jornada ainda não havia terminado. Ele é dominado pela paisagem da cidade, que brilha com o sol do fim de tarde, o que faz com que uma pessoa que a observe com olhos desfocados possa se convencer de que todos os prédios são apenas outros tipos de túmulo, enormes edifícios de lembranças e arrependimentos.

— Eu li em algum lugar que você é pintor — diz Michael.

Ele tira um maço de cigarros do bolso da camisa e dá uma batidinha para pegar um.

— Bem, eu pinto — responde Scott. — Se isso faz de mim um pintor, acho que sou isso mesmo.

— Eu piloto aviões — diz Michael — e sempre achei que isso fizesse de mim um piloto.

Ele dá um trago no cigarro.

— Gostaria de agradecer pelo que você fez — afirma.

— Sobreviver? — pergunta Scott.

— Não. O garoto. Tive que pousar uma vez no meio do Estreito de Bering e

ficar em uma balsa salva-vidas e isso foi... E eu tinha suprimentos.

— O senhor se lembra de Jack LaLanne? — pergunta Scott. — Bem, uma vez eu fui para São Francisco quando era criança e o vi atravessar a baía nadando e puxando um barco. Achei que ele fosse o Super-Homem. Então entrei para a equipe de natação.

Michael reflete sobre aquilo. Ele é o tipo de homem que queremos ser, equilibrado e confiante, mas de uma maneira irônica, como se levasse as coisas a sério, mas não tão a sério.

— Eles transmitiam todos os lançamentos de foguete na TV — diz. — Neil Armstrong, John Glenn... Eu ficava sentado no tapete da sala e quase dava para sentir as chamas.

— Conseguiu ir lá para cima?

— Não. Pilotei caças durante muito tempo, depois treinei pilotos. Não consegui me convencer a voar comercialmente.

— Eles falaram alguma coisa para o senhor? — pergunta Scott. — Sobre o avião?

Michael desabotoa o paletó.

— Mecanicamente, ele parecia seguro. O piloto não relatou nenhum problema em um voo anterior sobre o Atlântico naquela manhã e a manutenção tinha feito uma revisão completa uma semana antes. Além disso, dei uma olhada na ficha do Melody, o piloto, e era impecável. Mas erro humano... não pode ser excluído. Ainda não temos a caixa-preta, mas eles me deixaram ver os relatórios do controle de tráfego aéreo e não foram dados avisos nem feitos pedidos de socorro.

— Tinha muita neblina.

Michael franze a testa.

— Isso é um problema visual. Talvez cause alguma turbulência por causa da variação da temperatura, mas, em um jato como aquele, que voava por instrumentos, isso não teria sido um problema.

Scott observa um helicóptero se aproximar do norte, deslizando sobre o rio, longe demais para que suas hélices fossem ouvidas.

— Me fale sobre ela — pede ele.

— A Emma? Ela é... Era... A gente tem filhos e pensa: "Eu fiz você, então nós somos iguais." Mas isso não é verdade. A gente só consegue viver com eles por um tempo e talvez ajudá-los a se acertar na vida.

Ele deixa o cigarro cair no chão molhado, e pisa nele.

— Será que você poderia... — pergunta Michael. — Qualquer coisa sobre o voo, sobre ela, será que você poderia me contar?

Os últimos momentos dela, é o que está pedindo.

Scott pensa no que ele pode dizer — que ela lhe serviu uma bebida? Que a TV estava ligada no jogo, dois milionários estavam conversando e a esposa de um deles falava sobre compras?

— Estava fazendo o trabalho dela — diz. — Quer dizer, o voo durou, o quê, uns dezoito minutos? E eu cheguei lá pouco antes de as portas se fecharem.

— Não, eu entendo — responde o pai, baixando a cabeça para esconder a decepção.

Ter mais um pedaço dela, uma imagem, sentir mais uma vez que podia saber algo de novo, é uma maneira de mantê-la viva em sua mente.

— Ela foi gentil — diz Scott.

Eles ficam parados ali por um instante, nada mais a dizer, então Michael faz um aceno com a cabeça e estende a mão. Scott o cumprimenta e tenta pensar em algo que poderia dizer para diminuir a tristeza que o outro homem deve estar sentindo. Mas Michael, notando a agitação de Scott, vira-se e se afasta, as costas retas.

Os agentes se aproximam de Scott enquanto ele caminha até o táxi. O'Brien está na frente, com Gus Franklin um pouco atrás — uma mão no ombro do agente como se quisesse dizer: "Deixe o coitado do cara em paz."

— Sr. Burroughs.

Scott para, a mão na porta do táxi.

— Não queríamos incomodá-lo hoje — diz Gus.

— Não é *incomodar* — retruca O'Brien. — É *fazer nosso trabalho*.

Scott dá de ombros, sem ter como escapar.

— Entrem — sugere Scott. — Não quero fazer isso diante das câmeras.

O táxi é uma minivan. Scott abre a porta e se senta no banco traseiro. Os agentes olham um para o outro e também entram. Gus na frente, O'Brien e Hex nos bancos do meio.

— Obrigado — diz Scott. — Consegui viver até hoje sem ser filmado por câmeras em helicópteros...

— É, a gente notou — responde O'Brien. — Você não é muito fã de redes sociais.

— Não é fã de nenhuma rede — diz Hex.

— Como estão as buscas? — pergunta Scott a Gus.

Gus se vira para o motorista, um senegalês.

— Pode nos dar licença?

— O táxi é meu.

Gus tira a carteira, dá vinte dólares ao homem, depois mais vinte quando isso

não funciona. O motorista aceita e sai.

— O furacão Margaret está vindo do norte pelas Ilhas Cayman — diz Gus. — Tivemos que cancelar as buscas por enquanto.

Scott fecha os olhos. Maggie, Margaret.

— É — afirma Gus. — É uma piada de mau gosto, mas eles dão nome a essas coisas no início da temporada.

— Você parece muito chateado — diz O'Brien.

Scott aperta os olhos para observar o agente.

— Uma mulher morreu em um acidente de avião e agora tem um furacão com o nome dela — responde. — Não sei como eu deveria parecer.

— Qual era o seu relacionamento com a Sra. Bateman? — pergunta Hex.

— Vocês têm um jeito de falar muito cheio de julgamentos.

— Ah, é? — diz O'Brien. — Isso deve vir de uma crença filosófica arraigada de que todo mundo mente.

— Eu desistiria totalmente de falar se pensasse isso — afirma Scott.

— Ah, não. Deixa tudo mais divertido — responde O'Brien.

— Pessoas morreram — retruca Gus. — Isso não é um jogo.

— Com todo respeito — responde O'Brien —, *você* tem que se concentrar no que fez o avião cair. Nós vamos focar no fator humano.

— A não ser — diz Hex — que as duas coisas sejam iguais.

Scott se recosta no banco e fecha os olhos. Os três parecem estar conversando sem ele agora, e ele está exausto. A dor no ombro diminuiu, mas uma dor de cabeça está se esgueirando pelas beiradas de seu cérebro, um eco profundo do aumento da pressão do lado de fora.

— Acho que ele dormiu — diz Hex, analisando-o.

— Sabe quem dorme em uma delegacia de polícia? — pergunta O'Brien.

— O culpado — responde Hex.

— Vocês deveriam ter um programa de rádio — diz Gus. — Falar sobre a rodada do dia anterior, tráfego e a previsão do tempo.

O'Brien bate no peito de Scott.

— Estamos pensando em pedir um mandado para olhar os seus quadros.

Scott abre os olhos.

— Como seria isso? — pergunta. — Um mandado para olhar arte?

Ele imagina o desenho de um documento, a versão de um artista.

— É um pedaço de papel assinado por um juiz que deixa a gente apreender todas as suas coisas — afirma O'Brien.

— Ou talvez vocês poderiam ir até lá em casa na quinta à noite — diz Scott.

— Posso servir vinho branco em copos de papel e uma bandeja de petiscos italianos. Vocês já foram a uma abertura de exposição?

— Já fui na porra do Louvre — responde O'Brien, irritado.

— É perto do Louvre normal?

— Essa investigação é minha — diz Gus. — Ninguém vai apreender nada sem falar comigo.

Scott olha pela janela. Todos que estavam no velório já foram embora. O túmulo é apenas um buraco no chão, enchendo-se de água da chuva, enquanto dois homens de macacão ficam embaixo das folhas de um elmo, fumando Camel Lights.

— Que valor prático os meus quadros têm na imaginação de vocês? — pergunta Scott.

Ele realmente quer saber, como o homem que passou (desperdiçou) vinte e cinco anos pintando cores em telas, ignorado pelo mundo, perseguindo moinhos de vento. Um homem que se resignou à falta de prática e à irrelevância.

— Não é o que eles são — diz O'Brien. — É sobre o que são.

— Telas sobre desastres — afirma Hex. — Foi seu agente que disse. Imagens de acidentes de carro e desastres de trem.

— O que — continua O'Brien —, deixando de lado a maluquice disso ser uma forma de arte, nos interessa em termos de procedimento. É como se você tivesse se cansado de procurar desastres para pintar e decidido provocar um.

Scott olha para eles com interesse. Que cérebros fascinantes aqueles homens têm, que criam tramas e armações do nada. Seus olhos se voltam para Gus, que está apertando a cartilagem do nariz como se sentisse muita dor.

— E como isso funcionaria? — pergunta Scott. — De forma prática. Um pintor duro com uma cadela de três patas. Um homem que passa os dias em busca de algo que não sabe definir. Uma história sem verbos. Como esse homem... nem sei como falar.... se transforma?

— Acontece o tempo todo — diz O'Brien. — Homens pequenos em salas pequenas pensando em coisas grandes. Eles começam a pensar nas coisas, a ir a feiras de armas, a pesquisar bombas feitas com fertilizante na internet.

— Não uso a internet.

— Então na porra da biblioteca. *Reparem em mim*, esse é o negócio. Vingança.

— Contra quem, por quê?

— Qualquer um. Todo mundo. As mães deles, Deus. Os meninos que enchiam o saco deles na aula de educação física.

— Na própria aula? — perguntou Scott. — Na frente de todo mundo?

— Bom, agora é o senhor que está brincando e eu que estou falando sério.

— Não. É que isso é interessante para mim — diz Scott. — Como a sua mente funciona. Como eu disse, ando na praia. Fico em cafés, encarando minha xícara. Penso em imagens, em cores e em misturar técnicas. Isso é novo para mim, esse tipo de projeção televisiva.

— Por que você pinta o que pinta? — pergunta Gus, baixinho.

— Bem — diz Scott —, não tenho muita certeza. Eu pintava paisagens e só depois comecei a colocar coisas nelas. Acho que estou tentando entender o mundo. Tipo, quando somos jovens, esperamos que nossas vidas deem certo ou pelo menos aceitamos que isso seja possível. Que a vida pode seguir um curso. Se a gente escolhe um caminho, ou mesmo se não escolhe, porque quantas pessoas que conhecemos acabam no topo por acidente? Elas caem em uma situação. Mas eu caí no uísque e de bunda no chão.

— O senhor está me dando sono — diz O'Brien.

Scott continua porque Gus perguntou e, como ele perguntou, Scott supõe que ele realmente queira saber.

— As pessoas acordam de manhã e acham que é outro dia. Fazem planos. Seguem na direção que escolheram. Mas não é outro dia. É o dia em que o trem delas vai descarrilar ou um tornado vai se formar ou a balsa vai afundar.

— Ou um avião vai cair.

— É. É tão real quanto uma metáfora, para mim. Ou era, dez dias atrás. Quando achei que pintar a queda de um avião era só um jeito inteligente de esconder o fato de ter arruinado minha vida.

— Então o senhor realmente pintou a queda de um avião — diz Hex.

— Vamos querer ver esse — afirma O'Brien.

Pela janela, Scott observa os homens deixarem as bitucas de cigarro caírem na lama e pegarem as pás. Ele pensa em Sarah Kipling, que aceitou conversar com ele em um dia ensolarado de agosto, um aperto de mão fraco, um sorriso artificial. Por que ela está enterrada e não ele? Ele pensa em Maggie, em sua filha de nove anos. Ambas estão em algum lugar no fundo do oceano e ele está ali, respirando, tendo uma conversa sobre arte que, na verdade, é uma conversa sobre morte.

— Passem lá em casa a hora que quiserem — diz Scott. — Os quadros estão lá. Basta acenderem as luzes.

★ ★ ★

Ele pede que o táxi o deixe na Penn Station, imaginando que, com tantos

jornalistas no enterro, alguém deve ter seguido o carro. Enquanto passa pelas portas, vê um SUV verde encostar na calçada e um homem de jaqueta jeans sair. Scott anda depressa até o metrô e desce na plataforma número três, que segue para o centro financeiro da cidade. Enquanto faz isso, vê seu perseguidor de jaqueta jeans aparecer do outro lado da plataforma. Tem uma câmera na mão e, enquanto o trem chega a toda velocidade, vê Scott e ergue a máquina para tirar uma foto. Scott se vira de costas enquanto o trem guincha, passando por ele, escondendo seu rosto. Ele ouve o ar sendo cortado, e o metrô apitando e abrindo as portas. Ele se senta, pondo a mão no rosto. Enquanto as portas se fecham, ele observa pelos dedos entreabertos. Quando o trem sai, vê rapidamente o homem de jaqueta jeans na plataforma, a câmera ainda erguida, rezando por uma foto.

Scott segue para o norte da cidade por três estações, depois sai e pega o ônibus no sentido sul. Ele está em um novo mundo, a cidade da colisão, cheia de suspeitas e desconfianças. Não há espaço para pensamentos abstratos ali, nem para ruminar sobre a natureza das coisas. Isso também morreu no Atlântico turbulento. Ser um artista é viver no mundo e, ao mesmo tempo, longe dele. Onde um engenheiro vê forma e função, um artista vê significado. Uma torradeira, para um engenheiro, é uma série de componentes mecânicos e elétricos que trabalham juntos para aquecer o pão, fazendo torradas. Para um artista, uma torradeira é todo o resto. É uma máquina de criação de conforto, uma das muitas caixas mecânicas de uma moradia que cria a ilusão de um lar. Antropomorfizada, é um homem de boca mole que nunca se cansa de comer. Abra sua boca e ponha o pão. Mas coitado do Sr. Torradeira. Ele é um homem que, não importa o quanto coma, nunca fica realmente satisfeito.

★ ★ ★

Scott come cereal no jantar, ainda vestindo o terno emprestado, a gravata torta. De certa forma, parece desrespeitoso tirá-lo. A morte, tão permanente para os mortos, devia ser mais do que apenas uma atividade vespertina para as pessoas de luto. Por isso ele se senta e se serve, mastiga a comida, todo de preto, como um agente funerário no café da manhã.

Está parado diante da pia, lavando a única tigela e a colher, quando ouve a porta da frente se abrir. Sabe, sem olhar para trás, que é Layla, o som de seus saltos e o aroma de seu perfume.

— Você está vestido? — pergunta ela, entrando na cozinha.

Ele deixa a tigela no escorredor para secar.

— Estou tentando entender por que você precisa de louça para trinta pessoas — diz. — Caubóis viajavam pelo país com um único prato, um garfo e uma colher.

— É isso que você é? — pergunta ela. — Um caubói?

Ele vai para a sala de estar e se senta no sofá. Ela tira o cobertor de cima do bar e se serve um drinque.

— Está mantendo a bebida aquecida ou...?

— Sou alcoólatra — explica ele. — Eu acho.

Ela toma um gole da bebida.

— Você acha.

— Bem, é provavelmente uma certeza, já que, quando começo a beber, não consigo parar.

— Meu pai é o alcoólatra mais rico do mundo. A *Forbes* publicou um artigo sobre como ele provavelmente gasta trezentos mil por ano em bebidas caras.

— Talvez possa colocar isso na lápide dele.

Ela sorri, senta-se, os sapatos caindo de seus pés. Põe a perna direita sob a esquerda.

— Esse terno é do Serge.

Ele põe a mão na gravata.

— Sinto muito.

— Não — diz ela —, tudo bem. Ele está na Romênia agora, eu acho. Em busca da próxima trepada épica.

Scott a observa beber o uísque. Do lado de fora, a chuva cai na janela e escorre pelo vidro.

— Uma vez comi um pêssego — diz ele — no deserto do Arizona que foi melhor do que todas as mulheres com quem já transei.

— Cuidado — afirma ela. — Posso considerar isso um desafio.

Depois que ela vai embora, ele leva seu copo para a pia. Ainda há um dedo de uísque dentro e, antes de jogá-lo no ralo, Scott o leva ao queixo e sente o aroma, viajando com a turfa terrosa familiar. *As vidas que vivemos*, pensa, *são cheias de buracos*. Ele lava o copo e o pousa de cabeça para baixo para secar.

Scott vai até o quarto e se deita na cama, ainda de terno. Tenta imaginar como é estar morto, mas não consegue, então estica o braço e apaga a luz. A chuva tamborila no vidro da janela. Ele encara o teto, observando rastros de sombra correrem ao contrário, gotas de chuva escorrendo de baixo para cima. Galhos de árvores espalhados em uma trama rorschachiana. A brancura do apartamento é uma tela vazia, um lugar esperando para que seu ocupante decida como viver.

O que ele vai pintar agora?, pergunta a si mesmo.

HAVIA UMA RESPOSTA. Eles apenas não a tinham ainda. Era isso que Gus dizia aos chefes quando eles o pressionavam. Dez dias haviam passado desde o acidente. Um hangar na base naval de Long Island estava sendo usado para recolher os destroços que foram recuperados: um pedaço de dois metros da asa, uma mesa dobrável e parte do encosto do assento. Os corpos restantes seriam levados para lá quando fossem recuperados — supondo que fossem puxados com a fuselagem e não aparecessem na praia como Emma Lightner ou que fossem encontrados por uma rede de pesca, como Sarah Kipling. Esses corpos haviam sido enviados para necrotérios locais e tinham exigido mandados federais para serem recuperados depois de certo tempo. As jurisdições eram um exemplo das muitas dores de cabeça com que era preciso lidar quando estavam investigando um acidente em águas costeiras.

Todos os dias os mergulhadores vestiam suas roupas, os pilotos abasteciam seus helicópteros e capitães dividiam seu território. As águas profundas são escuras. As correntes mudam. O que não boia, afunda. Fosse como fosse, quanto mais tempo passava, menor era a probabilidade de encontrarem o que estavam procurando. Às vezes, quando a espera era grande demais, Gus chamava um helicóptero e voava até o navio principal. Ficava parado no deque e ajudava a coordenar a busca, observando as gaivotas circularem sobre eles. Mas, mesmo em meio à ação, ele estava apenas parado ali. Era um engenheiro, um especialista em design de aeronaves que conseguia descobrir o defeito em qualquer sistema. O problema era que ele precisava de um sistema para analisar — a propulsão, a parte hidráulica, a aerodinâmica. Tudo que tinha era um pedaço quebrado da asa e a pressão vinda de um homem que está sendo enterrado vivo.

Ainda assim, cada pedaço de fuselagem conta uma história. Pelo fragmento da asa, eles haviam determinado que o avião caíra na água em um ângulo de noventa graus — mergulhando diretamente, como uma ave marinha. Esse não era um ângulo de descida natural para um avião, que costuma pairar usando as asas curvas. Isso sugeria um erro do piloto, até uma possível queda proposital — apesar de Gus ter lembrado a todos a possibilidade de o avião ter descido em um ângulo mais natural e apenas batido de frente em uma grande onda, simulando uma queda

direta com o nariz. Em outras palavras: "Não há certeza de nada."

Alguns dias depois, um pedaço grande da cauda fora encontrado próximo da Ilha Block. A partir dele, eles conseguiram dar uma primeira conferida no sistema hidráulico —, que parecia não ter sido comprometido. No dia seguinte, outras duas malas haviam sido encontradas em uma praia de Montauk — uma intacta, outra aberta, como uma concha. E, assim, aquilo continuava, pedaço a pedaço, como procurar agulha em um palheiro. A boa notícia era que a fuselagem parecia estar se partindo sob a água, revelando-se um pouquinho de cada vez. No entanto, quatro dias antes, as descobertas haviam cessado. Agora Gus tinha medo de que nunca encontrassem a maior parte da fuselagem, de que os passageiros e os integrantes da equipe tivessem realmente desaparecido.

Todos os dias, ele enfrenta pressão de seus superiores em Washington, que, por sua vez, enfrentam exigências cada vez maiores do procurador-geral e de certo bilionário irritado para encontrar respostas, recuperar os desaparecidos e acabar com aquela história.

Havia uma resposta. Eles só não sabiam ainda qual era.

Na quinta-feira, Gus está sentado à uma mesa de conferência, revisando o óbvio com vinte e cinco burocratas, repassando aquilo que já sabem que sabem. Isto acontece em um prédio federal na Broadway, a sede do agente O'Brien, do FBI, e de Hex, da Agência de Controle de Ativos Estrangeiros, além dos doze subordinados que eles controlam. Para O'Brien, o acidente faz parte de uma história maior — ameaças terroristas e ataques de células isoladas direcionados aos interesses americanos. Para Hex, a queda é apenas a notícia mais recente de uma história de guerra entre a economia americana e milionários e bilionários que dedicam muito capital para quebrar regras e leis. Gus é o único na sala que acha que a queda foi algo singular.

***Aquelas** pessoas **naquela** aeronave.*

Ao lado dele, o CEO da empresa de segurança responsável pela família Bateman está descrevendo o processo que usa para analisar níveis de ameaça. Ele trouxe uma equipe de seis homens e todos entregam documentos, enquanto ele fala:

— ...Em contato constante com agentes dedicados da Segurança Nacional. Então, se houvesse uma ameaça, saberíamos em minutos.

Gus está sentado à mesa de conferências, olhando para seu reflexo na janela. Em sua mente, ele está em uma lancha da Guarda Costeira, vasculhando as ondas. Está parado na cabine de uma fragata da Marinha, revisando imagens de sonares.

— Eu supervisionei uma revisão completa de todas as informações e atividades

— continua o CEO — dos seis meses anteriores ao acidente e posso dizer com total confiança: nada foi deixado de fora. Se alguém estava atrás dos Bateman, a pessoa manteve isso para si mesma.

Gus agradece a ele e passa a palavra para o agente Hex, que começa uma revisão do processo do governo contra Ben Kipling e sua firma de investimentos. Intimações, diz ele, haviam sido entregues, conforme o planejado, no dia seguinte ao acidente, mas a morte de Kipling dera aos outros parceiros o bode expiatório perfeito. Todos haviam dito que quaisquer negociações com nações suspeitas (se de fato existiam) eram fruto do trabalho de um homem morto, limpas e incluídas nos registros como algo diferente. Em outras palavras, eles haviam sido enganados. "Sou vítima assim como você", disseram eles.

Dezoito contas da firma haviam sido congeladas. Valor total: 6,1 bilhões de dólares. Os investigadores haviam ligado o dinheiro a cinco países: Líbia, Irã, Coreia do Norte, Sudão e Síria. Sabiam, pelos registros telefônicos de Kipling, que Barney Culpepper tinha ligado para ele cinquenta e um minutos antes da decolagem. Culpepper se recusara a dizer sobre o que haviam conversado, mas ficara claro que a ligação fora feita para avisar Kipling sobre a denúncia.

Para o agente Hex e seus superiores da Agência de Controle de Ativos Estrangeiros, o acidente tinha sido uma iniciativa de um país hostil para silenciar Kipling e prejudicar a investigação. Surgia a questão de quando os Kipling haviam sido convidados para voar com os Bateman. O CEO da empresa de segurança conferiu os registros. Havia um comunicado dos seguranças de Bateman às onze e dezoito da manhã no dia do voo, relatando uma conversa com o chefe (David Bateman, ou Condor), na qual Condor declarava que Ben e Sarah voltariam no avião com eles.

— Scott — diz Gus, distraído.

— O quê? — pergunta Hex.

— O pintor — esclarece Gus. — Ele contou que Maggie convidou Sarah e o marido dela. Foi mais cedo naquela manhã, na feira, eu acho. E ele já havia sido convidado. Confira as anotações, mas acho que foi em algum momento no domingo de manhã. Ele encontrou Maggie e as crianças.

Gus pensa na última conversa que teve com Scott, sentado em um táxi no cemitério. Ele esperara uma discussão mais detalhada, uma análise minuto a minuto das lembranças de Scott sobre o voo, o embarque, a subsequente decolagem e o que ele se lembrava de quando estava no ar, mas a conversa fora sequestrada por homens com a cabeça nas nuvens.

Na ausência de fatos, pensa ele, *contamos histórias a nós mesmos*.

Isso, claramente, era o que a mídia estava fazendo — a CNN, o Twitter, o *Huffington Post*, o ciclo de vinte e quatro horas de especulação. A maioria dos canais respeitáveis se atinha a fatos e editoriais de opinião bem embasados. No entanto, outros — Bill Cunningham, da ALC, era o pior deles — estavam construindo lendas, transformando toda a bagunça em uma gigantesca novela sobre um pintor sedutor e seus patrocinadores milionários.

Gus pensa no menino, que está morando com os tios no vale do rio Hudson. Ele tinha ido encontrá-los dois dias antes, sentou-se na cozinha e tomou chá. Nunca há um bom momento nem uma técnica perfeita para interrogar uma criança pequena. Lembranças, que não são confiáveis mesmo em adultos, são no máximo duvidosas nas crianças, especialmente depois de um trauma.

"Ele não está falando muito", dissera Eleanor, trazendo chá a Gus. "Desde que o trouxemos para casa. O médico diz que é normal. Normal não, mas não anormal."

O menino ficara sentado no chão brincando com uma escavadeira de plástico. Depois de deixá-lo se acostumar à sua presença no cômodo, Gus se sentara no chão ao lado dele.

"J.J.", dissera ele, "meu nome é Gus. A gente já se encontrou uma vez. No hospital."

O menino havia olhado para cima, apertando os olhos, e depois voltado a brincar.

"Achei que a gente podia falar sobre o avião, sobre quando você entrou no avião com a mamãe e o papai."

"E minha irmã", completara o menino.

"Isso mesmo. E sua irmã."

Gus fizera uma pausa, esperando que o menino preenchesse o silêncio, mas ele não havia feito nada.

"Bem", continuara Gus, "você se lembra do avião? Eu sei que você... O Scott disse que você estava dormindo na decolagem."

O menino olhara para cima ao ouvir o nome de Scott, mas não falara nada. Gus tinha meneado a cabeça, incentivando-o.

"Mas", continuara Gus, "você... você se lembra de acordar antes..."

O menino olhara para Eleanor, que havia se sentado atrás dele, no chão.

"Pode falar para ele, meu amor. Qualquer coisa que você lembrar."

O menino ficara pensando, depois pegara a escavadeira e a batera em uma cadeira.

"Raaar", berrara ele.

"J.J.", pedira Eleanor.

Mas o garoto a havia ignorado, levantado-se e corrido pela sala com a escavadeira, batendo-a nas paredes e nos armários.

No chão, Gus fizera que sim com a cabeça e levantara-se com esforço, os joelhos estalando.

"Tudo bem", dissera. "Se ele se lembrar de alguma coisa, uma hora vai falar. É melhor não forçar a barra."

Agora, na sala de conferência, está acontecendo uma conversa logística sobre as técnicas que um esquadrão de ataque (da Líbia, da Coreia do Norte etc.) poderia ter usado para derrubar o avião. O cenário mais provável era de que uma bomba fora plantada em algum momento do voo, no Aeroporto Teterboro ou em Martha's Vineyard. Um mapa do avião é trazido; eles ficam em torno da mesa, apontando possíveis lugares em que o explosivo poderia ter sido colocado. O lado de fora do avião é descartado, devido ao exame visual completo que o piloto havia feito antes da decolagem.

Gus já falara com a equipe de solo que havia abastecido o jato na pista, homens da classe operária com sotaque de Massachusetts, que bebiam cerveja verde no dia de São Patrício e comiam cachorros-quentes no dia da Independência. Nenhum intervalo de tempo foi encontrado em que uma terceira pessoa pudesse ter subido a bordo e plantado um explosivo.

O'Brien sugere (outra vez) a ideia de que deveriam investigar Charlie Busch, uma adição de última hora à equipe. Há boatos, não confirmados, de que ele havia namorado a aeromoça, Lightner, mas sem prova concreta. Gus lembra a ele que uma investigação completa sobre Busch havia sido feita. Ele era um atleta do Texas, o sobrinho playboy de um senador, se sua ficha de trabalho pudesse ser confiável. Nada no passado do homem sugeria que ele pudesse ter derrubado o avião de propósito, não importava o que seu histórico de namoradas dissesse. E ele com certeza não se encaixava em nenhum perfil terrorista conhecido.

No dia anterior, Gus havia sido intimado a Washington para encontrar o tio de Busch, o senador Birch. O homem estava há uma eternidade no senado: seis mandatos. Tinha muitos cabelos brancos e os ombros largos de jogador de futebol americano. Ao seu lado, seu chefe de gabinete ficara sentado, digitando ao telefone, pronto para interromper caso a conversa fosse longe demais.

— E então? Qual é a resposta? — perguntara Birch.

— É cedo demais para dizer, senhor — respondera Gus. — Precisamos do avião, precisamos analisar os sistemas, recuperar os corpos.

Birch esfregara o rosto.

— Que bagunça... Bateman *e* Kipling. E, enquanto isso, a coitada da minha irmã...

— Sim, senhor.

— Escute — dissera Birch —, ele era um bom menino. Charlie. Meio fodido da cabeça no começo da vida, mas ele se resolveu, pelo que sei. Tomou uma iniciativa na vida. O que o pessoal do Jim Cooper está falando na GullWing?

— A ficha dele era boa. Não ótima, mas boa. Sabemos que ele estava em Londres na noite anterior ao acidente, que saiu com vários funcionários da GullWing e que Emma Lightner também estava lá. Mas, pelo que todo mundo disse, foi uma noite como outra qualquer. Eles foram a um bar. Emma foi embora cedo. Sabemos que, em algum momento naquela noite, seu sobrinho trocou de voo com Peter Gaston. Ele não devia estar no voo 613.

Birch balançara a cabeça.

— Que azar...

Gus baixara a cabeça, querendo dizer: "Talvez tenha sido azar. Talvez não."

— Seu sobrinho pegou uma carona em um voo fretado para Nova York no dia seguinte. Não sabemos ainda por quê. Gaston disse que a troca foi ideia de Charlie. Disse que ele queria ir para Nova York. Mas, aparentemente, ele era assim: impulsivo.

— Ele era jovem.

Gus pensara na ideia.

— Talvez ele também tivesse um problema de limites com as mulheres.

Birch fizera uma careta, como se quisesse dizer: "Isso não existe."

— O que posso fazer? Ele era um cara bonito. Passou a vida toda só se virando com um sorriso. Se fosse meu filho, eu o teria carregado para o quartinho dos fundos e dado uma surra nele, mas sua mãe achava que o sol se levantava e se punha em função dele. Fiz o que podia, dei alguns telefonemas, consegui que entrasse na escola de pilotos, ajudei o garoto a se acertar.

Gus assentira. Ele estava menos interessado em saber que tipo de pessoa o copiloto era, e mais em entender seu estado físico e mental no dia do acontecido. Aviões não caem porque pilotos crescem sem pai. O passado dava contexto, mas não dizia o que ele de fato precisava saber: o que havia acontecido nos dezoito minutos entre os pneus descolarem do asfalto e o avião cair no mar? Havia alguma falha mecânica no avião?

Para ele, o resto era apenas algo para fazer enquanto esperavam pela verdadeira pista.

Diante dele, Birch assentira para seu assistente. Era hora de encerrar a reunião.

Ele havia se levantado e estendido a mão.

— Se essa história for ficar mal para o Charlie, quero que me avise. Não estou pedindo que faça nada ilegal, só que me avise. Gostaria de proteger a mãe do garoto o máximo possível.

Gus se levantara e apertara a mão do senador.

— É claro, senhor. Obrigado por me encontrar.

Agora, em uma sala de conferência em um andar alto, Gus se observa no vidro, sem prestar atenção nos homens de terno ao seu redor. Eles também estão passando tempo. A investigação, no momento, é um jogo de Detetive com cartas faltando. Ele precisa de um avião. Até lá, só o que podem fazer é adivinhar.

Hex bate no braço de Gus, que percebe que O'Brien está falando com ele.

— O quê?

— Eu disse que consegui um mandado — repete O'Brien.

— Para quê? — pergunta Gus.

— Os quadros. Nós pegamos as telas do estúdio de Burroughs há uma hora.

Gus esfrega os olhos. Sabe pela ficha de O'Brien que ele é filho de um diretor de internato — Andover ou Blair Academy, não lembra qual dos dois. Esta parece ser uma boa maneira de criar uma máquina de julgamento, que tem a função de policiar e punir — claramente o papel que O'Brien acha que tem na vida.

— O cara salvou uma criança — diz Gus.

— Ele estava no lugar certo na hora certa e eu me pergunto por quê.

Gus tenta manter a calma.

— Eu faço esse trabalho há vinte anos e ninguém nunca descreveu estar em um avião que caiu como estar no lugar certo na hora certa.

O'Brien dá de ombros.

— Dei a você a chance de usar isso como ideia sua. Agora eu vou fazer isso sozinho.

— Só... leve tudo para o hangar — pede Gus. Então, antes que O'Brien possa reclamar, acrescenta: — E você está certo. A gente deveria dar uma olhada. Eu teria feito isso de forma diferente, mas agora já foi. Leve tudo para o hangar. E, depois, faça as malas, porque você está fora da força-tarefa.

— O quê?

— Eu o trouxe para a investigação porque o Colby disse que você era o melhor agente dele, mas nós não vamos ficar fazendo *isso*. A investigação é minha e o modo como a gente trata os sobreviventes *e* os suspeitos é determinado por mim. Então já chega. Você apreendeu obras de arte de um homem que, um dia, pode ganhar uma medalha de honra do presidente. Você decidiu que ele está

escondendo alguma coisa ou talvez não consiga aceitar que a vida é cheia de coincidências aleatórias, que nem tudo que *parece* importante é importante, mas a verdade é que essa decisão não é sua. Então vá arrumar suas coisas. Vou devolvê-lo ao FBI.

O'Brien o encara, os dentes trincados, então se levanta devagar.

— Vamos ver — diz ele, e sai andando.

QUADRO Nº 3

VOCÊ ESTÁ EMBAIXO d'água. Abaixo de você só há a escuridão. Acima, você vê uma luz cinzenta, que gradualmente vai ficando branca. Cruzes negras se espalham pelo seu campo de visão, dando textura às trevas. Essas pinceladas pretas não são óbvias no início. É como se algo tivesse sido desenhado e coberto. No entanto, à medida que os olhos se ajustam à luminosidade do quadro, percebemos que elas estão em todos os cantos — não são apenas uma técnica de pintura, mas conteúdo.

No canto inferior direito da tela, podemos ver algo reluzente, um objeto escuro que reflete parte da luz da superfície. As letras *USS* podem ser vistas, o *S* final mergulhando na moldura. Vê-lo atrai nossa atenção para outra coisa que surge na parte de baixo da tela: a ponta de algo triangular, primordial, ergue-se.

É nesse momento que percebemos que as cruzes são corpos.

TRANSCRIÇÃO

Documento vazado mostra que existe tensão nos bastidores da investigação da morte dos Bateman e levanta questões sobre um misterioso passageiro.

(7 de setembro de 2015, 20h16)

BILL CUNNINGHAM (Âncora): Boa noite, Estados Unidos. Sou Bill Cunningham. Estamos interrompendo nossa programação para trazer a você esta notícia especial. A ALC obteve um memorando interno, escrito pelo agente especial Walter O'Brien do FBI para o investigador-chefe do Conselho Nacional de Segurança nos Transportes, Gus Franklin, apenas há algumas horas. O memorando discute teorias atuais da equipe para o acidente e levanta questões sobre a presença no avião do suposto herói da queda, Scott Burroughs.

(RODA VT)

CUNNINGHAM: Como vimos, o documento, que começa de forma cordial, demonstra que os investigadores não têm a mesma opinião sobre a maneira como vão lidar com o caso daqui para a frente. Como listado no memorando, os investigadores estão trabalhando com quatro teorias principais. A primeira é falha mecânica. A segunda é erro humano. A terceira é descrita como "sabotagem, possivelmente para impedir uma investigação governamental sobre Ben Kipling e sua firma de investimentos". A final é, e eu cito: "um ataque terrorista contra David Bateman, diretor da ALC News."

Mas há uma quinta teoria, sugerida primeiro por nós. É uma teoria que questiona o papel de Scott Burroughs no acidente. Uma teoria que com certeza o agente O'Brien sugeriu

pessoalmente para o investigador-chefe naquele dia, mais cedo, e que foi rejeitada. Por isso, agora, ele escreve: “E, apesar de saber que o senhor não tem nenhum interesse nessa linha de investigação, devido a revelações recentes, sinto que devo registrar por escrito uma possível quinta teoria: a de que o passageiro Scott Burroughs sabe mais do que está dizendo ou tem algum tipo de culpa nos eventos que levaram à queda da aeronave.”

E esperem para ouvir por quê, meus amigos... Eu cito: “Entrevistas com vendedores locais e moradores de Martha’s Vineyard sugerem que Burroughs e a Sra. Bateman, esposa de David, eram muito próximos e pareciam ter um relacionamento físico — foram vistos se abraçando em público. Sabe-se que a Sra. Bateman visitou o Sr. Burroughs em seu ateliê e viu seus quadros.”

E, pessoal, como amigo da família, posso garantir que não leio essas palavras de maneira leviana nem estou sugerindo que um caso aconteceu. Mas por que o Sr. Burroughs estava no avião é uma pergunta que continua a me incomodar. Mas, tudo bem, vamos dizer que eram amigos, até bons amigos. Não há problema nem vergonha nisso. Mas a próxima coisa que o agente O’Brien escreveu foi, para mim, uma bomba.

Eu cito: “Entrevistas com a agente do Sr. Burroughs em Nova York confirmam que ele tinha várias reuniões com galerias marcadas para a semana seguinte. Após algumas perguntas, no entanto, um detalhe surpreendente (para mim) apareceu, no que concerne ao conteúdo das obras mais recentes do Sr. Burroughs. Como a Sra. Crenshaw descreveu, são quinze quadros no total e todos apresentam uma cena de desastre realística, sendo que muitas das imagens se concentram em acidentes de meios de transporte em larga escala. Estas incluem (1) um descarrilamento de trem, (2) um engavetamento provocado pela névoa e (3) a queda de um avião comercial.”

Continuando, O’Brien escreve: “Devido a esses fatos, não posso deixar de salientar a necessidade de interrogar outra vez o homem que, no mínimo, é nossa única testemunha dos acontecimentos que resultaram na queda do avião. Além disso, a

afirmação de que ele ficou inconsciente quando o avião se inclinou para a frente deveria ser contestada."

Senhoras e senhores, tenho dificuldade de entender por que Gus Franklin, o investigador-chefe da equipe, hesitaria um segundo em ouvir o conselho de alguém que, com certeza, é um agente muito inteligente e experiente da maior instituição policial do nosso país. Será que Franklin tem objetivos próprios? Que a agência de governo para a qual ele trabalha tem outros planos ou está sendo pressionada por esta administração liberal para enterrar o caso depressa, antes que ele se torne um chamado à rebelião para homens e mulheres que, como nosso antigo líder heroico, David Bateman, não conseguem mais aturar o modo como os negócios são feitos hoje?

Para saber mais sobre a história, vamos falar com a repórter da ALC, Monica Fort.

QUANDO ELEANOR ESTACIONA na entrada de casa, não reconhece um carro que está parado sob o olmo. Um SUV da Porsche com um adesivo de imprensa na janela da frente. Ao vê-lo, Eleanor entra em pânico — o menino está em casa com sua mãe. Ela dispensa Doug e corre para casa, abrindo a porta com um estrondo, já gritando:

— Mãe?

Examina a sala de estar e continua andando.

— Mãe?

— Na cozinha, querida — responde ela.

Eleanor joga a bolsa em uma cadeira e corre pelo corredor. Já está repreendendo duas pessoas em sua mente, a mãe e seja lá quem for o dono do Porsche.

— É gentileza sua. — Ela ouve a mãe dizer.

Então Eleanor passa pela porta e entra na cozinha. Há um homem de terno e suspensórios vermelhos sentado à mesa.

— Mãe — grita Eleanor, enquanto o homem ouve a porta e se vira.

— Eleanor — diz ele.

Ela se detém, reconhecendo Bill Cunningham, âncora do jornal. Já fora apresentada a ele, é claro, nas festas de David e Maggie, mas, para ela, ele existe basicamente como uma cabeça enorme na televisão, a testa enrugada, falando sobre a falência moral das mentes liberais. Quando a vê, ele abre os braços, em um gesto nobre, como se esperasse que ela fosse correr para ele.

— As coisas com que temos que lidar... — diz Bill. — Selvageria e contratempos. Se você soubesse a quantos velórios eu fui nos últimos dez anos...

— Cadê o J.J.? — pergunta Eleanor, procurando-o.

A mãe serve um pouco de chá para si mesma.

— Lá em cima — responde. — No quarto dele.

— Sozinho?

— Ele tem quatro anos — diz a mãe. — Se precisar de alguma coisa, vai pedir.

Eleanor se vira e entra no corredor. Doug vai em direção a ela, parecendo confuso.

— Quem é? — pergunta ele.

Ela o ignora e sobe dois degraus da escada de cada vez. O menino está em seu quarto, brincando com dois dinossauros de plástico. Entrando pela porta, Eleanor inspira, tranquilizando-se, e se força a sorrir.

— A gente voltou, a gente voltou — diz, confiante.

Ele olha para ela e sorri. Ela se ajoelha diante dele.

— Desculpe ter demorado tanto. Tinha trânsito e o Doug estava com fome.

O menino aponta para a própria boca.

— Você está com fome? — pergunta Eleanor.

Ele assente. Ela pensa no que aquilo significa: levá-lo até a cozinha. Está a ponto de pedir para que espere ali, mas então pensa: *Ele está com fome*, e sente uma intuição sobre o poder do menino em seus braços. A força que ele dará a ela, que está sempre tentando agradar as pessoas.

— Está bem, venha.

Ela estende os braços. O menino vai em sua direção e ela o levanta e o leva para o andar de baixo. O menino brinca com o cabelo dela enquanto andam.

— Tem um homem na cozinha — diz ela. — Você não precisa falar com ele se não quiser.

Bill está sentado no mesmo lugar. Doug vasculha a geladeira.

— Tenho uma belga — diz — e uma cerveja artesanal que uns amigos meus fazem.

— Me surpreenda — pede Bill, antes de ver Eleanor e J.J. — Aí está ele. O pequeno príncipe.

Doug pega duas garrafas da cerveja artesanal e vai até eles.

— É uma pilsen — explica, entregando uma a Bill. — Não tem muito lúpulo.

— Está bem — responde Bill, dispensando-o e pondo a garrafa na mesa sem nem olhar para ela. Ele sorri para o menino. — Você se lembra do tio Bill, não é?

Eleanor passa J.J. para o quadril direito, afastando-o de Bill.

— Foi isso que você veio fazer aqui? — pergunta Eleanor. — Uma visita de família?

— O que mais? — responde ele. — Sinto muito se não pude vir antes. É uma coisa horrível quando sua vida se torna notícia e a notícia se torna sua vida. Mas alguém tinha que estar lá para falar a verdade.

É isso que você faz?, pensa ela. *Achei que você relatasse as notícias.*

— E quais são as novidades sobre essa história? — pergunta Doug, tomando um gole da cerveja. — Estamos, bem... Estamos nos concentrando no menino e não... — Então, temendo aborrecer a visita famosa, acrescenta: — Quer dizer, o

senhor entende... Assistir ao jornal não é...

— É claro — diz Bill. — Bom, ainda estão procurando o restante do avião.

Eleanor balança a cabeça. *Eles são malucos?*

— Não. Não na frente do J.J.

A boca de Doug fica rígida. Ele nunca gostou de levar broncas de mulheres, principalmente na frente de outros homens. Eleanor vê aquilo e acrescenta o fato à lista de ofensas do dia. Ela põe o menino em uma cadeira e vai até a geladeira.

— Ela está certa, claro — afirma Bill. — Mulheres são melhores nessas coisas que os homens. Sentimentos. Nós tendemos a nos concentrar nos fatos. No que podemos fazer para ajudar.

Eleanor tenta abstraí-lo e se concentra em alimentar o sobrinho. Ele é meio chato para comer; não fresco, mas seletivo. Come queijo cottage, mas não cream cheese. Gosta de cachorro-quente, mas não de salame. É só uma questão de aceitar.

Enquanto isso, Bill decidiu que é sua missão fazer o menino sorrir.

— Você se lembra do tio Bill, não é? — pergunta. — Eu estava no seu batizado.

Eleanor leva um copo de água para o menino. Ele bebe.

— E a sua irmã — continua Bill. — No dela também. Ela era... uma menina tão linda.

Eleanor lança um olhar para Bill como se dissesse "cuidado". Ele faz que sim com a cabeça e desvia o foco sem hesitar, tentando mostrar a ela que é bom ouvinte, bom parceiro. Que estão nessa juntos.

— E eu sei que não tenho estado por perto nos últimos tempos, infelizmente. O trabalho e, bem, eu e seu pai nem sempre concordávamos com as coisas. Éramos próximos *demais* talvez. Mas, sabe, tinha amor ali. Especialmente da minha parte. Mas, no fim das contas, é isso que a gente faz, os adultos. Você vai ver. Ou espero que não, mas provavelmente vai. A gente trabalha demais e não cuida do amor.

— Sr. Cunningham — diz Eleanor —, foi gentileza sua nos visitar, mas é... Depois que ele comer, vai ser hora da soneca.

— Não. Ele dormiu de manhã — afirma sua mãe.

Eleanor a encara. Bridget Greenway também gosta de agradar as pessoas, principalmente os homens. Um autêntico capacho. O pai de Eleanor e Maggie deixara a mãe quando Eleanor tinha ido para a faculdade, depois tinha se divorciado e se mudado para a Flórida. Ele não aguentava o sorriso robótico constante da mãe. Hoje ele vive em Miami e namora mulheres divorciadas

tristonhas com seios de silicone. Ele pretende vir na semana que vem, depois que Bridget for embora.

Bill percebe a tensão entre mãe e filha. Olha para Doug, que ergue a cerveja pela metade em um brinde.

— Boa, não é? — pergunta ele, alheio ao que acontece em volta.

— O quê? — indaga Bill, claramente convencido de que Doug é um hipster idiota.

— A cerveja.

Bill o ignora, estende o braço e bagunça o cabelo do menino. Quatro horas atrás, ele estava no escritório de Don Liebling, encarando Gus Franklin, do Conselho Nacional de Segurança nos Transportes, e representantes do Departamento de Justiça. Eles diziam querer saber como ele conseguira o memorando de O'Brien.

"Aposto que querem saber mesmo", disse ele, mexendo nos suspensórios.

Don Liebling ajeitou a gravata e disse para as tropas de choque que as fontes eram confidenciais, é claro.

"Isso não é o suficiente", disse o advogado do Departamento de Justiça.

O negro, Franklin, parecia ter uma teoria própria.

"O'Brien entregou o documento a você? Por causa do que aconteceu?", questionou.

Bill deu de ombros.

"Ele não caiu do céu", disse. "Isso nós sabemos. Mas já fui para o tribunal antes para defender uma fonte e fico feliz em fazer isso de novo. Soube que agora a gente não precisa pagar estacionamento."

Depois que os agentes saíram, irritados, Liebling fechou a porta e ficou em frente a ela.

"Diga", pediu.

No sofá, Bill sentou-se com as pernas bastante afastadas. Ele tinha sido criado sem uma figura paterna, por uma mulher fraca que se agarrava a homens inúteis como se estivesse se afogando. Costumava trancá-lo no quarto à noite e sair para encher a cara e dar para meio mundo. E vejam Bill agora, um milionário que dizia à metade do planeta o que e quando pensar. Nem fodendo que um advogado de berço de ouro, formado em uma universidade chique, ia fazê-lo tremer. Ele nunca entregaria Namor. Aquilo era por David. Pelo mentor dele. Por seu amigo. E, tudo bem, talvez eles não se dessem tão bem no fim, mas o homem era seu irmão e ele ia chegar até a verdade, não importava o quanto custasse.

"Como o negão disse", falou a Don, "foi o cara do FBI. Eles o tiraram da

equipe e por isso ele estava puto."

Liebling o encarou, as engrenagens de seu cérebro girando.

"Se eu descobrir...", começou.

"Dá um tempo", interrompeu Bill, levantando-se e andando até a porta, pé ante pé, até ficar cara a cara com o advogado. "Esqueça a hierarquia e as leis do comportamento social. Você está lidando com um guerreiro, com um garanhão da savana, posicionado e pronto para acabar com a sua raça, então baixe o chifre ou saia da porra do meu caminho."

Ele sentia cheiro de salame no hálito de Liebling. Viu o homem piscar e perder o equilíbrio, despreparado para o velho embate de urso contra urso, a rinha de galos no terreiro. Durante trinta segundos, Bill o trucidou com os olhos. Então Don deu um passo para o lado e Bill saiu, os passos tranquilos.

Ali, na cozinha, ele decide que é hora de ser cavalheiro.

— Foi só uma visita amigável — diz. — É um momento difícil e vocês... Bom, para mim, vocês são da família. Vocês eram a família do David, então isso faz da gente... Por isso quero que saibam que estou cuidando de vocês. O tio Bill está cuidando, vigiando.

— Obrigada — responde Eleanor. — Mas acho que vamos ficar bem.

Ele abre um sorriso generoso.

— Com certeza. O dinheiro vai ajudar.

Há algo em seu tom de voz, uma alfinetada que nega a pena em seu rosto.

— Estamos pensando em mudar para a casa na cidade — diz Doug.

— Doug! — exclama Eleanor.

— O quê? Estamos mesmo.

— É um lugar lindo — afirma Bill, os polegares presos nos suspensórios. — Muitas lembranças.

— Não quero ser grosseira — diz Eleanor, fria —, mas preciso dar comida ao J.J.

— É claro — responde Bill. — Você é... Quer dizer, um menino dessa idade precisa de uma mãe, especialmente depois... Então não ache que tem...

Eleanor dá as costas para ele, fecha o saquinho plástico com o peru e põe na geladeira. Atrás dela, ouve Bill se levantar. Ele não está acostumado a ser dispensado.

— Bem — anuncia —, é melhor eu ir.

Doug se levanta.

— Eu levo você até a porta.

— Obrigado, mas... Eu posso encontrá-la.

Eleanor leva o prato a J.J.

— Aqui está — diz. — Tem mais picles, se você quiser.

Atrás dela, Bill anda até a porta da cozinha, e então para.

— Você falou com o Scott? — pergunta ele.

Ao ouvir o nome, o menino tira os olhos do prato. Eleanor segue os olhos dele até Bill.

— Por quê?

— Por nada — responde Bill. — É só que, se vocês não estão assistindo ao jornal, então talvez não tenham ouvido as dúvidas.

— Que dúvidas? — pergunta Doug.

Bill suspira, como se fosse difícil para ele.

— É só que... Tem gente se perguntando, sabe? Ele foi o último a entrar no avião e... qual era a verdadeira ligação dele com a sua irmã? Aliás, você ficou sabendo dos quadros?

— Não precisamos falar sobre isso agora — responde Eleanor.

— Não — afirma Doug. — Eu quero saber. Ele liga, sabe? No meio da noite.

Doug olha para a mulher.

— Você acha que eu não sei, mas eu sei.

— Doug — responde Eleanor —, isso não é da conta dele.

Bill mexe nos suspensórios e morde o lábio inferior.

— Então está falando com ele — diz Bill. — Isso é... Quer dizer, só... Tome cuidado, sabe? Ele é... Olhe, são só uma série de dúvidas por enquanto, e estamos nos Estados Unidos. Vou lutar até morrer antes de deixar o governo tirar nosso direito a um processo completo. Mas estamos no início do processo e são dúvidas reais. E eu só... Eu me preocupo... Vocês já foram tão feridos... E quem sabe o quanto isso vai ficar feio? Então, minha pergunta é: vocês precisam dele?

— Foi o que eu disse — afirma Doug. — Quer dizer, estamos agradecidos. Pelo que ele fez pelo J.J.

Bill exibe uma careta.

— É claro, se vocês... Quer dizer, uma travessia de sabe Deus quanto tempo no meio da noite. E com o braço quebrado, carregando um menininho.

— Pare — pede Eleanor.

— Você estava dizendo... — continua Doug, pegando a ideia como um broto: a de que o herói no fim das contas talvez não seja um herói. — Espere. Está dizendo...?

Bill dá de ombros e olha para Eleanor, a expressão suavizando.

— Doug, por favor. Eleanor está certa. Isso não é...

Ele se inclina para a direita, tentando ver J.J. atrás de Eleanor, que bloqueia sua visão. Então continua se inclinando "comicamente" até o menino olhar para ele. Bill sorri.

— Seja um bom menino — pede. — Logo, logo a gente conversa. Se precisar de alguma coisa, diga a sua... Diga a Eleanor para me ligar. Talvez a gente possa ir ver os Mets qualquer dia. Você gosta de beisebol?

O menino dá de ombros.

— Ou os Yankees. Tenho um camarote.

— A gente liga para você — diz Eleanor.

Bill assente.

— Quando quiserem — responde.

★ ★ ★

Mais tarde, Doug quer conversar, mas Eleanor lhe diz que vai levar J.J. ao parquinho. Ela se sente como se estivesse sendo esmagada por um enorme punho. No parquinho, ela se força a ser divertida. Escorrega com o menino e balança na gangorra. Brinca com caminhões na areia, cavando-a, empilhando-a, observando-a cair. O dia está quente e ela tenta mantê-lo na sombra, mas o garoto só quer correr, por isso ela lhe dá água para mantê-lo hidratado. Milhares de pensamentos estão passando por sua cabeça, colidindo, cada ideia interrompendo a anterior.

Parte dela está tentando entender por que Bill foi até lá. Outra parte está analisando o que ele disse, especificamente sobre Scott. O que ela deve pensar: que o homem que salvou seu sobrinho, na verdade, derrubou o avião de alguma maneira e depois fingiu ter feito a travessia heroica? Todas as ideias naquela frase parecem absurdas por si só. Como um pintor derruba um avião? E por quê? E o que ele quis dizer sobre a relação de Scott e Maggie? Estava falando que tinham um caso? E por que ir até a casa dela para contar aquilo?

O menino bate no braço dela e aponta para a calça.

— Quer fazer xixi? — pergunta ela.

Ele faz que sim com a cabeça, então ela o pega no colo e o leva até o banheiro público. Enquanto o ajuda a tirar a calça, uma onda de vertigem a atinge ao pensar que, devido à pouca idade, há pouca possibilidade de ele se lembrar dos pais verdadeiros quando for adulto. Ela será a mãe em quem ele vai pensar no segundo domingo de maio. Não a irmã dela. Mas, ela se questiona, isso significa que Doug será o pai dele? A ideia a deixa um pouco enjoada. Mais uma vez ela se xinga pela fraqueza da juventude, pela necessidade de companhia constante, como uma viúva

idosa que deixa a TV ligada e adota um cachorro.

Mas então ela pensa que talvez Doug só precise de uma chance. Talvez herdar um menino de quatro anos o motive, transforme-o em um homem de família. Por outro lado, pensar que uma criança vai salvar um casamento não é uma ilusão clássica? Eles estão com J.J. há duas semanas e Doug não está bebendo menos, não mudou suas atitudes, não a trata de forma melhor. Sua irmã está morta e o menino agora é órfão, mas *e as necessidades de Doug?*, dizia ele a cada comentário distraído. E como tudo aquilo o afetava?

Ela ajuda J.J. a vestir a calça e lava as mãos dele. A incerteza a está deixando zonza. Talvez não esteja sendo justa. Talvez só esteja chateada por ter encontrado os advogados e os gerentes dos negócios, a finalidade de tudo aquilo. E talvez Doug esteja certo. Talvez eles devam se mudar para a casa na cidade, dando a J.J. uma sensação de continuidade — usar o dinheiro para recriar o luxo que ele conhece? Mas seu instinto diz que isso só iria confundi-lo. Tudo mudou. Fingir que não parece uma mentira.

— Sorvete? — pergunta ela enquanto eles saem do banheiro e o calor do dia os atinge.

O menino assente. Ela sorri e pega a mão do sobrinho, levando-o para o carro. Hoje ela vai falar com Doug, explicar tudo, explicar como ela está se sentindo, do que acha que o menino precisa. Eles vão vender os imóveis e pôr o dinheiro no fundo. Vão se dar uma mesada que seja grande o bastante para cobrir os gastos extras que o menino gera, mas não o suficiente para permitir que deixem seus empregos ou se tornem pessoas ricas. Doug não vai gostar, ela sabe disso, mas o que ele pode dizer?

A decisão é dela.

RACHEL BATEMAN

9 DE JULHO DE 2006 – 23 DE AGOSTO DE 2015

ELA NÃO SE lembrava de nada. Todos os detalhes que sabia haviam sido contados a ela, com exceção da imagem de uma cadeira de balanço em um sótão cru, vazio, balançando sozinha para a frente e para trás. Ela via a cadeira de tempos em tempos em sua mente, em geral no éter que precipita o sono, uma velha cadeira de balanço de vime rangendo na direção dela e para longe, na direção dela e para longe, como se quisesse tranquilizar um fantasma exausto e irritado.

Seus pais tinham lhe dado o nome de Rachel por causa da avó de Maggie. Quando era muito pequena (naquele momento tinha nove anos), Rachel decidira que era um gato. Havia estudado o gato deles, Peaches, tentado se movimentar como ele. Sentava-se à mesa do café da manhã, lambia o dorso da mão e depois limpava o rosto com ela. Os pais haviam aguentado aquilo até ela dizer que ia dormir durante o dia e passear pela casa durante a noite. Maggie, sua mãe, dissera:

— Meu amor, eu simplesmente não tenho energia para ficar acordada.

Rachel era o motivo para eles terem guarda-costas, a razão pela qual homens com sotaque israelense e de coldres pendurados nos ombros seguiam a família para todo canto. Normalmente havia três. Na linguagem do negócio, Gil, o primeiro, era um guarda-costas — pago para ficar fisicamente próximo do chefe. Além disso, havia uma equipe avançada, que normalmente se revezava, composta por entre quatro e seis homens, que os observava de longe. Rachel sabia que eles estavam ali por causa dela, por causa do que tinha acontecido, apesar de seu pai negar isso. "Ameaças", dizia ele vagamente, insinuando que dirigir um canal de notícias era, de alguma forma, mais relevante para o nível de ameaças diárias do que o fato de sua filha ter sido sequestrada quando pequena e de, possivelmente, um ou mais de seus sequestradores ainda estar à solta.

Pelo menos esses eram os fatos em sua cabeça. Seus pais haviam garantido a ela, assim como os homens do FBI (como um favor para seu pai no ano anterior) e um psiquiatra infantil caro, que o sequestro fora obra de um único homem perturbado (Wayne R. Macy, trinta e seis anos), e que ele havia morrido (levado um tiro no olho direito) durante o pagamento do resgate por um policial de

colete à prova de balas, mas não antes de ter atirado e matado um segundo policial nos primeiros disparos de um tiroteio rápido. O policial morto era Mick Daniels, quarenta e quatro anos, um antigo agente do FBI e veterano da primeira Guerra do Golfo.

E ela se lembrava apenas de uma cadeira.

★ ★ ★

Ela devia sentir coisas. Sabia disso. Uma menina de nove anos, no verão, à beira da adolescência. Tinha ficado em Martha's Vineyard com a mãe e o irmão nas duas semanas anteriores, fazendo nada. Por ser uma criança muito rica, havia inúmeras opções a sua disposição: aulas de tênis, de vela, de golfe, de hipismo, o que quer que fosse. Mas ela não queria ser treinada. Tinha estudado piano por dois anos, mas, no fim das contas, ela se perguntara "para quê?" e deixara aquilo de lado. Gostava de ficar em casa com a mãe e o irmão. Basicamente, era isso. Sentia-se útil ali — "um menino de quatro anos dá muito trabalho", dizia sua mãe — e por isso Rachel brincava com J.J. Dava almoço para o irmão e trocava sua calça quando acontecia algum acidente.

A mãe dizia que ela não precisava fazer aquilo, que devia sair, aproveitar, mas era difícil fazer isso com um grande israelense (às vezes três) seguindo cada movimento dela. Não que pudesse questionar a necessidade daquilo. Ela mesma não era a prova de que cuidados nunca eram demais?

Por isso ficava em casa, deitada na varanda ou no quintal, olhando fixamente para o oceano — cega por ele às vezes, por seu brilho de diamante. Gostava de ler livros sobre meninas rebeldes, meninas que não se encaixavam em lugar nenhum e descobriam que tinham poderes mágicos. Hermione, Katniss Everdeen. Tinha lido *A pequena espiã* e *Pippi Meialonga* aos sete anos; elas eram interessantes, mas, no fim, apenas humanas. Conforme crescia, Rachel sentia que precisava de mais de suas heroínas, mais dentes, mais luta, mais força. Gostava da emoção do perigo que enfrentavam, mas não queria ter que realmente se preocupar com elas. Isso a deixava ansiosa demais.

Sempre que chegava a uma parte particularmente estressante (Hermione enfrentando o trasgo em *Harry Potter e a Pedra Filosofal*, por exemplo), ela levava o livro para dentro e o entregava à mãe.

— O que é isto?

— Só me diga: ela consegue?

— Quem consegue o quê?

— Hermione. Um trasgo fugiu, um gigante. E ela... Você pode... Leia e me diga se ela está bem.

E a mãe, que a conhecia bem o bastante para não forçar a barra, parava o que quer que estivesse fazendo, sentava-se e lia a quantidade suficiente de páginas para obter a resposta. Então, devolvia o livro, marcando a nova página com o polegar.

— Comece aqui — dizia. — Ela não teve que lutar contra ele. Só berrou que estava no banheiro das meninas e mandou que ele fosse embora.

Elas riram por causa daquilo, berrar para um trasgo, e Rachel saiu outra vez para ler.

★ ★ ★

Tudo começara com a babá. No entanto, eles não tinham percebido na época. O nome dela era Francesca Butler, mas todos a chamavam de Frankie. Isso era quando a família passava as férias em Long Island, em Montauk Point, antes dos aviões particulares e helicópteros. Quando só se amontoavam no carro e viajavam na sexta à noite, lutando contra o trânsito, como se a estrada interestadual fosse uma anaconda gigante engolindo o engarrafamento, o coágulo de carros ferozes descendo a pista em ondas.

Seu irmão ainda não existia nem na imaginação. Eram apenas David, Maggie e a pequena Rachel, dormindo na cadeirinha. O canal de notícias tinha seis anos e já era uma máquina de geração de lucros e controvérsia, mas seu pai gostava de dizer: "Sou só um testa de ferro. Um general em uma salinha dos fundos. Ninguém sabe nada sobre mim."

O sequestro mudara isso.

Era o verão do monstro de Montauk, que tinha aparecido na praia em 12 de julho de 2008. Uma moradora da cidade, Jenna Hewitt, e três amigos estavam andando na praia de Ditch Plains e encontraram a criatura.

— Estávamos procurando um lugar para sentar — dissera ela, segundo os jornais — quando vimos algumas pessoas olhando uma coisa... Não sabíamos o que era... Brincamos que talvez fosse algo saído da Ilha Plum.

Descrito por algumas pessoas como "uma criatura parecida com um roedor, mas com um bico de dinossauro", o monstro tinha o tamanho de um cachorro pequeno e basicamente não tinha pelos. O corpo era forte e os membros, magros. Tinha duas patas dianteiras com garras compridas e claras. O rabo era fino e tinha aproximadamente o mesmo tamanho da cabeça e do pescoço juntos. O rosto era

curto e exibia uma expressão de agonia ou medo. A parte pós-orbital do crânio parecia longa e forte. Não tinha dentes visíveis na mandíbula superior; em vez disso, exibia o que podia ser descrito como um bico curvo de osso. A mandíbula inferior continha um canino grande e pontudo e quatro molares com pontas altas e cônicas.

Era um guaxinim, como algumas pessoas sugeriram, que havia se decomposto no oceano? Uma tartaruga marinha cujo casco havia sido retirado? Um cachorro?

Durante semanas, fotos do cadáver inchado e distendido haviam aparecido em tabloides e na internet. Especulações diziam que era algo criado em um laboratório do Centro de Doenças Animais da Ilha Plum, que ficava a cerca de dois quilômetros da costa. A Verdadeira Ilha do Dr. Moreau, como passou a ser chamada. Mas, no fim, assim como acontece com tudo, a falta de respostas levara a uma falta de interesse e o mundo seguira seu caminho.

Mas, quando David e Maggie chegaram a Montauk naquele fim de semana, a febre em relação ao monstro estava no auge. Quiosques vendendo camisetas haviam surgido na beira da estrada. Por cinco dólares, era possível ver o local onde o monstro fora encontrado, agora apenas um pedaço de areia qualquer.

Os Bateman tinham alugado uma casa em Tuthill Road. Era de madeira branca e tinha dois andares, com um lago do outro lado da rua. Afastada, ficava paralela a uma casa moderna, cuja reforma estava parada, folhas de plástico batendo em um buraco na sala de estar. Nos anos anteriores, a família de Rachel havia alugado uma casa mais ao norte, em Pinetree Drive, mas fora vendida para um bilionário do setor financeiro em janeiro.

A nova casa (Maggie ficaria lá com Rachel até o início de setembro e David viria às sextas e tiraria a última semana de agosto de folga) era aconchegante e peculiar. Tinha uma grande cozinha em estilo rústico e uma varanda inclinada e cheia de rangidos. Os quartos ficavam no segundo andar, o de seus pais tinha vista para o mar. O de Rachel (completo, com um berço da era vitoriana) dava para a lagoa. Haviam levado Frankie (a babá) com eles, um terceiro par de mãos, como Maggie gostava de dizer. Frankie foi no banco traseiro do Audi com Rachel, ocupada com uma brincadeira que durara toda a viagem: pegar a chupeta de Rachel, limpá-la e entregá-la de volta. Frankie era estudante de enfermagem, frequentava o curso noturno em Fordham e ajudava a cuidar de Rachel três dias por semana. Tinha vinte e dois anos e emigrara do interior de Michigan para morar em Nova York com um namorado depois da faculdade, mas ele a deixara pela baixista de uma banda de surf-punk japonês.

Maggie gostava dela porque passar tempo com Frankie fazia com que se

sentisse jovem, algo que no mundo de David — povoado inteiramente por pessoas como David, de quarenta anos, e até algumas de cinquenta ou sessenta — não acontecia. Maggie havia acabado de fazer vinte e nove. Ela era sete anos mais velha que Frankie, mas a única diferença que realmente existia entre elas era que Maggie era casada com um milionário.

— Você teve sorte — dizia Frankie.

— Ele é legal — afirmava Maggie.

— Então teve mais sorte ainda — respondia Frankie, sorrindo.

Entre suas amigas, havia muitas conversas sobre fisgar um homem rico. Elas vestiam saias curtas, calçavam botas altas e iam a boates chiques, esperando arranjar uma jovem promessa de Wall Street que fosse cabeludo e tivesse um pinto de aço. Mas Frankie não era assim. Tinha um lado mais amável, por ter sido criada entre cabras e galinhas. Maggie não se preocupava com a possibilidade de Frankie estar disposta a roubar seu marido. Seria absurdo, no fim das contas, trocar uma esposa-troféu de vinte e nove anos por uma de vinte e dois. Um gigantesco clichê. Mesmo assim, imaginava ela, coisas mais estranhas já haviam acontecido.

Apenas alguns anos antes, ela havia sido a pessoa paga para ensinar os filhos de outras pessoas. Uma professora de pré-escola de vinte e dois anos que morava no Brooklyn. Ela percorria a ponte do bairro de bicicleta toda manhã, fazendo sinais com as mãos como devia. O tráfego de pedestres da ponte era mínimo. Basicamente corredores. Alguns trabalhadores preocupados com a saúde, carregando seus almoços pelo rio. Ela usava um capacete amarelo-limão, o cabelo castanho e comprido voando para trás como uma capa. Não usava fones de ouvido nem óculos escuros. Freava para os esquilos e parava no meio do caminho para observar a vista e tomar um pouco d'água. Na cidade, pegava a rua Chambers até a Hudson e seguia para o norte, olhando para trás a cada minuto, atenta a motoristas de táxi ao celular ou esnobes em carros alemães que não olhavam para a rua.

Chegava ao trabalho toda manhã às seis e meia. Gostava de arrumar as coisas antes de as crianças aparecerem, para repor os materiais. A escola era pequena — apenas algumas salas em um velho prédio de tijolos ao lado de um estacionamento que fora transformado em parquinho. Ficava em uma rua cercada por árvores em uma parte do West Village que tinha certo clima da Londres antiga. Calçadas se curvavam como dedos tortos. Uma vez ela postara no Facebook que era a área da cidade de que mais gostava, por sua natureza atemporal, gentil. O restante da cidade parecia frio demais para ela: avenidas largas com torres comerciais agitadas pelo vento, como máquinas registradoras reluzentes de recursos humanos.

O primeiro aluno geralmente chegava às oito, andando, arrastando os pés ou em um carrinho, de mãos dadas com seu pai ou sua mãe, às vezes ainda meio dormindo, deitado em um supercarrinho Maclaren ou Stokke. Os pequenos Penelope, Daniel ou Eloise, sapatos tão pequenos que caberiam em uma boneca, em camisetas de manga curta quadriculadas ou listradas, como se um dia fossem crescer para virar nerds ricos, assim como seus pais. Meninas de quatro anos usando vestidos de oitenta dólares, com uma maria-chiquinha ou flores no cabelo tiradas de um vaso da varanda de uma casa chique por um pai apressado, no caminho para a escola.

Maggie sempre estava lá para cumprimentá-los, aguardando no asfalto do parquinho, sorrindo com uma exuberância ensolarada assim que apareciam, como um cachorro que fica de pé em um salto ao ouvir o barulho da chave na porta da frente.

"Bom dia, Srta. Maggie", diziam eles.

"Bom dia, Dieter. Bom dia, Justin. Bom dia, Sadie."

Ela os abraçava ou ajeitava seu cabelo, depois dizia bom-dia para a mãe ou o pai, que normalmente resmungavam uma resposta, pois haviam começado a enviar mensagens no instante em que os pés dos filhos tocavam o terreno da escola. Eram advogados e executivos de agências de publicidade, editores de revista e arquitetos. Os homens tinham quarenta anos ou mais (o pai mais velho da turma dela tinha sessenta e três). As mulheres variavamde top models com filhos chamados Raisin ou Mudge a trabalhadoras apressadas de trinta anos que haviam desistido de achar um marido vivo e convencido um amigo gay a gozar em um potinho em troca de seis semanas por ano em uma casa nas montanhas Catskill e o título honorário de "tio".

Ela era uma professora paciente, às vezes tanto que nem parecia humana, carinhosa e compreensiva, mas firme quando necessário. Em suas avaliações, alguns pais escreviam que gostariam de ser mais como ela, uma moça de vinte e dois anos que sempre sorria e tinha uma palavra de carinho, mesmo para uma criança aos berros que havia acabado com o cochilo deles.

Maggie saía da escola por volta das quatro, andando com a bicicleta cor de mogno até a calçada antes de prender o capacete e entrar no trânsito. Às tardes, gostava de pedalar até o rio e pegar a ciclovia que seguia para o sul. Às vezes parava para se sentar em um banco à beira d'água e observar o tráfego de barcos, o capacete em sua cabeça. Ela fechava os olhos toda vez que o vento soprava. Nos dias em que a temperatura estava acima dos trinta graus, ela comprava um sorvete de carrinho de um mexicano — normalmente de cereja — e se sentava na grama

para comê-lo com aquela pazinha chata. Nesses dias, tirava o capacete e o deixava na grama, como um drinque de limão. Relaxava, deitada de costas no gramado frio, e olhava para as nuvens por um bom tempo, flexionando os dedos dos pés na grama, antes de recolocar o capacete e começar a longa volta para casa, os lábios manchados com a cor da infância.

Como aquilo tudo parecia distante para ela, apenas sete anos depois, a mãe desempregada de uma criança pequena ou, mais precisamente, a esposa paparicada de um milionário.

Assim que chegassem à casa, ela e David iriam ao mercado se abastecer de alimentos, enquanto Frankie ficaria em casa com Rachel. Montauk, naquela época, ainda não era o local mais famoso dos Hamptons, mas dava para sentir esse clima surgindo. O mercadinho local tinha passado a vender manteigas especiais e geleias artesanais. A velha loja de ferragens estocava lençóis bordados à mão e havia sido reformada com painéis de madeira em pátina branca.

De uma barraquinha de beira de estrada, eles compraram tomates gordos e rachados, foram para casa, cortaram fatias grossas deles e os comeram com sal marinho e azeite de oliva. Não havia mais nada parecido com uma dificuldade, certamente nada além de uma inconveniência passageira. No entanto, quando pensava naquilo, tarde da noite, Maggie ficava impressionada com a maneira como sua noção das dificuldades da vida se reduzia e se adaptava às novas circunstâncias. Enquanto, antes de David, tinha que voltar de bicicleta para casa na chuva alguns dias, enfrentar os engarrafamentos e vasculhar o apartamento em busca de centavos para poder lavar suas roupas (e mesmo isso não podia ser considerado uma grande dificuldade em um mundo onde crianças vão se deitar sem ter o que comer), agora ela se via exasperada com coisas bobas, como não encontrar as chaves do Lexus ou ouvir de um atendente no D'Agostino que ele não tinha troco para cem. Quando percebia isso, como ela estava ficando mole, tornando-se uma *privilegiada*, Maggie sentia uma onda de ódio por si mesma. Eles deviam doar o dinheiro que tinham, dizia a David, criar os filhos de forma simples, com valores verdadeiros.

— Quero voltar a trabalhar — disse ela.

— Está bem.

— Não. Estou falando sério. Não posso ficar parada o dia todo. Sou uma trabalhadora. Estou acostumada a trabalhar.

— Você cuida da Rachel. Fica me dizendo o tempo todo o quanto isso dá trabalho.

Ela então torcia o fio do telefone entre os dedos, mantendo a voz baixa para

não acordar a bebê.

— E dá. Eu sei. E eu não posso... Não quero que minha filha seja criada por babás.

— Eu sei. Nós dois pensamos a mesma coisa, e é por isso que é tão bom que você possa...

— Eu só... Não me sinto mais eu mesma.

— Isso é normal depois do parto...

— Não faça assim. Não veja isso como parte do meu corpo, como se eu não conseguisse me controlar.

Silêncio do outro lado da linha. Ela não sabia dizer se ele estava sendo taciturno ou escrevendo um e-mail.

— Eu ainda não entendo por que você não consegue tirar mais tempo de folga — disse ela. — Só vamos ficar um mês aqui.

— Eu sei. É frustrante para mim também, mas estamos no meio de uma grande expansão em termos corporativos...

— Deixe para lá — respondeu ela, sem querer ouvir detalhes do trabalho dele.

Não era como se ele gostasse de ouvir as histórias de guerra dela: a mulher que entrou na frente da fila no supermercado, as novelas do parquinho.

— Tudo bem. Só estou dizendo... Vou tentar chegar aí na quinta à noite pelo menos duas vezes.

Foi a vez de ela ficar em silêncio. No andar de cima, Rachel dormia no berço. Maggie ouvia barulhos do outro lado da cozinha, indicando que Frankie estava pondo roupas na máquina de lavar. Além daquilo tudo, estava o som do oceano, aquela batida tectônica, o pulsar da Terra. À noite, ela dormia pesado por causa dele, algum ritmo genético básico voltando a seguir o ritmo do mar.

Era tarde quando Frankie desapareceu na semana seguinte. Tinha ido à cidade ver um filme no velho cinema de arte. Deveria estar em casa às onze e Maggie não a esperou acordada. Era sua noite com Rachel — teria que se levantar com seu choro matutino e acalmá-la até que dormisse de novo — e seu instinto nessas noites era sempre o de antecipar o sono, por isso, assim que o sol se punha (às vezes antes) sua cabeça encostava no travesseiro, os olhos cansados perpetuamente lendo e relendo as mesmas páginas curtas de seu livro, sem nunca passar do segundo capítulo.

De manhã, quando acordou com Rachel (que tinha ido para a cama com ela pouco depois da meia-noite) e não viu Frankie de pé, Maggie achou um pouco estranho, mas a menina era jovem e talvez tivesse conhecido alguém no cinema ou ido tomar um chope no velho pub de marinheiros a caminho de casa. Foi apenas

às onze, quando bateu no quarto de Frankie — elas haviam combinado que Maggie tiraria o dia para si —, abriu a porta e encontrou a cama vazia, arrumada, que Maggie começara a se preocupar.

Ela ligou para David no escritório.

— Como assim *ela sumiu*? — perguntou ele.

— Eu... não sei onde ela está. Não voltou para casa e não está atendendo o telefone.

— Ela deixou um bilhete?

— Onde ela deixaria um bilhete? Olhei o quarto dela e a cozinha. Ela foi ver um filme. Liguei para o celular, mas ela não...

— Está bem, me deixe... Vou ligar para algumas pessoas, conferir se ela voltou para a cidade... Lembre-se de que ela estava tendo problemas com o namorado... Troy alguma coisa... Se eu não descobrir nada e ela não voltar, aí ligo para a polícia.

— É que... Não quero reagir de forma exagerada.

— Bom, ou estamos preocupados ou não estamos. Você me diz.

Houve uma longa pausa, enquanto Maggie pensava na situação — durante a qual ela também fez um lanche para Rachel, que estava agarrada em seus tornozelos.

— Amor?

— É — respondeu ela. — É estranho. Você devia ligar mesmo.

Três horas depois, ela estava sentada diante do delegado local, Jim Peabody, cujo rosto parecia um pedaço de carne seca.

— Talvez eu só esteja exagerando, mas ela costuma ser muito responsável.

— Não faça isso consigo mesma, Sra. Bateman. Subestimar-se. A senhora conhece essa menina e teve uma intuição. Precisa confiar nisso.

— Obrigada. Eu... agradeço.

Jim se virou para sua assistente, corpulenta, com cerca de trinta anos.

— Vamos até o cinema, falar com o Sam, ver se ele se lembra dela. Grace vai até o pub. Talvez ela tenha passado lá. Você disse que seu marido estava ligando para conhecidos dela?

— É. Ele ligou para alguns amigos e parentes dela. Ninguém teve notícias.

Rachel estava pintando — basicamente um papel — em uma pequena mesa infantil que Maggie havia comprado em um mercado de pulgas, do tipo que vinha com duas lindas cadeirinhas dobráveis. Maggie estava impressionada com o fato de a menina não tê-los incomodado nenhuma vez durante toda a visita, como se entendesse a importância do que estava acontecendo. Mas ela sempre fora uma

criança sensível e séria, tanto que Maggie às vezes temia que a menina estivesse deprimida. Ela havia lido um artigo sobre isso no *New York Times* — crianças depressivas — e aquilo ficara na sua cabeça, um sintoma principal que podia unir todos os outros pequenos sintomas: o sono ruim, a timidez... Ou talvez ela fosse apenas alérgica a trigo.

Isso era a maternidade: um medo dominado por outro.

— Ela não está deprimida — dizia David. — Só é concentrada.

Mas ele era um garoto... e republicano, para piorar. O que ele sabia sobre os detalhes intricados da psicologia feminina?

No fim do dia, como ainda não tinham notícias, David deixou de lado as atividades da semana e foi para Montauk. Logo depois que ele chegou, Maggie se sentiu como um balão se esvaziando: a expressão forte, que dizia que estava tudo bem, desapareceu. Ela serviu a ambos uma bebida forte.

— Rachel dormiu? — perguntou ele.

— Dormiu. No quarto dela. Acha que foi um erro? Eu devia ter posto no nosso quarto?

Ele deu de ombros. Não fazia muita diferença prática, pensou. Era só uma questão na cabeça da sua esposa.

— Liguei para o delegado no caminho para cá — disse ele, enquanto estavam sentados na sala de estar. O mar rugiu através das persianas, invisível no escuro ar noturno. — Ele falou que ela com certeza foi ao cinema. As pessoas se lembram dela, uma menina bonita vestida no estilo nova-iorquino. Mas nada no pub. Então, o que quer que tenha acontecido, foi no caminho para casa.

— Mas o que poderia ter acontecido?

Ele deu de ombros e tomou um gole da bebida.

— Eles conferiram os hospitais locais.

Na metade da bebida, Maggie fez uma careta.

— Merda. Eu devia ter feito isso. Por que não...

— Não era tarefa sua. Você estava ocupada com a Rachel. Mas eles conferiram os hospitais e ninguém com a descrição dela deu entrada ontem à noite. Não há qualquer pessoa sem identificação nem nada parecido.

— David, será que ela morreu? Tipo, com o corpo jogado em alguma vala?

— Não. Acho que não. Quer dizer, quanto mais tempo passar, menos vou acreditar nisso, mas agora pode ser... Sei lá... Uma bebedeira.

Mas ambos sabiam que Frankie não era de bebedeiras.

Naquela noite, Maggie dormiu mal. Sonhou que o monstro de Montauk havia ressuscitado e estava saindo da lagoa e atravessando a rua, movendo-se de forma

inevitável para a casa deles, deixando uma trilha gosmenta para trás. Ela se remexeu e rolou, imaginando-o subindo pela lateral da casa até a janela do segundo andar — a do quarto de Rachel. Ela havia deixado a janela aberta? A noite estava quente, abafada. Ela geralmente a fechava, mas naquele dia — devido a seu cérebro absorto, à distração por causa de Frankie —, será que a deixara aberta?

Maggie acordou com os pés já no chão, um pânico materno fazendo-a percorrer o corredor curto até o quarto da filha. A primeira coisa que chamou sua atenção foi a porta fechada. Maggie sabia que não a havia fechado. Na verdade, sempre colocava um peso na frente para evitar que batesse com o vento. Quase correndo, ela chegou à porta e a maçaneta não virava. Maggie então bateu com força o ombro na porta, fazendo barulho.

Atrás dela, Maggie ouviu David se mexer, mas, de dentro do quarto, ele não ouviu nada. Tentou virar a maçaneta outra vez. Estava trancada.

— David! — gritou.

Depois o chamou novamente, a voz ganhando um tom de histeria.

Ele estava atrás dela, andando rápido, mas de forma sonolenta, parte de seu cérebro ainda adormecida, deixada de lado.

— Está trancada — disse ela.

— Saia da frente — pediu ele.

Ela saiu, encostando-se na parede para deixá-lo se aproximar. Ele agarrou a maçaneta com as mãos enormes e tentou virá-la.

— Por que ela não está chorando? — Maggie se ouviu dizer. — Ela deve estar acordada. Eu devo tê-la acordado. Com as batidas.

Ele tentou virar a maçaneta outra vez, depois desistiu, bateu com o ombro na porta. Uma, duas, três vezes. A porta se soltou do batente, mas não abriu.

— Porra! — exclamou ele, agora totalmente acordado, morrendo de medo.

Por que a filha não estava chorando? Em vez disso, tudo que passava por baixo da porta era o barulho do mar.

Ele deu um passo para trás e chutou a porta com força, usando algum tipo de força primitiva neandertal. O batente se rompeu, uma das dobradiças se soltou, a porta voou e se dobrou para trás, como um boxeador que levou um soco no estômago.

Maggie abriu caminho, empurrando-o, e berrou.

A janela estava aberta.

O berço, vazio.

★ ★ ★

Maggie se deteve encarando o berço vazio por um longo tempo, como se a visão daquilo fosse uma impossibilidade surreal. David correu até a janela e olhou para fora, primeiro para um lado, depois para outro. Então saiu do quarto, passando por ela. Maggie ouviu os passos dele trovejando pela escada, depois a porta da frente batendo e os pés dele correndo primeiro pela grama, depois pela areia, depois pelo cascalho, enquanto ele chegava à rua.

David estava ao telefone no andar de baixo quando ela o encontrou.

— É — disse ele. — Isso é vida ou morte. Não me importa o que vai custar.

Uma pausa enquanto ouvia.

— Está bem. Vamos estar aqui.

Ele desligou, os olhos vidrados em algum ponto à distância.

— David? — chamou ela.

— Vão mandar alguém.

— Quem?

— A empresa.

— Como assim alguém? Você ligou para a polícia?

Ele balançou a cabeça.

— É a minha filha. Eles *levaram* a minha filha. Não vamos usar servidores públicos.

— Do que você está falando? Quem a levou? Ela desapareceu. Eles precisam... A gente precisa ter alguém, muitas pessoas, para procurar por ela agora.

Ele começou a acender as luzes, passando de cômodo em cômodo, fazendo a casa parecer acordada. Ela o seguiu.

— David?

Mas ele estava perdido em seus pensamentos, algum tipo de esquema masculino se desenrolando em sua cabeça. Ela se virou e tirou a chave do carro do gancho.

— Bom, não posso ficar aqui sentada.

Ele a alcançou na porta e agarrou seu pulso.

— Não é... — começou a falar. — Ela não saiu andando. Tem dois anos. Alguém subiu a janela e a levou. *Por quê?* Por dinheiro.

— Não.

— Mas, primeiro... — continuou ele. — Primeiro, levaram a Frankie.

Ela se apoiou na parede, a cabeça girando.

— O que você...

Ele pôs as mãos nela, não de um modo rude, mas firme, para que ela soubesse

que ainda estava ligada à terra, a ele.

— Frankie conhece a gente. Ela conhece nossas rotinas, nossas finanças... Ou pelo menos tem uma noção geral. Ela sabe em qual quarto a Rachel dorme. Tudo. Eles levaram a Frankie para que ela pudesse dar Rachel a eles.

Maggie foi até o sofá e se sentou, a bolsa ainda no ombro.

— A não ser que ela esteja trabalhando com eles — disse David.

Maggie balançou a cabeça, o choque acalmando-a, fazendo suas pernas parecerem algas flutuando nas ondas.

— Não está. Tem vinte e dois anos. Faz faculdade.

— Talvez ela precise de dinheiro.

— David — disse Maggie, olhando para ele. — Ela não está ajudando os caras. Não de propósito.

Eles refletiram, pensaram no que seria preciso para fazer uma jovem honesta dar as informações sobre uma criança adormecida, sob seus cuidados.

Quarenta e cinco minutos depois, os dois ouviram pneus na entrada da casa. David saiu para encontrá-los e voltou com seis homens. Estavam claramente armados e tinham o que só podia ser descrito como um aspecto militar. Um dos homens usava terno. Tinha pele cor de oliva, cabelos grisalhos nas têmporas.

— Sra. Bateman — disse. — Sou Mick Daniels. Estes homens estão aqui para sua proteção e para me ajudar a averiguar os fatos.

— Eu tive um sonho. — Maggie se pegou dizendo.

— Querida — disse David.

— Com o monstro de Montauk. Ele escorregava pela lateral da nossa casa.

Mick assentiu. Se havia achado aquilo estranho, não disse.

— Você estava dormindo — contou ele —, mas uma parte sua ouviu algo. É o treinamento genético. A memória animal de uma espécie que passou algumas centenas de milhares de anos sendo vista como presa.

Ele fez com que os pais lhe mostrassem o quarto onde dormiam, e depois o de Rachel, e que refizessem o caminho por onde haviam passado. Enquanto isso, dois de seus homens examinavam o perímetro. Outros dois montavam um centro de comando na sala de estar, com laptops, telefones e impressoras.

Eles voltaram a se encontrar com todo o grupo dez minutos depois.

— Um único conjunto de pegadas — disse um homem negro que mascava um chiclete — e duas marcas mais fundas exatamente abaixo da janela. Achamos que é da escada. As marcas levam a uma construção menor da propriedade, depois desaparecem. Encontramos uma escada dentro dela. Extensível. Alta o bastante para chegar ao segundo andar, eu acho.

— Então ele não trouxe uma escada — disse Mick. — Usou uma que já estava aqui. O que significa que ele sabia que estava lá.

— Uma das calhas caiu no fim de semana passado — afirmou David. — O proprietário veio e a instalou, usou a escada. Não sei de onde ele tirou, mas veio em um sedã, então não trouxe com ele.

— Vamos investigar o proprietário — disse Mick.

— Não há marcas de pneu visíveis na rua — avisou um segundo homem, que carregava um rifle. — Nada recente, pelo menos. Não sabemos em que direção ele ou eles podem ter seguido.

— Desculpe — falou Maggie —, mas quem são vocês? Alguém levou minha filha. Temos que chamar a polícia.

— Sra. Bateman — disse Mick.

— Pare de me chamar assim — retrucou ela.

— Sinto muito, como gostaria que chamasse a senhora?

— Não. Só... Alguém, por favor, pode me dizer o que está acontecendo?

— Senhora — disse Mick. — Sou consultor de segurança da maior empresa de segurança particular do mundo. O empregador do seu marido contratou meus serviços sem custo para vocês. Servi oito anos nos SEAL da Marinha e mais oito no FBI. Trabalhei em trezentos casos de sequestro com uma taxa muito alta de sucesso. Existe uma fórmula de trabalho aqui. Assim que descobrirmos qual é, prometo que vamos ligar para o FBI, mas não como observadores impotentes. Meu trabalho é controlar a situação a partir de agora até recuperarmos sua filha.

— E você consegue fazer isso? — perguntou Maggie, como se estivesse em outra dimensão. — Recuperar minha filha?

— Sim, senhora — disse Mick. — Consigo.

BLANCO

SÃO AS PAREDES brancas que o acordam. Não apenas no quarto. Todo o apartamento era gravado com mármore puro — paredes, piso, móveis. Scott está deitado, os olhos abertos, o coração disparado. Dormir em um limbo branco, como uma nova alma suspensa no éter, esperando que uma porta se abra para a conferência burocrática da designação de corpo, rezando sem fôlego pela invenção da cor, pode, aparentemente, levar um homem à loucura. Scott se revira sob os lençóis brancos, com a cabeça sobre travesseiros brancos, a cabeceira da cama pintada da cor de ovos caipiras. Às duas e quinze da manhã, ele joga as cobertas longe e põe os pés no chão. O barulho do trânsito entra pelas janelas duplas. Ele sua por causa do esforço para se manter na cama e sente o coração batendo nas suas costelas.

Ele vai para a cozinha e pensa em fazer café, mas aquilo parece errado, de certa maneira. A noite é a noite e a manhã é a manhã, e confundi-las pode levá-lo a um deslocamento permanente. Um homem fora do tempo, defasado, que bebe uísque no café da manhã. Scott sente uma coceira nos olhos. Entra na sala de estar, encontra um aparador e abre todas as gavetas. No banheiro, acha seis bastões de batom. Na cozinha, uma caneta preta e dois marca-textos (rosa e amarelo). Há beterrabas na geladeira, grandes e machucadas, então ele as pega e põe uma panela de água para ferver.

Estão falando dele na televisão. Não precisa ligá-la para saber isso. Faz parte do ciclo agora, da preocupação interminável. Tábuas de madeira caiada branca rangem sob seus pés enquanto ele entra na sala de estar (branca). A lareira ainda está suja do uso recente e Scott se agacha diante da borda de tijolos fria e busca as cinzas. Tateando, encontra um pedaço de carvão e o aproxima de si como se achasse um diamante em uma mina. Há um espelho de pé na parede oposta e, enquanto se levanta, vê a si mesmo. Por coincidência, seu short é branco e ele está de camiseta branca — como se também fosse lentamente sendo consumido pelo nada infinito. Ao se olhar no espelho, naquele mundo todo branco — um homem branco, pálido, coberto de tecidos brancos —, ele pensa na possibilidade de ser um fantasma. *O que é mais provável*, pensa, *eu ter nadado por quilômetros com o ombro deslocado e uma criança nas costas ou ter me afogado no mar agitado, como minha irmã*

tantos anos atrás, os olhos assustados e a boca aberta sob as águas negras e gananciosas do Lago Michigan?

Com o carvão na mão, ele percorre o apartamento acendendo as luzes. Faz isso por instinto, um sentimento que não é exatamente racional. Do lado de fora, ouve os freios rascantes do primeiro caminhão de lixo do dia, as mandíbulas mecânicas pulverizando tudo aquilo de que não precisamos mais. Com o apartamento todo iluminado, ele se vira devagar para absorver tudo: paredes brancas, móveis brancos, piso branco. Então esta única volta se torna um tipo de giro, como se, depois de iniciado, ele não pudesse ser interrompido. Um casulo branco pontuado por espelhos negros, as persianas erguidas.

Tudo capaz de produzir cor foi empilhado na mesinha de centro baixa. Scott está parado com o carvão farelento na mão. Ele passa a pelota para a mão direita, os olhos atraídos pela mancha preta feroz na palma de sua mão esquerda. Então, com gosto, bate a palma suja no peito e a arrasta pela barriga, manchando o algodão de cinzas pretas.

Vivo, pensa.

Então, começa a fazer o mesmo nas paredes.

★ ★ ★

Uma hora depois, ele ouve uma batida na porta e o som de uma chave na fechadura. Layla entra, ainda arrumada para a noite com um vestido curto e saltos altos. Ela encontra Scott na sala de estar jogando beterrabas na parede. A camiseta e o short estão *destruídos*, na linguagem comum — ou foram *muito melhorados* aos olhos daquele pintor em particular, manchados de preto e vermelho. O ar cheira levemente a carvão e raízes. Sem perceber a chegada da mulher, Scott anda até a parede e se agacha, erguendo a beterraba esmagada. Atrás dele, ouve pegadas no corredor e o som de alguém arfando. Uma reação surpresa.

Ele ouve o som e ao mesmo tempo não ouve, já que não há nada em sua mente além do barulho de seus pensamentos. Visões, memórias e algo mais abstrato. Algo urgente — não no sentido de um tremor de terra, mas a sensação que temos ao finalmente urinar, depois de uma viagem longa de volta para casa, presos no trânsito congestionado, a longa corrida até a porta, o remexer em busca da chave, a calça desabotoada em um movimento apressado. E então o fluxo inábil. Uma necessidade biológica suprida. Uma luz, antes desligada, agora acesa.

A pintura se revela para ele a cada pincelada.

Atrás dele, Layla observa, os lábios entreabertos, tomada por uma sensação que, na verdade, não entende. É uma intrusa em um ato de criação, uma voyeur inesperada. Aquele apartamento, propriedade decorada por ela, tornou-se outra coisa. Algo inesperado e selvagem. Ela estende o braço para baixo e tira os sapatos, carregando-os para o sofá branco manchado.

— Eu estava em um evento no norte da cidade. Um daqueles intermináveis *quem se importa?*. E vi sua luz acesa da rua. Todas as luzes.

Ela se senta, uma perna dobrada sob a outra. Scott passa a mão no cabelo, a cabeça agora da cor de uma lagosta cozida. Então ele vai até a mesinha de centro e escolhe um batom.

— Um homem de cinquenta anos disse que queria sentir o cheiro da minha calcinha — afirma ela. — Não, espere, não foi isso... Ele queria que eu tirasse a calcinha e colocasse no bolso dele e, mais tarde, quando a mulher dele estivesse dormindo, disse que a levaria ao nariz e se masturbaria na pia.

Ela se levanta e anda até o bar para se servir de uma bebida. Parecendo indiferente, Scott testa a cor do batom na parede, depois o tampa e escolhe outro tom.

— Imagine os olhos arregalados dele quando falei que não estava usando calcinha — diz Layla, observando-o selecionar uma cor chamada Rubor de Verão. Ela toma um gole da bebida. — Você imagina como as coisas eram antes?

— Antes do quê? — pergunta Scott, sem se virar.

Ela volta a se deitar no sofá.

— Às vezes, tenho medo de que as pessoas só falem comigo porque sou rica ou querem transar comigo.

Scott é um raio laser concentrado em um ponto.

— Às vezes — afirma ele — eles podem estar só se perguntando se você quer pedir um aperitivo ou até mesmo um coquetel.

— Não estou falando que seja uma obrigação. Estou falando de uma sala cheia de pessoas. De um evento social ou de uma reunião de negócios. Estou falando de uma pessoa olhar para mim e pensar: "Ali está um ser humano com alguma coisa significativa para acrescentar ao grande debate."

Scott tampa o batom e dá um passo para trás para inspecionar seu trabalho.

— Quando eu tinha sete anos — diz ele —, fugi de casa. Quer dizer, não de casa, mas da minha casa. Escalei uma árvore do quintal. *Eles vão ver*, pensei, sabe Deus por quê. Minha mãe, da janela da cozinha, me viu ali, um menino na copa da árvore com a mochila e um travesseiro, encarando-a, mas continuou preparando o jantar. Mais tarde, eu os observei comer à mesa de jantar: minha mãe,

meu pai, minha irmã. "Passe os biscoitos." Depois que a louça foi lavada, eles se sentaram no sofá para ver TV. *Real People* ou talvez *Full House*. Comecei a ficar com frio.

Ele usa o carvão, aperfeiçoando um efeito.

— Já tentou dormir em uma árvore? — pergunta ele. — É preciso ser uma pantera. Uma a uma, eles apagaram as luzes da casa. O problema era que tinham se esquecido de me levar comida e um agasalho. Então, depois de um tempo, desci e entrei. A porta dos fundos estava aberta. Minha mãe tinha deixado um prato de comida na mesa para mim com um bilhete. "Tem sorvete na geladeira!" Eu me sentei, comi no escuro e subi para dormir.

— O que está dizendo?

— Nada. Foi só uma coisa que fiz.

Ele rabisca linhas de carvão na parede, acrescentando sombras.

— Ou talvez — diz ele — eu queira dizer que as pessoas podem falar todo tipo de coisa sem nunca abrir a boca.

Ela estica os braços e as pernas para longe do corpo, inclinando o quadril para o teto.

— Estão dizendo na TV que o menino parou de falar. Que ele não disse uma palavra desde o acidente. Não sei como sabem disso, mas é o que estão dizendo.

Scott coça o rosto, deixando uma mancha escura na têmpora.

— Quando bebia, eu era o que chamam de tagarela. Falava o tempo todo, basicamente o que achava que as pessoas queriam ouvir ou... isso não é verdade. Coisas que achava que eram polêmicas. A *verdade*.

— O que você bebia?

— Uísque.

— Tão másculo.

Ele tira a tampa do marca-texto amarelo e esfrega o feltro úmido no polegar esquerdo, distraído.

— No dia em que fiquei sóbrio, parei de falar. O que podia dizer? É preciso ter esperança para formar uma ideia. É preciso, não sei, *otimismo* para falar, para começar uma conversa. Porque, na verdade, qual o sentido em se comunicar? Que diferença realmente faz o que dizemos uns aos outros? E o que fazemos também?

— Tem um nome para isso — diz ela. — Chama-se depressão.

Ele larga o marca-texto e vira-se devagar, absorvendo a obra. Forma e cor, aberta a interpretações. Sente-se repentinamente exausto, agora que a sala tem profundidade, dimensão. Quando seu olhar encontra Layla, ele percebe que ela tirou o vestido e está deitada nua no sofá.

— Não estava brincando em relação à calcinha — diz ele.

Ela sorri.

— Fiquei muito feliz a noite toda — explica ela — por saber que tinha um segredo. Todo mundo estava falando sobre o que aconteceu, o mistério. Um avião caiu. Foi um atentado terrorista? Algum tipo de começo do fim, um projeto de extermínio de ricos? Ou um ataque norte-coreano para evitar que Kipling abrisse a boca? Você devia estar lá. Mas, então, as coisas mudaram, ficaram mais... pessoais. Todos aqueles grã-finos endinheirados falando do menino, se ele vai voltar a falar.

Ela o analisa.

— Falando de você.

Scott vai até a pia da cozinha, lava as mãos, observando as cinzas e o batom escorrerem pelo ralo. Quando volta, o sofá está vazio.

— Aqui — chama ela do quarto.

Scott pensa — o que uma mulher nua em sua cama vai provocar —, então se vira e entra no escritório. As paredes ali ainda estão brancas. Isso ofende sua sensação de realização, por isso ele pressiona o peito sujo na parede, deixando um formato de corpo como o do Coiote Coió. Depois, vai até a mesa e pega o telefone.

— Eu acordei você? — pergunta ele quando ela atende.

— Não — responde Eleanor. — Estamos acordados. Ele teve um pesadelo.

Scott imagina o menino se revirando na cama, um mar agitado invadindo sua mente.

— O que ele está fazendo agora?

— Comendo cereal. Tentei fazer com que voltasse a dormir, mas ele não quis. Então vi que estava passando desenho na PBS.

— Posso falar com ele?

Scott a ouve baixar o telefone e escuta sua voz abafada dizendo "J.J.!" do outro lado da sala. Rendendo-se à gravidade, deita-se no chão, esticando o fio do telefone. Depois de um segundo, ele escuta o plástico do fone ser arrastado por uma superfície dura, seguido de uma respiração.

— Oi, amiguinho — diz Scott. Ele espera. — É o Scott. Eu estava... Parece que nós dois estamos acordados, não é? Você teve um sonho ruim?

Do outro cômodo, Scott ouve Layla ligar a TV, injetando-se com o ciclo de notícia vinte e quatro horas. Pelo telefone, ele escuta o menino respirar.

— Eu estava pensando em ir até aí, ver você — acrescenta ele. — Poderia me mostrar seu quarto ou... Não sei. Tem feito calor aqui. Na cidade. Sua tia me disse que vocês estão perto de um rio. Eu poderia jogar pedrinhas na água com você,

ensinar a você como fazer elas quicarem ou...

Ele pensa no que acabou de dizer: "Vamos visitar outro local com muita água." Em parte, ele se pergunta se o menino grita toda vez que alguém dá a descarga, se ele se esconde do som da banheira se enchendo.

— O que me ajuda quando tenho medo — prossegue — é a preparação, sabe? Saber como fazer as coisas. Tipo, se um urso atacar, dizem que a gente tem que se fingir de morto. Você sabia disso?

Ele sente o peso da exaustão puxando-o das profundezas abaixo do chão.

— E se for um leão? — pergunta o menino.

— Bom — responde Scott —, não tenho certeza. Mas vou dizer uma coisa. Vou achar a resposta e contar quando vir você, está bem?

Um longo silêncio.

— Está bem — diz o menino.

Scott ouve o garoto soltar o telefone, depois o barulho dele sendo pego.

— Uau! — exclama Eleanor. — Não sei o que...

Aquilo paira entre eles, a conversa milagrosa. Scott não queria conversar sobre aquilo. O fato de o menino falar com ele e com mais ninguém é apenas um fato para ele, sem o que os psicólogos chamam de *significado*.

— Falei para ele que vou visitá-los — diz Scott. — Tudo bem?

— É claro. Ele... A gente ia gostar disso.

Scott pensa na entonação de voz dela.

— E o seu marido? — pergunta.

— Ele gosta de pouquíssimas coisas.

— De você?

Uma pausa.

— Às vezes.

Eles pensam naquela ideia por um tempo. Do quarto, Scott escuta um suspiro, mas não sabe dizer se é um barulho humano ou um efeito de som da TV.

— Está bem — diz. — O sol logo vai nascer. Tentem tirar uma soneca hoje.

— Obrigada — responde ela. — Tenha um bom dia.

"Um bom dia." A simplicidade daquilo o faz sorrir.

— Você também — retribui ele.

Depois que desligam, Scott fica deitado ali por um segundo, flertando com o sono. Então se levanta. Segue o som da televisão, tirando a camiseta e jogando-a no chão. Depois tira o short e entra no quarto, apagando a luz ao fazer isso. Layla está semicoberta, posando com o quadril de lado — ela sabe a beleza que tem, seu poder —, os olhos fixos timidamente na tela. Agora com frio, Scott sobe na cama.

Layla desliga a TV. Do lado de fora, o sol está começando a nascer. Ele pousa a cabeça no travesseiro, primeiro sentindo as mãos, depois o corpo dela se mover na direção dele. Ondas numa praia de areia clara. Ela se acomoda sobre os quadris e o peito dele. Seus lábios encontram o pescoço de Scott. Ele sente o calor do edredom puxando-o para baixo. A caixa branca foi vencida. O limbo agora é um lugar. As mãos dela tocam o peito dele. A perna flutua sobre as canelas e se apoia nas coxas dele. O corpo dela é quente, o arco dos seios cai sobre seu braço. Ela encosta o nariz e sussurra no pescoço dele, tomando seu tempo.

— Você gosta de conversar comigo, não é? — pergunta.

Mas ele já está dormindo.

QUADRO Nº 4

DE INÍCIO, PARECE uma tela vazia. Um retângulo branco comprido coberto de gesso. Mas, ao nos aproximarmos, vemos que o material branco forma uma topografia, sombras e vales. A tinta branca foi depositada em camadas e, sob ela, há pinceladas coloridas, o rubor de algo escondido. Então percebemos que talvez a tela não esteja vazia. Talvez a imagem tenha sido coberta, apagada pela tinta branca. A verdade é que o olho nu nunca vai conseguir revelar aquela história. Mas, caso você passe a mão pela tela, deixe-a correr pelos vales e montanhas de gesso, feche os olhos e permita que a verdade topográfica penetre em você, então talvez os contornos de uma imagem comecem a surgir.

Chamas. A forma de um prédio.

Sua imaginação faz o restante.

PÚBLICO / PRIVADO

UMA BUZINA DE carro o acorda, longa e insistente. Layla sumiu. A buzina soa outra vez. Scott se levanta, anda nu até a janela. Há uma equipe de repórteres do lado de fora, uma van estacionada na calçada, a antena parabólica posicionada.

Eles o encontraram.

Ele se afasta da cortina, acha o controle remoto, liga a televisão. A imagem de uma casa aparece, um imóvel branco de três andares com janelas azuis e estrelas pretas em uma rua margeada por árvores em Nova York. É a casa em que ele está. Uma notícia corre na parte inferior da tela, sob a casa, mostrando palavras e números — a Nasdaq caiu treze pontos, o Dow Jones subiu cento e dezesseis. No lado esquerdo da tela, Bill Cunningham ocupa a própria caixa, inclinando-se em direção à lente.

— ...Aparentemente, ele está escondido com a famosa herdeira radical, cujo pai doou mais de quatrocentos milhões de dólares para causas de esquerda no ano passado. Vocês se lembram, queridos espectadores, do homem que tentou comprar a eleição de 2012. Bem, essa é a filhinha dele. Apesar de não ser mais tão pequenininha... Vejam essas fotos dela em um festival de cinema na França no início desse ano.

Na tela, a casa passa para uma caixa menor e é substituída na janela principal por imagens fixas de Layla em uma série de vestidos de baile reveladores, retiradas de revistas de moda e fofoca. Há uma imagem de biquíni, tirada de longe, do iate de um ator.

Scott se pergunta se Layla está em casa, assistindo àquilo.

Como se ouvisse seus pensamentos, a porta do apartamento se abre. Layla entra. Está vestida para um dia de reuniões, ao que parece.

— Não contei a ninguém — diz. — Eu juro.

Scott dá de ombros. Ele não achava que ela havia contado. Em sua mente, ambos são uma espécie ameaçada, descoberta em meio à muda por uma criança curiosa com pouco controle de seus impulsos.

Na tela, ele observa quinze janelas cobertas por cortinas, uma porta estreita pintada de azul e dois portões de garagem, também azuis. A única coisa que protege seu esconderijo é uma pequena árvore estreita, na verdade apenas uma

vareta, com uma coleção desanimada de folhas verdes. Scott observa na TV a casa em que está, preocupado, mas também estranhamente fascinado, como um homem que flagra a si mesmo sendo comido vivo. Parece que ele não pode deixar de se tornar uma figura pública agora. Que ele tem que participar daquela dança comercial.

Que estranho, pensa.

Layla para ao lado dele. Está pensando em dizer algo mais, mas não diz. Depois de um instante, ela se vira e sai outra vez do apartamento. Scott ouve a porta se fechar e o barulho dos saltos dela na escada. Fica parado encarando a casa na televisão.

Bill Cunningham diz de maneira enérgica:

— ...Movimento na janela do andar de cima alguns momentos atrás. Fontes afirmam que a Srta. Mueller mora sozinha na casa, o que... Quantos quartos ela tem, queridos espectadores? Parecem pelo menos seis. E não posso deixar de fazer algumas conexões aqui: o diretor de uma rede de notícias conservadora morre em circunstâncias misteriosas e o único sobrevivente da queda do avião se esconde com a filha de um ativista de esquerda. Bem, algumas pessoas podem chamar isso de coincidência, mas eu, não.

Na tela, um dos portões da garagem começa a se abrir. Scott se inclina para a frente, observando mais do que apenas a televisão agora. Ele quase espera se ver saindo, mas, em vez disso, uma Mercedes preta surge, Layla ao volante usando óculos escuros enormes. Os repórteres se aproximam, tentando impedir a passagem dela, mas ela sai rapidamente — mais que disposta a atropelá-los — e vira à esquerda, acelerando pela rua Bank na direção de Greenwich antes que possam cercá-la.

Logo depois que ela passa, o portão da garagem se fecha.

— ...Com certeza a dona da casa — afirma Cunningham. — Mas estou me perguntando se esse tal de Burroughs não estava encolhido no banco traseiro, como um fugitivo da prisão em um filme de Sam Peckinpah.

Scott desliga a TV. Está sozinho em casa, de pé, nu em uma sala branca, o sol lançando sombras no chão. Caso racione o que tem e coma uma refeição por dia, pode ficar seis dias no apartamento. Em vez disso, toma um banho e veste-se para o dia. *Magnus*, pensa. Se alguém falou, foi ele. Mas, quando liga para Magnus, o irlandês afirma que não.

— Calma — diz. — Que casa está na televisão?

— Preciso que alugue um carro para mim — pede Scott, depois de fazer alguns rodeios.

Magnus está no norte da cidade, na região antes conhecida como Spanish Harlem, já cambaleante, apesar de serem apenas dez da manhã.

— Você falou bem de mim? — pergunta Magnus. — Para Layla? Sussurrou alguma coisinha naquele ouvido lindo? Magnus é o melhor pintor. Alguma coisa em relação...

— Ontem à noite. Falei um bocado sobre o seu uso das cores e da luz.

— Muito bem, companheiro. Acertou na mosca, porra.

— Ela estava pensando em passar aí no fim de semana, talvez ver seus trabalhos novos.

— Fiquei de pau duro nos últimos segundos. A cabeça está roxa e inchada, como se tivesse levado uma mordida de cobra.

Scott vai até a janela. As cortinas são claras, mas não transparentes. Ele tenta olhar para baixo, ciente de que as pessoas estão ali olhando para ele. Ele vê rapidamente outro carro de reportagem parar na calçada.

— Não precisa ser um carro grande — diz. — Só preciso dele por alguns dias para ir até Croton.

— Quer que eu vá? — pergunta Magnus.

— Não, preciso de você aqui — responde Scott. — Guardando o forte. Layla gosta de ficar acordada a noite toda, se é que você me entende.

— Considere-o guardado, meu amigo. Tenho Viagra suficiente até o Halloween.

Depois que desliga, Scott pega sua jaqueta, anda até a sala de estar e depois se detém. Em todo aquele caos, ele esqueceu as horas que passou na noite anterior erradicando o branco. Agora está em frente a um cubo de carvão e batom, manchas de beterraba seca em manchas rubi. A feira de Martha's Vineyard o cerca — um estudo para um quadro em três dimensões —, fazendo com que os móveis da sala pareçam estar no meio de uma praça aberta. O peixeiro está na parede dos fundos, isopores abertos, cheios de gelo, abaixo de uma longa mesa de armar branca; fileiras de legumes, bandejas triplas de frutas vermelhas. E rostos, reconstruídos de cabeça, rascunhados rapidamente enquanto o carvão se esfarelava.

E então, sentada em uma cadeira de lona branca, está Maggie, a cabeça e os ombros desenhados na parede, o corpo marcado no tecido da cadeira. Ela está sorrindo, os olhos protegidos por um grande chapéu de verão. Seus dois filhos estão um de cada lado da cadeira: a menina, em pé ao lado do ombro da mãe, à direita, o menino, semiescondido atrás de uma mesa lateral, à esquerda — apenas seu bracinho está visível, preso a uma parte do ombro, uma camiseta com listras da cor de beterraba, parando no meio de seu bíceps, o restante do corpo escondido

pela madeira.

Scott fica parado ali, paralisado em meio àquela cena, fora do tempo, cercado por fantasmas. Então desce para enfrentar a multidão.

JACK

– NUNCA GOSTEI de me exercitar — disse Jack LaLanne. — Mas gosto do resultado.

Isso ficava claro apenas por seu tríceps, sem contar o perfil cavalar de suas coxas rígidas. Um homem de estatura mediana que quase arrebentava a costura do macacão de mangas curtas. Em sua casa, ele mantinha um museu do exercício, cheio de aparelhos estranhos, a maior parte feita por ele mesmo. Jack inventou o extensor para pernas em 1936. Sua técnica era trabalhar um músculo até que ele falhasse, pois acreditava no poder de transformação através da aniquilação dos tecidos profundos.

No início, ele usava camiseta e calça básica para treinar. Gostava da sensação que tinha ao esticar o tecido. Então teve a ideia de se mostrar em macacões justos — um uniforme do aperfeiçoamento pessoal. Por isso, foi até a Oakland Pants Factory. Deu a eles esboços, uma série de possíveis cores. Basicamente tons de azul e cinza. Uma mulher afro-americana tirou suas medidas com uma fita crepe, dando voltas em torno dele em uma cadeira de metal que rangia a cada movimento. Naquela época, a lã era o único tecido que se esticava, por isso fizeram os macacões com ela, na espessura mais fina que o material permitia. Jack disse a ela que gostava de roupas brilhantes, para aparecer; sem mangas, para mostrar os braços fortes; e bem cinturadas.

Os macacões de Jack eram tão apertados que dava para ver o que ele havia comido no café da manhã.

Uma loja de produtos saudáveis da região pagou-lhe para criar um programa para uma rede de TV da Califórnia. Ele ensinava às pessoas o poder da dieta, criava exercícios para cada músculo, dos pés à língua. Seis anos depois, o programa passou à rede nacional. As pessoas tomavam café da manhã diante de imagens de Jack pulando na ponta dos pés. Elas corriam diante da televisão, imitando o que viam, curvando-se e girando os braços como se fossem pás de moinhos. À medida que as coisas ganhavam força, certas palavras e frases entraram no vocabulário americano. *Polichinelos, agachamentos, abdominais*.

Seus macacões tinham um cinto da mesma cor que reduzia a cintura.

No auge, Jack era um homem de cintura fina, ombros largos e rosto quadrado.

O cabelo, preto como graxa, tinha o clássico topete italiano. De Frankie Valli, por exemplo. Para a maioria das pessoas, no início, ele existia apenas em preto e branco, um tipo atarracado que apontava para esquemas anatômicos, explicando o que acontecia dentro do corpo humano. "Sabem", parecia dizer ele, "não somos apenas animais. Somos arquitetura. Ossos, tendões e ligamentos são a fundação da musculatura em movimento." Jack nos mostrou que tudo relacionado à anatomia humana estava conectado e podia ser usado em uma continuidade gloriosa.

Sorrir era usar todo um sistema de músculos, movimentado pela alegria.

Um dia, ele ensinou os telespectadores a fazerem seus rostos parecerem "a-tu-lé-ti-cos", abrindo e fechando a boca de maneira cômica, ao ritmo de "Take Me Out to the Ball Game", tocada em um órgão.

Então, nos anos 1970, Jack começou a aparecer em cores, pulando em um cenário coberto por painéis de madeira em macacões brilhosos, azuis e roxos. Ele se tornou um tipo de apresentador de *talk show*, conversando com *bodybuilders* sobre dieta e estilo de vida. Era a época do programa *Mutual of Omaha's Wild Kingdom*, sobre vida selvagem. A guerra no Vietnã havia sido perdida, os americanos tinham andado na Lua e Nixon parecia destinado a renunciar em desgraça. Os espectadores viam o programa dele porque gostavam de sua energia sem limites. Para aumentar o ritmo cardíaco e mudar a própria vida.

— Agora, direto de Hollywood — berrava o apresentador —, aqui está seu instrutor pessoal de saúde e boa forma: Jack LaLanne.

Durante trinta minutos, as pessoas obtinham uma determinação no estilo *você também pode*. Um ajuste de comportamento patrocinado. Montanhas a escalar, inspiração. As pessoas recebiam técnica.

— Não é melhor ser feliz com um problema — dizia — do que ficar triste com ele?

"Não reclame", dissera Jack a toda uma nação que desmoronava sob a recessão. "Quando a vida é dura, é preciso ser mais duro."

Isso foi na fase inspiradora de Jack, quando ele percebeu que as pessoas não precisavam apenas de um regime de musculação, mas de uma maneira melhor de ver o mundo. O canal de TV voltava dos comerciais e ele estava lá, o homem dos polichinelos, sentado em uma cadeira com o encosto para a frente, destrinchando a ciência.

— Vejam, temos muitos escravos neste país. Você é um escravo? Provavelmente está perguntando: "Jack, como podemos ser escravos neste maravilhoso país livre, os Estados Unidos?" Não me refiro a escravo dessa maneira que você está pensando. Estou falando de quem é escravo porque não pode fazer o que quer

quando quer. Nós somos escravos, como os de antigamente, que eram capturados e acorrentados. Eles eram algemados, sabe, e não podiam ir a lugar algum.

Jack olhava diretamente para a câmera.

— Você é quase tão escravo quanto eles.

E, nesse momento, ele se inclinava para a frente e apontava direto para a lente, enunciando cada sílaba.

— Você é escravo do seu corpo.

"A mente", dissera ele, "se mantém ativa até o dia em que morremos, mas é escrava do corpo — corpos que se tornaram tão preguiçosos que só querem ficar sentados. A aurora do corpo mole. E você permitiu que o seu ficasse assim. Em vez de mandar no seu corpo, seu corpo manda em você."

Era o início da era da televisão e a letargia já havia se estabelecido, o hipnotismo do brilho da tela. A máquina de fazer doidos. E ali estava Jack, pondo as cartas na mesa, tentando libertar você das algemas do mundo moderno.

"Não é tão complicado assim", afirmara ele com os olhos, o movimento de seu corpo parecendo ser a resposta para cada pergunta que fazia. Nenhum filósofo francês vivo ou morto podia convencer Jack LaLanne de que os problemas dos homens eram existenciais. Era uma questão de querer, de perseverar, de mente sobre matéria. Onde Sartre via tédio, Jack via energia. Onde Camus via inutilidade e morte, Jack via o poder da repetição.

Jack chegou ao poder na era de Buzz Aldrin e Neil Armstrong, na era de John Wayne. Os Estados Unidos eram a nação da ambição, na opinião dele. Não havia desafio grande demais, nem obstáculo vasto demais.

Jack disse que os Estados Unidos eram o país do futuro, que estavam prestes a viajar para um nirvana da ficção científica em foguetes brilhantes.

Só que, na opinião de Jack, todos deviam correr até lá.

ELE É ATACADO por uma luz artificial, cercado por câmeras iluminadas por lâmpadas de halogênio. Scott aperta os olhos em um reflexo, garantindo que a primeira imagem que o mundo vê dele é a de um homem levemente encolhido, o olho esquerdo semicerrado. Corpos saltam para a frente quando ele sai pela porta, homens com câmeras apoiadas no ombro e mulheres com microfones redondos, arrastando fios pela calçada suja de chiclete.

— Scott — dizem. — Scott, Scott.

Ele se acomoda na entrada da casa, a porta semiaberta, para o caso de precisar fugir facilmente.

— Olá — diz.

É um homem começando uma conversa com uma multidão. Todos falam ao mesmo tempo, fazendo perguntas. Scott pensa no que aquela rua foi um dia, um riacho florestado serpenteando em direção a um rio lamacento. Ele ergue uma das mãos.

— Qual é o objetivo de vocês? — pergunta.

— Só queremos fazer algumas perguntas — diz uma das jornalistas.

— Eu cheguei primeiro — afirma outra, uma loura segurando um microfone com as letras "ALC" gravadas em uma caixa retangular. Seu nome é Vanessa Lane e Bill Cunningham está falando pelo ponto em seu ouvido.

— Scott — diz, abrindo caminho até a frente —, o que está fazendo aqui?

— Aqui na rua? — pergunta o pintor.

— Com a Srta. Mueller. Ela é sua amiga? Ou talvez algo mais?

Scott fica pensando. *Ela é uma amiga ou talvez algo mais*. Ele não tem certeza do que aquela pergunta realmente quer dizer.

— Eu teria que pensar nisso — responde. — Se somos amigos. Acabamos de nos conhecer, na verdade. E tem o ponto de vista dela. Como ela vê as coisas. Porque talvez eu esteja entendendo errado o significado que... Quem nunca fez isso, pensar que uma coisa é preta quando na verdade é branca.

Vanessa franze a testa.

— Fale sobre o acidente — pede ela. — Como foi?

— Como assim?

— Estar lá sozinho, no vasto oceano, e ouvir o menino chorando.

Scott lembra aquela imagem, seu silêncio salpicado por outras perguntas berradas em ritmo acelerado.

— Você quer uma comparação. Isso aqui é parecido. Uma analogia para ajudar vocês a entenderem.

— Scott — grita uma morena com um microfone —, por que o avião caiu? O que aconteceu?

Um casal jovem se aproxima, vindo do leste. Scott os vê atravessar a rua para evitar os holofotes. Ele é como um acidente agora, espiado por pedestres.

— Acho que eu deveria dizer que foi como nada — diz Scott a Vanessa, sem ignorar a nova pergunta, apenas se concentrando na anterior. — Com certeza não posso comparar a nada. O tamanho do oceano. A profundidade e a força. Um céu sem lua. Para que lado é o norte? A sobrevivência, na sua forma mais básica, não é uma história. Ou, não sei, talvez seja a única história.

— Já falou com o menino? — berra alguém. — Ele estava com medo?

Scott fica pensativo.

— Uau! — exclama. — Isso... Não sei se é uma pergunta para mim... O cérebro de alguém de quatro anos... Quer dizer, é outra conversa, totalmente diferente. Sei o que a experiência foi para mim: uma gota em uma escuridão vasta e hostil. Mas, para ele, nesse momento de crescimento, biologicamente, quero dizer... E com a natureza do medo, em certo nível, a força animal disso. Mas, novamente, na idade dele...

Ele se interrompe, pensando, ciente de que não está dando a eles o que querem, mas preocupado com o fato de as perguntas serem importantes demais para responder naquele instante, para definir de passagem, simplesmente para atender a algum tipo de prazo arbitrário. *Como foi a experiência? Por que aconteceu? O que isso vai significar no futuro?* São assuntos para livros. São perguntas sobre as quais meditamos durante anos — para encontrar as palavras certas, para identificar os fatores críticos, tanto subjetivos quanto objetivos.

— É uma pergunta importante — afirma Scott — para a qual podemos nunca ter uma resposta.

Ele se vira para Vanessa.

— Você tem filhos?

Ela tem vinte e seis anos no máximo.

— Não.

Scott se vira para o câmera, de cerca de quarenta anos.

— E você?

— Bem, tenho. Uma menininha.

Scott faz que sim com a cabeça.

— Então, e ainda tem o gênero, a hora da noite, o fato de ele estar dormindo quando o avião caiu. Será que ele achou que era um sonho? De início. Talvez ele ainda estivesse dormindo. Tantos fatores...

— As pessoas dizem que você é um herói — grita um terceiro repórter.

— Isso é uma pergunta?

— Você acha que é um herói?

— Você teria que definir a palavra para mim — diz Scott. — Além disso, o que eu acho não importa. Ou... isso não é verdade. O que acho de mim mesmo nem sempre se provou correto, de acordo com o mundo em geral. Por exemplo, quando tinha vinte anos, eu achava que era artista, mas na verdade era só um jovem de vinte anos que achava que era artista. Isso faz sentido?

— Scott — berram eles.

— Sinto muito — diz Scott. — Dá para notar que não estou dando o que vocês querem.

— Scott — chama Vanessa. — É uma pergunta direta de Bill Cunningham. Por que estava naquele avião?

— Você quer dizer em um sentido cósmico ou...

— Como acabou entrando naquele avião? — pergunta ela, corrigindo-se.

— A Maggie me convidou.

— Maggie é Margaret Bateman, mulher de David?

— É.

— E estava tendo um caso com ela, com a Sra. Bateman?

Scott franze a testa.

— Tipo um caso amoroso?

— É. Como agora está tendo um caso com a Srta. Mueller, cujo pai doa milhões para causas liberais.

— Isso é uma pergunta de verdade?

— As pessoas têm direito a saber a verdade.

— Só porque estive dentro da casa dela, você está dizendo que... Que eu e ela transamos. Essa é sua conclusão einsteiniana.

— Não é verdade que você conquistou seu lugar naquele avião com cantadas?

— Para quê? Cair no mar e ter que nadar dezesseis quilômetros até a praia com o ombro deslocado?

Ele não sente raiva, apenas está desconcertado com aquele estilo de interrogatório.

— Não é verdade que o FBI já interrogou você várias vezes?

— Duas conta como várias?

— Por que está escondido?

— Diz *escondido* como se eu fosse um ladrão de bancos. Sou um cidadão reservado, vivendo sua vida em particular.

— Você não voltou para casa depois do acidente. Por quê?

— Não tenho certeza.

— Talvez ache que tem algo para esconder.

— Ficar fora da vista de todos não é a mesma que se esconder — diz Scott. — Sinto falta da minha cadela. Disso tenho certeza.

— Fale sobre os quadros. É verdade que o FBI apreendeu todos?

— Não. Não que eu... São só quadros. Um homem em um barracão em uma ilha. Quem sabe por que ele pinta o que pinta? Ele sente que sua vida é um desastre. Talvez seja por aí que ele comece. Com ironia. Mas, então, ele vê algo maior ali, talvez uma chave para entender. Isso é...? Estou respondendo sua...?

— É verdade que você pintou a queda de um avião?

— É. É um dos... Para mim, parece que, quer dizer, todos vamos morrer. Isso é... biologia. Todos os animais... Mas somos os únicos que... sabemos. E, mesmo assim, nós... conseguimos guardar essa informação tão forte em um tipo de caixa. Sabemos, mas ao mesmo tempo não sabemos. E, apesar disso, nesses momentos de mortes em massa... Uma balsa que afunda, um avião que cai... Somos confrontados pela verdade. Nós também vamos morrer um dia e por motivos que não têm nada a ver conosco, nossas esperanças e nossos sonhos. Um dia, subimos em um ônibus para ir trabalhar e tem uma bomba nele. Ou vamos ao Wal-Mart comprar produtos em promoção na Black Friday e somos esmagados por uma multidão. Então, o que começou como uma ironia, ou seja, minha vida era um desastre, abriu uma porta.

Ele morde o lábio.

— Mas o homem no barracão ainda é só um homem em um barracão, entendeu?

Vanessa toca o plástico preso em sua orelha.

— O Bill gostaria de convidar você para uma entrevista no estúdio.

— É gentileza dele — responde Scott. — Eu acho. Só que a sua cara está denunciando que não é algo gentil. Parece mais a polícia.

— Pessoas morreram, Sr. Burroughs — responde ela. — Acha mesmo que é hora de ser gentil?

— Agora mais do que nunca — diz ele, antes de se virar e se afastar.

Depois de algumas quadras, por fim, param de segui-lo. Ele tenta andar normalmente, consciente de si tanto como um corpo no tempo e no espaço quanto como uma imagem vista por milhares (milhões?). Ele pega a rua Bleecker até a Sétima Avenida e entra em um táxi. Está pensando em como o encontraram — um homem em um apartamento trancado sem celular. Layla disse que não falou nada e ele não tem motivos para duvidar dela. Uma mulher com um bilhão de dólares não mente a não ser que queira e, pela maneira como agia, parecia que Layla gostava de ter Scott como seu segredinho. Magnus, bem, Magnus mente sobre um monte de coisas, mas aquela não parecia ser uma delas. A não ser que tivessem dado dinheiro a ele, mas então por que Magnus teria encerrado o telefonema pedindo cem dólares a Scott?

O universo é o universo, pensa ele. *Suponho que seja suficiente saber que existe um motivo sem ter que saber qual é. Algum novo tipo de satélite talvez? Um software que penetra em nossos ossos enquanto dormimos? A ficção científica de ontem se torna o modelo de sistema atual.*

Ele era um homem invisível e agora não é. O que importa é que corra em direção a alguma coisa e não fuja. Sentado no banco traseiro do táxi, Scott imagina o menino comendo cereal na frente da televisão tarde da noite — sem conseguir dormir —, assistindo a um cachorro desenhado a partir das letras *c-a-c-h-o-r-r-o* conversar com um gato desenhado a partir das letras *g-a-t-o*. Se ao menos a vida real fosse simples assim e todos que conhecemos e todos os lugares que frequentamos fossem formados só pela essência de sua identidade. Se olhássemos para um homem e encontrássemos as letras *a-m-i-g-o* ou olhássemos para uma mulher e encontrássemos a palavra *e-s-p-o-s-a*.

A TV está ligada no táxi, passando clipes de programas noturnos de entrevistas. Scott se inclina para a frente e a desliga.

GIL BARUCH

5 DE JUNHO DE 1967 – 26 DE AGOSTO DE 2015

HAVIA LENDAS SOBRE ele — histórias, mais do que histórias. *Teorias* seria uma palavra melhor. Gil Baruch, quarenta e oito anos, imigrante israelense. (Apesar de uma das teorias dizer que ele tinha uma casa na fronteira limítrofe da Cisjordânia, uma fronteira que ele havia criado sozinho no território palestino, depois de chegar um dia em um velho jipe e montar sua tenda, enfrentando os olhares e as provocações dos palestinos. Corriam boatos de que ele havia cortado a madeira sozinho e construído as fundações com um rifle trespassado nas costas. Que a primeira casa havia sido incendiada por uma horda raivosa, e Gil, em vez de usar sua prodigiosa técnica de tiro ou sua destreza na luta, havia simplesmente observado e esperado. Quando a multidão tinha dispersado, ele teria urinado seu desprezo nas cinzas e começado outra vez.)

O fato de ele ser filho da nobreza israelense, ninguém discutia, já que seu pai, Lev Baruch, era o braço direito de Moshe Dayan, um famoso líder militar, a cabeça por trás da Guerra dos Seis Dias. Dizem que o pai de Gil estava no local, em 1941, quando um atirador francês fizera uma bala atravessar a lente esquerda dos binóculos de Dayan; o pai de Gil limpara o vidro e os estilhaços e ficara com Dayan durante horas até que pudessem sair.

Diziam que Gil havia nascido no primeiro dia da Guerra dos Seis Dias, que seu nascimento coincidira com o momento do primeiro tiro. Era uma criança forjada na guerra, das vísceras de um herói militar, nascido do coice de um canhão. Sem contar, diziam as pessoas, que sua mãe era a neta favorita de Golda Meir, a única mulher forte o suficiente para forjar uma nação de dentro das entranhas de um Estado árabe.

No entanto, outros diziam que a mãe de Gil era apenas filha de uma modista de Kiev, uma menina bonita com um leve estrabismo que nunca havia saído de Jerusalém. Essa é a natureza das lendas. Há sempre alguém à espreita nas sombras, tentando abrir buracos. O que é certo é que seu irmão mais velho, Eli, foi morto no Líbano em 1982, e que seus dois irmãos mais novos, Jay e Ben, morreram na Faixa de Gaza durante a Segunda Intifada: Jay, por uma mina terrestre, e Ben, em

uma emboscada. E que Gil perdera a única irmã no parto. Isso fazia parte da lenda, o fato de Gil ser um homem cercado por mortes, de todas as pessoas próximas de Gil morrerem mais cedo do que mais tarde e, mesmo assim, Gil se manter vivo. Diziam que ele havia sido atingido por tiros seis vezes antes dos trinta anos, que sobrevivera a um esfaqueamento na Bélgica e se protegera de uma explosão em Florença ao se esconder dentro de uma banheira de ferro fundido. Atiradores de elite miravam nele e erravam. Recompensas por sua cabeça, numerosas demais para listar, ficavam perpetuamente disponíveis.

Gil Baruch era um prego de aço em um prédio em chamas, brilhava nas cinzas depois que tudo havia sido destruído.

Mesmo assim, todas aquelas mortes e tristezas não haviam passado despercebidas. Havia um toque bíblico nos trabalhos de Gil Baruch. Mesmo em termos judaicos, o sofrimento dele era excepcional. Homens batiam em suas costas em bares e lhe compravam bebidas, depois se afastavam para uma distância segura. Mulheres se deitavam a seus pés, como fariam em um trilho de trem, esperando que a colisão de corpos as aniquilasse. Mulheres loucas e fogosas com pontos G generosos. Mulheres depressivas, lutadoras, vigaristas, poetas. Gil ignorava todas. Em seu coração, ele sabia que precisava de *menos* drama em sua vida, não mais.

Mesmo assim as lendas prevaleciam. Durante seus trabalhos como segurança particular, ele havia se deitado com as mulheres mais bonitas do mundo: modelos, princesas, estrelas de cinema. Havia uma teoria, proeminente nos anos 1990, de que ele tirara a virgindade de Angelina Jolie. Ele tinha pele cor de oliva, o nariz adunco e a testa saliente de um grande romântico. Era um homem com cicatrizes, tanto físicas quanto emocionais, cicatrizes que carregava sem reclamar nem comentar, um homem taciturno com um toque de ironia nos olhos (como se, no fundo, soubesse que era alvo de uma piada cósmica), um homem que carregava armas e dormia com uma sob o travesseiro, o dedo no gatilho.

Diziam que ainda não havia nascido o homem que pudesse superar Gil Baruch. Ele era um imortal que só podia ser morto por um gesto de Deus.

E como podemos interpretar a queda de um avião se não como o punho de Deus enviado para punir os ousados?

★ ★ ★

Ele fazia parte da família havia quatro anos: juntara-se à equipe quando Rachel estava com cinco anos. Tinham se passado três desde o sequestro, três desde que

David e Maggie tinham sentido o arrepio frio da descoberta — um berço vazio, uma janela aberta — no meio da escuridão da noite. Gil dormia no que arquitetos do Velho Mundo chamariam de dependências de empregada: uma cela monástica atrás da lavanderia na casa da cidade e um quarto maior voltado para a entrada no imóvel em Martha's Vineyard. Dependendo do status de ameaça — determinado pela análise de e-mails, além de conversas com analistas estrangeiros e locais, tanto particulares quanto governamentais, com base na mistura de ameaças extremistas e natureza controversa dos programas do canal ALC —, a equipe de apoio de Gil crescia ou diminuía, chegando, em determinando momento após o ataque ao Iraque em 2006, a doze homens com *tasers* e armas automáticas. No entanto, em geral, eram sempre três. Uma trindade de olhos observando, calculando, encolhidos, prontos para agir.

A viagem fora planejada na sede da empresa, que sempre consultava a equipe no local. Voos comerciais não eram mais apropriados — nem os transportes públicos, apesar de Gil ceder à vontade de David de ir de metrô para o escritório algumas vezes por mês, mas sem seguir um padrão, em dias escolhidos ao acaso. Nesses dias, primeiro ele mandava um sósia no carro, que saía da casa vestido com as roupas de David, a cabeça baixa, levado com pressa pela equipe e enfiado no banco traseiro.

No metrô, Gil ficava longe o bastante de David para deixá-lo se sentir um homem do povo, mas perto o bastante caso agentes exteriores decidissem atacar. Ele ficava com o polegar apoiado no cabo de uma lâmina curva e dobrável, escondida no cinto. Uma lâmina tão afiada que podia cortar papel. Dizia-se que era coberta com o veneno da aranha-marrom. Havia uma pequena pistola semiautomática escondida em algum lugar indetectável, que David vira seu guarda-costas puxar uma vez sem parecer ter se movido. Um mendigo os tinha atacado, gritando diante do prédio da Time-Warner, segurando um tipo de cachimbo, e David dera um passo rápido para trás, olhando para o assistente. Em dado momento, a mão de Gil estava vazia. No instante seguinte, ele erguia uma Glock de cano curto, que fazia aparecer do nada, como um mágico revelando uma moeda comum e riscada.

Gil gostava do balanço do metrô, do guincho do roçar dos metais nas curvas. No fundo tinha uma certeza entranhada de que a vida não acabaria sob o solo. Era um instinto em que aprendera a confiar. Não que temesse a morte. Tinha perdido tantas pessoas, tantos rostos familiares esperavam por ele do outro lado — se é que havia outro lado e não apenas o silêncio escuro como piche. Mas, mesmo isso não parecia ruim, um fim para a imensidade interminável da vida. Pelo menos, a

pergunta eterna seria respondida, de uma vez por todas.

Era preciso lembrar que a Torá não fazia nenhuma referência clara à vida após a morte.

Como fazia toda manhã, Gil se levantou antes do amanhecer. Era o quarto domingo de agosto, o último da família em Martha's Vineyard. Eles tinham sido convidados a ir a Camp David para o fim de semana, e Gil passara grande parte do dia anterior coordenando a segurança com o Serviço Secreto. Ele falava quatro línguas — hebraico, inglês, árabe e alemão — e brincava que era importante para um judeu conhecer a língua de seus inimigos, para saber se estavam tramando contra ele.

A piada, claro, não era compreendida pela maioria das pessoas. O problema era a cara que ele fazia ao contá-la, como uma pessoa de luto em um velório.

A primeira coisa que Gil fazia depois de acordar era mudar seu status para *ativo*. Fazia isso instantaneamente, no momento em que seus olhos se abriam. Ele dormia, no máximo, quatro horas por noite — esperava uma ou duas depois que a família ia dormir e acordava uma ou duas horas antes de todos. Gostava das horas calmas em que as luzes estavam apagadas, de ficar sentado na cozinha ouvindo o zumbido mecânico dos eletrodomésticos, o clique do sistema AVAC quando ele o ligava para esfriar ou aquecer a casa. Era um mestre em imobilidade e já tinha ficado sentado, segundo a lenda, por cinco dias seguidos em um telhado em Gaza, em meio ao território inimigo, o Barret M82 equilibrado em um tripé de metal, esperando que um alvo valioso saísse de um condomínio, correndo um risco constante de ser descoberto por forças palestinas.

Comparado a isso, sentar-se na cozinha luxuosa e climatizada da propriedade de um multimilionário era como estar em um cruzeiro. Ele ficava sentado com uma garrafa térmica de chá verde (ninguém nunca o via prepará-lo), os olhos fechados, ouvindo. Diferente da loucura doméstica do dia que apontava, os sons noturnos de uma casa — mesmo de um imóvel grande como aquele — eram regulares e previsíveis. A casa tinha escutas, claro, sensores em todas as janelas e portas, detectores de movimento, câmeras. Mas aquilo era tecnologia e a tecnologia podia ser enganada, desligada. Gil Baruch era tradicional, um sensualista. Alguns diziam que usava um garrote como cinto, mas ninguém nunca provara isso.

A verdade era que, quando criança, Gil e seu pai brigavam por causa de tudo o tempo todo. Gil era o filho do meio e, quando ele havia nascido, o *pater familias* já bebia o suficiente para se matar. O que fez, em 1991, quando a cirrose se tornou um problema cardíaco e o problema cardíaco se tornou silêncio.

Então, de acordo com a Torá, o pai de Gil deixara de existir. O que estava ótimo para Gil, sentado em uma cozinha climatizada, ouvindo o sopro quase imperceptível do mar batendo na praia do lado de fora.

Os registros de domingo no diário da segurança não tinham nada de especial. O marido (Condor) ficara em casa (*leu jornal 8h10-9h45, dormiu no quarto de hóspedes do andar de cima 12h45-13h55, fez e recebeu vários telefonemas 14h15-15h45, preparou e cozinhou o jantar 16h30-17h40*). A mulher (Falcão) fora à feira, acompanhada de Rachel e de um guarda-costas, Avraham. O menino brincara em seu quarto e treinara futebol. Tinha dormido das onze e meia à uma da tarde. Qualquer pessoa que olhasse o diário depois, tentando montar as peças de um mistério, não encontraria nada além de horários e registros secos. Tinha sido um domingo preguiçoso. O que o tornava significativo não eram os fatos nem os detalhes, mas os pontos imperceptíveis. A vida interior. O aroma das plantas da praia e a sensação da areia no chão do banheiro quando estavam tirando a sunga.

O calor do verão americano.

A décima linha do diário dizia simplesmente: *10h22 — Condor tomou café da manhã pela segunda vez*. Ele não podia capturar o ponto perfeito do bagel de cebola e o sabor salgado do peixe contrastando com a espessura do cream cheese. Era um tempo perdido em um livro — uma jornada de imaginação, uma viagem —, que para outros era simplesmente como se sentar ou se deitar de bruços em um tapete diante de uma fogueira acesa no verão, as pernas dobradas, a noventa graus, chutando o ar, alheias, os pés languidamente erguidos.

Ser guarda-costas não significava estar em vigília constante. Na verdade, era o oposto. A pessoa devia estar aberta a mudanças sobre como as coisas eram — ser receptiva a variações sutis, compreender que o sapo não era morto ao ser jogado na água fervente, mas ao ser fervido lentamente, a um grau de cada vez. Os melhores guarda-costas entendiam isso. Sabiam que o trabalho exigia um tipo de passividade tensa, mente e corpo em harmonia com os cinco sentidos. Se parasse para pensar, a segurança particular era apenas outro tipo de budismo, de tai chi. Viver o instante, de maneira fluida, pensando em nada além do local em que se está e do que existe ao seu redor. Corpos no espaço e no tempo, movendo-se de acordo com um arco prescrito. Sombra e luz. Espaço negativo e positivo.

Quando se vive dessa maneira, uma noção de *antecipação* pode evoluir, a previsão vodu de que as pessoas que você está protegendo vão fazer ou dizer algo esperado. Ao estar em sincronia com o universo, ele se torna o universo e, assim, sabe como a chuva vai cair, a maneira como a grama cortada vai balançar, com movimentos breves, sob o vento do verão. Ele sabe quando Condor e Falcão vão

brigar, quando a menina, Rachel (Tordo), está ficando entediada e quando o menino, J.J. (Pardal), não tirou a soneca e vai começar a chorar.

Ele sabe quando o homem na multidão vai dar um passo e ficar próximo demais, quando o fã pedindo autógrafo está, na verdade, tentando apresentar uma intimação. Sabe quando reduzir a velocidade em um sinal amarelo e quando deixar para pegar o próximo elevador.

Não são coisas sobre as quais você *sente* alguma coisa. São coisas que simplesmente são.

Falcão se levantou primeiro, de roupão, carregando Pardal. A cafeteira já fez o café. Tinha um *timer*. Tordo desceu em seguida. Foi direto para a sala de estar e pôs em um canal de desenhos. Condor desceu por último, uma hora depois, mexendo no jornal, os polegares enfiados no saco plástico azul de domingo. Gil ficou por perto, mas fora do caminho, observando os cantos, abraçando as sombras.

Depois do café, ele se aproximou de Condor.

— Sr. Bateman — disse —, posso passar o *briefing* para o senhor agora?

Condor olhou por cima dos óculos de leitura.

— Devo ficar preocupado?

— Não, senhor, é só um resumo da semana.

Condor assentiu e levantou-se. Sabia que Gil não falava de negócios em ambientes casuais. Foram para o escritório. Era coberto por livros que Condor realmente havia lido. Velhos mapas se alinhavam nas paredes com fotos de Condor com figuras notáveis de todo o mundo: Nelson Mandela, Vladimir Putin, John McCain, o ator Clint Eastwood. Havia uma bola de beisebol autografada em uma caixa de vidro na mesa. A bola lançada por Chris Chambliss no décimo *inning daquele* jogo, porque quem naquela região não se lembrava da maneira que o público pulara dentro do campo, do modo como Chambliss tivera que empurrar e se contorcer entre civis lunáticos para correr pelas bases — ele chegara a pisar na última?

— O senhor preferiria que eu tivesse ligado para o comando central para fazer um *briefing* mais formal? — perguntou Gil.

— Não, pelo amor de Deus. Só resuma para mim.

Condor se sentou atrás da mesa e pegou uma velha bola de futebol americano. Brincou com ela, alheio, jogando-a de uma mão para a outra, enquanto Gil falava.

— Dezesseis ameaças por e-mail foram interceptadas — começou ele —, enviadas basicamente para e-mails públicos. Suas linhas de comunicação particulares parecem não ter sido comprometidas desde nossa última rotação. Por outro lado, o corporativo está rastreando algumas ameaças específicas contra

empresas de mídia americanas. Estão trabalhando com a Segurança Nacional para se manterem atualizados.

Condor o analisou enquanto falava, girando a bola da esquerda para a direita e para o lado contrário.

— Você esteve no exército israelense?

— Sim, senhor.

— Infantaria ou...?

— Não posso falar. Posso dizer que cumpri meu dever e apenas isso.

Condor girou a bola e não conseguiu pegá-la. Ela rolou e saltitou em uma parábola, parando embaixo de uma cortina.

— Alguma ameaça direta? — perguntou ele. — "David Bateman, vamos matar você." Esse tipo de coisa.

— Não, senhor. Nada parecido.

Condor pensou.

— Tudo bem, mas e esse cara? O homem sobre quem a gente não fala e que levou minha menininha. Quando ele fez uma ameaça contra um conglomerado de mídia ou mandou um e-mail falando merda? Era um babaca que achava que podia ficar rico e que não se importou em matar a empregada.

— Sim, senhor.

— E o que estão fazendo para proteger a gente desses caras? Dos que não fazem ameaças?

Se Gil percebeu que estava levando uma bronca, não demonstrou. Para ele, era uma pergunta justa.

— Ambas as casas estão seguras. Os carros são blindados. Sua equipe de proteção é visível, aparente. Se estiverem procurando vocês, vão nos ver. Estamos mandando uma mensagem. Existem alvos mais fáceis.

— Mas não pode garantir nada?

— Não, senhor.

Condor fez que sim com a cabeça. A conversa tinha terminado. Gil se dirigiu à porta.

— Ah, sim — disse Condor. — A Sra. Bateman convidou os Kipling para voar conosco mais tarde.

— Ben e Sarah?

Condor assentiu.

— Vou avisar ao comando agora — informou Gil.

O essencial para ser um bom guarda-costas, tinha concluído ele com o passar dos anos, era ser um espelho: não invisível — o cliente queria saber que você

estava ali —, mas reflexivo. Espelhos não são objetos íntimos. Eles refletem mudanças. Movimento. Um espelho nunca é estático. É parte do ambiente e se move com a pessoa, absorvendo ângulos e luz.

E, quando você para diante dele, ele mostra sua imagem.

★ ★ ★

Ele havia lido o arquivo, claro. Que tipo de guarda-costas seria se não tivesse? A verdade era que ele podia citar determinados trechos de cor. Também conversara com os agentes sobreviventes por muito tempo, em busca de detalhes sensoriais, informações sobre como os envolvidos haviam se comportado — Condor era calmo ou explosivo sob pressão? Falcão havia sucumbido ao pânico e à tristeza ou demonstrara a força de uma mãe? O sequestro de uma criança era um pesadelo para quem trabalhava naquele setor, pior que uma morte (embora, para ser realista, uma criança sequestrada se tornasse, em noventa por cento dos casos, uma criança morta). Uma criança sequestrada tirava os mecanismos normais de segurança humana da cabeça dos pais. A própria sobrevivência deixava de ser uma preocupação. A proteção da riqueza, do lar, tornava-se secundária. A razão, em outras palavras, era jogada pela janela. Por isso, em um caso de sequestro e pedido de resgate, lutava-se basicamente (além de contra o tempo) contra os próprios envolvidos.

Os fatos na época do sequestro de Tordo eram os seguintes: vinte e quatro horas antes, a babá, Francesca Butler ("Frankie"), tinha desaparecido, provavelmente enquanto voltava a pé do cinema para casa. Ela fora coagida, em uma segunda locação, a compartilhar informações sobre a casa alugada pelos Bateman e sobre sua rotina — especialmente, sobre em que quarto a menina ficava. Na noite do sequestro (entre meia-noite e meia e uma e quinze da manhã), uma escada fora retirada de um barracão da propriedade e apoiada na parede sul, estendendo-se até a beirada da janela do quarto de hóspedes. Havia sinais de que a trava da janela havia sido arrombada (era uma casa antiga, que mantinha as janelas originais, e, com o passar dos anos, elas haviam dilatado e retraído até criar um espaço considerável entre as molduras superior e inferior).

Mais tarde, investigadores concluiriam que o sequestro fora realizado por um único criminoso (apesar de haver dúvidas sobre isso). Dessa forma, a história oficial dizia que um homem tinha apoiado a escada, subido por ela, capturado a menina e a trazido para fora. Depois, a escada teria sido recolocada no barracão (o que ele fizera com a criança? Pusera-a em um carro?). E a criança fora levada da

propriedade. Nas palavras dos envolvidos: *ela desaparecera*. Mas, claro, Gil sabia que ninguém realmente desaparecia. Estavam sempre em algum lugar, corpos imóveis ou em movimento em um espaço tridimensional.

E, naquele caso, o único sequestrador tinha levado Rachel Bateman (ou Tordo) para o outro lado da rua, para a casa moderna cuja reforma estava parada, e a escondera atrás de plásticos. Para um sótão abafado, isolado com jornal, onde a comida era estocada em um *cooler* vermelho e a água vinha de uma mangueira conectada à pia do banheiro do segundo andar. A babá, Frankie Butler, jazia morta em um espaço aberto, o corpo coberto por papelão.

Daquele lugar, o sequestrador — um homem de trinta e seis anos, com passagem pela prisão, chamado Wayne R. Macy — ficara observando o movimento do outro lado da rua. De onde estava, no futuro, Gil sabia que Macy não era o gênio do crime com quem pensaram estar lidando no início. Quando se trata de alguém como David Bateman — que vale milhões e que também é um alvo político importante —, é preciso supor que o sequestrador da criança atacou a pessoa por motivos específicos, com total conhecimento de seu perfil e de seus recursos. Mas a verdade é que Macy sabia que David e Maggie Bateman eram ricos e desprotegidos. Ele passara um período na prisão de Folsom nos anos 1990 por assalto à mão armada e fora para Long Island pensando que podia mudar de vida. Mas andar na linha era difícil e pouco recompensador; Wayne gostava de beber, por isso perdera um emprego atrás do outro, até que, por fim, um dia — carregando sacos de lixo nos fundos de um Dairy Queen —, ele havia decidido: "A quem estou enganando? É hora de controlar o meu destino."

Por isso ele resolvera pegar a filha de um homem rico e ganhar algum dinheiro. Mais tarde, foi divulgado que ele já havia analisado outras duas famílias, mas alguns fatores — os maridos estavam por perto o tempo todo, ambas as casas tinham sistema de alarme — o haviam impedido de agir e, finalmente, fizeram com que estabelecesse outro alvo: a família Bateman, a última casa de uma rua calma, sem proteção, habitada por duas mulheres jovens e uma criança.

Era um consenso que ele tinha matado Frankie na primeira noite, depois de extrair toda informação que podia dela — havia sinais de crueldade física e também de abuso sexual, possivelmente póstumo.

A criança fora levada à meia-noite e quarenta e cinco do dia 18 de julho. Ela ficaria desaparecida por três dias.

★ ★ ★

A notícia chegara quando eles já estavam em trânsito. O comando havia passado para o carro principal, que passara para Gil, que ouvira a voz em seu ouvido, falando através de fibras de carbono e do ar, sem transparecer nada.

— Senhor — chamou, em um tom de voz diferente, quando o carro deixou a estrada.

Condor olhou para ele, notou sua expressão e assentiu. Atrás deles, as crianças estavam agitadas, como bolinhas de pinball. Elas sempre ficavam daquele jeito antes de entrar no avião, excitadas, nervosas.

— Crianças — disse ele, fazendo uma cara séria.

Maggie percebeu.

— Rachel, já chega — pediu.

Ela ficou emburrada, mas parou de brincar e fazer cosquinhas no irmão. J.J. era jovem demais para entender a mensagem antes da irmã. Ele cutucou Rachel e riu, pensando que ainda estavam brincando.

— Pare — choramingou ela.

Condor se inclinou em direção a Gil, que também se aproximou, falando baixo em seu ouvido.

— Temos um problema com o seu convidado — disse.

— Quem, o Kipling? — perguntou Condor.

— Sim, senhor. O comando fez a checagem de rotina e um alerta apareceu.

Condor não respondeu, mas a pergunta estava implícita: "Que alerta?"

— Nossos amigos do departamento de Estado estão dizendo que o Sr. Kipling pode ser indiciado amanhã.

O sangue se esvaiu do rosto de Condor.

— Caramba — disse.

— As acusações são confidenciais, mas a pesquisa acha que ele pode estar lavando dinheiro para países não alinhados.

Condor analisou a informação. "Não alinhados." Então entendeu. Ia receber um inimigo de Estado em seu avião. Um traidor. Como ficaria para a imprensa, caso descobrissem? Condor imaginou os *paparazzi* entediados no Aeroporto Teterboro, aguardando a volta de todas as celebridades. Eles ficariam de pé quando o avião taxiasse, então — quando ficasse claro que Brad e Angelina não estavam a bordo — tirariam algumas fotos para o caso de serem importantes e voltariam a atenção para seus iPhones. Fotos de David Bateman de braço dado com um traidor.

— O que vamos fazer? — perguntou ele a Gil.

— A decisão é sua.

Falcão olhava para eles, claramente preocupada.

— Aconteceu alguma...? — perguntou.

— Não — respondeu Condor depressa. — Só... Parece que o Ben está enfrentando alguns problemas legais.

— Ah, não...

— É, investimentos ruins. Então eu estava só... A pergunta me veio à cabeça... Será que queremos... Se formos vistos juntos... Depois que a notícia sair... Pode ser uma dor de cabeça, é só isso.

— O que o papai está dizendo? — perguntou Rachel.

Falcão franzia a testa.

— Nada. É só um amigo nosso que está com problemas. Então a gente vai... — continuou, dirigindo-se, a Condor. — Vamos apoiá-lo porque é isso que os amigos fazem. A Sarah, principalmente, é uma pessoa ótima.

Condor assentiu, desejando que tivesse evitado a pergunta e lidado com as coisas em particular.

— É claro — disse. — Você está certa.

Ele olhou para a frente e notou o olhar de Gil, que retribuía um olhar sugerindo a necessidade de confirmação direta de que seguiriam o planejado. Contra seu bom senso, Condor fez que sim com a cabeça.

Gil se virou e olhou pela janela enquanto conversavam. Não era seu trabalho participar das coisas. Ter opiniões. Na estrada, ele viu a névoa marinha baixa, os postes de luz desaparecendo na neblina. Apenas um brilho embranquecido indicava que estavam ali.

Vinte minutos depois, estacionados no asfalto, Gil esperou que o carro principal liberasse a equipe avançada antes de permitir que a família saísse. Os dois homens à frente analisavam a pista de voo em busca de irregularidades. Gil fez o mesmo, confiando e não confiando neles ao mesmo tempo. Enquanto ele revisava a área (pontos de entrada, pontos cegos), a família saiu do carro. A essa altura, Pardal estava dormindo, deitado no ombro de Condor. Gil não se ofereceu para ajudar a carregar as malas nem as crianças. Seu trabalho era protegê-los, não bancar o mordomo.

Gil viu de soslaio Avraham vasculhar o avião, subindo pela escada dobrável. Ficou ali dentro por seis minutos, andando de uma ponta a outra, conferindo o banheiro e a cabine. Quando saiu, fez um sinal de aprovação e desceu.

Gil assentiu.

— Certo.

A família se aproximou da porta e embarcou em ordem aleatória. Sabendo que

o avião tinha sido revistado, Gil foi o último a subir, protegendo-os de um ataque por trás. Sentiu o frio da cabine antes da metade da escada, um beijo fantasmagórico em seu pescoço exposto, cortando a umidade daquela época do ano. Naquele momento, ele sentiu algo incitar-se em seu cérebro primitivo: um pressentimento leve ou uma sensação mágica de desgraça? Ou era apenas um desejo?

Dentro do avião, Gil ficou de pé, posicionando-se ao lado da porta aberta. Era um homem grande — um e oitenta e sete de altura —, mas magro, e, de algum modo, encontrou um lugar na entrada estreita que o mantinha fora do corredor enquanto os passageiros e a equipe se preparavam para o voo.

— O segundo grupo chegou — disse uma voz em seu fone de ouvido e, pela porta, Gil viu Ben e Sarah Kipling no asfalto, mostrando a identidade para a equipe avançada.

Então Gil sentiu alguém ao lado de seu ombro direito e se virou. Era a aeromoça segurando uma bandeja.

— Com licença — disse ela —, quer um pouco de champanhe antes que a gente decole ou... Posso oferecer alguma coisa?

— Não — respondeu ele. — Qual é o seu nome?

— Sou a Emma... Lightner.

— Obrigado, Emma. Sou o segurança dos Bateman. Posso falar com o comandante?

— Claro. Ele... Acho que ele está fazendo a inspeção. Quer que eu peça para falar com o senhor quando voltar?

— Por favor.

— Combinado — respondeu ela. Gil sentiu que, claramente, algo a deixava nervosa. Mas, às vezes, a presença de um homem armado em um avião causava isso nas pessoas. — Então, posso oferecer alguma coisa ou...

Ele balançou a cabeça e se virou porque os Kipling começavam a subir a escada do avião. Eles frequentavam os eventos dos Bateman havia alguns anos, por isso Gil os conhecia de vista. Meneou a cabeça quando entraram, mas logo desviou o olhar para evitar qualquer conversa. Ouviu os dois cumprimentarem os outros no avião.

— Adorei seu vestido — disse Sarah.

Naquele momento, o comandante James Melody apareceu ao pé da escada.

— Você viu a bosta daquele jogo? — perguntou Kipling, com um tom de voz raivoso. — Como é que ele não pegou aquela bola?

— Nem me fale — disse Condor.

— Até eu poderia ter pegado aquela bola e sou o maior mão de alface do

mundo.

Gil foi até o topo da escada. A névoa estava mais densa, deixando rastros.

— Comandante — disse. — Sou Gil Baruch da Enslor Security.

— Sim — respondeu Melody —, eles me disseram que haveria uma equipe de segurança no voo.

Ele tinha um sotaque leve, não reconhecível, percebeu Gil. Talvez britânico ou sul-africano, mas reciclado nos Estados Unidos.

— O senhor nunca trabalhou conosco — disse Gil.

— Não, mas trabalhei com muitas empresas de segurança. Conheço a rotina.

— Ótimo. Então o senhor sabe que, se houver algum problema com o avião ou qualquer mudança no plano de voo, preciso que o copiloto me avise imediatamente.

— Com certeza — respondeu Melody. — O senhor soube da troca do copiloto?

— Charles Busch é o novo encarregado, certo?

— Isso mesmo.

— E o senhor já voou com ele?

— Uma vez. Não é o Michelangelo, mas é confiável.

Melody fez uma pausa breve. Gil percebeu que ele queria dizer mais alguma coisa.

— Não existe um só detalhe que seja insignificante — avisou ao piloto.

— Não, é só que... Acho que pode haver alguma história entre Busch e nossa aeromoça.

— Um caso?

— Não tenho certeza. É só o jeito como ela age perto dele.

Gil analisou a informação.

— Está bem — disse. — Obrigado.

Ele se virou e entrou no avião, observando a cabine. Busch estava na cadeira de copiloto, comendo um sanduíche natural. Ele olhou para cima, encontrou o olhar de Gil e sorriu. Era um rapaz apresentável e bonito, mas com uma leve mancha no rosto — tinha se barbeado no dia anterior, não naquele, o cabelo estava curto, mas despenteado. Gil teve que observá-lo por apenas um segundo para saber que havia sido um atleta em algum momento da vida, que era popular com as mulheres desde a infância e que gostava da sensação que isso lhe causava. Então Gil se voltou para a cabine principal. Viu a aeromoça, Emma, aproximar-se com uma bandeja vazia.

Fez um gesto com um dedo para ela. "Venha aqui."

— Oi — disse ela.

— Há algum problema sobre o qual eu deva saber?

Ela franziu a testa.

— Eu não...

— Entre você e Busch, o copiloto.

Ela ruborizou.

— Não. Ele não... É que...

Ela sorriu.

— Às vezes gostam da gente — explicou ela. — E a gente tem que dizer "não".

— É só isso?

Ela ajeitou o cabelo, envergonhada, consciente de que tinha pedidos de bebida a atender.

— Já voamos juntos. Ele gosta de flertar... Com todas as mulheres, não só... Mas tudo bem. Estou bem.

Um instante.

— E o senhor está aqui — disse ela —, então...

Gil refletiu. Era seu trabalho analisar — uma entrada escura, o barulho de passos. Ele era, por necessidade, um conhecedor de pessoas. Desenvolvera um sistema próprio de reconhecimento de tipos — o preocupado, o nervoso para falar, a vítima irascível, o valentão, o animadinho — e, entre esses tipos, ele criara subtipos e padrões que revelavam possíveis mudanças no comportamento antecipado: as circunstâncias em que o nervoso para falar podia se tornar o preocupado e depois o valentão.

Emma sorriu para ele outra vez. Gil pensou no copiloto, o sanduíche pela metade, as palavras do comandante. O voo tinha pouco menos de uma hora de duração, de portão a portão. Pensou no indiciamento de Kipling, no sequestro resolvido do Tordo. Pensou em tudo que poderia dar errado, não importava quão impossível parecesse, analisando tudo no ábaco de massa cinzenta que o tornara uma lenda. Pensou no olho de Moshe Dayan e na bebedeira de seu pai, na morte dos irmãos, um de cada vez, e na da irmã. Pensou no que significava viver a vida como um eco, uma sombra, sempre atrás de um homem e seu holofote. Tinha cicatrizes sobre as quais não falava. Dormia com o dedo no gatilho de uma Glock. Sabia que o mundo era uma impossibilidade, que o Estado de Israel era uma impossibilidade, que todo dia homens acordavam, calçavam suas botas e saíam para fazer o impossível, não importava o que fosse. Talvez esta fosse a arrogância da humanidade: lutar diante de dificuldades assustadoras, achar o equilíbrio, escalar a

montanha e sobreviver à tempestade.

Pensou em tudo isso no tempo que a aeromoça levou para passar. Então, pegou o rádio e disse ao comando que estavam prontos para decolar.

INTERIOR

SCOTT SEGUE PARA o norte, paralelo ao rio Hudson, passando por Washington Heights e Riverdale. Paisagens urbanas dão lugar a árvores e a cidades sem prédios. O trânsito para, depois fica mais fluido, e ele pegaa Henry Hudson Parkway após a região comercial do centro de Yonkers, entrando na Rota Nove em direção a Dobbs Ferry, onde uma multidão de revolucionários americanos acamparam na época da Guerra da Independência dos Estados Unidos, analisando a fronteira de Manhattan em busca da fraqueza dos ingleses. Ele dirige com o rádio desligado, ouvindo os pneus na estrada molhada pela chuva. Uma tempestade de fim de verão passou por ele nas últimas horas e ele navega atrás dela, os limpadores de para-brisa movendo-se em determinado ritmo.

Ele está pensando na onda. Seu rugir silencioso. O risco. Uma montanha alta de salmoura marítima exposta ao luar, esgueirando-se para atacá-los pelas costas, como um gigante em uma história infantil. Assustadora e silenciosa, ela surgiu, um inimigo sem alma nem ajuda. A natureza em seu estado mais punitivo e austero. E a maneira como ele agarrou o menino e mergulhou.

A imagem das câmeras surge em sua mente — olhando de soslaio, de modo mecânico, lançando-se para a frente em ombros anônimos, julgando com seus olhos convexos impassíveis. Scott pensa nas luzes em seu rosto, nas perguntas sobrepostas, tornando-se uma parede. Será que as câmeras são uma ferramenta para o avanço do homem, pergunta-se, ou o homem é uma ferramenta para o avanço das câmeras? Nós *as* carregamos, no fim das contas, nós as levamos de um lugar para outro, noite e dia, fotografando tudo o que vemos. Acreditamos que inventamos nosso mundo de máquinas para benefício próprio, mas como sabemos que não estamos ali para servi-las? Uma câmera deve ser apontada em alguma direção para ser uma câmera. Para prestar serviço a um microfone, uma pergunta deve ser feita. Vinte e quatro horas por dia, *frame* após *frame*, temos que alimentar a fera faminta, presos em um movimento perpétuo enquanto corremos para filmar tudo.

Em outras palavras, será que a televisão existe para que a gente assista ou nós existimos para assistir à TV?

Acima deles, a onda chegou ao auge, cambaleando, um prédio de cinco andares à beira de um colapso suave. Scott mergulhou, segurando o menino contra o corpo, sem tempo para respirar, o corpo o dominando, sem confiar mais a sobrevivência às funções abstratas da mente. Batendo as pernas, ele entrou na escuridão, sentindo o ciclo de lavagem da onda puxando tudo para dentro dela e então a inclinação e a gravidade inevitável da descida, a mão de um monstro agarrando-o e empurrando-o para as profundezas, e era tudo que ele podia fazer para manter o menino preso ao seu corpo e sobreviver.

Scott estava tendo um caso com Maggie? Tinham feito essa pergunta. Uma mulher casada, mãe de dois filhos, ex-professora de pré-escola. E, para eles, ela era isso: um personagem em um reality show? Uma dona de casa triste e forte de um Tchekhov pós-moderno?

Ele pensa na sala de estar de Layla, no TOC noturno de um insone, que a transformou em um tipo de palácio de lembranças. E em como aquela homenagem em carvão provavelmente seria o último retrato já feito de Maggie.

Será que ele teria dormido com Maggie se ela tivesse pedido? Sentia-se atraído por ela e talvez ela por ele? Ficara parado perto demais quando ela fora ver seus quadros ou será que ficara saltitando na ponta dos pés, nervoso, mantendo certa distância? Ela fora a primeira pessoa a quem ele havia mostrado suas obras, a primeira civil, e a ponta de seus dedos coçava. Enquanto ela andava pelo barracão, ele sentira vontade de beber, mas era como uma cicatriz, não uma casca de ferida, então ele não a reabrira.

Esta é a verdade dele, a história que conta a si mesmo. Publicamente, Scott é apenas um personagem em uma tragédia que não é a sua. Ele é "Scott Burroughs", um patife heroico. É apenas uma sugestão agora, uma teoria. Mas ele vê como isso pode florescer, tornar-se... O quê? Um tipo de quadro. Fatos transformados em ficção, passo a passo.

Ele pensa em Andy Warhol, que inventava várias histórias para diferentes jornalistas — *nasci em Akron*, *nasci em Pittsburgh* —, para que, quando falasse com as pessoas, soubesse que entrevistas elas haviam lido. Warhol entendia a noção de que a personalidade é apenas uma história que contamos. A reinvenção era uma ferramenta do artista. Ele pensa no urinol de Duchamp, no cinzeiro gigante de Claes Oldenburg. Pegar a realidade e redefinir seu fim, transformá-la em uma ideia: este era o reino do faz de conta.

Mas o jornalismo era diferente, não era? Devia ser o relato objetivo de fatos, e não importava o quanto isso fosse contraditório. Não era possível fazer a notícia se encaixar na história. Simplesmente reportava-se os fatos como eram. Quando isso

tinha deixado de ser verdade? Scott se lembra dos repórteres de sua infância, Cronkite, Mike Wallace, Woodward e Bernstein, homens que seguiam regras, homens com disposições ferrenhas. E como eles teriam coberto aqueles acontecimentos?

Um avião particular cai. Um homem e um menino sobrevivem.

Informação *versus* entretenimento.

Não é que Scott não entenda o valor do "interesse humano". O que era seu fascínio pelo Guru do Fitness senão um fascínio pela força do espírito humano? Mas ele podia contar nos dedos de uma das mãos o que sabia sobre a vida amorosa de Jack, sua história romântica. Ele tinha uma esposa, um casamento de décadas. O que mais ele precisava saber?

É fascinante para ele, um homem que se preocupa com a imagem, pensar em como a sua própria está sendo fabricada — não no sentido de falsificada, mas em como está sendo manufaturada, pedaço a pedaço. *A história de Scott. A história do acidente.*

Tudo o que ele quer é que o deixem em paz. Por que deveria ser forçado a esclarecer, a percorrer o pântano de mentiras e tentar corrigir aqueles pensamentos venenosos? Não é isso o que querem? Que ele caia na cilada? Aumente a história? Quando Bill Cunningham convida alguém para ir ao estúdio, não é para falar a verdade, para que assim a história acabe. É para acrescentar um novo capítulo, uma nova reviravolta que impulsione a narrativa para outra semana de grande audiência.

Uma armadilha, em outras palavras. Estão montando uma. E, se Scott for esperto, vai continuar ignorando e seguir com sua vida.

Contanto que ele não se importe com o fato de que ninguém no mundo vai voltar a vê-lo como ele se vê.

A CASA É pequena e escondida por árvores. Ela tem uma inclinação, como se as tábuas largas do lado esquerdo do imóvel tivessem cedido com o passar dos anos, desabando de exaustão, tédio ou ambos. Ao entrar com o carro, Scott pensa que ela tem um tipo de charme indefinido, com suas molduras azuis e venezianas brancas, uma infância de cartão-postal de que nos lembramos em nossos sonhos. Enquanto passa sobre um capeamento grosseiro e estaciona sob um carvalho, Doug sai da casa carregando uma bolsa de ferramentas feita de lona. Ele a joga no porta-malas aberto de um velho jipe Wrangler com certa força e vai até a porta do motorista sem olhar para ele.

Scott acena quando sai do carro alugado, mas Doug não faz contato visual, apenas engata o jipe e sai, espalhando lascas de madeira do chão. Então Eleanor vem até a porta, segurando o menino. Scott percebe que sente um frio na barriga ao vê-los (o vestido quadriculado vermelho dela emoldurado pelo batente azul e pelas venezianas brancas, o menino combinando com ela de camisa xadrez e bermuda). Mas, diferente de Eleanor, que fixou os olhos em Scott, o menino parece distraído, olhando para dentro da casa. Então Eleanor diz algo e ele se vira. Ao ver Scott, ele exibe um sorriso. Scott dá um breve aceno para ele (*Quando foi que me tornei uma pessoa que acena?*, pergunta a si mesmo). O menino acena timidamente em resposta. Eleanor o põe no chão e ele anda depressa, quase correndo até Scott, que dobra um dos joelhos e pensa em pegá-lo no chão, mas acaba apenas pondo as mãos nos ombros do menino e olhando nos olhos dele, como um treinador de futebol.

— Oi, amigão — diz.

O menino sorri.

— Trouxe uma coisa para você — afirma Scott.

Ele se levanta e vai até o porta-malas do carro alugado. Dentro, há um caminhão de lixo de brinquedo que encontrou no posto de gasolina. Está preso a uma caixa de papelão por fitilhos de náilon inquebráveis, e eles passam alguns minutos tentando soltá-lo antes que Eleanor entre e pegue uma tesoura.

— Como se diz? — pergunta ela ao menino, quando o caminhão está solto, sendo alvo de movimentos vigorosos. — Obrigado — diz ela, depois de alguns

segundos, quando fica claro que o menino não vai falar.

— Eu não queria chegar de mãos vazias — afirma Scott.

Ela assente.

— Desculpe pelo Doug. Nós... As coisas estão complicadas.

Scott ajeita o cabelo do menino.

— Vamos conversar lá dentro — diz. — Passei por um carro de reportagem no caminho. Acho que já apareci o suficiente na TV esta semana.

Ela faz que sim com a cabeça. Nenhum dos dois quer se exibir.

Eles conversam à mesa da cozinha, enquanto o menino assiste a *Thomas e seus amigos* e brinca com o caminhão. Logo será hora de dormir e o menino está irrequieto, desabado no sofá, os olhos fixos na tela. Scott se senta à mesa da cozinha e o observa pela porta. O cabelo do menino foi cortado, mas não totalmente — a franja está curta, mas a parte de trás, cheia. Parece uma versão infantil do corte de Eleanor, como se ele tivesse se adaptado para se encaixar na família.

— Achei que eu mesma podia cortar — explica Eleanor, pondo a chaleira no fogão —, mas ele ficou tão incomodado depois de alguns minutos que tive que parar. Então, todos os dias, tento cortar mais um pouquinho, me esgueirando atrás dele enquanto ele está brincando com o caminhão ou...

Enquanto diz isso, ela pega a tesoura da gaveta ao lado do fogão e anda com cuidado até o menino, tentando ficar fora de seu campo de visão. Mas ele a vê e, com um gesto, a afasta, soltando um grunhido primitivo.

— Só... — diz ela, tentando argumentar com um animal irracional. — Está mais comprido no...

O menino faz o barulho mais uma vez, os olhos fixos na TV. Eleanor assente e volta para a cozinha.

— Não sei — diz Scott. — Tem algo de perfeito em uma criança fofa com um corte de cabelo ruim.

— Você só está dizendo isso para me fazer sentir melhor — responde ela, jogando a tesoura de volta na gaveta.

Ela serve xícaras de chá para os dois. Desde que se sentaram, o sol baixou e pode ser visto na parte de cima da janela. Quando Eleanor se inclina para servir chá a ele, sua cabeça atravessa a luz densa, criando um eclipse. Ele aperta os olhos para vê-la.

— Você parece bem — diz ele.

— É mesmo?

— Você está de pé. Fez chá.

Ela pensa no que ele disse.

— Ele precisa de mim — afirma.

Scott vê o menino se virar, chupando os dedos da mão esquerda, distraído.

Eleanor encara o pôr do sol por um instante, mexendo o chá.

— Quando meu avô nasceu — diz Scott —, ele pesava um quilo e trezentos. Isso foi no oeste do Texas nos anos 1920. Antes de existirem as UTIs. Por isso, durante três meses, ele ficou dormindo em uma gaveta de meias.

— Isso não é verdade.

— Pelo que sei... — afirma ele. — As pessoas podem sobreviver a muito mais do que você imagina. Mesmo as crianças.

— Bom, a gente conversa sobre isso. Sobre os pais dele. Ele sabe que... eles morreram... Pelo menos do modo como entende isso. Mas, pelo jeito que ele olha para a porta quando Doug volta para casa, dá para perceber que ele ainda está esperando.

Scott pensa no que ela disse. Saber uma coisa e não saber ao mesmo tempo. De certa forma, o menino tem sorte. Quando tiver idade suficiente para de fato entender o que aconteceu, a ferida vai ser antiga, sua dor, reduzida pelo tempo.

— Então você disse que Doug... — pergunta Scott. — Estão com problemas?

Eleanor suspira e mergulha o saquinho de chá distraidamente na xícara.

— Veja, ele é fraco. O Doug. Ele é só... E eu não... Eu achei que fosse outra coisa no início. Sabe como insegurança, capacidade de defesa, pode parecer confiança? Mas agora acho que as opiniões dele estão mais fortes porque não sabe direito em que acredita. Isso faz sentido?

— Ele é jovem. Isso é comum. Eu já passei um pouco por isso. Dogmas.

Ela faz que sim com a cabeça, um raio de esperança voltando a seus olhos.

— Mas você amadureceu.

— Amadureci? Não. Toquei fogo em tudo, bebi até me entorpecer, irritei todo mundo que conhecia.

Eles param para pensar por um tempo, em como, às vezes, a única maneira de aprender a não brincar com fogo é se queimar.

— Não estou dizendo que é isso que ele vai fazer — diz Scott —, mas não é realista pensar que ele vai acordar um dia e dizer: *Quer saber? Eu sou um idiota.*

Ela assente.

— E também tem o dinheiro — fala baixinho.

Ele espera.

— Não sei — diz ela. — É que... Eu fico enjoada só de pensar.

— Está falando do testamento?

Ela faz que sim com a cabeça.

— É... muita coisa.

— O que deixaram para vocês?

— Para ele. É... O dinheiro é dele. Não...

— Ele tem quatro anos.

— Eu sei, mas eu só quero... Será que não posso manter tudo em uma conta até ele ter idade suficiente para...

— É uma possibilidade — diz Scott. — Mas e a alimentação, as contas da casa? Quem vai pagar a escola dele?

Ela não sabe.

— Eu poderia... — começa ela. — Quer dizer, talvez possa fazer duas refeições. Uma chique para ele ou... Quer dizer, ele pode ficar com as roupas boas.

— E você vai ficar com trapos?

Ela assente. Scott pensa em lhe mostrar todos os pontos em que aquilo não faz sentido, mas percebe que Eleanor sabe. Ela está tentando aceitar a troca que lhe foi oferecida pela morte de sua família.

— Imagino que Doug pense diferente.

— Ele quer... Dá para acreditar? Ele fala... "A gente devia manter a casa na cidade com certeza, mas, não sei, talvez a gente possa vender a de Londres e ficar em um hotel sempre que for para lá." Desde quando somos um casal que vai a Londres? Ele tem metade de um restaurante que nunca vai abrir porque a cozinha não está pronta.

— Ele poderia terminar agora.

Ela cerra os dentes.

— Não. Não é para isso. Nós não ganhamos isso. Não é... O dinheiro é para o J.J.

Scott vê o menino bocejar e esfregar os olhos.

— Imagino que o Doug não concorde com isso.

Ela aperta as mãos unidas até os nós dos dedos perderem a cor.

— Ele disse que nós queremos a mesma coisa, mas então eu perguntei: "Se nós dois queremos a mesma coisa, por que você está berrando?"

— Você está... com medo?

Ela olha para ele.

— Sabia que as pessoas estão dizendo que você tinha um caso com minha irmã?

— Sabia — responde ele.

Ela semicerra os olhos.

— Eu sabia. Mas não estava.

Ele vê a dúvida nos olhos dela, o fato de não saber em quem pode confiar a partir de agora.

— Um dia vou contar a você o que significa ser um alcoólatra recuperado. Ou *em recuperação*. Basicamente tem a ver com evitar... prazeres. A gente se concentra no trabalho.

— E a herdeira na cidade?

Ele balança a cabeça.

— Ela me ofereceu um lugar para me esconder porque gostava de ter um segredo. Eu era a coisa que o dinheiro não pode comprar. Só que... acho que isso não é verdade.

Scott está prestes a dizer algo quando J.J. entra na cozinha, andando devagar. Eleanor ajeita a postura e enxuga os olhos.

— Oi, meu amor. Já acabou?

Ele faz que sim com a cabeça.

— Quer pegar alguns livros e se aprontar para dormir?

O menino assente e depois aponta para Scott.

— Quer que ele leia? — pergunta Eleanor.

Ele balança a cabeça outra vez.

— Por mim, tudo bem — afirma Scott.

★ ★ ★

Enquanto o menino sobe com Eleanor para se preparar para dormir, Scott liga para o velho pescador que é proprietário de sua casa. Quer ter notícias, saber como a cadela de três patas está.

— Não está tão ruim, está? — pergunta. — A coisa da imprensa.

— Não, senhor — diz Eli. — Eles não me incomodam e, além disso, parece que têm medo da sua cadela. Mas, Sr. Burroughs, tenho que avisar. Alguns homens vieram. Tinham um mandado.

— Que homens?

— Os homens da polícia. Eles quebraram o cadeado do barracão e levaram tudo.

Scott sente um arrepio na base da espinha.

— Os quadros?

— É, todos eles.

Há uma longa pausa enquanto Scott fica pensando. Na escalada. No significado dela. Seu trabalho estava exposto. Os feitos de uma vida. Que danos seriam infligidos a eles? O que exigiriam para recuperá-los? Mas, lá no fundo, há outra sensação, uma coragem superficial manipulando a ideia de que os quadros finalmente estão fazendo o que devem fazer. Sendo vistos.

— Está bem — diz ele ao pescador. — Não se preocupe. Vamos recuperar tudo.

Depois que o menino está de dentes escovados, de pijama e deitado sob as cobertas, Scott se senta em uma cadeira de balanço e lê uma série de livros. Eleanor fica parada à porta, sem saber se deve ficar ou ir embora, indecisa sobre os limites de seu papel: pode deixá-los sozinhos? Deveria, mesmo se pudesse?

Depois de três livros, as pálpebras do menino ficam pesadas, mas ele não quer que Scott pare. Eleanor vai até ele e se deita na cama, aconchegando-se. Por isso, Scott lê outros três livros e continua depois que o menino dorme, que Eleanor também se rende e que o sol do fim do verão finalmente se põe. Há certa simplicidade no ato, no momento, uma pureza que Scott nunca viveu. Ao redor dele, a casa está silenciosa. Ele fecha o último livro e o coloca silenciosamente no chão.

No andar de baixo, o telefone toca. Eleanor acorda e sai da cama com cuidado para não acordar o menino. Scott a ouve descer a escada em silêncio, escuta o murmúrio de sua voz, o barulho do telefone sendo desligado. Então ela sobe novamente e fica parada à porta, uma expressão estranha, como a de uma mulher despencando em uma montanha-russa.

— O que foi? — pergunta Scott.

Eleanor engole em seco e solta a respiração, trêmula. É como se o batente da porta a segurasse.

— Encontraram os últimos corpos.

3.

TEMPO DE EXIBIÇÃO

ONDE FICA A interseção entre a vida e a arte? Para Gus Franklin, as coordenadas podem ser mapeadas com precisão pelo GPS. A arte e a vida coincidem no hangar de um aeroporto em Long Island. É ali que doze quadros enormes estão pendurados, sombreados pela luz que entra pelas janelas embaçadas, as grandes portas fechadas para manter afastado o olhar bisbilhoteiro das câmeras. Doze imagens realísticas de desastres humanos, erguidas por cabos. A pedido de Gus, foi tomado grande cuidado para que as obras não sofressem nenhum dano. Apesar da caça às bruxas de O'Brien, Gus ainda não está convencido de que eles fizeram algo além de assediar a vítima e não quer ser responsável por danificar o legado de um artista ou uma segunda chance iminente e merecida.

Ele está com uma equipe multijurisdicional de agentes, representantes da companhia aérea e do fabricante da aeronave, observando as pinturas — não por seu pedigree artístico, mas em busca de evidências. Seria possível, perguntam-se, que nestes quadros existam pistas para a morte de nove pessoas e a queda de uma aeronave de um milhão de dólares? É um exercício surreal, que se torna assustador pelo local em que estão. No meio do espaço, mesas dobráveis foram montadas e, sobre elas, os técnicos espalharam os destroços do acidente. Com o acréscimo dos quadros, há uma tensão no ar — uma briga de foice entre a fuselagem e os quadros que faz cada homem e cada mulher lutar contra uma sensação inesperada: a de que, de alguma maneira, as provas se tornaram arte, e não o contrário.

Gus está de pé diante da obra maior, um conjunto de três telas. No canto direito há uma sede de fazenda. À esquerda, um tornado se formou. No meio, uma mulher está de pé na beira de um campo de milho. Ele analisa os caules altos, aperta os olhos para ver melhor o rosto da mulher. Como engenheiro, acha que o gesto artístico está além de sua compreensão — a ideia de o objeto em si (a tela, a madeira e a tinta) não ser o objetivo, mas uma experiência intangível criada a partir da sugestão, da interseção de materiais, cores e conteúdo. A arte não existe na obra em si, mas na mente do observador.

Mesmo assim, Gus tem que admitir: há uma força perturbadora no hangar, um espectro assustador de mortes em massa que surge do volume e do estilo das imagens.

Ao aceitar essa noção ele percebe algo.

Em todos os quadros há uma mulher.

E todas as mulheres têm o mesmo rosto.

— O que você acha? — pergunta o agente Hex, da Agência de Controle de Ativos Estrangeiros.

Gus balança a cabeça. É da natureza da mente humana procurar conexões, pensa. Então Macy se aproxima e lhe diz que mergulhadores encontraram o que acreditam ser a fuselagem desaparecida.

Uma explosão de vozes toma o hangar, mas Gus encara o quadro de homens afogados em um espaço cheio de destroços secos. Uma coisa é real; a outra é ficção. Como ele gostaria que o quadro fosse a morte e a verdade, ficção. Mas ele meneia a cabeça e vai até a linha de telefone segura. Há um momento em toda busca, pensa, em que parece que a caçada nunca vai acabar. E então ela termina.

O agente Mayberry conversa com alguém do navio da Guarda Costeira que encontrou os destroços. Ele informa a Gus que mergulhadores com câmeras no capacete serão utilizados. As imagens vão ser enviadas através de um canal seguro, já estabelecido. Uma hora depois, Gus se senta diante de uma mesa de plástico dentro do hangar. Foi ali que ele fez a maior parte de suas refeições nas duas últimas semanas. Os outros integrantes da equipe estão de pé atrás dele, bebendo café em copos de isopor. Mayberry está ao telefone, falando diretamente com alguém da lancha da Guarda Costeira.

— As imagens devem começar a aparecer agora — diz.

Gus ajusta o ângulo do monitor, apesar de racionalmente saber que isso não vai ajudar a acelerar a conexão. É um negócio tenso. Durante um instante, há apenas uma janela de vídeo sem conexão — SEM IMAGENS —, então um sinal azul pisca repentinamente. Não um azul oceânico, mas um azul eletrônico, pixelado. Então a cor dá lugar ao verde silencioso de lentes sob a água. Os mergulhadores (Gus ficou sabendo que são três) estão projetando uma luz a partir do capacete, e o vídeo tem um toque sombrio e trêmulo. Gus leva alguns segundos para se orientar, já que os mergulhadores estão muito próximos do que parece ser a fuselagem: uma concha branca e riscada, dividida pelo que parecem ser linhas vermelhas espessas.

— Ali está a logomarca da companhia — diz Royce, mostrando a foto do avião.

A palavra GULLWING está inscrita na lateral da aeronave em letras vermelhas inclinadas.

— Podemos nos comunicar com eles? — pergunta Gus a todos. — Vejam se conseguem encontrar o número de identificação.

Uma confusão se segue enquanto eles tentam falar com alguém da lancha da Guarda Costeira. Mas, quando o pedido chega aos mergulhadores, Gus intui que eles já estejam se movendo, flutuando, seguindo caminho em direção à traseira da aeronave. Quando passam pela asa de bombordo, ele percebe que ela se partiu com muita força. O metal em torno do rasgo está retorcido e curvado. Ele olha para o pedaço de asa no chão do hangar ao lado de uma fita métrica.

— A cauda sumiu — diz Royce.

Gus volta a olhar para a tela. Luzes brancas passam pela fuselagem, oscilando quando os mergulhadores batem as nadadeiras. A cauda sumiu e o avião está reclinado sobre a areia, deixando a parte quebrada semienterrada, uma máquina consumida pela natureza.

— Não — afirma uma mulher da companhia aérea. — Está ali, não está? Mais ao longe?

Gus aperta os olhos e acha que consegue ver um brilho no limite da luz, formas criadas pelo homem, deitadas, balançando lentamente com a corrente. Então o mergulhador vira a câmera e eles veem o buraco na traseira do avião. Quando a câmera se volta para cima, todo o comprimento da fuselagem é revelado pela primeira vez. E, de repente, eles têm uma perspectiva.

— Achei a área de impacto — diz um dos engenheiros.

— Estou vendo — afirma Gus, querendo evitar especulações.

A aeronave terá que ser retirada do mar e transportada até o hangar para um exame completo. Para a sorte deles, não está em um lugar muito profundo. Mas outro furacão é esperado para a semana seguinte e o mar já está se tornando imprevisível. Eles terão que agir depressa.

Um mergulhador aparece diante da câmera, as pernas se movendo. Ele aponta para a escuridão no fundo do avião, depois para si mesmo. A câmera balança e então o mergulhador se vira.

Gus se inclina para a frente em sua cadeira, ciente da importância do momento.

Estão entrando no cemitério.

Como descrever as coisas que vemos nas telas, experiências que temos e que não são nossas? Depois de tantas horas (dias, semanas, anos) assistindo à TV — os *talk shows* matutinos, as novelas diárias, os jornais noturnos e o horário nobre (*The Bachelor*, *Game of Thrones*, *The Voice*) —, depois de uma década estudando virais de apresentadores de programas noturnos e clipes de videocassetadas enviados por amigos, como podemos distinguir a diferença entre eles se a experiência de assisti-los é a mesma? Ver as Torres Gêmeas caírem e, depois, no mesmo aparelho, na mesma sala, assistir a uma maratona de *Everybody Loves Raymond*.

Assistir na Netflix a um episódio de *Os ursinhos carinhosos* com seus filhos e, mais tarde, na mesma noite (depois que as crianças estão na cama), procurar vídeos amadores de casais que filmaram a si mesmos desrespeitando as leis de vários estados. Fazer uma videoconferência pelo computador de trabalho com Jan e Michael do escritório de Akron (sobre os novos protocolos de preenchimento da folha de ponto), depois clicar (contra seu bom senso) em um link que direciona para um vídeo de decapitação feito por extremistas. Como separar essas coisas em nossos cérebros quando a experiência de assisti-las — sentado ou de pé diante da tela, talvez comendo uma tigela de cereal, sozinho ou com outras pessoas, mas, de qualquer forma, sempre com parte de nós presa à nossa rotina diária (distraída pelas manchetes, tentando decidir o que vestir em determinada data) — é a mesma?

Assistir, por definição, é diferente de fazer.

Ser um mergulhador a quarenta e cinco metros de profundidade, com níveis de oxigênio e nitrogênio regulados, fechado no casulo fino da roupa de mergulho, de máscara, as pernas batendo em um ritmo regular, vendo apenas o que a luz em sua cabeça revela. Sentir a pressão das profundezas, concentrar-se na própria respiração, algo antes mecânico e automático que agora exige previsão e esforço. Usar pesos — literalmente — para evitar que o corpo, antes flutuante, volte à superfície, e a maneira que isso faz com que os músculos tensionem e a respiração pareça não caber no peito. Naquele momento, não existe sala de estar, prazos no trabalho, nem encontros para os quais se vestir. Naquele momento, estamos apenas conectados à realidade que vivemos. É, verdadeiramente, *a realidade*.

Já Gus é apenas outro homem sentado diante de uma tela de computador. Mas, mesmo assim, enquanto os mergulhadores deslizam pelo abismo mecânico sombrio onde estão os mortos, ele sente algo visceral, fora da própria realidade do hangar, algo que só pode ser descrito como temor.

Está mais escuro no interior do avião. Com a queda, o banheiro traseiro e a cozinha se perderam junto com a cauda, e a fuselagem está dentada onde foi torcida com o impacto. Diante da câmera, batendo sob a luz, os pés de pato do outro mergulhador se movimentam em um ritmo regular. Esse mergulhador também tem uma lanterna na cabeça e é sob esta luz mais vaga que o primeiro apoio de cabeça se torna visível. Flutuando em torno dele como uma auréola, há mechas de cabelo, espalhadas feito algas.

Os fios de cabelo ficam visíveis por apenas um segundo, antes que o mergulhador da frente os obstrua com o corpo. Nesse momento, todos que assistem se inclinam para a direita, tentando ver atrás dele. É um movimento

instintivo, algo que a razão sabe ser impossível, mas o desejo de descobrir o que foi revelado é tão grande que todas as pessoas se inclinam ao mesmo tempo.

— Saia da frente — diz Mayberry, baixinho.

— Silêncio — retruca Gus.

No monitor, a câmera exibe uma visão panorâmica no momento em que a cabeça do operador se vira. Gus vê que o revestimento de madeira da cabine se quebrou e ficou empenado em alguns pontos. Um sapato flutua diante deles. Um tênis de criança. Atrás de Gus, uma das mulheres prende a respiração. E, então, lá estão eles, quatro dos cinco passageiros restantes; David Bateman, Maggie Bateman, a filha Rachel e Ben Kipling, flutuando futilmente nas faixas de náilon reforçado de seus cintos, os corpos inchados.

O guarda-costas, Gil Baruch, não está em lugar algum.

Gus fecha os olhos.

Quando os abre, a câmera não mostra mais o corpo dos passageiros, está voltada para o corredor escuro. O mergulhador da frente se vira e aponta para alguma coisa. O operador de câmera tem que nadar mais para encontrar.

— Isso são... O que são aqueles buracos? — pergunta Mayberry enquanto se inclina para a frente.

A câmera se aproxima, concentrando-se em uma série de pequenos buracos em torno da trava da porta.

— Parecem... — diz um dos engenheiros, antes de se interromper.

Buracos de bala.

A câmera dá um zoom. Através da luz esbranquiçada, Gus conta seis buracos. Um deles arrancou a trava da porta.

Alguém atirou na porta da cabine, tentando entrar.

Será que os tiros atingiram os pilotos? Foi por isso que o avião caiu?

A câmera se afasta da porta, flutuando para a direita e para cima.

Mas Gus se mantém concentrado. Alguém atirou na porta da cabine? Quem? Será que conseguiu entrar?

Então a câmera encontra algo que faz todos na sala prenderem a respiração. Gus olha para cima e encontra o comandante James Melody, o corpo preso em um bolsão de ar no teto curvo do corredor dianteiro.

Do lado errado da porta da cabine trancada.

JAMES MELODY

6 DE MARÇO DE 1965 – 23 DE AGOSTO DE 2015

ELE HAVIA CONHECIDO Charles Manson. Essa é a história que a mãe de James Melody conta. "Você tinha dois anos. Charlie segurou você no colo." Isso foi em Venice, na Califórnia, em 1967. A mãe de James, Darla, era de Cornwall, na Inglaterra, e seu visto já tinha perdido a validade. Ela estava no país desde 1964. "Eu vim com os Beatles", dizia ela, apesar de eles serem de Liverpool e terem vindo em outro voo. Naquela época, ela morava em um apartamento em Westwood. James tentava visitá-la sempre que estava de folga em algum dos aeroportos da Grande Los Angeles — Burbank, Ontario, Long Beach, Santa Monica e por aí vai.

Tarde da noite, depois de algumas doses de xerez, Darla às vezes insinuava que Charles Manson era o pai dele. Mas havia muitas histórias como aquela. "Robert Kennedy foi a Los Angeles em outubro de 1964. A gente se encontrou no saguão do Hotel Ambassador."

James havia aprendido a ignorá-las. Aos cinquenta anos, ele tinha se resignado a nunca saber a verdadeira identidade de seu pai biológico. Era apenas mais um dos grandes mistérios da vida, e James acreditava em mistérios. Não ao estilo de sua mãe, que abraçava instantânea e completamente qualquer ideologia fantasmagórica que conhecesse, mas feito Albert Einstein, que uma vez dissera: "A ciência sem religião é manca. A religião sem ciência é cega."

Como piloto, James vira a vastidão do ar. Voara por climas tumultuosos sem ninguém entre ele e a catástrofe, a não ser Deus.

Einstein disse outra coisa: "Quanto mais a evolução espiritual da humanidade avança, mais certo me parece que o caminho para a religiosidade genuína não passa pelo medo da vida, pelo medo da morte, ou pela fé cega, mas pelo esforço em busca do conhecimento racional."

James era um grande fã de Albert Einstein, o antigo funcionário de um escritório de patentes que criara a Teoria da Relatividade. Enquanto a mãe de James procurava respostas para os mistérios da vida no grande miasma espiritual, ele preferia pensar que toda pergunta pode ser respondida pela ciência. Pense, por

exemplo, na pergunta: "Por que existe algo e não nada?" Para espiritualistas, claro, a resposta é Deus. Mas James se interessava mais por um diagrama racional do universo, reduzido ao nível subatômico. Ser piloto exigia conhecimentos de matemática avançada e compreensão científica. Tornar-se astronauta (como ele sonhara) exigia ainda mais disso.

Nas folgas, era frequente encontrar James Melody lendo. Ele se sentava à beira da piscina de um hotel no Arizona folheando Spinoza ou comia no bar de uma boate em Berlim lendo textos de ciência social como *Freakonomics*. Era um colecionador de fatos e detalhes. Na verdade, era isso que estava fazendo naquele restaurante em Westwood: lendo a *Economist* e esperando a mãe. Era uma manhã ensolarada de agosto, vinte e oito graus ao ar livre, o vento sudeste prevalecendo a dezesseis quilômetros por hora. James estava bebendo um drinque e lendo um artigo sobre o nascimento de uma bezerra ruiva em uma fazenda na Cisjordânia. O nascimento do filhote deixara tanto os judeus quanto os cristãos fundamentalistas agitados, já que o Novo e o Velho Testamento dizem que um novo Messias não pode chegar antes que o Terceiro Templo seja construído no Monte do Templo em Jerusalém. E, como todos sabem, o Terceiro Templo não pode ser construído até que o solo seja purificado com as cinzas de uma bezerra ruiva.

Como o artigo explicava (mas era algo que James já sabia), Números 19:2 nos diz: "Dize aos filhos de Israel que te tragam uma bezerra ruiva sem defeito, que não tenha mancha, e sobre a qual não se tenha posto jugo." O animal não deve ter sido usado em trabalho nenhum. Na tradição judaica, a necessidade de uma bezerra ruiva era citada como um belo exemplo de *hok*, uma lei bíblica para a qual não há nenhuma lógica aparente. Por isso, a exigência era considerada certamente divina.

Como o repórter escrevera, a *Economist* havia publicado a história não por sua importância religiosa, mas porque reatiçava o assunto polêmico da propriedade do Monte do Templo. A reportagem citava sua importância geopolítica sem comentar a validade religiosa das alegações fundamentalistas.

Depois de terminar de ler o artigo, James o arrancou da revista e o dobrou cuidadosamente três vezes. Chamou um garçom que passava e pediu que o jogasse no lixo. Ele temia deixar o artigo dentro da revista e sua mãe pegá-la ao passar, ver o artigo e começar uma de suas "digressões". A última delas havia levado a se enfiar no buraco da Cientologia por nove anos, durante os quais acusara James de ser uma pessoa repressora e cortara todo o contato com ele — o que não o havia incomodado muito, só o tinha deixado preocupado. Darla ressurgira anos depois,

faladeira e acolhedora, como se nada tivesse acontecido. Quando James perguntara o que havia ocorrido, ela simplesmente respondera:

— Ah, aqueles bobos. Eles agem como se soubessem de tudo. Mas como o Tao Te Ching nos diz: "Conhecer os outros é sabedoria. Conhecer a si mesmo é iluminação."

James observou o garçom entrar na cozinha. Sentiu vontade de segui-lo e garantir que o artigo tivesse sido jogado fora — na verdade, queria ter pedido ao garçom para enterrá-lo sob outros resíduos ou tê-lo rasgado em pedacinhos ilegíveis —, mas resistiu. Era melhor ignorar aqueles impulsos obsessivos, uma lição que aprendera da pior maneira. O artigo havia sumido. Desaparecera. Não podia ser lido. Era isso que importava.

E, bem a tempo, pois a mãe chegou em sua *scooter* Ventura 4 Mobility com guidão ajustável, em forma de delta (vermelho-vivo, claro). Ela desceu pela rampa de deficientes, o viu e acenou. James se levantou conforme ela se aproximava, desviando dos outros clientes (que tinham que mover as cadeiras para que ela pudesse passar). Não é que sua mãe fosse obesa (na verdade, era o oposto: ela não pesava mais de quarenta quilos) nem que tivesse alguma deficiência (ela andava muito bem). Era o fato de ela gostar do recado que a *scooter* vermelha-fogo passava, a importância que trazia. Isso ficou claro pela entrada que havia acabado de fazer, exigindo que todos no restaurante tivessem que se levantar e ajustar as cadeiras, como se fosse a entrada de uma rainha.

— Olá — disse Darla enquanto James afastava uma cadeira para ela.

Ela se levantou sem esforço e se sentou. Então, vendo o drinque dele, falou:

— O que você está bebendo?

— Uma mimosa. Quer uma?

— Quero, por favor.

Ele fez sinal para o garçom trazer outro drinque. Sua mãe pôs o guardanapo no colo.

— E então? Diga que estou linda.

James sorriu.

— Está. Está linda.

Havia um tom de voz que ele usava apenas com ela. Uma elucidação lenta e paciente, como se falasse com uma criança com necessidades especiais. Ela gostava, contanto que ele não exagerasse, chegando ao ponto de subestimá-la.

— Você parece em forma — disse ela. — Gostei do bigode.

Ele tocou nos pelos sobre o lábio, percebendo que sua mãe ainda não o vira com o bigode.

— Meio Errol Flynn, não é? — perguntou.

— Mas está tão grisalho... — sugeriu ela, encolhendo-se. — Talvez se pintasse de preto.

— Acho que ele me dá um ar distinto — afirmou ele, baixinho, enquanto o garçom trazia a bebida dela.

— Você é muito gentil — disse ela ao garçom. — Prepare outro, por favor. Estou com muita sede.

— Sim, senhora — respondeu o homem, afastando-se.

Com o passar das décadas, o sotaque britânico de sua mãe havia se transformado em algo que James gostava de chamar de afetação pura. Como Julia Child, sua mãe tinha uma grandeza que fazia o sotaque parecer aristocrático. Como se dissesse: "Essa é só a maneira como falamos, querida."

— Pesquisei as especialidades daqui — disse ele. — Soube que a *frittata* é divina.

— Ah, ótimo — respondeu ela.

Não havia nada de que ela gostasse mais do que uma boa refeição. "Sou uma sensualista", dizia às pessoas, o que parecia sensual e divertido quando tinha vinte e cinco anos, mas, aos setenta, apenas soava errado.

— Você soube da bezerra ruiva? — perguntou ela depois que haviam feito o pedido.

Ele sentiu uma onda breve de medo de que ela tivesse visto o artigo, mas então lembrou que a mãe assistia à CNN vinte e quatro horas por dia. Eles deviam ter feito uma reportagem.

— Eu vi e estou animado para saber o que você acha, mas antes vamos falar sobre outra coisa.

Isso pareceu acalmá-la, o que mostrou a ele que ela ainda não estava totalmente ligada à história, da maneira que uma tomada se conecta a um plugue, retirando energia.

— Comecei a aprender a tocar gaita — contou. — Estou tentando entrar em contato com minhas raízes musicais. Apesar de não saber se *raízes* é a...

Ela entregou o copo vazio ao garçom, que havia chegado com outro bem a tempo.

— Seu padrasto tocava gaita — disse ela.

— Qual deles?

Ela não ouviu a piada, ou talvez a tenha ignorado.

— Ele era muito musical. Talvez você tenha herdado isso dele.

— Não acho que seja assim que funcione.

— Bem — disse ela, tomando um gole da bebida. — Sempre achei que era uma bobagem.

— Tocar gaita?

— Não. Música. E Deus sabe que já tive minha cota de músicos. Quer dizer, as coisas que fiz com Mick Jagger deixariam uma prostituta envergonhada.

— Mãe — pediu ele, olhando para as pessoas que os cercavam.

Por sorte, estavam longe o bastante dos outros clientes para que nenhuma cabeça se voltasse para eles.

— Ah, por favor. Não seja tão pudico...

— Bem, eu gosto. Da gaita.

Ele a sacou do bolso da jaqueta e mostrou a ela.

— É portátil, sabe? Então posso levar para qualquer lugar. Às vezes toco baixinho na cabine quando o piloto automático está ligado.

— É seguro?

— Claro que é. Por que não seria...?

— Tudo que sei é que não posso deixar o telefone ligado na decolagem nem na aterrisagem.

— Isso... Isso aí já mudou. E, além do mais, você está sugerindo que as ondas sonoras da gaita poderiam interferir no sistema de pilotagem ou...

— Bom... Isso é a sua área. Informações técnicas. Só estou dizendo o que acho.

Ele fez que sim com a cabeça. Em três horas, tinha que levar um OSPRY para o Aeroporto Teterboro e pegar uma nova tripulação. Então faria um voo curto até Martha's Vineyard e voltaria. O piloto reservara um quarto na Soho House, em Nova York, teria uma noite de folga e voaria no dia seguinte para Taiwan.

A mãe terminou o segundo drinque — "eles servem doses pequenas, querido" — e pediu o terceiro. James notou uma fita vermelha no punho direito dela (*então ela voltou à Cabala*). Ele não precisava conferir o relógio para saber que fazia apenas quinze minutos que ela havia chegado.

Quando contava às pessoas que crescera em um culto apocalíptico, estava brincando apenas em parte. Ele e Darla tinham ficado lá durante cinco anos, de 1970 a 1975. *Lá* era uma chácara de dois hectares e meio no norte da Califórnia. O culto se chamava A Restauração dos Mandamentos de Deus (mais tarde encurtado apenas para A Restauração), comandado pelo reverendo Jay L. Baker, que dizia que ele era o padeiro e os fiéis eram os pães. Deus, é claro, era o padeiro que fizera a todos.

Jay L. acreditava que o mundo acabaria em 9 de agosto de 1974. Ele tivera uma visão em uma viagem de barco: os bichos de estimação da família flutuando para o

céu. Quando voltara para casa, havia consultado as escrituras: o Velho Testamento, o Livro do Apocalipse, os Evangelhos Gnósticos. Tinha se convencido de que havia um código na Bíblia, uma mensagem escondida. E, quanto mais escavava, quanto mais anotações fazia nas margens das páginas de textos religiosos, quanto mais digitava somas em sua velha calculadora, mais se convencia de que era uma data. *A* data.

O fim do mundo.

Darla havia conhecido Jay L. na rua Haight. Ele tinha um violão velho e um ônibus escolar. Seus seguidores eram exatamente onze (mas logo se tornariam cem), em sua maioria mulheres. Jay L. era um homem bonito (sob todos aqueles pelos) e fora abençoado com uma voz de orador, grave e melodiosa. Gostava de reunir os seguidores em círculos interligados, como o símbolo dos Jogos Olímpicos, fazendo com que alguns ficassem sentados cara a cara. Então, andava entre eles, defendendo a ideia de que, quando o fim chegasse, apenas as almas mais puras subiriam aos céus. A *pureza*, a seu ver, significava muitas coisas. Significava que era preciso rezar pelo menos oito horas por dia, que era preciso se dedicar ao trabalho duro e ao cuidado com os outros. Significava que ninguém podia comer frango nem produtos derivados (como ovos), que era preciso se banhar com sabão caseiro (e às vezes limpar o rosto com as cinzas do tronco de uma bétula). Os seguidores tinham de se cercar apenas de sons puros — sons que vinham direto da fonte, não de materiais gravados, da TV, do rádio ou do cinema.

Darla gostara daquilo, daquelas regras, por um tempo. Ela era, no fundo, uma pesquisadora. Dizia estar procurando iluminação, mas na verdade queria ordem. Era uma moça perdida, oriunda de uma família de operários chefiada por um pai bêbado, e queria receber ordens sobre o que fazer e quando. Queria se deitar à noite sabendo que as coisas faziam sentido, que o mundo era daquela maneira por um motivo. Apesar de ser muito jovem, James se lembrava do fervor que sua mãe levara para aquele novo estilo de vida em comunidade, do jeito dedicado com que se lançara. E, quando Jay L. decidira que as crianças deviam ser criadas coletivamente e os fizera construir uma creche, a mãe não hesitara em pôr James no grupo.

— Então você vai ficar aqui agora ou o quê? — perguntou a mãe.

— Se vou ficar aqui?

— Não consigo acompanhar. Suas idas e vindas. Você tem um endereço?

— Claro que tenho. Fica em Delaware. Você sabe disso.

— Delaware?

— Por causa dos impostos.

Ela fez uma careta como se achasse que coisas assim eram sub-humanas.

— Como é Xangai? — perguntou. — Sempre achei que seria mágico conhecer Xangai.

— É cheia de gente. Todo mundo fuma.

Ela olhou para o filho com um pouco de pena e tédio.

— Você nunca conseguiu se impressionar.

— O que isso quer dizer?

— Nada. É que... Fomos postos nesse mundo para nos impressionar com a majestade da criação, não... Sei lá. Morar em Delaware por causa dos impostos.

— É só no papel. Eu moro nas nuvens.

Ele disse aquilo para fazer com que ela se sentisse bem, mas também era verdade. A maioria de suas melhores lembranças se passava na cabine. Cores vistas na natureza, a maneira como a luz se curvava sobre o horizonte, o fluxo de adrenalina catártica de uma tempestade sendo superada. Mas o que aquilo significava? Sempre fora a pergunta de sua mãe. *O que tudo aquilo significava?* Mas James não se preocupava com isso. Sabia, no fundo, que aquilo não *significava* nada.

Um nascer do sol, uma rajada de vento no inverno, aves voando e formando um V perfeito. Eram coisas que *existiam*. A verdade visceral e sublime do universo era que elas existiam se as testemunhássemos ou não. Majestade e beleza eram qualidades que projetávamos nelas. Uma tempestade era apenas uma manifestação climática. Um nascer do sol era simplesmente um padrão celestial. Não que ele não os apreciasse. Mas ele não exigia nada do universo além do fato de existir, de se comportar de maneira regular, de a gravidade agir como sempre, de as forças de suspensão e inércia serem constantes.

Como Albert Einstein havia dito: "O que vejo na natureza é uma estrutura magnífica que só entendemos de modo muito imperfeito e que deve encher um ser racional de uma sensação de humildade. É uma sensação religiosa genuína que não tem nada a ver com misticismo."

Ele caminhou com a mãe de volta até o apartamento. Ela foi de scooter ao seu lado, acenando para as pessoas que conhecia, como uma sereia no carro alegórico de um desfile. À porta, ela perguntou quando James voltaria e ele disse que teria uma folga em Los Angeles no mês seguinte. Ela disse para ele observar os sinais. A bezerra ruiva havia nascido na Terra Santa. Em si, isso não era uma prova dos planos de Deus, mas, caso os sinais se multiplicassem, então eles deviam estar prontos.

Ele a deixou no saguão. Ela dirigiria até o elevador e, depois, entraria no apartamento. Teria o clube do livro mais tarde, dissera, e depois jantaria com

amigos do grupo de oração. Antes que ele fosse embora, ela deu um beijo em sua bochecha (James se abaixou para recebê-lo, como alguém faz com um papa ou um cardeal) e disse que rezaria por ele. Falou que estava feliz por ele ser um filho tão bom, que pagava refeições tão boas para a mãe e que nunca se esquecia de ligar. Afirmou que vinha pensando muito na vida em comunidade nos últimos tempos e se perguntando se ele se lembrava daquilo? Do reverendo Jay L. Baker. Como é que ele dizia? "Sou o padeiro e vocês todos são meu pão." "Bem", disse ela, "eu fui sua padeira. Fiz você no meu forno, e não se esqueça disso."

Ele deu um beijo na bochecha da mãe, sentindo a penugem de pêssego da idade em seus lábios. Na porta giratória, ele se virou e acenou uma última vez, mas ela já havia ido embora, apenas uma mancha vermelha atrás da porta do elevador. Ele pôs os óculos escuros e girou a porta, entrando na luz da manhã.

Em dez horas, estaria morto.

★ ★ ★

Nuvens — entre médias e pesadas — formavam o teto que chegava até o Aeroporto Teterboro. Ele pilotava um OSPRY 700SL, trazendo quatro executivos da Sony Corporation. Eles pousaram sem incidentes e taxiaram para encontrar a limusine. Como sempre, James ficou à porta da cabine, desejando boa viagem aos passageiros que desembarcavam. No passado, ele às vezes dizia *Deus o abençoe* (um hábito que formara na infância), mas percebera que isso deixava os homens de gravata incomodados, então passara a dizer algo mais neutro. James levava sua responsabilidade de comandante muito a sério.

Era fim de tarde. Ele tinha algumas horas até o voo seguinte, uma passada rápida em Martha's Vineyard para buscar um grupo de seis pessoas. Naquele voo, ele pilotaria um OSPRY 700SL. Nunca havia pilotado aquela aeronave em particular, mas não estava preocupado. A OSPRY fazia aviões muito eficientes. Mesmo assim, enquanto estava esperando na sala de tripulantes, leu todas as especificações. O avião tinha pouco mais de vinte metros de comprimento, e uma envergadura de asa de dezenove metros e quarenta e cinco centímetros. Faria 0.83 Mach de velocidade, mas ele nunca havia forçado tanto um avião com passageiros pagantes a bordo. Voaria costa a costa com um tanque cheio, a uma velocidade máxima de quinhentos e cinquenta e quatro milhas por hora. As especificações diziam que ele podia voar a quarenta e cinco mil pés, mas ele sabia por experiência que era um número cauteloso. Podia chegar a cinquenta mil pés sem

problemas, apesar de não imaginar que iria precisar disso naquele voo.

Nove de agosto de 1974 era o dia em que o mundo deveria ter acabado. Na Restauração, eles haviam passado meses se preparando. Deus dissera a Noé que a vez seguinte seria pelo fogo, então eles tinham se preparado para isso. Aprendido a cair e rolar, para o caso de não serem pegos pela ira. Jay L. passava cada vez mais tempo no barracão de madeira chamando o anjo Gabriel. Como se seguissem um acordo tácito, todos no grupo se empanturraram durante dez dias e depois passaram a comer apenas pão sem fermento. No lado de fora, a temperatura subia e caía significativamente.

Na sala da tripulação, James conferiu as condições climáticas predominantes. Em termos de clima, eles teriam pouca visibilidade em torno da ilha, com uma base de nuvens baixa (entre sessenta e cento e vinte metros) e uma névoa costeira pesada. O vento vinha do nordeste entre vinte e quatro e trinta e dois quilômetros por hora. Como James sabia por causa de seu conhecimento meteorológico básico, a névoa era apenas uma nuvem próxima da superfície da Terra, em contato com ela ou com o mar. Em termos simples, gotículas mínimas de água ficavam suspensas no ar. Tão minúsculas que a gravidade quase não as afetava, deixando-as suspensas. As névoas mais leves podem ser formadas apenas por nuvens fracas, com alguns metros de espessura. As piores podem ter uma altura de várias centenas de metros.

Um nevoeiro tende a ser espesso e a durar muito tempo. Pode se erguer ou baixar com o tempo, sem realmente se dissipar. Em grandes altitudes, se torna uma faixa de nuvens estrato baixas. Em latitudes baixas e médias (como as da Nova Inglaterra), o nevoeiro marinho ocorre em geral no verão. A baixa visibilidade não é o pior problema enfrentado por um piloto — os sistemas HGS podem pousar um avião com visibilidade zero, caso conheça as coordenadas da pista. O HGS converte os sinais do Sistema de Pouso por Instrumentos do aeroporto em uma imagem virtual da pista, exibida em um monitor. Mas, caso o vento mude abruptamente em uma aproximação manual, o piloto pode ser pego desprevenido.

"Saí do meio deles e apartai-vos." Era o que a Bíblia dizia, as palavras que haviam convencido Jay L. Baker a reunir seu rebanho e fugir para a floresta nos arredores de Eureka, na Califórnia, onde havia um velho acampamento de verão, sem aquecimento nem eletricidade. Eles tomavam banho no lago e comiam frutas das árvores. Jay L. começava a falar e fazia sermões por horas, às vezes dias seguidos. Os sinais estavam em todos os cantos, dizia a eles. Revelações. Para se salvarem, eles tinham de renunciar a todos os pecados, abandonar a maldade venal de seus corações. Às vezes isso exigia infligir dor em suas áreas genitais ou nas dos

outros. Outras vezes exigia uma visita ao "confessionário", uma cabana de madeira que chegava a quarenta graus sob o sol do verão. Sua mãe havia ficado nela durante três dias, berrando que o Diabo viera buscar sua alma. Ela era uma fornicadora e (possivelmente) uma bruxa, pois havia sido pega em flagrante com Gale Hickey, um ex-dentista de Ojai. À noite, James tentava levar água para ela, andando furtivamente de arbusto em arbusto, empurrando seu cantil por um buraco no breu, mas sua mãe sempre o recusava. Ela causara aquilo a si mesma e aguentaria toda a purgação.

James achou que seria bom conferir o sistema HGS antes da decolagem. Se pudesse, falaria com as tripulações de voos que estivessem chegando para ter uma noção geral das condições climáticas em voo, mas as coisas podiam mudar rapidamente em grandes altitudes, e bolsões de turbulência se movimentavam.

Tomou uma xícara de chá enquanto esperava — carregava pacotes de chá irlandês em sua mala de mão. Levando a xícara à boca, ele viu uma gota de sangue romper a superfície, criando ondas. Depois outra. Seus lábios pareciam úmidos.

— Merda.

James correu para o banheiro, um guardanapo no rosto, a cabeça inclinada para trás. Seu nariz havia começado a sangrar recentemente, talvez duas vezes por semana. O médico dissera que o problema era a altitude. Capilares secos e a pressão. Ele havia estragado mais de um uniforme nos últimos meses. De início, ficara preocupado, mas, quando nenhum outro sintoma surgiu, Melody culpara a idade. O piloto completaria cinquenta e um anos em março. Estou quase lá, pensou.

No banheiro, ele pressionou o nariz até o sangramento cessar, depois se limpou. Tivera sorte daquela vez. Não havia sangue na camisa nem no paletó. James já estava de volta à sala, com outra xícara de chá, antes que seu assento tivesse esfriado.

Às cinco e meia da tarde, juntou suas coisas e saiu para pegar o avião.

A verdade era que nada havia terminado em 9 de agosto de 1974, a não ser a presidência de Richard M. Nixon.

★ ★ ★

Ele começou a checagem pré-voo, analisando cada sistema, um a um. Conferiu a papelada antes — sempre havia sido uma pessoa apegada à precisão dos detalhes. Conferiu o movimento do manche, procurando quaisquer barulhos estranhos, os olhos fechados, em busca de travas ou tinidos. O movimento para estibordo

parecia um pouco duro, por isso ele pediu para a manutenção dar uma olhada. Depois viu o painel principal e conferiu o nível de combustível, abrindo totalmente os flaps.

— Me dê só um minuto — disse, saindo outra vez.

Depois de terminar a checagem dos instrumentos, James desceu a escada e deu a volta no avião, fazendo uma inspeção visual. Apesar de ser uma noite quente de verão, ele conferiu se havia gelo acumulado no exterior. Procurou antenas caídas, amassados, parafusos soltos e rebites faltando, e conferiu se todas as luzes do avião funcionavam. Encontrou excremento de ave na asa, retirou-o com a mão, depois analisou a maneira como o avião se apoiava sobre as rodas — uma inclinação para a esquerda queria dizer que o pneu traseiro de bombordo estava um pouco vazio —, inspecionando as bordas de fuga das asas e os motores. Usava tanto o lado esquerdo do cérebro, racional, fazendo uma lista mental, quanto o lado direito, instintivo, propenso a sentir algo de *estranho* no avião. Mas nada surgiu.

De volta à cabine, ele consultou um mecânico, que avisou que o sistema de medição de altitude estava bom. Bateu papo com a aeromoça, Emma Lightner, com quem nunca havia trabalhado. Como parecia ser o caso em todos os voos particulares, ela era mais bonita do que o necessário para o trabalho básico e tedioso, mas ele sabia que a companhia pagava bem e que as meninas conseguiam conhecer o mundo. Ele a ajudou a guardar as malas mais pesadas. Ela sorriu com simpatia para ele, mas não de forma provocante. Mesmo assim, a beleza dela, por si só, parecia a gravidade — era como se a natureza tivesse criado aquela mulher para atrair os homens e, por isso, ela o fizesse, propositadamente ou não.

— Vai ser um voo rápido hoje — disse ele. — Devemos voltar à cidade lá pelas onze. Onde é a sua base?

— Nova York — respondeu ela. — Moro em um apartamento no Village com duas colegas. Mas acho que elas não estão em casa. Acho que foram para a África do Sul.

— Bom, eu vou direto para a cama — disse James. — Estava em Los Angeles hoje de manhã. E na Ásia ontem.

— Eles realmente jogam a gente de um lado para outro, não é?

Ele sorriu. Ela não devia ter mais de vinte e cinco anos. Por um instante, ele pensou no tipo de homem que ela namorava. Quarterbacks de futebol americano e roqueiros — isso ainda estava na moda? Rock? Ele mesmo era praticamente celibatário. Não que não gostasse da companhia de mulheres. O problema era que não aguentava as complicações que as acompanhavam, a sensação de obrigação imediata, a expectativa de envolvimento total. Era um homem que, aos cinquenta

anos, vivia apenas com uma mala. Gostava das coisas do jeito dele. Seu chá, seus livros. Gostava de ir ao cinema em países estrangeiros, de assistir a filmes americanos modernos com legendas em cinemas barrocos do Velho Mundo. Gostava de andar em ruas de paralelepípedos ouvindo pessoas discutirem em outras línguas. Adorava o vento quente do deserto quando descia a escada do avião em solo muçulmano. Iêmen, Emirados Árabes. Ele voara sobre os Alpes no pôr do sol, enfrentara tempestades sobre os Bálcãs. Para James, ele era um satélite, gracioso e autossuficiente, girando na órbita da Terra, cumprindo seu objetivo sem fazer perguntas.

— Devemos ter o Gaston no outro assento — disse James. — Você conhece o Peter?

— Conheço, ele é ótimo.

— Que pena.

Ela sorriu, mostrando os dentes, e foi o suficiente fazer uma mulher bonita sorrir e sentir o calor de sua atenção. Ele entrou na cabine e revisou os sistemas outra vez, conferindo o trabalho da manutenção.

— Dez minutos — gritou.

Enquanto reconferia os sistemas, sentiu o avião se mexer. *Deve ser meu copiloto voltando*, pensou. De acordo com a lista de tripulantes, seu companheiro hoje seria Peter Gaston, um belga idiossincrático que gostava de conversar sobre filosofia em voos longos. James sempre apreciara suas conversas, principalmente quando mencionavam áreas entre a ciência e a ideologia. Ele esperou Peter entrar na cabine. Mas, em vez disso, James ouviu sussurros vindo da cabine principal e algo que soou como um tapa. Levantou-se ao ouvir o barulho, franzindo a testa, e estava quase na porta da cabine quando um homem diferente entrou com a mão na bochecha esquerda.

— Desculpe, fiquei preso no escritório.

Melody o reconheceu — um garoto de olhos vidrados com cerca de vinte anos, a gravata torta. Charlie alguma coisa. Já tinha voado com ele e, apesar de o menino ter ido tecnicamente bem, James franziu a testa.

— O que aconteceu com o Gaston? — perguntou.

— Vim no lugar dele — disse Charlie. — Teve alguma coisa no estômago, eu acho. Só sei que recebi uma ligação.

James ficou incomodado, mas não ia demonstrar, então deu de ombros. Era problema da base.

— Bom, você está atrasado. Chamei a manutenção porque o manche está agarrando um pouco.

O garoto deu de ombros e esfregou a bochecha.

James via Emma atrás dele. Ela recuara para a cabine principal e ajeitava os protetores de apoio para a cabeça.

— Tudo bem aí fora? — perguntou James, mais para ela do que para o garoto.

Ela deu um sorriso distraído, olhando para baixo. Ele olhou para Charlie.

— Tudo certo, comandante — respondeu Charlie. — Só andei cantando uma música que não devia.

— Bom, eu não sei o que isso significa, mas não vou tolerar gracinhas no meu avião. Vou ter que ligar para a base e chamar outra pessoa?

— Não, senhor. Nada de gracinhas. Só vim fazer meu trabalho. Mais nada.

James o analisou. O garoto sustentou seu olhar. Era algum canalha, percebeu. Não perigoso, apenas acostumado a ter o que quer. Tinha uma beleza diferente, com um quê texano. *Solto*. Era assim que James o descreveria. Não um planejador. Mas um cara que *seguia o fluxo*. E James não via nada de errado naquilo, a princípio. Ele sabia ser flexível quando o assunto era a tripulação. Contanto que fizessem o que ele havia mandado. O garoto só precisava de disciplina, e James daria a ele.

— Está bem, então, sente-se e fale com o controle de tráfego. Quero decolar em cinco minutos. Temos que manter a programação.

— Sim, senhor — respondeu Charlie com um sorriso indecifrável, começando a trabalhar.

Então os primeiros passageiros subiram a bordo: o cliente e sua família — o avião balançava enquanto subiam a escada. James se demonstrou disponível para conversas. Ele sempre gostava de conhecer as pessoas que transportava, apertar mãos e dar nomes a rostos. Isso tornava o trabalho mais significativo, especialmente quando havia crianças. Ele era o comandante daquela viagem, afinal, responsável por todas as vidas. Não parecia servidão. Era mais um privilégio. Apenas no mundo moderno as pessoas acreditavam que eram as que deveriam receber. Mas James era um doador. Ele não sabia o que fazer quando tentavam paparicá-lo. Quando voava em aviões comerciais, ele sempre se pegava se levantando para ajudar as aeromoças a guardar as bagagens ou a buscar cobertores para passageiras grávidas. Alguém dissera a ele uma vez: "É difícil ficar triste quando se é útil." E ele gostava daquela ideia, de que o serviço trazia felicidade. Era o egoísmo que levava à depressão, a perguntas cíclicas sobre o sentido das coisas. Isso sempre fora o problema de sua mãe. Ela pensava demais em si mesma e pouco nos outros.

James havia se preparado para ser o oposto. Muitas vezes, ele pensava no que sua mãe faria em uma situação — qual seria a decisão *errada* — e isso deixava claro

o que ele deveria fazer. Ou seja, ele a usava como Estrela Polar em uma jornada para o sul. Alinhar-se daquela maneira o ajudava. Dava a ele algo com o qual sintonizar, como um violino a um piano.

Eles decolaram cinco minutos depois, viraram para o oeste e voltaram para a costa. O manche parecia um pouco duro quando ele o movia para estibordo, mas ele considerou aquilo uma idiossincrasia do avião.

A ESCURIDÃO

NA PRIMEIRA NOITE, Scott dormiu em um sofá-cama na sala de costura. Ele não havia planejado ficar, mas, após as notícias do dia, sentiu que Eleanor poderia precisar de apoio, especialmente porque o marido parecia ter desaparecido.

"Ele desliga o celular quando trabalha", disse ela, apesar de ter dito aquilo de uma maneira que indicava que a palavra *trabalhando* significava *bebendo*.

Ali, à beira de um sonho, Scott ouve Doug retornar perto da uma da manhã, o barulho dos pneus na entrada da casa o acorda com uma onda de adrenalina. Ele sente a explosão animal de nervos primitivos, os olhos se abrindo em uma sala desconhecida, sem saber onde está por um bom momento. Há uma mesa de costura sob a janela, a máquina como um predador estranho, à espreita nas sombras. No andar de baixo, a porta da casa se fecha. Scott ouve passos na escada. Escuta enquanto eles se aproximam, então param diante de sua porta. O silêncio se estabelece outra vez, como se alguém prendesse a respiração. Scott fica deitado, encolhido, tenso, um convidado indesejável na casa de outro homem. Ele percebe a respiração de Doug do lado de fora, um homem barbado de macacão, bêbado de uísque e cerveja artesanal. Lá fora, as cigarras fazem uma algazarra no jardim. Scott pensa no mar, repleto de predadores invisíveis. A pessoa prende a respiração e mergulha na escuridão dominante, como se escorregasse pela garganta de um gigante, nem mesmo humano em sua mente. Presa.

Uma tábua do assoalho estala no corredor enquanto Doug passa o peso de uma perna para outra. Scott se senta e encara a maçaneta, uma bola de cobre turva na escuridão. O que vai fazer se ela girar? Caso Doug entre, bêbado, pronto para brigar.

Respire. De novo.

Em algum lugar, o compressor do ar-condicionado liga e o barulho baixo do ar sendo empurrado pelo duto quebra o feitiço. A casa é apenas uma casa outra vez. Scott ouve Doug andar pelo corredor até o quarto.

Ele expira lentamente, percebendo que prendera a respiração.

De manhã, ele leva o menino para procurar pedras para lançar na água. Eles analisam a margem do rio, procurando pedras chatas e lisas — Scott em seus sapatos e o menino de calça e camisa pequenas, os sapatos menores que a mão de

Scott. Mostra ao menino como ele deve ficar de pé, voltado para a água com um dos olhos fechados e lançar os projéteis de lado pela superfície do rio. Durante um bom tempo, o menino não consegue fazer as pedras quicarem. Ele franze a testa e tenta muitas vezes, claramente frustrado, mas se recusando a desistir. Ele morde a língua dentro da boca fechada e faz um barulho de esforço, meio canção, meio zumbido, selecionando as pedras com cuidado. Na primeira vez que consegue dois quiques, pula e bate palmas.

— Muito bem, amigão — diz Scott.

Empolgado, o menino corre para pegar mais pedras. Eles estão em uma faixa estreita da margem, cheia de arbustos e no limite da floresta, em uma curva aberta do Hudson. O sol da manhã está atrás deles, escondido pelas árvores, subindo, os primeiros raios tocando a margem oposta. Scott se agacha, apoiando-se sobre os calcanhares, e passa a mão pela água corrente. Está fria e límpida e, por um instante, ele se pergunta se um dia voltará a nadar, se um dia pegará outro avião. Sente o aroma do lodo e, em algum lugar, um toque de grama cortada. Tem consciência de seu corpo, os músculos envolvidos, o sangue fluindo. Ao seu redor, aves ainda não vistas chamam umas às outras sem urgência, apenas uma troca regular de arrulhos e pios.

O menino joga outra pedra, rindo.

Será que é assim que a cura começa?

Na noite anterior, Eleanor entrou na sala de estar para dizer que havia uma ligação para ele. Scott estava de joelhos, brincando com o menino e seus caminhões.

Quem ligaria para mim aqui?

— Ela disse que se chama Layla — informa Eleanor.

Scott ficou de pé e foi até a cozinha.

— Como ficou sabendo que eu estava aqui? — perguntou o pintor.

— Querido — respondeu ela —, para que serve o dinheiro?

A voz dela ficou mais baixa, passando para um tom mais íntimo.

— Diga que vai voltar logo — pediu. — Agora passo, tipo, todo o meu tempo no terceiro andar, sentada dentro do seu quadro. É muito bom. Eu contei que já fui àquela feira? Quando era criança. Meu pai tinha uma casa em Martha's Vineyard. Cresci tomando sorvete naquela praça. É assustador. A primeira vez que mexi com dinheiro foi comprando pêssegos do Sr. Coselli. Eu tinha seis anos.

— Estou com o garoto — disse Scott. — Ele precisa de mim... eu acho. Não sei. Crianças. Psicologia. Talvez eu esteja só atrapalhando.

Pelo telefone, ele ouviu Layla tomar um gole de alguma coisa.

— Bem — continuou ela —, tem compradores formando fila para qualquer quadro que você fizer nos próximos dez anos. Vou falar com a Tate mais tarde sobre montar uma exposição sua no fim do ano. Sua agente me mandou as fotos. São de tirar o fôlego.

Aquelas palavras, antes tão desejadas, pareciam chinês para ele.

— Tenho que ir — disse Scott.

— Espere — pediu ela, ronronando. — Não fuja. Eu sinto sua falta.

— O que está havendo? — perguntou ele. — Para você. Entre a gente.

— Vamos para a Grécia — respondeu ela. — Eu tenho uma casinha na beira de um penhasco através de, tipo, umas seis empresas de fachada. Ninguém sabe de nada. É um mistério completo. A gente pode tomar sol e comer ostras. Dançar ao anoitecer. Esperar a poeira baixar. Sei que devia ser menos atirada com você, mas nunca conheci ninguém que me desse tão pouca atenção. Mesmo quando a gente está junto, parece que estamos no mesmo lugar, mas em anos diferentes.

Depois de desligar, Scott viu que J.J. passara para a escrivaninha da sala de estar. Estava diante do computador de Eleanor, brincando com jogos educativos, movimentando quadradinhos com letras.

— Oi, amigão.

O menino não olhou para ele. Scott puxou uma cadeira e se sentou ao seu lado. Viu o menino arrastar a letra *B* para outro quadrado. Acima dele, havia um desenho de uma bola. O menino arrastou o *O*, o *L* e depois o *A*.

— Você se importa se eu... — perguntou Scott. — Posso?

Ele alcançou o mouse e movimentou o cursor. Não tinha computador, mas passara tempo suficiente observando pessoas usando laptops em cafés para entender o que deve fazer, pensa.

— Como eu... — perguntou ele, depois de um instante, mais para si do que para o menino — procuro alguma coisa?

O menino pegou o mouse. Concentrando-se, mordiscando a língua, ele abriu a janela do navegador, entrou no Google e devolveu o mouse a Scott.

— Maravilha — disse Scott. — Obrigado.

Ele digitou *Dwo*. Então parou, sem saber como soletrar. Apagou a palavra e digitou: *Red Sox, vídeo, mais tempo rebatendo*, apertou ENTER. A página carregou e Scott clicou no link de um vídeo. O menino mostrou a ele como maximizar a janela. Ele se sentiu como um homem das cavernas olhando para o sol.

— Você... Você pode assistir, eu acho — disse ao menino, depois apertou PLAY.

Na tela, o vídeo começou. A resolução era pixelada e as cores, saturadas, como

se — em vez de gravar o jogo da maneira normal — o responsável pelo post tivesse filmado a própria televisão. Scott imagina isso, um homem sentado em sua sala de estar, filmando um jogo de beisebol na TV, criando um jogo dentro de um jogo, a imagem de uma imagem.

— Dworkin... não acertou e foi para o centro do campo — disse o locutor.

Atrás dele, a multidão fazia barulho, filtrada pelos alto-falantes da TV e comprimida ainda mais pela câmera do espectador. O batedor foi para sua posição. Era um homem alto de Indiana, com uma barba menonita, sem bigode. Aqueceu fingindo rebater algumas vezes. Na sala de edição, a imagem é cortada para o arremessador, Wakefield, que sacode a bola. Atrás dele, torres de holofotes iluminam os cantos da tela. Um jogo noturno no verão, trinta graus, o vento soprando do sudeste.

Scott ficara sabendo por Gus que as jogadas de Dworkin haviam começado quando as rodas do avião tinham deixado o asfalto. Pensou naquilo, na velocidade do avião, na aeromoça em seu assento retrátil e em como o jatinho particular deixara o chão mais rápido do que um voo comercial. Observou Dworkin lançar a bola baixo e para fora. Bola um.

A câmera passou para a multidão: homens de moletom, crianças de boné e luvas, acenando para a lente. O arremessador se posicionou. Dworkin se preparando, o bastão pairando acima do ombro direito. A bola foi lançada. Scott clicou o mouse, pausando a imagem. O arremessador ficou imobilizado, a perna traseira erguida, o braço esquerdo estendido. A dezoito metros de distância, Dworkin se preparava. Pelo jornal, Scott sabia que outros vinte e dois arremessos aconteceriam. Vinte e dois arremessos lançados em um período de dezoito minutos, rebatida após rebatida lançada nas arquibancadas ou de volta na rede. O lento passar do beisebol, um jogo para domingos de preguiça e bate-papos no banco. Ele se posiciona e lança.

Mas, naquele momento, o jogo estava pausado, congelado, a bola flutuando no ar. Vinte e dois arremessos; três semanas haviam se passado desde o jogo, mas, para quem o via pela primeira vez, era como se os acontecimentos na tela estivessem ocorrendo naquele momento. Como se o mundo tivesse sido rebobinado. Quem sabia o que ia acontecer? Dworkin podia errar ou lançar a bola para a esquerda do campo, muito acima do enorme muro verde onde fica o placar. Sentado ali com o menino, Scott não podia deixar de pensar: *E se todo o resto recomeçasse com o jogo?* Se o mundo inteiro voltasse para as dez da noite de 23 de agosto de 2015 e então parasse. Ele imaginou as cidades do planeta congeladas, os sinais vermelhos ativados em um uníssono perfeito. Imaginou fumaça pairando sobre chaminés no

subúrbio. Guepardos imobilizados em meio a uma corrida nas planícies abertas. Na tela, a bola era apenas um ponto branco preso entre o local de partida e seu destino.

Se fosse verdade. Se, de alguma forma, o mundo tivesse rebobinado, então ele estava em algum lugar, em um avião. Todos estavam em um avião. Uma família de quatro pessoas, o banqueiro e sua esposa. Uma linda aeromoça. Crianças. Estavam vivos. Pausados. Uma menina ouvindo música. Os homens batendo papo, assistindo ao jogo. Maggie em seu assento, sorrindo para seu filho adormecido.

Enquanto ele não reiniciasse o jogo, eles estariam vivos. Enquanto não clicasse no mouse. A bola em pleno voo era o avião em pleno voo, seu destino ainda não alcançado. Ele a encarou e ficou surpreso ao sentir os olhos se encherem de lágrimas, os pixels da tela embaçarem, o homem na base apenas uma mancha, a bola era um floco de neve aleatório, fora de sua estação.

No rio, Scott mergulha a mão na água e deixa a corrente puxar seu pulso. Lembra-se de olhar pela janela naquela manhã e ver Doug enchendo a picape de malas. Ele havia berrado palavras que Scott não conseguira identificar, depois bateu a porta do carro e saiu da casa, espalhando cascalho com os pneus.

O que aconteceu? Ele foi embora de vez?

Um barulho surge nos arredores. Começa como um zumbido industrial — talvez uma serra elétrica à distância, caminhões em uma estrada interestadual (mas não há nenhuma rodovia por perto) —, porém Scott não presta atenção a isso enquanto observa o menino escavar a praia lamacenta e sacar moedas de xisto e quartzo. Ele começa em um ponto distante e vai voltando, analisando a lama primeiro com os olhos, depois com os dedos.

O som da serra elétrica fica mais alto, ganhando um ronco grave. Algo está chegando. Scott fica de pé, percebendo o vento, a inclinação das árvores para o oeste, as folhas brilhando, imitando o som de aplausos. À distância, o menino interrompe o que está fazendo e olha para cima. No mesmo instante, um rugido jurássico os domina quando um helicóptero começa a descer, passando sobre as copas das árvores atrás deles. Scott baixa a cabeça, em um reflexo. O menino começa a correr.

O helicóptero mergulha diante do sol forte, como uma ave de rapina. Fica mais lento quando chega à margem oposta e começa a dar a volta. É preto e reluzente, como um besouro preso nas garras de uma pinça. J.J. se aproxima correndo, o medo estampado em seu rosto. Scott o pega no colo sem pensar e segue em direção às árvores. O pintor corre com seus sapatos sociais pelos arbustos baixos, desviando de álamos e elmos, heras venenosas esfregando-se em seus tornozelos.

Mais uma vez, ele é um músculo de sobrevivência, uma máquina de resgate. Os braços do menino envolvem seu pescoço, as pernas, sua cintura. Ele está voltado para trás, os olhos arregalados, o queixo no ombro de Scott. Os joelhos pressionam as laterais do corpo do pintor.

Quando chegam de volta à casa, Scott vê o helicóptero pousar no quintal. Eleanor saiu para a varanda com uma das mãos na cabeça, tentando impedir que o cabelo fosse jogado em seu rosto.

O piloto desliga o motor e as pás ficam mais lentas.

— O que está havendo? — pergunta ela.

— Você devia levar o menino lá para dentro — diz Scott.

O pintor então se vira e vê Gus Franklin e o agente O'Brien saírem da aeronave. Eles se aproximam, O'Brien abaixado, a mão na cabeça, Gus andando reto — confiante de que é mais baixo que as pás.

— Desculpe o escândalo. Mas, com todos os vazamentos, achei que a gente devia vir falar com vocês antes que a notícia se espalhasse.

Scott aperta a mão dele.

— Você se lembra do agente O'Brien — diz Gus.

O'Brien cospe na grama.

— Ahã — afirma ele. — Ele lembra.

— Ele não tinha saído do caso? — questiona Scott.

Gus aperta os olhos para o sol.

— Bom, alguns fatos novos colocaram o FBI à frente das investigações.

Scott parece confuso. O'Brien dá alguns tapinhas em seu braço.

— Vamos entrar.

Eles se sentam na cozinha. Eleanor põe um episódio do *Gatola da Cartola* para distrair o menino (*É muita TV*, pensa. *Deixo o J.J. assistir a muita TV*), depois se senta na beirada da cadeira, levantando-se toda vez que ele se mexe.

— Bom — diz O'Brien —, chegou a hora de parar de frescura.

Scott olha para Gus, que dá de ombros. Não há mais nada que ele possa fazer. Os mergulhadores recuperaram a porta da cabine naquela manhã depois de cortar as dobradiças com laser, levando-a para a superfície. Testes mostraram que os buracos haviam sido realmente abertos com tiros. Isso provocara uma mudança na responsabilidade pelo procedimento. Escritórios governamentais telefonaram para Gus informando de maneira bastante clara que ele devia dar ao FBI toda a liberdade operacional que eles exigissem. Ah, e falando nisso, ele ia ter que aceitar O'Brien de volta. Aparentemente, a chefia estava convencida de que O'Brien não havia vazado informação alguma. Além disso, pelo que sabiam, ele estava sendo

preparado para cargos importantes — explicara o contato de Gus —, por isso estavam colocando o agente de volta no caso.

Dez minutos depois, O'Brien entrara no hangar com uma equipe de doze homens e pedira "uma revisão da situação". Gus não viu motivo para brigar — ele era pragmático por natureza, por mais que não gostasse do agente. Contou a O'Brien que haviam recuperado todos os corpos que faltavam, menos o de Gil Baruch, o guarda-costas dos Bateman. Parecia que ele havia sido jogado para longe dos outros ou apenas flutuado para fora da fuselagem nos dias após a queda. Caso tivessem sorte, seu corpo iria parar em algum lugar, como o de Emma e o de Sarah. Ou, muito provavelmente, simplesmente desapareceria.

As perguntas, para Gus, haviam passado a ser as seguintes:

1. Quem atirara na porta da cabine? O mais provável suspeito era o guarda-costas, Gil Baruch, o único passageiro que estava armado, pelo que sabiam. Mas, como nenhum dos passageiros nem a equipe havia passado por revistas antes de subir no avião, todos eram atiradores em potencial.
2. Por que os tiros haviam sido disparados? O atirador estava tentando forçar uma entrada na cabine para sequestrar o avião? Ou apenas para abatê-lo? Ou o atirador estava tentando entrar na cabine para evitar a queda? Vilão ou herói? Eis a questão.
3. Por que o comandante estava na cabine de passageiros e não na do piloto? Se havia sido um sequestro, então ele fora um refém? Ou ele havia saído para impedir que isso acontecesse? Mas, se esse era o caso...
4. Por que o copiloto não pedira socorro?

Falando no copiloto, os mergulhadores haviam encontrado Charles Busch preso ao seu assento na cabine, as mãos ainda no manche. Uma das balas estava presa ao chão atrás dele, mas não havia provas de que ninguém conseguira entrar antes de o avião atingir a água. Gus dissera ao agente que o resultado da autópsia de Busch ficaria pronto naquela tarde. Nenhum deles sabia o que esperar. A *melhor hipótese*, para Gus, era de que o jovem tivesse sofrido um derrame ou um infarto. A pior, bem, a pior possibilidade era que aquilo havia sido um assassinato em massa planejado.

Todos os destroços soltos haviam sido etiquetados, ensacados, e estavam ali, sendo catalogados. A boa notícia era que a caixa-preta e os dados gravados haviam sido recuperados. A má notícia era que parecia que um deles ou até ambos podiam ter sido danificados no acidente. Os técnicos trabalhariam sem parar para

recuperar cada vestígio de informação disponível. Até o fim do dia, disse Gus a ele — a não ser que houvesse uma mudança inesperada no clima —, a fuselagem seria retirada da água e encaminhada para o hangar.

O'Brien ouviu tudo que Gus disse, depois pediu um helicóptero.

Naquele momento, na cozinha, o agente O'Brien faz pose ao tirar uma pequena caderneta do bolso. Ele saca uma caneta, desenrosca a tampa e coloca-a ao lado do bloquinho. Gus sente os olhos de Scott fixos nele, inquisitivos, mas mantém o foco em O'Brien, como se quisesse sinalizar para Scott: *É para ele que deveria estar olhando*.

Eles concordaram em não discutir o caso pelo telefone, não formalizar nada por escrito até descobrirem como o relatório de O'Brien vazou. A partir dali, todas as conversas seriam realizadas pessoalmente. É o paradoxo da tecnologia moderna. As ferramentas que usamos podem ser usadas contra nós.

— Como vocês sabem — diz O'Brien —, encontramos o avião. E, Sra. Dunleavy, sinto muito, mas tenho que avisar que recuperamos os corpos de sua irmã, do marido dela e de sua sobrinha.

Eleanor faz que sim com a cabeça. Ela se sente como um osso que foi abandonado para branquear no sol. Pensa no menino, na sala de estar, assistindo à TV. *Seu* menino. E no que ela vai dizer ou deveria dizer a ele. Pensa nas últimas palavras de Doug naquela manhã.

"Isso ainda não acabou."

— Sr. Burroughs — diz O'Brien, virando-se para Scott. — O senhor tem que me contar tudo de que se lembra do voo.

— Por quê?

— Porque eu mandei.

— Scott — diz Gus.

— Não — retruca O'Brien. — Chega de dar tapinhas nas costas desse cara.

Ele se vira para Scott.

— Por que o piloto estava fora da cabine durante o voo?

Scott balança a cabeça.

— Eu não me lembro disso.

— Você disse que ouviu batidas fortes antes da queda do avião. Perguntamos se achava que era alguma coisa mecânica. Disse que achava que não. O que pensava que era?

Scott o encara, pensativo.

— Não sei. O avião inclinou para a frente. Eu bati a cabeça. São... Não são lembranças completas.

O'Brien o analisa.

— Encontramos seis buracos de bala na porta da cabine.

— O quê? — diz Eleanor, o rosto empalidecendo.

As palavras fazem Scott se recostar na cadeira. *Buracos de bala?* O que eles estão dizendo?

— O senhor já viu uma arma? — pergunta O'Brien ao pintor.

— Não.

— Lembra-se do guarda-costas dos Bateman? Gil Baruch?

— O cara grande perto da porta. Ele não... Eu não...

Scott não sabe o que dizer, a cabeça girando.

— O senhor não o viu sacar uma arma? — questiona o agente.

Scott vasculha sua memória. *Alguém atirou na porta da cabine*. Ele tenta encontrar um sentido para aquilo. O avião embicou para a frente. As pessoas gritaram e alguém atirou na porta. O avião estava caindo. O comandante estava do lado de fora da cabine. Alguém atirou na porta tentando entrar.

Ou a arma foi sacada primeiro e o piloto — não, o *copiloto* — fez o avião mergulhar para... O quê? Desequilibrar o cara? Seja como for, estão dizendo que não foi um erro mecânico, nem um erro humano. Foi algo pior.

Scott sente um embrulho revirar seu estômago, como se só agora ele percebesse como ficou próximo da morte. Então uma onda de tontura o atinge quando a próxima ideia surge em sua cabeça. Se aquilo não foi um acidente, então significa que *alguém tentou matá-lo*. Em vez de sofrerem um ato do destino, ele e o menino foram vítimas de um ataque.

— Eu subi no avião — diz —, me sentei. Ela me serviu vinho. Emma. Eu não... Eu falei: "Não, obrigado." Pedi um pouco d'água. Sarah, a mulher do banqueiro, estava falando comigo sobre ter levado a filha na Bienal. O jogo estava passando na TV. Beisebol. E os homens, David e o banqueiro, estavam assistindo, torcendo. Minha bolsa estava no meu colo. Ela, a aeromoça, queria pegar, mas eu a segurei e, enquanto a gente taxiava, comecei... Comecei a procurar uma coisa na bolsa. Não sei por quê. Para fazer alguma coisa. Nervosismo.

— O que o deixou nervoso? — pergunta O'Brien.

Scott pensa na resposta.

— Era uma viagem importante para mim. E o avião... O fato de ter corrido para pegar o avião... Eu estava meio atordoado. Agora tudo perdeu o sentido, como aquilo era fundamental. Reuniões com agentes, visitas a galerias. Eu estava levando todos os slides na mala e, depois de correr, quis garantir que ainda estava tudo lá. Por nada.

Ele olha para as próprias mãos.

— Eu estava sentado na janela, olhando para a asa. Tudo estava embaçado e, de repente, o nevoeiro desapareceu. Ou passamos acima dele, acho que foi isso que aconteceu. E então só dava para ver a noite. Olhei para Maggie e ela sorriu. Rachel estava no assento atrás dela, ouvindo música, e o menino estava dormindo, coberto por uma manta. E não sei por quê, mas achei que ela, Maggie, ia gostar de um desenho, então peguei meu bloco e comecei um rascunho da menina. Nove anos, com os fones de ouvido, olhando pela janela.

Ele se lembra da expressão da menina, uma criança perdida em seus pensamentos, mas algo em seus olhos — uma tristeza — indicava a mulher que um dia se tornaria. O modo como ela fora até o barracão naquele dia com a mãe, ver os trabalhos de Scott, uma garota em desenvolvimento, com pernas e cabelos longos.

— O avião chacoalhou um pouco ao subir — diz. — O bastante para sacudir os copos, mas, ainda assim, foi uma decolagem bem tranquila e ninguém pareceu preocupado. O guarda-costas ficou sentado à frente, com a aeromoça, durante a decolagem, no... Como é mesmo? No assento retrátil, mas ele se levantou assim que o sinal de afivelar o cinto de segurança foi desligado.

— Para quê?

— Nada. Ficou de pé.

— Nenhum problema?

— Nenhum problema.

— E você estava desenhando?

— É.

— E depois?

Scott balança a cabeça. Ele se lembra de correr atrás do lápis que rolara pelo chão, mas não do que havia acontecido antes. As pessoas mentem ao dizer que o chão de um avião está sempre nivelado, os ângulos retos de uma aeronave lhe dão a impressão de que está sentado ou de pé em um ângulo de noventa graus em relação ao mundo, mesmo quando o avião está de lado. Mas, então, quando olhamos pela janela, percebemos que estamos encarando o chão.

O avião se inclinou para a frente. O lápis caiu. Ele soltou o cinto para pegá-lo, mas o lápis rolou pelo chão, como uma bola descendo uma ladeira. E então ele escorregou e bateu a cabeça em alguma coisa.

Scott olha para Gus.

— Não sei.

Gus olha para O'Brien.

— Tenho uma pergunta — diz Gus. — Não é sobre o acidente. É sobre seu trabalho.

— Está bem.

— Quem é a mulher?

Scott olha para ele.

— A mulher?

— Em todos os quadros... Percebi que há sempre uma mulher e é sempre... Pelo menos pelo que vi... É sempre a mesma mulher. Quem é?

Scott suspira. Olha para Eleanor. Ela o está observando. O que deve estar pensando? Dias atrás sua vida era uma linha reta. Agora só tem pesos a carregar.

— Eu tive uma irmã — explica Scott. — Ela se afogou quando eu... Ela tinha dezesseis anos. Foi nadar à noite no Lago Michigan com umas... Crianças. Eram só... crianças bobas.

— Sinto muito.

— É.

Scott gostaria de dizer algo profundo sobre aquilo, mas não havia nada a falar.

⋆ ⋆ ⋆

Mais tarde, depois que o menino foi dormir, Scott liga para Gus da cozinha.

— Foi tudo bem hoje? — pergunta.

— Foi útil, obrigado.

— Útil como? — quer saber Scott.

— Com detalhes. Onde cada um estava sentado. O que as pessoas estavam fazendo.

Scott se senta à mesa. Houve um instante, depois que o helicóptero partiu e Eleanor e ele ficaram sozinhos, quando ambos pareceram se dar conta de que eram estranhos, de que a ilusão das vinte e quatro horas anteriores — de que a casa era uma bolha onde podiam se esconder — dissolvera-se. Ela era uma mulher casada e ele era... O quê? O homem que salvara seu sobrinho. O que eles sabiam de fato sobre o outro? Quanto tempo ele ficaria ali? Ela queria que ele ficasse? E ele?

Um constrangimento surgira entre eles e, quando Eleanor começara a cozinhar, Scott havia dito que não estava com fome. Precisava caminhar para clarear as ideias.

Ele ficara fora até escurecer: vagara de volta até o rio e observara a água deixar de ser azul e ganhar uma cor preta enquanto o sol se punha e a lua surgia.

Estava mais longe do que já havia ficado do homem que achava que era.

— Bem — diz Gus pelo telefone —, ninguém sabe disso ainda, mas a caixa-preta do avião foi danificada. Não destruída, mas vai dar trabalho para a gente obter as informações. Uma equipe de seis pessoas está trabalhando nela e dois governadores estão ligando a cada cinco minutos, em busca de informações atualizadas.

— Não posso ajudar com isso. Mal sei abrir um tubo de tinta.

— Não. Eu só... Só estou contando isso porque você merece saber. Todo o resto do mundo pode ir para o inferno.

— Vou contar a Eleanor.

— Como está o menino?

— Ele não está... falando, na verdade, mas parece gostar do fato de eu estar aqui. Então talvez isso seja terapêutico. A Eleanor é muito... forte.

— E o marido?

— Saiu daqui hoje de manhã carregando as malas.

Uma longa pausa.

— Não preciso dizer o que vão pensar — diz Gus.

Scott faz que sim com a cabeça.

— Desde quando o que as pessoas pensam importa mais do que a verdade? — pergunta.

— Desde 2012, eu acho — responde Gus. — Especialmente depois... Do seu esconderijo na cidade. De como isso foi parar no jornal. A herdeira, que... Eu disse: "Encontre um lugar para se esconder", não "dê uma notícia para os tabloides".

Scott esfrega os olhos.

— Não aconteceu nada. Quer dizer, ela tirou a roupa e foi para a cama comigo, mas eu não...

— A gente não está falando do que aconteceu ou não — diz Gus. — Está falando do que parece.

De manhã, Scott ouve Eleanor na cozinha. Ao descer, vê que ela está ao fogão, preparando o café da manhã. O menino está no chão, se divertindo entre os cômodos. Sem dizer nada, Scott se senta ao lado dele e pega um caminhão de cimento. Eles brincam por um instante, rolando as rodas de borracha no piso de madeira. Então, o menino oferece um saco de jujuba a Scott e ele pega uma.

Do lado de fora, o mundo continua a girar. Ali dentro, eles seguem a rotina, fingindo que tudo está normal.

EMMA LIGHTNER

11 DE JULHO DE 1990 – 23 DE AGOSTO DE 2015

O IMPORTANTE ERA estabelecer limites e mantê-los. Podia sorrir para os clientes, servir drinques a eles. Rir de suas piadas e jogar conversa fora. Flertar. Era apenas uma fantasia para eles, assim como o avião. A moça bonita com sorriso de ouro que fazia os homens se sentirem reis enquanto estavam em um jatinho de luxo, falando em três celulares ao mesmo tempo. Sob nenhuma hipótese podia dar o número do seu telefone para eles. Certamente não beijava um milionário da internet na cozinha nem transava com um astro do basquete no quarto particular. E nunca ia com um bilionário para outro local, mesmo se este outro local fosse um castelo em Mônaco. Era uma comissária de bordo, uma profissional do setor de serviços, não uma prostituta. Era necessário ter regras, limites, porque, no mundo dos ricos, era fácil se perder.

Aos vinte e cinco anos, Emma Lightner havia viajado para os sete continentes. Trabalhando na GullWing, conhecera grandes astros do cinema e xeiques. Tinha voado com Mick Jagger e Kobe Bryant. Uma noite, após um voo que cruzara o país — de Los Angeles a Nova York —, Kanye West correra atrás dela na pista e tentara dar a ela um bracelete de diamantes. Ela não havia aceitado, é claro. Fazia muito tempo que Emma havia deixado de se sentir lisonjeada com a atenção. Homens com idade suficiente para serem seus avôs sugeriam rotineiramente que ela podia ter o que quisesse se jantasse com eles em Nice, Gstaad ou Roma. Era a altitude, pensava ela às vezes, a possibilidade de morrer com a queda. Mas, na verdade, era a arrogância do dinheiro e a necessidade dos ricos de possuir tudo que viam. A verdade era que, para seus clientes, Emma não era nada além de um Bentley, ou um apartamento, ou um pacote de chicletes.

Para as passageiras, esposas de clientes ou as próprias clientes, Emma era tanto uma ameaça quanto uma lição de moral. Representava o velho paradigma de que mulheres bonitas usando sutiãs cônicos serviam aos desejos secretos de homens poderosos em boates enfumaçadas. Uma gueixa, uma coelhinha da Playboy. Ela era a ladra de maridos ou, pior, um reflexo no espelho, uma reconstrução do próprio caminho percorrido por aquelas mulheres até um casamento de luxo. Uma

lembrança. Emma sentia seus olhares enquanto andava pelo avião. Aturava os ataques venenosos de mulheres com óculos escuros enormes, que devolviam os drinques e a mandavam tomar mais cuidado da próxima vez. Sabia dobrar um guardanapo na forma de um cisne e preparar um *gimlet* perfeito. Sabia quais vinhos combinam com rabada ou paella valenciana, sabia prestar os primeiros socorros e fora treinada para realizar uma traqueostomia de emergência. Tinha talento, não apenas beleza, mas isso nunca importava para aquelas mulheres.

Nos jatos maiores, havia entre três e cinco moças trabalhando. Nos aviões menores, era apenas Emma, de terninho azul e saia curta, entregando drinques e demonstrando instruções de segurança para o Cessna Citation Bravo ou o Hawker 900XP.

As saídas são aqui. Os cintos de segurança funcionam assim. Máscaras de oxigênio. Seu assento pode ser usado para flutuação.

Ela vivia no intervalo, nas horas e nos dias entre voos. A companhia aérea tinha apartamentos na maioria das cidades do exterior. Era mais barato que pagar quartos de hotel para as tripulações. Anonimamente modernos, com pisos de parquete e armários suecos, todos os apartamentos eram projetados para se parecerem — os mesmos móveis, a mesma decoração. Nas palavras do guia da companhia, "para reduzir os efeitos do jet lag". No entanto, para Emma, a uniformidade dos espaços tinha o efeito oposto e aumentava a sensação de estar deslocada. Era fácil acordar no meio da noite e não saber em que cidade estava, em que país. O número de ocupantes de qualquer casa da companhia girava em torno de dez pessoas. Isso significava que, a qualquer momento, podia haver um piloto alemão e seis sul-africanos dormindo ali, dois em cada quarto. Pareciam apartamentos de agências de modelo, cheios de mulheres bonitas, mas, em um quarto, haveria dois pilotos de quarenta e seis anos, peidando enquanto dormiam.

Emma tinha vinte e um anos quando começara, filha de um piloto da Força Aérea e de uma dona de casa. Tinha estudado finanças na faculdade, mas, depois de seis meses trabalhando para um grande banco de investimento de Nova York, ela havia decidido que queria viajar. O mercado de luxo estava crescendo muito e companhias aéreas e náuticas e resorts privados estavam desesperados por pessoas atraentes, competentes, bilíngues e discretas que pudessem começar a trabalhar imediatamente.

A verdade era que ela adorava aviões. Uma de suas primeiras (e melhores) lembranças era a de viajar na cabine de um Cessna com o pai. Emma não devia ter mais de cinco ou seis anos. Ela se lembrava das nuvens passando pelas janelinhas ovais, enormes formas brancas que sua mente havia transformado em

cachorrinhos e ursinhos. Tanto que, quando haviam chegado em casa, Emma dissera à mãe que o pai a tinha levado para ver o zoológico no céu.

Ela se lembrava do pai naquele dia, visto de baixo, o rosto sério e imortal, o cabelo curto e os óculos de aviador. Michael Aaron Lightner, vinte e seis anos, piloto militar de caça, braços com músculos definidos como cordas cheias de nós. Ninguém, em toda a sua vida, seria um homem como seu pai havia sido, com dentes afiados e olhar frio, o humor seco do Meio-Oeste. Um homem de poucas palavras que cortava um maço de lenha em dez minutos e nunca usava cinto de segurança. Ela o tinha visto derrubar um homem com um único soco, um ataque relâmpago que acabara antes de começar, a conclusão inevitável do nocaute — seu pai já se afastava enquanto o homem desabava no chão.

Isso havia acontecido em um posto de gasolina nos arredores de San Diego. Depois, Emma ficaria sabendo que o homem dissera algo obsceno à sua mãe quando ela fora ao banheiro. O pai ouvira a conversa enquanto abastecia e se aproximara do homem. Uma discussão começara. Emma não se lembrava de seu pai levantar a voz. Não houvera nenhuma briga acalorada, nenhuma demonstração de macheza, nenhum empurrão inicial. O pai disse algo. O homem retrucou. Então, o soco, uma chicoteada na mandíbula que começara no quadril. Seu pai andou de volta para o carro e o homem cambaleou para trás e caiu, como uma árvore. O pai tirou a mangueira do tanque de gasolina, colocou-a de volta no lugar e enroscou a tampa de novo.

Emma, o rosto encostado na janela, viu a mãe voltar do banheiro e percebeu o olhar para o estranho inconsciente e para o chão, uma expressão confusa. O pai a chamou e abriu a porta para ela antes de se sentar no banco do motorista.

Emma ficou de joelhos no banco e olhou pela janela traseira, esperando a polícia. O pai tinha passado a ser outra coisa, não apenas um pai. Era seu cavaleiro, seu protetor e, quando eles taxiavam em pistas particulares, Emma fechava os olhos e imaginava aquele momento, as palavras ditas, o homem caindo. Voava para o topo da troposfera, para os recantos sombrios do espaço, deslizando, sem peso, para uma única lembrança perfeita.

Então o comandante ligava o sinal de atar os cintos e Emma voltava à realidade. Era uma mulher de vinte e cinco anos com um trabalho a fazer. Por isso, levantava-se, alisava a saia, já abrindo seu sorriso conspiratório, mas profissional, pronta para fazer seu papel e seduzir os ricos. Não era difícil. Havia uma lista de coisas a conferir enquanto eles se preparavam para a decolagem e outra quando iniciavam o procedimento de descida. Cobertores eram distribuídos, drinques oferecidos outra vez. Às vezes, quando o voo era curto e a refeição tinha mais de

quatro pratos, o avião ficava parado na pista, enquanto a sobremesa e o café eram servidos. Quando o assunto eram viagens particulares de luxo, a jornada *era* o destino. Então, depois que os convidados haviam desembarcado, tinha a louça para lavar e guardar. Mas o verdadeiro trabalho sujo ficava com os funcionários locais; Emma e os outros desciam a escada e entravam em seus próprios carros chiques.

Emma Lightner vivia nos intervalos, mas eram as folgas que considerava mais deprimentes. Não era apenas o luxo do seu ambiente de trabalho que dificultava a volta à vida normal, nem o sedã caro que a levava para casa e a trazia para o trabalho, nem a precisão suíça e a opulência do avião. Não era apenas o fato de passar dias e noites cercada de milionários e bilionários, homens e mulheres que, enquanto lembravam os outros de que eram seus servos, também (caso a pessoa fosse bonita como Emma) faziam com que eles se sentissem parte do clube. Na economia de hoje, a beleza é um grande equalizador, uma permissão para frequentar os bastidores.

Para Emma, o que tornava tão difícil voltar para o minúsculo apartamento no West Village que ela dividia com duas colegas de trabalho era a possibilidade de perceber subitamente que, durante todas aquelas semanas viajando, ela havia sido uma bagagem na vida de alguém, um ator no palco de um teatro. Ela fora a acompanhante real, a concubina casta, imersa em servidão por várias semanas seguidas, até que as regras e os limites que havia estabelecido para sua vida profissional tinham se tornado também a base de sua vida pessoal. Ela percebia que se sentia cada vez mais solitária, um objeto a ser observado, mas nunca tocado.

Na sexta-feira, 21 de agosto, ela viajou de Frankfurt para Londres em um Learjet 60XR. Ela e Chelsea Norquist, uma finlandesa loura com um espaço entre os dentes da frente, estavam no avião. Os clientes eram executivos de uma petroleira alemã, vestidos de forma meticulosa e impecavelmente educados. Eles pousaram no aeroporto de Farnborough às seis da tarde, evitando toda a chatice e a burocracia de Heathrow ou Gatwick. Os executivos, de casaco e celulares grudados às orelhas, desceram a escada externa até uma limusine que os esperava na pista. Estacionada atrás dela, havia um SUV preto esperando para levar a tripulação para a cidade. Em Londres, o apartamento da companhia era em South Kensington, a alguns passos do Hyde Park. Emma já havia ficado ali pelo menos umas dez vezes. Tinha uma cama preferida, sabia para que bares e restaurantes próximos fugir, aqueles em que ela podia pedir uma taça de vinho ou uma xícara de café, abrir um livro e recarregar as energias.

O piloto do voo de Frankfurt, Stanford Smith, era um ex-tenente da Força Aérea Britânica de cinquenta e poucos anos. O copiloto, Peter Gaston, era um

fumante inveterado de trinta e seis anos nascido na Bélgica, que dava em cima de todas as aeromoças com uma tenacidade e um bom humor que, ironicamente, o faziam parecer inofensivo. Entre as tripulações da GullWing, ele tinha a fama de ser o cara a se procurar quando alguém precisava de ecstasy ou cocaína, o contato caso fosse necessário encontrar urina limpa de última hora, para um teste da companhia.

O trânsito na A4 estava congestionado. Sentada ao lado de Emma no banco do meio do Cadillac, Chelsea mexia no iPhone, acertando e revisando a agenda social para a noite. A aeromoça tinha vinte e sete anos e era uma festeira com uma quedinha por músicos.

— Não, pare — disse ela, rindo.

— Estou falando — anunciou Stanford, do banco traseiro. — Você tem que enrolar a calça. Não dobrar.

— *Merde!* — exclamou Peter. — Mas precisa de superfícies planas para empilhar as coisas.

Como todas as pessoas que viajavam a trabalho, Stanford e Peter achavam que eram especialistas na arte de arrumar malas. O assunto era uma fonte constante de brigas entre tripulações de todo o mundo. Às vezes, as diferenças eram culturais: os alemães achavam que os sapatos deviam ser guardados em bolsinhas, enquanto os holandeses eram estranhamente afeitos a porta-ternos. Veteranos testavam novatos de forma aleatória, em geral depois de alguns drinques, fazendo perguntas sobre a melhor estratégia para arrumar as malas, como um vestibular sobre possíveis viagens — uma passagem rápida no inverno de Bermudas para Moscou. Uma folga de dois dias em Hong Kong em agosto. Que tamanho e marca de mala? Um único casaco pesado ou camadas de roupas? A ordem em que as peças entravam na mala era essencial. Emma tinha pouco interesse no assunto. Achava que o que levava na mala era particular. Para mudar de assunto, ela dava um sorriso tímido e anunciava que dormia nua e nunca usava calcinha — o que era mentira. A moça usava pijamas de flanela para dormir, que enrolava separadamente e selava a vácuo em sacos plásticos reutilizáveis quando viajava. Mas a manobra geralmente fazia o assunto mudar de malas para nudez. Então Emma pedia licença e se afastava, deixando os outros continuarem o caminho para a conclusão natural: uma discussão sobre sexo.

No entanto, naquela noite, Emma estava cansada. Ela havia feito dois voos seguidos: de Los Angeles a Berlim com um diretor e uma atriz famosa para o lançamento de um filme, após o qual a equipe imediatamente reabastecera e voara para Frankfurt para buscar os executivos da petroleira. Ela havia dormido algumas

horas na primeira parte da viagem, mas, com a mudança de horário e a consciência de que precisava se manter acordada por pelo menos outras quatro horas, Emma estava abafando um bocejo.

— Ah, não — disse Chelsea, vendo-a. — Nós vamos sair hoje. O Farhad já combinou tudo.

Farhad era o namorado de Chelsea em Londres, um estilista que usava tênis de cano longo desamarrados e ternos justos. Emma gostava dele, mas, na última vez que estivera em Londres, ele havia tentado juntá-la com um artista esfarrapado que não conseguia manter as mãos longe dela.

Emma fez que sim com a cabeça e bebeu água de sua garrafa. Àquela hora no dia seguinte, ela estaria em um voo particular para Nova York, depois uma viagem rápida para Martha's Vineyard e iria para casa, na rua Jane, para uma semana de folga. Na cidade, ela planejava dormir quarenta e oito horas, depois se sentar e pensar em que diabo estava fazendo com sua vida. Sua mãe planejara ficar três noites na cidade e Emma estava animada para vê-la. Fazia tempo que não se viam, e Emma precisava muito do colo de mãe e de um prato de macarrão com queijo. Tinha planejado passar seu último aniversário em San Diego, mas um voo pelo dobro do pagamento normal surgira e ela o aceitara, o que a fizera passar seu aniversário de vinte e cinco anos congelando em São Petersburgo.

De agora em diante, pensou, colocaria suas necessidades — família e amor — em primeiro plano. Ela não suportaria acabar como uma daquelas viúvas de ricaços cheias de maquiagem e silicone nos seios. Já tinha idade suficiente. O tempo estava acabando.

Eles estacionaram diante da casa corporativa pouco depois das sete, o céu de Londres em um tom vivo de azul-escuro. A previsão era de chuva para o dia seguinte, mas, naquele momento, o clima de verão era perfeito.

— Parece que só vai haver outra tripulação hoje — disse Stanford, guardando o itinerário deles no bolso quando saíram do carro. — Da base de Chicago.

Emma sentiu uma pontada de algo — preocupação? pavor? —, mas sumiu rapidamente quando Chelsea apertou o braço dela.

— Um banho rápido e uma vodca, e vamos sair — disse ela.

Dentro da casa, eles encontraram Carver Ellis, o copiloto do voo de Chicago, e duas comissárias dançando ao som de músicas pop francesas dos anos 1960. Carver era negro, musculoso, com cerca de trinta anos. Usava calça de boca estreita e uma regata branca e sorriu ao vê-la. Emma voara com ele algumas vezes e gostava dele. Era alegre e sempre a tratava de maneira profissional. Ao vê-lo Chelsea soltou um leve ronronar. Ela tinha uma queda por negros. As aeromoças eram desconhecidas

para Emma. Uma americana loura e uma espanhola bonita, que estava de toalha.

— Agora a festa está completa — disse Carver, enquanto a tripulação de Frankfurt entrava.

Houve uma troca de apertos de mãos e abraços. Havia uma vodca Chopin no balcão da cozinha e uma caixa de suco de laranja fresco. Das janelas da sala de estar, eles viam a copa das árvores do Hyde Park. A música no rádio era um *looping* de *drum and bass*, sensual e contagiante.

Carver pegou a mão de Emma e ela se deixou ser girada. Chelsea jogou os sapatos longe e empinou o quadril, as mãos erguidas para o teto. Por alguns segundos, eles dançaram, deixando a energia da música e a vibração de suas libidos dominá-los. A música tinha uma batida que reverberava no quadril. Como era incrível ser jovem e estar vivo em uma cidade europeia moderna.

Emma foi a primeira a tomar banho, parada embaixo da água escaldante com os olhos fechados. Como sempre, sentiu nos ossos que ainda estava em movimento, ainda correndo pelo espaço a quatrocentas milhas por hora. Sem perceber, ela começou a cantarolar no box de vidro embaçado.

People of the Earth can you hear me?

Came a voice from the sky on that magical night.

Ela se secou com a toalha, a nécessaire pendurada em um gancho ao lado da pia. Era uma prova da eficiência da MAC, organizada por região — cabelo, dentes, pele, unhas. De pé, nua, ela escovou o cabelo com gestos compridos e regulares, depois passou desodorante. Usou hidratante, primeiro nos pés, depois nas pernas e nos braços. Era uma maneira de voltar ao chão, de lembrar a si mesma que era real, não apenas um objeto pairando no ar.

Ouviu uma batida rápida na porta e Chelsea entrou no banheiro com um copo na mão.

— Vaca — disse para Emma. — Odeio que você seja tão magra.

Ela passou o copo para Emma e usou ambas as mãos para espremer a gordura imaginária da própria barriga. O copo tinha sido preenchido até a metade de vodca e uma fatia de limão flutuava. Emma tomou um gole, depois outro. Sentiu a vodca se movimentar por seu corpo, aquecendo-a por dentro.

Chelsea sacou um envelope do bolso da saia e formou uma linha de cocaína na pia de mármore, trabalhando com eficiência profissional.

— Primeiro as damas — disse, entregando uma nota de um dólar enrolada para Emma.

Emma não era grande fã de cocaína — preferia ácido —, mas, se ia sair naquela noite, precisava de um incentivo. Ela se abaixou e pôs o rolinho no nariz.

— Tudo, não, gostosona — disse Chelsea, dando um tapa na bunda nua de Emma.

Emma se levantou, limpando o nariz. Como sempre, um clique físico estalou em sua cabeça quando a droga alcançou a corrente sanguínea, a sensação de que algo em seu cérebro estava sendo ligado.

Chelsea cheirou a carreira e esfregou o restante nas gengivas. Pegou a escova de Emma e começou a ajeitar o cabelo.

— Vai ser uma loucura hoje — disse. — Confie em mim.

Emma se enrolou em uma toalha, sentindo cada fio tocar a pele.

— Não posso prometer que vou ficar até muito tarde — afirmou.

— Se vier cedo para casa, vou sufocar você enquanto dorme — disse Chelsea. — Ou coisa pior.

Emma fechou a nécessaire. Virou o que sobrara da vodca. Imaginou o pai em uma camiseta branca suja, congelado para sempre aos vinte e seis anos. Ele andava em sua direção em câmera lenta. Atrás dele, um homem maior caiu no chão.

— Quero só ver, vadia — disse Emma. — Eu durmo com uma faca.

Chelsea sorriu.

— Essa é minha garota. Agora vamos sair daqui e ser muito bem comidas.

Ao sair do banheiro, Emma ouviu a voz de um homem. Mais tarde, ia se lembrar da maneira como seu estômago se revirou e o tempo pareceu ficar mais lento.

— Tirei a faca dele — disse o homem. — O que queria que eu fizesse? Quebrei o braço dele em três lugares também. Porra de Jamaica.

Entrando em pânico, Emma se virou para se esconder no banheiro, mas Chelsea estava atrás dela. Elas bateram as cabeças.

— Ai, merda — berrou Chelsea.

Todos na sala de estar olharam para elas. Viram Chelsea e Emma (de toalha branca) numa dança estranha, enquanto Emma fazia uma última tentativa de desaparecer. Então Charlie Busch estava de pé, andando na direção dela, os braços abertos.

— Oi, linda — disse. — Surpresa.

Encurralada, Emma se virou. A cocaína se voltara contra ela, deixando o mundo agitado e irregular.

— Charlie, Charlie — respondeu, tentando parecer animada.

Ele beijou as bochechas dela, segurando-a pelos ombros.

— Andou ganhando alguns quilinhos, não é? — disse. — Comeu sobremesa demais.

O estômago dela se revirou. Ele sorriu.

— É brincadeira — afirmou. — Você está linda. Ela não está linda?

— Está de toalha — disse Carver, sentindo o incômodo de Emma. — É claro que está linda.

— O que acha, querida? — perguntou Charlie. — Que tal se apressar e colocar alguma coisa sexy? Soube que temos grandes planos para hoje. Grandes planos.

Emma se forçou a sorrir e cambaleou até o quarto. A vodca fazia suas pernas parecerem de papel. Fechou a porta e apoiou as costas nela, permanecendo parada por um bom tempo, o coração disparado.

Porra, pensou. *Porra, porra, porra.*

Fazia seis meses desde a última vez que vira Charlie. Seis meses de ligações e mensagens. Ele parecia um perdigueiro atrás de uma presa. Emma havia trocado de telefone, bloqueado seus e-mails e excluído o piloto de seu Facebook. Ignorara suas mensagens de texto, ignorara a fofoca das colegas, a maneira como ele falava mal dela pelas costas, como ele chamava outras meninas pelo nome dela na cama. Suas amigas haviam dito para ela dar queixa na companhia, mas Emma tinha medo. Charlie era sobrinho de alguém, pelo que ela lembrava. Além disso, ela sabia que era o dedo-duro que era demitido.

Havia se saído tão bem, pensou. Tinha estabelecido regras e as mantido. Era a moça com a cabeça boa. Charlie tinha sido seu único erro. Na verdade, não era culpa dele. O piloto não podia evitar que alguém sentisse atração por ele. Era alto, bonito, com um ar de malandro. Um sedutor de olhos verdes, que fazia Emma se lembrar do pai. O que, claro, era o que ele era. Charlie ocupava o mesmo espaço que seu pai, incorporava o mesmo arquétipo, o solitário forte e silencioso, o Bom Homem. Mas era uma miragem. Na verdade, Charlie não era nada parecido com seu pai. Para ele, a aura de bom moço era só encenação. Seu pai era confiante, mas Charlie era arrogante. Tinha encantado Emma, seduzindo-a com empatia e entusiasmo e, depois, do nada, se tornara o Sr. Hyde, humilhando-a em público, dizendo que ela era uma vagabunda burra e gorda.

De início, ela considerara a mudança como culpa sua. Claramente, ele estava reagindo a alguma coisa. Talvez ela tivesse ganhado alguns quilos. Talvez estivesse flertando com o príncipe saudita. Mas, então, quando o comportamento dele se intensificara — e culminara em um sufocamento assustador na cama —, ela percebera que Charlie era maluco. O ciúme e a maldade eram o lado ruim de seu coração bipolar. Ele não era um bom homem. Era um desastre natural. Por isso, Emma fizera o que qualquer pessoa sã faz diante de um desastre natural. Fugira.

Ela se vestiu depressa, escolhendo a roupa que lhe caía menos bem. Tirou a

maquiagem das bochechas com uma toalha, as lentes de contato, pôs os óculos de gatinho que havia comprado no Brooklyn. Seu instinto avisava que ela devia dizer que estava enjoada e ficar em casa, mas ela sabia o que Charlie faria. Ia se oferecer para ficar e cuidar dela e a última coisa que Emma conseguiria aguentar seria acabar sozinha com ele.

Alguém esmurrou a porta do quarto, assustando Emma.

— Vamos logo, piranha — berrou Chelsea. — O Farhad está esperando.

Emma pegou o casaco. Ia ficar perto dos outros, do lado de Chelsea e Carver, agarrada à espanhola bonita. Grudaria neles como cola e então, no momento certo, sairia de fininho. Voltaria para o apartamento, pegaria suas coisas e iria para um hotel, com um nome falso. E, caso ele tentasse alguma coisa, ela ligaria para a companhia no dia seguinte e prestaria uma queixa formal.

— Já vou — gritou ela, fazendo as malas rapidamente.

Ela ia colocar a mala ao lado da porta e sair antes que alguém percebesse. Dez segundos para entrar e sair. Ela conseguiria. Queria mudar de vida de qualquer maneira. Aquela era a chance dela. Ao abrir a porta, percebeu que o ritmo de seu coração quase voltara ao normal. Então, viu Charlie parado à porta, sorrindo com seus olhos de raio-X.

— Está bem — disse Emma. — Estou pronta.

DOR

O TRÁFEGO MATINAL — humano e veicular — segue pela Sexta Avenida em ritmo inconstante. Cada corpo, carro ou bicicleta é uma molécula de água que viajaria em linha reta em velocidade máxima, caso não houvesse outras moléculas disputando espaço em um canal cada vez menor, como um oceano passando por uma mangueira. É um mar de fones, de corpos se movendo no próprio ritmo. Mulheres de tênis mandam mensagens a caminho do trabalho, suas mentes a quilômetros de distância, taxistas observam a rua enquanto analisam as mensagens no celular, vindas de terras distantes.

Doug está parado diante da entrada do prédio da ALC, fumando um último cigarro. Ele dormiu três horas nos últimos dois dias. Se alguém cheirasse sua barba, sentiria toques de uísque, cheeseburguers comprados em *drive-throughs* e o traço terroso de uma Brooklyn Lager. Seus lábios estão rachados, as sinapses seguindo em alta velocidade por diversas direções. É uma máquina de vingança, que se convenceu de que a verdade é subjetiva e que um homem enganado tem o direito, não o dever moral, de Acertar as Contas.

Krista Brewer, a produtora de Bill Cunningham, o encontra no saguão, andando rápido, quase correndo. Ela abre caminho e empurra um homem negro com uma bolsa carteiro, os olhos focados na figura indecisa de Doug.

— Oi, Doug — diz, sorrindo como um negociador em um sequestro que aprendeu a nunca perder o contato visual. — Krista Brewer. A gente conversou por telefone.

— Onde está o Bill? — pergunta Doug, nervoso, começando a ficar em dúvida. Em sua cabeça, ele tinha uma imagem de como aquilo aconteceria. E não era daquela maneira.

Ela sorri.

— Lá em cima. Mal pode esperar para ver você.

Doug franze a testa, mas ela o pega pelo braço e o guia até a segurança, chegando a um elevador de portas abertas. É a hora do rush da manhã e eles se espremem com outras dezenas de moléculas, todas destinadas a vários andares, diversas vidas.

Dez minutos depois, Doug se vê em uma cadeira diante de um espelho triplo,

emoldurado por luzes fortes. Uma mulher com muitos braceletes escova o cabelo e passa base em sua testa, antes de salpicar pó compacto.

— Tem planos para o fim de semana? — pergunta ela.

Doug balança a cabeça. Sua esposa acabou de colocá-lo para fora de casa. Ele passou as primeiras doze horas bêbado e as últimas três dormindo na caminhonete. Sente-se como Humphrey Bogart em *O tesouro de Sierra Madre*, a mesma sensação enlouquecida de perda (tão perto!), não que a questão seja o dinheiro. São os princípios. Eleanor é sua esposa e o garoto pertence a eles e, sim, cento e três milhões de dólares (além de outros quarenta pelos imóveis) é muito dinheiro e, sim, ele já mudou sua visão de mundo, esbaldando-se com a ideia de que agora é um homem rico. E, não, ele não acha que dinheiro resolve todos os problemas, mas com certeza vai facilitar a vida deles. Ele pode terminar o restaurante, sem problemas, e finalmente concluir aquele romance. Podem pagar babás para o menino, talvez reformar a casa de Croton para os fins de semana e se mudar para a casa no Upper East Side. Só a máquina de cappuccino dos Bateman vale a mudança. E, sim, ele sabe que está sendo fútil, mas não é esse o objetivo do movimento artesanal, de volta à simplicidade: garantir que tudo que fazemos seja ponderado e perfeito? Que cada bocado de cada refeição, cada passo de cada dia, tudo, dos travesseiros de fibra de cânhamo às bicicletas montadas à mão, seja um *koan* do Dalai Lama.

Somos os inimigos da industrialização, assassinos do mercado de massa. Chega de "servir 10 bilhões". Agora é a vez de uma refeição por vez, ovos produzidos por nossas próprias galinhas, água com gás produzida por nosso próprio tanque de CO^2. Essa é a revolução. A volta ao solo, ao tear, à imobilidade. No entanto, a luta é difícil, a maneira como cada homem deve abrir seu caminho com as próprias mãos em busca de algum tipo de futuro. Superar os obstáculos da juventude e *se estabelecer* sem se perder no caminho. E o dinheiro ajudaria nesse sentido. Ele acabaria com as preocupações, com o risco. Especialmente agora, com o menino e com as dificuldades que isso pode trazer — caso, tipo, ele não estivesse ainda pronto para tanta responsabilidade, para pôr suas necessidades de lado por causa das necessidades de alguém pequeno e irracional que não sabe nem limpar a própria bunda.

Na cadeira, ele começa a suar. A maquiadora seca sua testa.

— Talvez seja melhor tirar o casaco — sugere ela.

Mas Doug está pensando em Scott, na cobra em seu lar e em como aquele filho da mãe simplesmente chegou como se fosse dono do lugar, como se, só porque tem um laço com o menino, ele tivesse sido convidado a se mudar para lá.

E o que Doug tinha feito para merecer ser posto para fora da própria casa? É, tudo bem, ele chegou bêbado depois da meia-noite e talvez estivesse um pouco irritado e exaltado, mas era a casa dele no fim das contas. E ela é a esposa *dele*. E em que tipo de mundo bizarro estamos vivendo em que um pintor fracassado tem mais direito de ser o homem da casa do que ele? Então ele disse tudo aquilo a Eleanor, mandou que ela pedisse ao cara que fizesse as malas assim que o sol nascesse. Disse que ela era esposa dele e que ele a amava e que tinham uma coisa linda, uma coisa que valia a pena proteger, valorizar, principalmente agora que eram *pais*, certo? Que ele era pai.

E Eleanor ouviu. Apenas ouviu. Permaneceu sentada, imóvel. Não ficou chateada. Não pareceu com medo nem irritada nem... nada. Apenas o ouviu falar e andar, batendo os pés, pelo quarto. Então — quando sua energia acabou —, disse que queria o divórcio e que ele devia dormir no sofá.

Krista volta sorrindo. Estão prontos para ele, informa. Bill está pronto e ela diz que Doug foi tão *corajoso* por ter vindo e que o país, o mundo, agradece muito pelo fato de haver homens como ele, dispostos a falar a verdade, mesmo que seja difícil. E Doug assente. Isso o descreve. Ele é o homem comum, nobre, esforçado. Um homem que não reclama nem exige, mas que espera que o mundo seja justo com ele. Que espera um dia de trabalho para um dia de pagamento. Espera que a vida que construiu, a família que criou, seja sua vida, sua família. Ele a mereceu e ninguém deveria tirar isso dele.

Um bilhete de loteria vencedor deveria continuar sendo ganho.

Por isso ele tira o babador de papel e sai para cumprir seu destino.

★ ★ ★

— Doug — diz Bill —, obrigado por ter vindo aqui hoje.

Doug faz que sim com a cabeça, tentando não olhar para a câmera. "Concentre-se apenas em mim", dissera Bill. E é isso que ele faz, concentra-se nas sobrancelhas do outro homem, na ponta de seu nariz. Bill Cunningham não é bonito, não da maneira tradicional, mas tem aquela postura de macho alfa — a indefinível combinação de força, carisma e confiança, o olhar penetrante e o quadril empinado de um homem no auge de seu assombroso impacto global. É algo físico? Feromônios? Uma aura? Por algum motivo, Doug pensa na maneira como um cardume de tubarões menores se espalha quando um tubarão-branco se aproxima. A maneira como cervos simplesmente se entregam aos caninos de um

lobo, parando de lutar e deitando-se imóveis, dominados por forças inevitáveis e irresistíveis.

E então ele pensa: *Será que sou o cervo?*

— Estamos vivendo um momento difícil — diz Bill. — Você não acha?

Doug pisca.

— Se eu acho que estamos passando por um momento difícil?

— Para você. Para mim. Para os Estados Unidos. Estou falando de perda e injustiça.

Doug assente. Essa é a história que ele quer contar.

— Foi uma tragédia — afirma. — Todos nós sabemos disso. O acidente e como...

Bill se inclina para a frente. A transmissão está sendo enviada por satélite para novecentos milhões de possíveis televisores em todo o mundo.

— Para as pessoas que não conhecem a história tão bem quanto eu — diz —, conte um pouco como foi.

Doug se remexe, nervoso, percebe que está se remexendo e dá de ombros, em um movimento estranho.

— Bem, é, vocês sabem sobre o acidente. A queda do avião. E como duas pessoas sobreviveram. J.J., meu sobrinho. O... sobrinho da minha mulher. E esse pintor, Scott alguma coisa, que supostamente nadou até a praia.

— Supostamente?

— Não — responde Doug, recuando. — Só estou falando uma coisa que você... Quer dizer, foi uma atitude heroica. Claro, mas isso não...

Bill balança a cabeça de forma imperceptível.

— E então vocês o acolheram — afirma. — Seu sobrinho.

— É. Claro. Quer dizer, ele só tem quatro anos. E os pais dele... morreram.

— É — diz Bill. — Você o acolheu porque é um homem bom. Um homem que se preocupa em fazer a coisa certa.

Doug faz que sim com a cabeça.

— A gente não tem muita coisa, sabe — continua Doug. — Somos... Sou escritor e a Eleanor, minha mulher, é uma fisioterapeuta.

— Uma cuidadora.

— Isso, mas, bom, o que quer que a gente tenha é dele. Ele é da família, sabe? O J.J.? E veja...

Doug respira fundo, tentando se concentrar na história que quer contar.

— Veja, eu não sou perfeito.

— E quem é? — pergunta Bill. — Além disso, você... Quantos anos você tem

mesmo?

— Trinta e quatro.

— Um bebê.

— Não... Quer dizer, eu trabalho duro, sabe? Estou tentando abrir um restaurante, reconstruir... E também... E, tudo bem, às vezes, eu bebo algumas cervejas.

— Quem não bebe? — retruca Bill. — No fim de um longo dia. Na minha opinião, é isso que faz de um homem um patriota.

— Isso... Olhe, o cara é um herói, o Scott... Óbvio, mas... Bom, ele meio que se mudou lá para casa...

— Scott Burroughs? Ele se mudou para a sua casa?

— Bem, ele... Ele apareceu dois dias atrás para ver o menino, que... Mais uma vez... Ele salvou o garoto, não foi? Então isso... Ninguém está dizendo que ele não pode *ver* o J.J. Mas... a casa de um homem deveria ser dele... E minha esposa... Bom, ela está tendo que lidar com muita coisa, com o menino... É muita coisa para processar... Então talvez ela só esteja... confusa, mas...

Bill morde o lábio. Apesar de não estar demonstrando para o público em casa, está perdendo a paciência com Doug, que claramente é pirado e que — se ficar por conta própria — vai implodir sem contar a história que Bill quer que ele conte.

— Deixe-me ver — interrompe ele. — Não quero interromper, mas deixe-me ver se posso esclarecer as coisas aqui porque, bem, claramente, você está chateado.

Doug assente. Bill se vira um pouco, para falar com a câmera.

— A irmã da sua esposa e o marido dela morreram, junto com a filha, sob circunstâncias muito suspeitas, na queda de um avião particular, deixando o filho, J.J., órfão aos quatro anos. Por isso, você e sua esposa o acolheram, por bondade, e estavam tentando dar a ele uma família, ajudá-lo a superar esse momento horrível. Então outro homem, Scott Burroughs, que, segundo boatos, estava envolvido romanticamente com sua cunhada, que foi visto pela última vez deixando a casa de uma herdeira devassa e notoriamente solteira, se mudou para a sua casa, enquanto você, nesse meio-tempo, foi posto para fora por sua esposa.

Ele se vira para Doug.

— Você foi expulso de casa — diz. — Vamos ser diretos. Onde dormiu na última noite?

— Na minha caminhonete — murmura Doug.

— O quê?

— Na minha caminhonete. Dormi na minha caminhonete.

Bill balança a cabeça.

— Você dormiu em uma caminhonete, enquanto Scott Burroughs dormia na sua casa. Com a sua mulher.

— Não. Quer dizer, não sei se alguma... Se eles têm um caso... Não estou...

— Rapaz, por favor. O que mais poderia ser? O homem salvou o menino, supostamente, e sua mulher o levou para casa, levou os dois, como se quisesse criar... O quê? Uma nova família? Quem se importa se o atual marido dela está sem casa agora? De coração partido.

Doug faz que sim com a cabeça, a vontade de chorar, de repente, é incontrolável. Mas ele se contém.

— Não se esqueça do dinheiro — diz Doug de maneira inocente.

Bill assente. *Bingo*.

— Que dinheiro? — pergunta, ingenuamente.

Doug enxuga os olhos, ciente de que está encolhido. Ele se empertiga, tentando recuperar o controle.

— Bom, o David e a Maggie, os pais do J.J... Eles... Você sabe... Ele dirigia esse canal. Não quero falar mal, mas... Quer dizer, eram pessoas muito ricas.

— Quanto valiam? Aproximadamente.

— Bem, não sei se deveria...

— Dez milhões, cinquenta?

Doug hesita.

— Mais? — pergunta Bill.

— Talvez o dobro — responde Doug, relutante.

— Uau. Está bem. Cem milhões de dólares. E esse dinheiro...

Doug esfrega a barba rapidamente algumas vezes, como se tentasse acordar.

— Grande parte vai para a caridade — explica —, mas, claro, o resto é do J.J. Vai para um fundo. Mas ele tem quatro anos, então...

— Está dizendo... Acho que está dizendo que quem ficar com o menino, fica com o dinheiro.

— Isso é uma maneira grosseira de...

Bill o encara com desdém.

— Prefiro a palavra *direta*. Quer dizer que... E talvez eu esteja sendo burro, mas há dezenas de milhões de dólares em jogo para quem cuidar dessa criança. Que é meu afilhado, devo acrescentar. Então... É... Eu não... Pelo bem da transparência... Não estou sendo nada objetivo. Depois do que ele passou, a morte dos... De todo mundo que ele ama... O fato de esse menino estar se tornando um peão...

— Bom, quer dizer, a Eleanor não... Ela é uma boa pessoa. Quer o bem dele.

Eu só... Eu acho que ela deve estar... É algum tipo de manipulação.

— Feita pelo pintor.

— Ou, não sei, talvez o dinheiro, a ideia dele, tenha mudado ela de alguma maneira.

— Porque você achava que tinha um casamento feliz.

— Bem, quer dizer, sempre há brigas, certo? A gente nem sempre... Mas isso é... Quando se tem vinte, trinta anos... É difícil. A vida. Deixar sua marca? E a gente devia ficar... um ao lado do outro, não...

Bill faz que sim com a cabeça e recosta-se na cadeira. No bolso direito da calça, seu celular vibra. Ele o pega e olha para a mensagem de texto, estreitando os olhos. Enquanto faz isso, uma segunda mensagem chega, depois uma terceira. Namor grampeou o telefone da casa da esposa e está escrevendo para dizer que soube de alguma coisa.

"Ligação entre o nadador e a herdeira ontem à noite. Coisa quente."

Seguida por...

"Também entre o nadador e a polícia. Caixa-preta danificada."

Seguida por...

"Nadador admite ter dormido com herdeira."

Bill guarda o telefone e estica-se para atingir o máximo de altura possível sentado.

— Doug — diz —, e se eu dissesse que conseguimos confirmar que Scott Burroughs dormiu com Layla Mueller, a herdeira, apenas horas antes de ir para sua casa?

— Bem, quer dizer...

— E que ele ainda está falando com ela, ligando para ela da sua casa?

Doug sente a boca secar.

— Certo. Mas... Isso significa... Você acha... Ele está *com* minha mulher ou...

— O que você acha?

Doug fecha os olhos. Não está preparado para aquilo, os sentimentos que está vivenciando, a sensação de que, de alguma maneira, nas últimas semanas, ele passou de vencedor a perdedor, como se sua vida fosse uma brincadeira que o mundo está fazendo com ele.

No estúdio, Bill dá vários tapinhas na mão de Doug.

— Voltamos já — diz.

BALAS

QUEM DENTRE NÓS entende de verdade como uma gravação funciona? Como uma máquina de Edison, antigamente, criava ranhuras em um cilindro de vinil e, a partir dessas ranhuras, quando tocada com uma agulha, gerava a réplica exata dos sons gravados. Palavras ou música. Mas como é possível que uma agulha e ranhuras recriem o som? Que um arranhado em um círculo de plástico capture o timbre exato da vida? E então a mudança para o digital e a maneira como a voz humana agora passa pelo microfone até o *hard drive* e é transformada em zeros e uns, de algum modo, traduzida em dados e depois remontada através de fios e alto-falantes para recriar o tom e a entonação precisos do discurso humano, os sons do reggae ou o canto dos pássaros em um dia de verão.

É apenas uma das milhões de magias que dominamos com o passar dos séculos, tecnologias inventadas — de próteses anatômicas a máquinas de guerra —, com origens que podem ser localizadas nos dias sujos dos neandertais e da criação do fogo. Ferramentas para a sobrevivência e a conquista.

E a maneira como, dez mil anos depois, homens de calça jeans skinny e óculos redondos podem desmontar uma caixa-preta em uma sala esterilizada e cutucá-la com chaves de fenda e lasers. Como eles podem substituir portas danificadas e usar softwares de diagnóstico, também criados a partir de código binário. Cada linha simplesmente uma versão de *ligado* ou *desligado*.

Gus Franklin se senta no encosto da cadeira, os pés no assento. Está acordado há trinta e seis horas, usando as roupas do dia anterior, a barba por fazer. Estão quase lá. É o que dizem a ele. Quase todas as informações foram recuperadas. Terão uma transcrição a qualquer momento, o registro das informações do voo detalhando cada movimento que o avião fez, cada comando pedido. O gravador de voz pode levar mais tempo — a capacidade de eles voltarem no tempo, traduzirem os códigos em vozes, aumentando suas possibilidades de ação na cabine fantasma, e testemunharem os últimos momentos do voo.

A análise balística mostrou que os buracos de bala correspondem à arma de trabalho de Gil Baruch. O agente O'Brien — cansado de ficar parado perto dos técnicos do Conselho Nacional de Segurança nos Transportes e perguntar: "Falta

muito?" — está na cidade, tentando descobrir mais sobre o guarda-costas dos Bateman. Como seu corpo está desaparecido, o agente O'Brien criou outra teoria. Talvez Gil tenha se voltado contra o patrão, vendido seus serviços para outro (al-Qaeda? Coreia do Norte?) e — depois que o avião já estava no ar — sacado sua arma, derrubado o avião de alguma maneira e depois fugido.

"Tipo um vilão dos filmes do James Bond?", perguntou Gus, sem obter resposta. Ele havia sugerido a O'Brien a teoria mais provável de que Baruch, que, pelo que sabiam, não estava com o cinto de segurança, tinha morrido na queda e seu corpo fora jogado longe, engolido pelas profundezas ou comido por tubarões. Mas O'Brien balançara a cabeça e respondera que eles precisavam investigar tudo.

Paralelamente, o resultado da autópsia de Charles Busch tinha chegado uma hora antes. O exame toxicológico dera positivo para álcool e cocaína. Agora há uma equipe do FBI analisando mais a fundo o passado do copiloto, entrevistando amigos e familiares, revistando o histórico escolar e de trabalho. Não havia vestígios de nenhum problema de saúde mental em seu arquivo. Ele tivera um surto psicótico, como o copiloto da Germanwings? Será que Busch sempre fora uma bomba-relógio e, de algum modo, conseguira manter isso em segredo?

Gus olha para a galeria de arte nos fundos do hangar. Um trem descarrilado. Um tornado se aproximando. Ele já foi casado, duas escovas de dentes no mesmo armário. Agora mora sozinho em um apartamento sem graça às margens do Hudson, fechado hermeticamente dentro de um cubo de vidro. Tem uma escova de dentes, bebe do mesmo copo em toda refeição, lava-o e o põe no escorredor para secar.

Um técnico chega trazendo uma pilha de papéis. A transcrição. Ele a entrega a Gus, que a analisa rapidamente. Sua equipe se reúne em torno dele, esperando. Em algum lugar, as mesmas informações estão sendo inseridas em uma tela, cercada por um segundo grupo. Todos estão procurando uma narrativa, uma história contada em latitudes e altitudes, a ascensão e queda literal do Voo 613.

— Cody — diz Gus.

— Estou vendo — responde Cody.

Os dados são apenas números. Vetores de empuxo e sustentação. São limpos. Gráficos. Para traçar matematicamente a jornada, basta ter as coordenadas. Lendo as informações, Gus vive os momentos finais da viagem da aeronave — os dados são separados das vidas e das personalidades dos passageiros e da tripulação. Trata-se da história do avião, não das pessoas a bordo. Registros de desempenho do motor, especificidades dos *flaps*.

As cenas de desastres que o cercam, a galeria de arte e seus patronos, são

esquecidas.

Os dados mostram que o voo decolou sem incidentes, virando para a esquerda, depois voando reto. O avião chegou a vinte mil pés em um período de seis minutos e treze segundos, como ordenado pela torre de controle. No sexto minuto, o piloto automático foi ligado e o voo seguiu para sudoeste, acompanhando a rota planejada. Nove minutos depois, o controle do avião foi passado do piloto para o copiloto, de Melody para Busch, por motivos que os dados não conseguem explicar. O curso e a altitude se mantiveram constantes. Então, depois de dezesseis minutos de voo, o piloto automático foi desligado. O avião foi inclinado para a frente e mergulhou, o que começou com uma lenta virada para bombordo e se tornou uma espiral rápida, como a de um cachorro louco tentando morder o próprio rabo.

Todos os sistemas estavam normais. Não havia ocorrido um erro mecânico. O copiloto tinha desligado o piloto automático e assumido o controle manual. Ele fizera o avião mergulhar e, por fim, cair no mar. Aqueles eram os fatos. Agora eles sabiam a causa. O que não sabiam era (a) por quê? e (b) o que havia acontecido depois? Sabiam que Busch estava bêbado e drogado. Será que sua percepção havia sido alterada pelas drogas? Achava que estava pilotando o avião normalmente ou sabia que havia começado um movimento mortal?

Mais importante: o copiloto havia esperado o piloto sair para derrubar o avião propositalmente? Por que havia feito isso? Que motivos poderiam estar por trás de tal decisão?

Gus se sentou por um instante. Em volta dele, há uma agitação repentina, números aplicados a algoritmos, verificações. Mas ele está imóvel. Agora tem certeza. A queda não foi um acidente. Sua causa não estava na ciência das forças de tração nem no desgaste de juntas. Ela não foi causada por falhas nos computadores nem por defeitos hidráulicos, mas pelas questões sombrias da psicologia, pelo tormento e pela tragédia da alma humana. Por que um homem saudável, bonito e jovem tinha jogado um avião com passageiros em um mergulho profundo e irrevogável, ignorando as batidas apavoradas do comandante fora da cabine e os berros do próprio instinto de sobrevivência? Que tipo de base irregular havia se enraizado na massa cinzenta de seu cérebro, que doença mental não diagnosticada ou dor ensurdecedora recente pelas injustiças do mundo poderiam incitar o sobrinho de um senador a matar nove pessoas, incluindo ele mesmo, ao transformar um jato particular em um míssil?

Será que eles podiam concluir, então, que os tiros haviam sido uma tentativa de entrar na cabine e controlar o avião?

A solução para aqueles mistérios, em outras palavras, estava fora do alcance dos engenheiros, estava no mundo da especulação.

Tudo que Gus Franklin pode fazer é cerrar os dentes e atravessar a tempestade.

Ele pega o telefone, depois pensa melhor. Notícias como aquela, depois de tantos vazamentos, devem ser dadas pessoalmente. Por isso ele pega o paletó e anda até o carro.

— Estou indo para aí — diz ele à sua equipe. — Me liguem quando os técnicos conseguirem a gravação.

JOGOS

ELES ESTÃO BRINCANDO com um jogo de tabuleiro na sala de estar quando o telefone toca. "O Doug está na TV." Eleanor volta da cozinha, o telefone trêmulo. Olha nos olhos de Scott, faz um gesto para comunicar que precisam de uma maneira de manter o menino ocupado para conversarem.

— Ei, amigão, você pode ir pegar minha mala lá em cima? Trouxe um presente para você — pede Scott.

O menino corre para o segundo andar, o cabelo balançando às costas, em uma cascata de passos pela escada. Eleanor o observa, depois se vira, o rosto pálido.

— O que houve? — pergunta Scott.

— Minha mãe — diz ela, procurando o controle remoto.

— O quê?

Ela apalpa a gaveta de tralhas abaixo da TV.

— Cadê o controle?

Scott olha para a mesinha de centro e o pega. Eleanor o tira de sua mão e liga a TV. A tela preta pisca, uma estrela central ganha vida, torna-se som, dando à luz um elefante na savana, andando em busca de água. Eleanor troca de canal, procurando.

— Não estou entendendo — diz Scott.

Ele olha rapidamente para a escada. Acima dele, ouve os passos do menino, a porta do armário se abrindo no quarto de hóspedes.

Então Eleanor arqueja e Scott se vira em sua direção. Na tela, Doug, de camisa de flanela e barba, aparece sentado diante de Bill Cunningham e seus suspensórios vermelhos. Estão em um cenário de telejornal, atrás da bancada do âncora. É uma imagem surreal, como se dois programas diferentes tivessem sido montados, lado a lado. Um programa sobre dinheiro e outro sobre árvores. A voz de Doug, na metade de uma frase, preenche a sala. Ele está falando de Scott, de como Eleanor expulsou o próprio marido de casa e que talvez Scott só queira o dinheiro. Bill Cunningham assente e o interrompe, reafirmando a opinião de Doug e, em determinado momento, interrompendo-o para contar a história sozinho:

— Um pintor fracassado que dorme com mulheres casadas e idolatra cenas de desastres.

Scott olha para Eleanor, que está segurando o controle com força no peito, os nós dos dedos da mão pálidos. Por algum motivo, ele pensa em sua irmã, deitada em um caixão, uma menina de dezesseis anos que se afogou em um dia do fim de setembro, engolida pelas profundezas sombrias, bolhas de ar se erguendo. Um corpo virginal que tivera que ser seco e limpo, forçado a entrar em seu melhor vestido por um agente funerário de quarenta e seis anos, um estranho que cobrira a pele dela com blush e escovara o cabelo emaranhado pela água até que brilhasse. E a maneira como as mãos dela haviam sido levadas ao peito, um ramo de margaridas amarelas preso entre os dedos imóveis.

E no fato de sua irmã ter alergia a margaridas, o que havia incomodado Scott sem parar, até ele perceber que não importava mais.

— Eu não entendo — diz Eleanor.

Então ela repete a frase, mais baixinho dessa vez, para si mesma, um mantra.

Scott ouve passos na escada e se vira. Intercepta o menino enquanto ele desce correndo a escada, trazendo a mala de Scott, um olhar confuso (e talvez magoado), como se dissesse: "Não consegui achar o presente." Scott se aproxima dele agachado, bagunça seu cabelo e, suavemente, o faz seguir para a cozinha.

— Não conseguiu achar? — pergunta o pintor.

O menino balança a cabeça.

— Tudo bem — diz Scott. — Pode deixar que eu procuro.

Ele faz o menino se sentar à mesa da cozinha. Do lado de fora, um caminhão do correio estaciona na calçada. O carteiro usa um capacete em estilo antigo. Além dele, Scott vê as antenas erguidas dos carros de reportagem, estacionados no fim da rua sem saída, esperando, observando. O carteiro abre a caixa do correio e coloca uma propaganda de supermercado e algumas contas dentro dela, alheio ao drama que acontece dentro da casa.

Da sala de estar, Scott ouve Doug dizer:

— A gente estava bem antes de ele aparecer. Estávamos felizes.

Scott vasculha a mala, procurando alguma coisa que possa considerar um presente. Encontra a caneta-tinteiro que seu pai lhe dera quando fora para a faculdade. Uma Montblanc preta. Tinha sido a única coisa que Scott mantivera com o passar dos anos, na sorte e no azar, a única constante enquanto ele procurava seu caminho entre bebedeiras, entre suas fases de *grande pintor*, que haviam desabado em períodos execráveis de medo, de entorpecimento pela bebida, de identificação com o fracasso. E, depois, durante o ressurgimento das cinzas, a criação de um novo conjunto de obras. Um novo começo.

Mesmo no fundo do poço, quando jogara todos os seus móveis pela janela,

todos pratos e talheres, tudo o que tinha.

Com exceção da caneta.

Ele assina os quadros com aquela caneta.

— Tome — diz ao menino, tirando-a da bolsa.

O garoto sorri. Scott desenrosca a tampa, mostra ao menino como funciona, usa-a para desenhar um cachorro em um guardanapo.

— Meu pai me deu isso quando eu era mais novo — diz, antes de perceber a sugestão de que agora está passando a caneta para o próprio filho. De algum modo, ele adotou o menino.

Ele deixa esse pensamento de lado. A vida pode nos paralisar, nos transformar em estátua se pensamos nas coisas por muito tempo.

Scott entrega a caneta para o menino, sem dúvida o último vestígio do homem que ele fora um dia, sua espinha dorsal, a única coisa nele que havia se mantido correta e verdadeira, infalível, confiável. Ele já havia sido um menino também, um explorador partindo para terras desconhecidas. Nenhuma célula daquele menino resta, o corpo de Scott mudou em termos genéticos, todos os elétrons e nêutrons foram substituídos com o passar das décadas por novas células, novas ideias.

Um novo homem.

O menino pega a caneta, tenta riscar o guardanapo, mas não consegue desenhar uma linha.

— É... — diz Scott. — É uma caneta-tinteiro, então você tem que segurar...

Ele pega a mão do menino, mostra a ele como segurar. Da cozinha, ouve Bill Cunningham dizer:

— Então, primeiro, ele ficou amigo da irmã, uma mulher rica. E agora que ela morreu e o dinheiro passou para o filho dela... De repente, ele está na sua casa e você está dormindo em uma caminhonete velha.

O menino faz uma linha preta com a caneta e então desenha outra. Solta uma exclamação de alegria. Enquanto o observa, algo se encaixa dentro de Scott. Uma noção de objetivo, uma decisão que não sabe que está tomando. Ele anda até o telefone, como um homem caminhando sobre brasas, determinado a não olhar para baixo. Liga para o auxílio à lista, consegue o número da ALC, depois pede para o conectarem com o escritório de Bill Cunningham. Depois de algumas transferências erradas, ele chega até Krista Brewer, a produtora de Bill.

— Sr. Burroughs? — diz ela, parecendo sem fôlego, como se tivesse corrido um longo caminho para chegar ao telefone.

Por causa da natureza do tempo, aquele segundo parece interminável e instantâneo.

— Diga que eu aceito — informa Scott.

— Desculpe?

— A entrevista. Vou fazer.

— Uau. Ótimo. Quer que a gente... Eu sei que temos um carro de reportagem aí perto. Quer que...

— Não. Fiquem longe da casa e do menino. Isso é entre mim e esse sujeito grotesco. Uma conversa sobre como um idiota covarde tenta ser homem provocando e menosprezando pessoas à distância.

A voz dela, no instante seguinte, só podia ser descrita como *eufórica*.

— Podemos citar essa frase?

Scott pensa na irmã, as mãos cruzadas, os olhos fechados. Pensa nas ondas, enormes, no esforço para continuar boiando com um braço deslocado.

— Não — diz. — Vejo vocês à tarde.

SENTIMOS MUITO PELA SUA PERDA.★

★ (Letras brancas em uma tela preta).

GUS ESTÁ NA Segunda Avenida, voltando para o hangar quando alguém liga.

— Você está acompanhando isso? — pergunta Mayberry.

— Acompanhando o quê? — indaga ele.

Estava perdido em seus pensamentos, ruminando sobre a reunião com o procurador-geral e com os diretores do FBI e da Agência de Controle de Ativos Estrangeiros. O copiloto estava drogado. Derrubou o avião de propósito.

— Virou uma novela — explica Mayberry. — Doug, o tio, foi à TV e disse que havia sido expulso de casa e que o Burroughs tinha se mudado para lá. E agora estão dizendo que o Burroughs foi para o estúdio para dar uma entrevista.

— Meu Deus — diz Gus.

Ele pensa em ligar para Scott e avisá-lo, mas lembra que o pintor não tem celular. Gus diminui a velocidade em um sinal vermelho e um táxi aparece sem dar seta na frente, forçando-o a pisar com força no freio.

— Como estamos com o gravador de voz do voo? — pergunta.

— Perto — responde Mayberry. — Uns dez minutos, talvez.

Gus se junta a uma fila de carros que seguem para a ponte da rua Cinquenta e Nove.

— Ligue assim que conseguir — pede ele. — Estou voltando.

★ ★ ★

Quase cem quilômetros ao norte, um carro branco alugado segue por Westchester em direção à cidade. É mais verde ali, a rodovia é margeada por árvores. Diferente do caminho de Gus, ali a estrada está basicamente vazia. Scott muda de faixa sem dar seta.

Ele tenta apenas viver o momento, um homem dirigindo um carro em um dia de verão escaldante. Três semanas atrás, ele era um grão de poeira em um mar agitado. Um ano antes, um bêbado desesperado, acordando no tapete de um pintor famoso, cambaleando em direção à luz do sol forte e descobrindo uma piscina de água clara. A vida é feita desses momentos — de um ser físico

movendo-se pelo tempo e pelo espaço — e nós o amarramos em uma história e a história se torna nossa vida.

Por isso, enquanto está sentado no Camry alugado na Henry Hudson Parkway, também está se ajeitando em uma cadeira no estúdio Três da ALC uma hora mais tarde, observando um jovem de óculos esconder um microfone sem fio sob a lapela de Bill Cunningham. E, simultaneamente, é um adolescente de férias da faculdade, sentado em uma bicicleta de dez marchas à beira de uma estrada de terra à noite, esperando a irmã mais nova terminar o mergulho no Lago Michigan. E se, em vez de uma história contada em uma ordem consecutiva, a vida for uma cacofonia de momentos que nunca abandonamos? E se as experiências mais traumáticas ou mais bonitas que temos nos prendem em um tipo de *looping* contínuo, em que pelo menos uma parte de nossos cérebros se mantém obcecada, mesmo enquanto nossos corpos continuam vivendo?

Um homem em um carro, em uma bicicleta e em um estúdio de televisão. Mas também no jardim da casa de Eleanor, trinta minutos antes, andando até o carro, enquanto ela pede que ele não vá, diz que ele está cometendo um erro.

— Se quer contar sua história — disse ela —, tudo bem, ligue para a CNN, ligue para o *New York Times*. Não para ele.

Não *para Cunningham*.

No mar, Scott agarra o menino e mergulha sob uma onda grande demais para entender.

E, ao mesmo tempo, ele reduz a velocidade atrás de uma caminhonete amassada, então dá seta e muda de faixa.

No camarim, Scott observa Bill Cunningham fazer uma careta, ouve-o vibrar a língua e realizar uma série rápida de exercícios de voz, tentando decidir se o que sente no estômago é medo, receio ou a ansiedade de um boxeador antes de uma luta que pode ganhar.

— Você vai voltar? — perguntou Eleanor na entrada de casa.

Scott olhou para ela, para o menino na varanda atrás da tia, o olhar confuso, e disse:

— Tem alguma piscina por aqui? Acho que eu devia ensinar o garoto a nadar.

E a maneira como Eleanor sorriu e respondeu:

— Tem.

E tinha.

No camarim, Scott espera Bill. Seria errado dizer que está nervoso.

O que era a ameaça de um único homem para alguém que já havia enfrentado todo o oceano? Por isso, Scott simplesmente fecha os olhos e espera ser chamado.

— Primeiro — diz Bill, quando param um diante do outro e as câmeras estão gravando —, quero agradecer por ter vindo conversar comigo hoje.

As palavras de Bill são gentis, mas o olhar é hostil, então Scott não responde.

— Foram três longas semanas — afirma Bill. — Eu não... Não sei o quanto conseguimos dormir. Eu, pessoalmente, estive no ar mais de cem horas, em busca de respostas. Em busca da verdade.

— Devo olhar para você ou para a câmera? — interrompe Scott.

— Para mim. É igual a qualquer outra conversa.

— Bem — diz Scott —, já tive muitas conversas na vida. Nenhuma foi assim.

— Não estou falando do conteúdo — retruca Bill. — Estou falando de dois homens conversando.

— Só que isso é uma entrevista. Uma entrevista não é uma conversa.

Bill se inclina para a frente.

— Você parece nervoso.

— É mesmo? Não estou nervoso. Só quero esclarecer as regras.

— Como está se sentindo, então, se não está nervoso? Quero que os espectadores em casa possam entender sua expressão.

Scott pensa na possibilidade.

— É estranho — diz. — A gente ouve a palavra *sonambulismo* às vezes. A maneira como as pessoas andam como sonâmbulas pela vida e, então, alguma coisa faz com que despertem. Eu não... Não é assim que me sinto. Talvez seja o contrário.

Ele observa os olhos de Bill. Está claro que ainda não sabe o que pensar de Scott, como fazê-lo cair na armadilha.

— Tudo parece um tipo de... *sonho* — diz Scott.

Ele também está em busca da verdade. Ou talvez o único.

— É como se eu tivesse adormecido no avião e ainda esteja esperando para acordar.

— Está dizendo que é surreal — afirma Bill.

Scott pensa.

— Não. É muito real. Talvez real demais. A maneira como as pessoas tratam as outras hoje em dia. Não que eu achasse que a gente vivia no Planeta dos Abraços, mas...

Bill se inclina para a frente. O jornalista não está interessado em uma conversa sobre modos.

— Eu gostaria de saber como foi parar naquele avião.

— Fui convidado.

— Por quem?

— Pela Maggie.

— A Sra. Bateman.

— É. Ela me disse para chamá-la de Maggie, então eu a chamo de Maggie. A gente se conheceu em Martha's Vineyard ano passado. Talvez em junho. A gente frequentava o mesmo café e eu a via na feira com o J.J. e a filha dela.

— Ela foi ao seu ateliê?

— Uma vez. Eu trabalho nos fundos da minha casa, em um velho barracão. Ela disse que a cozinha da casa deles estava em reforma e que precisava de alguma coisa para fazer à tarde. As crianças estavam com ela.

— Está dizendo que, na única vez que a viu fora da feira ou do café, as crianças estavam com ela?

— Sim.

Bill faz uma careta para indicar que acha que aquilo é mentira.

— Algumas das suas obras podem ser consideradas perturbadoras, você não acha? — pergunta o âncora.

— Para crianças, você quer dizer? — indaga Scott. — Imagino que sim. Mas o menino estava dormindo e a Rachel queria ver os quadros.

— Então você deixou.

— Não. A mãe dela deixou. Não era meu... E não é como... Só para registrar: os quadros não são... *explícitos*. São mais... uma tentativa.

— O que isso significa?

Scott pensa no que está tentando dizer.

— O que é o mundo? — responde. — Por que as coisas acontecem? Será que *significam* alguma coisa? É só isso que estou fazendo. Tentando entender. Por isso mostrei os quadros a Maggie e a Rachel, e nós conversamos.

Bill dá uma risada irônica. Scott percebe que a última coisa sobre a qual quer conversar é arte. Na cacofonia do tempo, ele está sentado em um estúdio de TV, mas parte dele ainda está no carro, dirigindo para a cidade — a estrada úmida manchada com os rastros vermelhos das luzes de freio —, e também está, de alguma maneira, sentado no avião, tentando se orientar. Um homem que, minutos antes, saiu correndo do ponto de ônibus.

— Mas você sentia alguma coisa por ela — diz Bill. — Pela Sra. Bateman.

— O que isso significa? Ela era uma pessoa boa. Amava os filhos.

— Mas não o marido.

— Não sei. Parecia que sim. Eu nunca fui casado, então como poderia saber? Não é uma coisa que a gente tenha... Ela era uma pessoa muito satisfeita, pelo que

parecia. Ela e as crianças se divertiam muito. Riam o tempo todo. Parecia que ele trabalhava demais, o David, mas a família estava sempre falando dele, das coisas que iam fazer quando o papai chegasse.

Ele pensa por um instante.

— Ela parecia feliz.

★ ★ ★

Gus está na Via Expressa de Long Island quando recebe uma ligação. O gravador foi consertado. Dizem que está um pouco danificado, mas apenas na qualidade do som, não no conteúdo da gravação. A equipe vai ouvi-lo, mas será que Gus quer que esperem por ele?

— Não — diz ele —, a gente tem que saber. Só ponha o telefone do lado do alto-falante.

Eles correm para obedecer a ordem. Gus está sentado em seu veículo marrom oficial, no engarrafamento. Está no meio da ilha, depois do LaGuardia e ainda não chegou ao aeroporto JFK. Pelo som do carro, ele ouve a agitação da equipe, que se prepara para ouvir a fita. É um registro de outro tempo, como um pote de vidro que contém a última expiração de um homem prestes a morrer. As ações e vozes na fita ainda são um segredo, mas, em alguns instantes, serão divulgadas. Os últimos fatos desconhecidos se tornarão conhecidos. E então tudo que poderá ficar claro, ficará claro. Quaisquer outros mistérios ficarão para a posteridade.

Gus respira o ar reciclado. A chuva deixa marcas no para-brisa.

A fita é tocada.

Começa com duas vozes dentro da cabine. O comandante, James Melody, tem um sotaque britânico. Charles Busch, o copiloto, um tom texano arrastado.

— Verificação, freios — diz Melody.

— Ok — responde Busch depois de alguns segundos.

— *Flaps*.

— Dez, dez, tudo certo.

— *Yaw damper*.

— Ok.

— Tem um pouco de vento cruzado aqui — diz Melody. — Não podemos esquecer isso. Instrumentos de voo e painel?

— Hum, sim. Sem alertas.

— Certo, então. Verificação completa.

O trânsito diminui à frente de Gus. Ele faz o Ford passar de quarenta por hora, depois reduz a velocidade outra vez, quando a fila de carros à sua frente faz o mesmo. Ele pararia no acostamento para ouvir, mas está na faixa do meio e não há saídas à vista.

A próxima voz é de Melody.

— Torre de controle de Martha's Vineyard, aqui é GullWing 613. Pronto para decolar.

Uma pausa. Então uma voz filtrada surge no rádio.

— GullWing 613, decolagem autorizada.

— SRS ativado. Pista — diz Melody.

Ele ouve os barulhos mecânicos da fita. A transmissão por telefone dificulta a identificação, mas ele sabe que os técnicos no laboratório já estão tentando adivinhar quais são os movimentos do manche e qual é o aumento da velocidade do motor.

— Oitenta nós.

Busch? Mais barulhos da fita enquanto o avião deixa a pista.

— *Climb* positivo — diz Melody. — Recolha o trem de pouso, por favor.

A torre de controle fala pelo rádio.

— GullWing 613, estou vendo você. Vire para a esquerda. Sobrevoe a ponte. Suba. Contate a torre do Teterboro. Boa noite.

— GullWing 613, muito obrigado — diz Melody.

— Trem de pouso recolhido — afirma Busch.

O avião está no ar, a caminho de Nova Jersey. Em condições normais, é um voo de vinte e nove minutos. Menor que uma escala curta. Haverá um intervalo de seis minutos até estarem ao alcance da torre de controle do Aeroporto Teterboro.

Uma batida na porta.

— Comandante. — Uma voz feminina chama. A comissária de bordo, Emma Lightner. — Quer alguma coisa?

— Não — diz Melody.

— E eu? — pergunta o copiloto.

Uma pausa. O que estava acontecendo? Que olhares estavam sendo trocados?

— Ele está bem — diz Melody. — É um voo curto. Vamos manter a concentração.

★ ★ ★

Bill Cunningham se inclina para a frente. Estão em um cenário criado para ser visto por apenas uma direção. Isso significa que as paredes atrás dele não eram pintadas na parte de trás, como um cenário construído para um episódio de *Além da imaginação*, em que um homem ferido lentamente percebe que tudo que ele acredita ser real é, na verdade, teatro.

— E no voo — diz Bill. — Descreva o que aconteceu.

Scott faz que sim com a cabeça. Ele não sabe por que, mas fica surpreso pela entrevista estar fluindo daquela maneira, como uma verdadeira entrevista sobre a queda, sobre o que aconteceu. Ele tinha imaginado que já estariam trocando socos a essa altura.

— Bem, eu estava atrasado. Não consegui táxi, então tive que pegar um ônibus. Até chegar à pista, achei que tivesse perdido o avião, que chegaria bem a tempo de ver as luzes da aeronave subindo para o céu. Mas não. Eles esperaram. Ou não esperaram... Estavam fechando a porta quando eu... Mas não foram embora. Então eu... subi... e todo mundo estava pronto. Algumas pessoas estavam sentadas. Maggie e as crianças, a Sra. Kipling. David e o Sr. Kipling ainda estavam de pé, eu acho. E a comissária de bordo me deu uma taça de vinho. Eu nunca tinha estado em um jatinho particular. O comandante disse: "Sentem-se, por favor", e nós nos sentamos.

Os olhos dele se afastaram dos de Bill e ele se pegou olhando diretamente para uma das luzes, lembrando.

— Tinha um jogo de beisebol passando, em Boston. Era o sétimo *inning*, eu acho. E o barulho daquilo, da voz do locutor, soou o tempo todo. Lembro que a Sra. Kipling estava do meu lado e a gente conversou um pouco. E o menino, o J.J., estava dormindo. A Rachel mexia no iPhone, acho que estava escolhendo músicas. Estava com fones de ouvido. E aí a gente decolou.

★ ★ ★

Gus passa lentamente pelo LaGuardia, voos decolando e pousando, rugindo acima dele. Está com as janelas fechadas e o ar desligado para ouvir melhor, apesar dos trinta e dois graus de temperatura. Fios de suor escorrem pela lateral e pelas costas de seu corpo enquanto ele ouve a gravação, mas não nota. Escuta a voz de James Melody.

— Alerta amarelo.

Uma pausa. Gus ouve um barulho que parece um tapinha. Então Melody outra

vez.

— Você me ouviu? Alerta amarelo.

— Ah — diz Busch. — Vou... Já vi. Acho que é a lâmpada.

— Deixe um bilhete para a manutenção — pede Melody. Então uma série de barulhos, e ele exclama: — *Merde*. Espere. Estou com...

— Comandante?

— Assuma. A droga do meu nariz está sangrando outra vez. Vou... Vou me limpar.

Barulhos da cabine, que Gus supõe serem do comandante se levantando e andando até a porta. Enquanto isso acontece, Busch diz:

— Entendido. Assumindo o controle.

A porta se abre e se fecha. Busch está sozinho na cabine.

★ ★ ★

Scott escuta o som da própria voz enquanto fala, tanto no momento quanto fora dele.

— E eu estava olhando pela janela, pensando o tempo todo em como aquilo era surreal. Da maneira que às vezes a gente se sente um estranho quando sai dos limites da nossa experiência e faz alguma coisa que parece a ação de outra pessoa, como se, de alguma maneira, tivesse sido teletransportado para a vida de alguém.

— E qual foi o primeiro sinal de que alguma coisa estava errada? — pergunta Bill. — Para você?

Scott respira fundo, tentando achar um sentido lógico naquilo tudo.

— É difícil dizer, porque estavam torcendo e depois berrando.

— Torcendo?

— Pelo jogo. David e Kipling estavam... Passou alguma coisa na TV que fez... Dworkin e o recorde de tempo rebatendo... E eles estavam sem cinto naquela hora e eu lembro que os dois se levantaram, mas então... Não sei. O avião... *caiu*... e eles tiveram que se esforçar para voltar para os assentos.

— E você disse antes, em entrevista aos investigadores, que o *seu* cinto de segurança estava solto.

— É. Foi... Foi uma burrice, na verdade. Eu tinha um caderno. De rascunho. E, quando o avião mergulhou, o lápis voou da minha mão e eu... soltei o cinto e fui atrás dele.

— O que salvou sua vida.

— É. Acho que isso é verdade. Mas, naquele momento... as pessoas estavam berrando e eu ouvi uma... *batida*. E depois...

Scott dá de ombros, como se quisesse dizer: "Só me lembro disso."

Diante dele, Bill assente.

— Então essa é a sua história — diz.

— Minha história?

— Sua versão do que aconteceu.

— Essa é a minha lembrança.

— Você deixou o lápis cair e soltou o cinto para pegá-lo e foi por isso que sobreviveu.

— Não tenho ideia de *por que* sobrevivi, se é que isso... Se é que existe um porquê e não só, sei lá, leis da física.

— Física.

— É. Sabe, forças físicas que me pegaram e me jogaram para fora do avião e, de alguma maneira, fizeram o menino sobreviver, mas não... Sabe, ninguém mais.

Bill faz uma pausa, como se quisesse dizer: "Eu poderia me aprofundar nisso, mas prefiro não abordar o assunto."

— Vamos falar dos seus quadros.

⋆ ⋆ ⋆

Há um momento em todo filme de terror que se baseia no silêncio. Um personagem deixa o cômodo e, em vez de segui-lo, a câmera fica parada, fixa no nada — uma porta inócua talvez, ou uma cama de criança. O espectador fica sentado, observando o espaço vazio, ouvindo o silêncio, e o próprio fato de o cômodo estar vazio e em silêncio passa uma sensação crescente de medo. *Por que estamos aqui, esperando? O que vai acontecer? O que vamos ver?* E assim, com um medo cada vez maior, começamos a vasculhar o cômodo em busca de algo estranho, a analisar o silêncio em busca de quaisquer sussurros sob a aparência comum. Será o próprio aspecto comum do cômodo que dá a ele mais potencial para o terror, o que Sigmund Freud chamou de Inquietante. Bem, o verdadeiro terror não vem da selvageria do inesperado, mas da corrupção de objetos e espaços rotineiros. Pegar uma coisa que vemos todos os dias, algo que menosprezamos por ser normal, como um quarto de criança, e transformá-lo em uma coisa sinistra, não confiável, é minar o próprio tecido da vida.

Por isso encaramos o normal, a câmera imóvel, fixa, e, na tensão daquele olhar

impassível, nossa imaginação produz uma sensação de medo que não tem explicação lógica.

É essa sensação que domina Gus Franklin enquanto ele está sentado no carro na via expressa, cercado por moradores dos arredores da cidade, a caminho de locais ao leste, homens voltando do trabalho para casa, famílias voltando da escola para casa ou indo para a praia, para um fim de tarde de diversão. O silêncio em seu carro crepita, sibila, dominando o ar reciclado. É uma impenetrável máquina produtora de ruídos, mas impossível de ser ignorada.

Gus estende a mão e aumenta o volume, o sibilo se torna ensurdecedor.

Então ele ouve o sussurro, uma única palavra, murmurada sem parar.

"Vagabunda."

★ ★ ★

— Não quero falar dos meus quadros — diz Scott.

— Por quê? O que está escondendo?

— Nada... São quadros. Por definição, tudo que é relevante sobre eles está lá para ser visto.

— Mas você manteve as obras escondidas.

— O fato de não ter mostrado meus quadros ainda não significa que eu estava mantendo tudo escondido. O FBI está com eles. Tenho fotos em casa. Algumas pessoas já os viram, pessoas em quem confio. Mas a verdade é que meus quadros são irrelevantes.

— Deixe-me entender isso. Um homem que pinta cenas de desastres, uma queda de avião, se envolve em uma queda de avião e temos que pensar o quê? Que foi só uma coincidência?

— Não sei. O universo está cheio de coisas que não fazem sentido. Coincidências aleatórias. Existe algum modelo estatístico em algum canto que pode determinar as chances de eu estar em uma queda de avião, em um acidente com uma balsa ou em um descarrilamento de trem. Essas coisas acontecem todos os dias, ninguém está imune a elas. Apenas foi a minha vez.

— Falei com o dono de uma galeria — diz Bill — e ele disse que seus quadros agora valem centenas de milhares de dólares.

— Nada foi vendido. Isso é dinheiro teórico. Da última vez que vi, eu tinha seiscentos dólares no banco.

— Foi por isso que foi morar com a Eleanor e o sobrinho dela?

— Foi por isso que fui morar com a Eleanor e o sobrinho dela?

— Dinheiro. O fato de o menino agora valer quase cem milhões de dólares?

Scott olha para ele.

— Isso é mesmo uma pergunta? — questiona.

— Pode apostar.

— Para início de conversa, não fui morar com eles.

— Não foi o que o marido dela me disse. Na verdade, ela o expulsou de casa.

— Só porque duas coisas acontecem em sequência, não significa que exista uma relação causal entre elas.

— Eu não fiz uma faculdade de elite, então vai ter que me explicar isso.

— Estou dizendo que o fato de a Eleanor e o Doug terem se separado, se é que foi isso que aconteceu, não tem nada a ver com o fato de eu ter feito uma visita a ela.

Bill estica as costas ao máximo.

— Vou dizer o que eu vejo — diz. — Vejo um pintor fracassado, um bêbado, que saiu do auge há dez anos e, então, a vida deu a ele uma oportunidade.

— Um avião caiu. Pessoas morreram.

— Ele se vê sob os holofotes, um herói e, de repente, todo mundo quer estar com ele. Começa transando com uma herdeira de vinte e poucos anos. Os quadros dele ficam famosos de repente...

— Ninguém está transando...

— E então, não sei, talvez ele fique ganancioso e pense: "Bom, eu levo jeito com esse garoto, que, de repente, vale uma fortuna e tem uma tia bonita e muito atraente e um tio meio idiota... Então posso chegar, o fodão que sou, e assumir o controle. Ficar com um pouco disso."

Scott assente, impressionado.

— Uau — diz. — Em que mundo horrível você vive...

— Chama-se mundo real.

— Está bem. Bom, tem pelo menos uns dez erros no que você disse. Quer que repasse todos pela ordem ou...

— Então está negando que dormiu com Layla Mueller.

— Se estou transando com ela? Não. Ela me deixou ficar em um apartamento vazio.

— E depois tirou a roupa e se deitou com você.

Scott encara Bill. Como ele sabe disso? Adivinhou?

— Não faço sexo há cinco anos — responde ele.

— Não foi o que perguntei. Perguntei se ela tirou a roupa e pulou na cama com você.

Scott suspira. Só pode culpar a si mesmo por estar naquela situação.

— Não entendo por que isso importa.

— Responda à pergunta.

— Não — diz Scott. — Diga por que o fato de uma mulher adulta se interessar por mim é importante. Diga por que vale a pena comentar em público uma coisa que ela fez entre as quatro paredes da própria casa e que provavelmente gostaria de manter em particular.

— Então você admite?

— Não. Estou perguntando que diferença isso pode fazer. Explica por que o avião caiu? Ajuda com o nosso processo de luto? Ou é só uma coisa que você quer saber porque quer saber?

— Só estou tentando entender até que ponto você é capaz de mentir.

— Estou na média, diria — afirma Scott. — Mas não minto sobre coisas importantes. Isso faz parte do tratamento contra o alcoolismo, foi um juramento que fiz: tentar viver com o máximo de honestidade possível.

— Então responda à pergunta.

— Não, porque não é da sua conta. Não estou tentando ser babaca. Estou perguntando que diferença isso faz. E se puder me convencer de que minha vida pessoal depois do acidente tem alguma relevância para os acontecimentos que levaram à queda do avião e isso não é só uma exploração parasítica de um urubu, então posso contar tudo sobre mim com alegria.

Bill analisa Scott por um longo instante, com uma expressão divertida.

Então ele dá PLAY na gravação.

★ ★ ★

"Vagabunda."

"Aquela vagabunda."

Gus percebe que está prendendo a respiração. O copiloto, Charles Busch, está sozinho na cabine, murmurando aquelas palavras.

Então, mais alto, ele diz:

"Não."

E desliga o piloto automático.

CHARLES BUSCH

31 DE DEZEMBRO DE 1984 – 23 DE AGOSTO DE 2015

ELE ERA O sobrinho de alguém. Era assim que as pessoas falavam dele pelas costas. Como se ele nunca pudesse ter conseguido o trabalho de outra maneira. Como se fosse um vagabundo, uma farsa. Nascido nos últimos minutos da véspera de Ano-Novo de 1984, Charlie Busch nunca conseguira escapar da sensação de que havia perdido algo vital por muito pouco. No caso de seu nascimento, ele perdera o futuro. Tinha começado a vida como uma notícia do ano anterior, e as coisas nunca haviam melhorado.

Quando era criança, adorava brincar. Não era um bom aluno. Até gostava de matemática, mas tinha zero paciência para leituras e ciência. Durante a infância em Odessa, no Texas, Charlie compartilhava o mesmo sonho de todos os outros meninos. Queria ser um craque de futebol americano como Roger Staubach, mas teria aceitado jogar beisebol como Nolan Ryan. Havia uma pureza nos esportes no ensino médio, nas jogadas ensaiadas, que penetravam a alma. Tiros e deslocamentos laterais. Ataques a bonecos pesados com os ombros erguidos. O campo de futebol americano, onde os meninos eram transformados em homens através de padrões e repetições. Steve Hammond e Billy Rascal. O safado do Dunaway e aquele mexicano com mãos do tamanho de raquetes. *Qual era o nome dele?* Uma bola lançada em um dia de céu azul de primavera. Protetores e capacetes colocados em vestiários apertados, exalando o cio e os feromônios impulsivos do odor quente de adolescentes. A luva engraxada entre o colchão e o estrado, e o modo como ele sempre dormia melhor com ela ali embaixo, uma bola dura enrolada por uma teia de couro. Meninos à beira do que viria depois, agarrando-se na lama, usando a cabeça para abrir o caminho. E a maneira como se sentiam ao correr eternamente sem se cansar, ao ficar em um banco empoeirado, provocando os arremessadores reserva, o amigo Chris Hardwick mugindo como uma vaca. Treinamento de jogadas agressivas. A alegria primitiva de tirar lama das chuteiras com um graveto qualquer, um bando de garotos em um banco cuspindo sementes de girassol e segurando a bola com força. Jogadas de ataque. Esperança. Sempre esperança. E o modo como, quando se é jovem, todo jogo parece ser o

motivo para o mundo existir. E o cio. Sempre o cio, como um joelho nas costas, uma bota no pescoço. Beber galões de Gatorade e morder raspas de gelo como um paciente de hospital psiquiátrico, ajoelhado, arquejando no sol do meio-dia. A sensação da espiral perfeita quando a bola chega às suas mãos. Garotos no chuveiro, rindo de seus pintos, distribuindo as líderes de torcida entre eles e mijando nos pés do cara ao lado. A sensação de passar pela primeira base e mergulhar na segunda, os olhos no defensor, caindo de cabeça, já garantindo a posição em sua cabeça. O medo de ser pego em uma confusão e o modo como linhas de giz recém-desenhadas brilham como relâmpagos no incrível verde da grama. O céu tem essa cor. E as luzes fortes de uma sexta à noite, aquelas luzes perfeitas de alabastro, e o barulho da multidão. A simplicidade do beisebol, sempre para a frente, nunca para trás. Joga-se a bola. Rebate-se a bola. Pega-se a bola. E o modo como, depois da formatura, nada voltaria a ser simples daquele jeito.

Ele era o sobrinho de alguém. Tio Logan, o irmão de sua mãe. Logan Birch, senador há seis mandatos pelo grande estado do Texas, amigo do petróleo e do gado, presidente eterno da Comissão de Finanças e Tributação. Charlie o via basicamente como um bebedor de uísque com gel no cabelo. O tio Logan era o motivo para a mãe de Charlie tirar a louça chique do armário. Todo Natal, eles iam até sua mansão em Dallas. Charlie se lembrava da família toda vestida com suéteres natalinos iguais. O tio Logan pedia para que Charlie mostrasse os músculos e depois apertava seu braço com força.

— Você tem que deixar esse menino mais forte — dizia à mãe de Charlie.

O pai dele havia morrido alguns anos antes, quando Charlie tinha seis anos. Ao voltar do trabalho uma noite, um caminhão havia acertado a lateral de seu carro, que capotara seis vezes. Eles haviam feito um velório com o caixão fechado e enterrado o pai de Charlie em um cemitério bonito. O tio Logan pagara tudo.

Mesmo no ensino médio, ser sobrinho de Logan Birch havia ajudado. Ele jogara na defesa da equipe da escola, apesar de não rebater tão bem quanto os outros garotos e de nunca conseguir roubar uma base. Aquele tratamento era algo velado. Na verdade, nos primeiros treze anos de sua vida, Charlie não fizera ideia de que estava vivendo além de suas possibilidades. Achava que os treinadores gostavam do fato de ele se esforçar. Mas isso mudara no ensino médio. Fora o vestiário que o havia feito acordar para aquela conspiração nepotista, a mentalidade de matilha de meninos com protetores genitais cercando-o no chuveiro. Os esportes são uma meritocracia, afinal. Você é incluído porque consegue rebater, porque consegue correr, lançar e pegar. Em Odessa, a equipe de futebol era famosa por sua velocidade e sua precisão. Todos os anos, veteranos da

equipe de beisebol ganhavam bolsas para boas faculdades. Os times da West Texas eram competitivos. As pessoas colocavam placas no gramado. As lojas fechavam mais cedo nos dias de jogo. Todos levavam aquela merda a sério. Por isso, um jogador como Charlie, medíocre em todos os sentidos, chamava logo atenção.

Na primeira vez que foram atrás dele, Charlie tinha quinze anos e era um calouro magrelo que havia conseguido a vaga de *kicker* depois de errar um chute direto da linha de trinta e seis jardas. Seis valentões enormes, nus e suados, o empurraram para um chuveiro.

— Cuidado com as merdas que você faz — disseram a ele.

Encolhido em um canto, Charlie sentia o cheiro de suor, o toque almiscarado de meia dúzia de adolescentes, todos com mais de cento e dez quilos, que haviam acabado de passar três horas cozinhando no sol de verão. Ele se inclinou e vomitou nos pés deles. Levou uma surra por causa daquilo e bateram nele com os pintos para completar.

No fim, encolhido no chão, ele sentiu um arrepio quando Levon Davis se abaixou e sibilou em seu ouvido:

— Se contar para alguém, você vai morrer.

Tinha sido o tio Logan que havia mexido os pauzinhos para pôr Charlie no programa de treinamento de pilotos da Guarda Nacional. No fim, ele não havia se tornado um piloto ruim, apesar de ter tendência a travar em emergências. E, depois da Guarda Nacional, quando Charlie estava viajando pelo Texas, sem conseguir manter um emprego, tinha sido Logan quem falara com um amigo na GullWing e conseguira uma entrevista para o sobrinho. E, apesar de ainda ter que descobrir no que ele era realmente bom, Charlie Busch tinha certo brilho no olhar, certo balanço de caubói, que funcionava com as mulheres. Ele podia encantar um cômodo inteiro e ficava bem de terno; por isso, quando se sentara com o diretor de RH da companhia, parecera a adição perfeita para a equipe crescente de jovens profissionais atraentes da GullWing.

Seu primeiro cargo fora o de copiloto. Isso em setembro de 2013. Ele adorava os jatinhos de luxo, adorava os clientes que servia — bilionários e chefes de Estado. Eles faziam com que se sentisse importante. Mas o que realmente adorava era a mulherada classe A que trabalhava nos aviões. *Porra*, pensara da primeira vez em que vira a equipe com quem trabalharia. Quatro belezas de diferentes partes do mundo, uma mais gostosa do que a outra.

— Senhoritas — dissera, baixando os óculos de aviador e abrindo seu melhor sorriso texano.

As meninas nem haviam piscado. Parecia que não dormiam com copilotos.

Claro, tinha a política da companhia, porém era mais do que isso. Aquelas mulheres tinham um refinamento internacional. Muitas falavam cinco línguas. Eram anjos que simples mortais podiam olhar, mas nunca tocar.

Voo após voo, Charlie tentava. E voo após voo, era rejeitado. No fim das contas, nem uma menção ao tio fizera as comissárias de bordo da GullWing abrirem as pernas.

Estava na empresa havia oito meses quando conhecera Emma. Tinha percebido imediatamente que ela era diferente das outras, mais pé no chão. E a moça tinha os dentes da frente levemente separados. Às vezes, durante os voos, ele a flagrava cantarolando sozinha na cozinha do avião. Ela ruborizava quando percebia que ele estava parado ali. Não era a mulher mais bonita da frota, pensara, mas parecia alcançável. E ele era um leão à espreita de um rebanho de antílopes, esperando que o mais fraco se afastasse.

Emma contara a ele que seu pai era da Força Aérea, por isso Charlie exagerara sobre sua experiência na Guarda Nacional, dizendo que havia passado um ano no Iraque pilotando F-16s. Dava para ver que ela era filhinha de papai. Charlie tinha vinte e nove anos. Seu pai morrera quando ele tinha seis. O único exemplo que tivera de homem era um bebedor de uísque de cabelo arrumado, que mandava Charlie mostrar os músculos toda vez que se viam. Ele sabia que não era inteligente nem talentoso como os outros caras. Mas ter menos talento significava que ele tivera que desenvolver maneiras de dar em cima de alguém. Não era preciso ser confiante, ele percebera logo de cara. Bastava parecer confiante. Ele nunca havia sido um bom rebatedor de bolas rápidas, por isso aprendera a chegar à base andando. Nunca conseguira carregar a bola o campo todo, então aperfeiçoara o chute. Em sala de aula, ele havia aprendido a se livrar de perguntas difíceis fazendo uma piada. Aprendera a falar merda no campo de beisebol e a andar ereto na Guarda Nacional. Usar um uniforme o transformara em um jogador, pensava. Assim como carregar uma arma o transformara em um soldado. O nepotismo podia ter garantido sua vaga, mas não havia como negar que seu currículo era verdadeiro.

No entanto, quem realmente amara Charles Nathaniel Busch pelo que ele era? Era o sobrinho de alguém, uma farsa, o atleta da escola que se tornara piloto. Parecia, para todos os efeitos, uma história americana de sucesso, então era assim que ele a via. Mas, no fundo, sabia a verdade. Era uma fraude. E saber disso o enchia de rancor. Fazia Charlie ser mau.

★ ★ ★

Ele pegou uma carona do Heathrow em um voo fretado da GullWing e pousou em Nova York às três da tarde do domingo, 23 de agosto. Fazia seis meses que Emma havia terminado com ele, que ela pedira para que ele parasse de ligar, parasse de ir à casa dela e de tentar pegar os mesmos voos. Ela estava escalada para fazer um bate-volta até Martha's Vineyard e Charlie tinha enfiado na cabeça que, se tivesse apenas alguns minutos sozinho com ela, poderia fazê-la entender. O quanto ele a amava. O quanto precisava dela. E o quanto sentia pelo que havia acontecido. Por tudo, basicamente. A maneira como a tratara. As coisas que dissera. Se ele apenas pudesse explicar. Se ela percebesse que, no fundo, ele era um cara legal. De verdade. Era só uma pessoa que vinha fingindo havia tanto tempo que tinha sido consumido pelo medo de ser descoberto. E tudo aquilo, a arrogância, o ciúme, a mesquinhez, eram subprodutos disso. Tente *você* fingir ser alguém que não é por vinte anos, veja como isso vai mudar você. Mas, meu Deus, ele não queria mais ter medo. Não com Emma. Queria que ela o visse. O verdadeiro Charlie. Que ela o conhecesse. Será que ele não merecia isso uma vez na vida? Ser amado por quem ele era, não por quem fingia ser?

Pensou em Londres, no momento em que a vira de novo. Tinha sido como uma mordida de cobra, o veneno se espalhando por suas veias. Seu instinto era atacar sempre que se sentia perdido, cobrir a distância entre ele e... O quê? Seu oponente? Sua presa? Ele não sabia. Era só uma sensação, um pânico antecipado, que o fazia bancar o maioral, puxar a calça e usar a melhor ginga de caubói. A única coisa que se pode fazer quando você se importa demais, decidira ele muito tempo antes, é agir como se não desse a mínima — para a escola, o trabalho, o amor.

Tinha funcionado tantas vezes que o comportamento se calcificara dentro dele. Então, quando vira Emma, quando seu coração pulara até a garganta e ele se sentira vulnerável, exposto, tinha feito exatamente isso: empinado o nariz; falado sobre o peso dela, e depois passado a noite toda seguindo a moça, como um cachorrinho.

Peter Gaston ficara mais que satisfeito em passar o voo para Charlie, em ter mais dois dias de descanso em Londres. Eles haviam se tornado amigos na sexta à noite, bebendo até o amanhecer no Soho, pulando de bar para boate — vodca, rum, ecstasy, um pouco de cocaína. O próximo exame antidrogas só seria dali a duas semanas e Peter conhecia um cara que podia arranjar urina limpa. Por isso, tinham chutado o balde. Charlie estava tentando ganhar coragem. Toda vez que olhava para Emma, sentia que seu coração ia se partir ao meio. Ela era tão linda. Tão gentil. E ele tinha feito uma merda tão grande... Por que havia dito aquilo

para ela, sobre ganhar peso? Por que tinha que ser um idiota o tempo todo? Quando ela saiu do banheiro de toalha, tudo que ele quis fazer foi abraçá-la, beijar suas pálpebras como ela fazia com ele, sentir o coração dela bater, sentir seu cheiro. Mas, em vez disso, tinha feito uma piadinha idiota.

Pensou na expressão dela na noite em que havia posto as mãos em seu pescoço e apertado. Como a emoção inicial da novidade no sexo se transformara primeiro em choque, depois em medo. Ele realmente havia pensado que ela ia gostar? Que ela era *aquele tipo de mulher*? Charlie conhecia aquele estilo, as kamikazes tatuadas que gostavam de ser punidas por quem eram, que gostavam dos arranhões e hematomas da colisão animal impensada. Mas Emma não era assim. Dava para ver em seus olhos, na maneira como agia. Era normal, uma civil, nunca afetada pela guerra de trincheiras de uma infância bosta. Era isso que a tornava uma escolha tão boa para ele, uma decisão tão saudável. Ela era a santa. Não a prostituta. Uma mulher com quem podia se casar. Uma mulher que podia salvá-lo. Então por que havia feito aquilo? Por que a havia sufocado? A não ser para rebaixá-la a seu nível. Para mostrar que o mundo em que ela vivia não era o parque temático seguro e dourado que imaginava.

Ele passara por momentos difíceis depois daquela noite, depois que ela o deixou e parou de atender os telefonemas. Dias em que havia ficado na cama do nascer ao pôr do sol, dominado pelo medo e pelo desprezo. Ele se controlava no trabalho, assumindo o posto de copiloto durante decolagens e aterrissagens. Anos escondendo que suas fraquezas o haviam ensinado a disfarçar o que sentia, não importava o que fosse. Mas havia uma atração animal nele naqueles voos, uma pilha de nervos cintilando em seu coração, querendo que ele empurrasse o manche, levasse o avião para o esquecimento. Às vezes, a sensação ficava tão forte, que ele precisava fingir que ia cagar e se escondia no banheiro, para respirar e sair da escuridão.

Emma. Como um unicórnio, a chave mítica para a felicidade.

Ele se sentara naquele bar em Londres e observara os olhos dela, o canto de sua boca. Sentira que ela estava se esforçando para não olhar para ele, que os músculos de suas costas se contraíam sempre que a voz dele ficava alta demais, enquanto contava piadas com Gaston no bar. Ela o odiava, pensara ele, mas o ódio não é o que fazemos com o amor quando a dor se torna insuportável?

Ele podia consertar isso, pensou, transformá-lo de volta, dissipar o ódio com as palavras certas, os sentimentos certos. Ele ia tomar mais um drinque e falar com ela. Pegaria a mão dela com cuidado, perguntaria se ela não gostaria de sair para fumar um cigarro e então os dois conversariam. Podia ver cada palavra em sua

cabeça, cada movimento, o modo como, no início, seria apenas ele. Como ele explicaria tudo, a História de Charlie, e como ela manteria os braços cruzados no início, na defensiva. No entanto, quando ele se aprofundasse mais, falasse da morte de seu pai, de ter sido criado por uma mãe solteira e de como havia sido apadrinhado pelo tio, de como, sem que ele soubesse, o tio havia aberto o caminho para que Charlie tivesse uma vida fácil. E o modo como ele nunca quisera aquilo. Como Charlie sempre quisera ter sido julgado pelos próprios méritos, mas, como, com o passar do tempo, ele havia ficado com medo de que seu melhor não fosse bom o suficiente. Então ele havia se rendido e deixado aquilo acontecer. Mas isso havia acabado. Porque Charlie Busch estava pronto para ser um homem. E queria que Emma fosse sua mulher. E, enquanto falasse, ela baixaria os braços e se aproximaria. E, no fim, o abraçaria forte e eles se beijariam.

Ele tomara outro drinque, depois uma cerveja. Então, em algum momento, enquanto estava no banheiro com Peter, cheirando, Emma havia desaparecido. Ele saíra do banheiro limpando o nariz e ela havia sumido. Charlie tinha ido até as outras meninas, agitado e assustado.

— Ei — dissera. — E, então, a Emma... Ela foi embora?

As meninas tinham rido dele. Olhado para ele com seus olhos de modelo esnobes e disparado seu desdém.

— Queridinho — dissera Chelsea —, você não acha que ela é muita areia para o seu caminhãozinho?

— Só... Porra, ela foi embora?

— Sei lá. Ela disse que estava cansada. Voltou para o apartamento.

Charlie jogara dinheiro no bar e saíra correndo para a rua. A bebida e as drogas o haviam deixado do avesso, por isso ele andara dez quadras na direção errada antes de perceber. *Porra. Porra.* E, quando chegara ao apartamento, ela havia sumido. Suas coisas haviam sumido.

Emma tinha desaparecido.

No dia seguinte, quando Peter grunhira que precisava ir para Nova York pegar um voo em que Emma estaria, Charlie se oferecera para tomar seu lugar. Ele havia mentido e dito a Peter que ia falar com a companhia, mas só ao chegar ao Aeroporto Teterboro, em Nova Jersey, havia informado alguém que ia substituir Peter. E, àquela altura, já era tarde demais para se fazer alguma coisa.

Em um assento retrátil da cabine de um 737 que cruzava o Atlântico, Charlie bebia café atrás de café, tentando ficar sóbrio, se controlar. Tinha assustado Emma aparecendo daquela maneira em Londres. Havia entendido aquilo. Queria pedir desculpas, mas ela havia trocado de telefone, parado de responder a seus e-mails.

Então que escolha ele tinha? De que outra maneira podia consertar isso, a não ser seguindo-a mais uma vez, para explicar seu caso, ficar à mercê dela?

O Teterboro era um aeroporto privado a quase vinte quilômetros de Manhattan. A GullWing mantinha um hangar lá, sua logomarca — duas mãos que se cruzavam na altura do polegar, os dedos abertos como asas — fora pintada em cinza em uma lateral lisa bege. O escritório do hangar ficava fechado aos domingos, a não ser por uma equipe básica. Charlie pegou um táxi do JFK, desviando da cidade e seguindo para o norte, antes de entrar na ponte George Washington. Ele tentou não olhar para o taxímetro enquanto a tarifa subia. Tinha um cartão Amex Platinum e também disse a si mesmo que não importava o preço. Era tudo por amor. Peter dera a ele o itinerário de voo. A partida de Nova Jersey estava marcada para sete da noite. O avião era um OSPRY 700SL. Fariam a curta viagem até Martha's Vineyard sem passageiros, tripulariam o voo e voltariam imediatamente. Nem precisariam reabastecer. Charlie percebeu que isso dava a ele pelo menos cinco horas para encontrar um momento a sós com Emma, para puxá-la para um canto, tocar no rosto dela e conversar, como faziam, pegar a mão dela e dizer: "Eu sinto muito." E também: "Eu te amo. Sei disso agora. Fui um idiota. Por favor, me perdoe."

E ela o perdoaria, como poderia não perdoar? O que tinham era especial. Da primeira vez que fizeram amor, ela havia chorado, pelo amor de Deus. Chorado com a beleza daquilo. E ele tinha estragado tudo, mas não era tarde demais. Charlie vira todas as comédias românticas que encantavam as mulheres. Sabia que a perseverança era tudo. Emma estava fazendo um teste. Só isso. Testando o que ele faria. Era parte da disciplina Mulher I. Ela o amava, mas ele precisava se provar apto. Mostrar a ela que podia ser forte, confiável, que dessa vez seria um conto de fadas. Ela era a princesa encantada e ele, o cavaleiro no cavalo branco. E ele seria. Ele era dela, agora e para sempre, e nunca desistiria. E, quando visse isso, ela pularia em seus braços e eles voltariam a ficar juntos.

Charlie mostrou sua licença de piloto para a segurança do Teterboro. Com um aceno, o guarda os mandou entrar. Charlie sentiu um frio na barriga e esfregou o rosto com as mãos. Queria ter se lembrado de fazer a barba, teve medo de parecer pálido, cansado.

— É o hangar branco — disse ao taxista.

— Duzentos e sessenta e seis dólares — falou o cara, depois que pararam.

Charlie passou o cartão e saiu, pegando a mala prata de rodinhas. O OSPRY estava estacionado na pista, bem na frente do hangar. Os holofotes do prédio faziam a fuselagem brilhar. Ele nunca se cansava daquela imagem, uma aeronave de

precisão, como um puro-sangue brilhante, pura potência sob o capô, mas macio como manteiga por dentro. Uma equipe de solo formada por três pessoas o abastecia, um caminhão de serviços parado perto da mangueira. Cento e quatro anos antes, os irmãos Wright haviam construído um avião e voado em uma praia da Carolina do Norte. Agora existem frotas de caças, centenas de aeronaves comerciais, aviões cargueiros e jatinhos particulares. Voar se tornou rotina. Mas não para Charlie. Ele ainda adorava a sensação das rodas deixando o chão, o avião surgindo na estratosfera. Mas isso não o surpreendia. Ele era um romântico, no fim das contas.

Charlie procurou Emma, mas não a viu. Tinha vestido o uniforme de piloto em um banheiro do JFK. Ver a si mesmo de branco o deixava mais tranquilo. Ele não estava igual a Richard Gere em *A força do destino*? Com o uniforme, puxou sua mala de rodinhas até o hangar, os calcanhares batendo no asfalto. Com o coração na boca, suava como se estivesse de volta à porra do ensino médio, tentando convidar Cindy Becker para ir com ele ao baile.

Caralho, pensou. *O que essa mulher está fazendo com você? Controle-se, Busch.*

Ele sentiu uma onda de raiva, o furor de um animal lutando com sua jaula, mas a ignorou.

Bote pra foder, Busch, disse a si mesmo. *Lembre-se da sua missão.*

Então ele viu Emma no escritório do segundo andar. O ritmo de seu coração acelerou ainda mais.

Ele largou a mala e correu escada acima. O escritório ficava em um mezanino construído em um dos hangares. Apenas funcionários. Clientes nunca entravam ali. Eram levados diretamente ao avião em uma limusine. Era uma política rígida da empresa: funcionários deviam manter os bastidores da GullWing invisíveis, nada que estragasse a experiência de luxo do passageiro.

Para chegar ao escritório, era preciso subir um lance exterior de escada de metal. Ao segurar o corrimão, Charlie sentiu a boca ficar seca. Em um impulso, ele ajeitou o quepe, ficando com um aspecto convencido. Será que devia pôr os óculos escuros? Não. Tinha que estabelecer uma conexão, contato visual. Suas mãos pareciam animais selvagens, os dedos tremiam, por isso ele as enfiou no bolso, concentrando-se em cada degrau, em erguer os pés e apoiá-los. Passara as últimas dezesseis horas pensando naquele momento, em encontrar Emma, em como ele abriria um sorriso acolhedor e mostraria a ela que podia ser calmo, gentil. No entanto, sentia-se tudo, menos calmo. Fazia três dias que ele não dormia mais de duas horas seguidas. A cocaína e a vodca o mantinham tranquilo, em movimento. Ele repassou tudo na cabeça. Chegaria ao escritório, abriria a porta.

Emma se viraria e o veria, de pé e imóvel. Charlie se abriria para ela, mostraria com seu corpo e seus olhos que estava ali, que tinha entendido a mensagem. Estava ali e não ia a lugar algum.

Mas não foi o que aconteceu. Em vez disso, quando chegou ao escritório, viu que Emma já olhava em sua direção e, ao vê-lo, tinha empalidecido. Seu rosto. E seus olhos estavam enormes, do tamanho de um pires. Para piorar, quando percebeu isso, o piloto ficou paralisado, literalmente, com o pé direito pairando no ar, e deu um breve... aceno. *Um aceno?* Que tipo de idiota acena de modo afeminado para a mulher dos seus sonhos? E, naquele instante, ela se virou e fugiu para dentro do escritório.

Merda, pensou ele, *merda, merda, merda.*

Ele suspirou e terminou de subir a escada. Stanhope estava no escritório, era a coordenadora que ia trabalhar naquela noite. Uma mulher mais velha, sem lábio nenhum, apenas um corte irritante sob o nariz.

— Eu, bem, vim trabalhar no 613 — disse ele. — Estou me apresentando.

— Você não é o Gaston — retrucou ela, olhando para o registro de voo.

— Uma observação fenomenal — respondeu, os olhos vasculhando as outras salas, visíveis pela parede de vidro, em busca de Emma.

— O que você disse?

— Nada. Desculpe. Eu só... O Gaston ficou doente. Ele me ligou.

— Bom, ele devia ter ligado para mim. Não podemos deixar o pessoal ficar trocando de turno. Isso ferra todo o...

— Com certeza. Só estou fazendo um... Você viu para onde a Emma...

Ele olhou pelo vidro, em busca da mulher dos seus sonhos, sentindo-se nervoso. Sua cabeça girava, imaginando situações, trabalhando dobrado para descobrir como consertar aquele desastre.

Ela fugiu, pensou. *Ela simplesmente deu as costas e… Que porra foi aquela?*

Charlie olhou para aquela baranga à mesa e deu seu melhor sorriso.

— Qual é o seu nome? Jenny? — perguntou. — Desculpe, mas nós... Está quase na hora da decolagem. Será que dá para a gente resolver a papelada na volta?

A mulher fez que sim com a cabeça.

— Está bem. A gente resolve isso depois do voo.

Charlie se virou. Ela o chamou.

— Mas venha falar comigo depois que pousar. Temos protocolos por um motivo.

— Claro — disse Charlie. — É. Desculpe pelo... Não sei por que o Gaston não ligou.

Ele foi tropeçando até o avião, procurando Emma. Subiu a escada e ficou surpreso ao encontrá-la na cozinha, quebrando gelo.

— Oi — disse ele. — Onde você... Eu estava procurando você.

Ela se virou para ele.

— Por que você... Não quero você aqui. Não...

Ele estendeu os braços para abraçá-la, para consolá-la, para mostrar como o amor podia consertar tudo. Mas ela se afastou, com ódio nos olhos, e deu um tapa forte no rosto dele.

Com a bochecha ardendo, ele a encarou. Era como se o sol tivesse — durante um dia normal — explodido de repente no céu. Ela continuou olhando nos olhos dele, desafiando-o, depois afastou o olhar, repentinamente com medo.

Charlie a viu se afastar, depois se virou, dormente — a cabeça totalmente vazia —, e entrou na cabine, onde quase bateu em Melody, o comandante do voo. James. Um cara mais velho, não muito divertido, mas competente. Muito. Um inglês esnobe que achava que mandava em tudo. Mas Charlie sabia baixar a cabeça. Era parte do disfarce.

— Boa tarde, comandante — disse.

Melody o reconheceu e franziu a testa.

— O que aconteceu com o Gaston? — perguntou.

— Vim no lugar dele — disse Charlie. — Teve alguma coisa no estômago, eu acho. Só sei que recebi uma ligação.

O comandante deu de ombros. Era problema da base.

Eles conversaram mais um pouco, mas Charlie não estava realmente prestando atenção. Estava pensando em Emma, no que ela havia dito. No que podia ter feito de diferente.

Paixão, era isso o que eles tinham, disse de repente a si mesmo. Fogo. A ideia o animou, o ardor em suas bochechas diminuiu.

Ligando o sistema e fazendo diagnósticos, Charlie disse a si mesmo que havia lidado bem com a situação, talvez não da maneira perfeita, mas... Ela só estava se fazendo de difícil. As seis horas seguintes seriam perfeitas. Uma decolagem impecável. Um pouso impecável. Iriam e voltariam em cinco horas e, então, ele trocaria seu número de telefone e, quando ela caísse em si e percebesse o que havia perdido, bem, seria ela que imploraria o perdão dele.

Dando a partida no motor, ele ouviu a porta da cabine abrir. Emma entrou tempestuosamente.

— Faça com que ele fique longe de mim — disse ela a Melody, apontando para Charlie, depois voltou para a cozinha, batendo os pés.

O comandante olhou para o copiloto.

— Não entendi nada — falou Charlie. — Ela deve estar naqueles dias.

Eles fizeram a checagem pré-voo e fecharam a porta. Às seis e cinquenta e nove, taxiaram para a pista e decolaram sem incidentes, afastando-se do pôr do sol. Alguns minutos depois, o comandante Melody virou para estibordo e os direcionou para a costa.

Durante o resto do voo até Martha's Vineyard, Charlie observou o oceano, desmoronando visivelmente no assento. Quando a raiva passou, o nervosismo explosivo que o alimentava, ele se sentiu exausto, desanimado. O fato era que ele não dormia, de verdade, havia trinta e seis horas. Alguns minutos no voo de Londres, mas tinha ficado agitado demais. Provavelmente era o resquício do efeito da cocaína ou das vodcas com Red Bull que havia bebido. Fosse o que fosse, agora que tinha fracassado em sua missão, que a situação saíra do curso de maneira épica, ele se sentia destruído.

A quinze minutos do destino, o comandante se levantou e pôs a mão no ombro de Charlie, que levou um susto.

— É todo seu — disse Melody. — Vou tomar um café.

Charlie assentiu, ajeitando-se na cadeira. O avião estava no piloto automático, deslizando sem esforço sobre a imensidão azul. Quando saiu da cabine, o comandante fechou a porta (que estivera aberta). Charlie levou alguns segundos para perceber isso. Que o comandante havia fechado a porta. E por quê? Por que faria isso? Tinha ficado aberta na decolagem. Por que fechar agora?

Talvez para ter privacidade.

Charlie sentiu uma onda de calor dominá-lo. Era isso. Melody queria privacidade para poder falar com Emma.

Sobre mim.

Uma nova explosão de adrenalina inundou a corrente sanguínea de Charlie. Ele precisava se concentrar. Deu alguns tapas no próprio rosto.

O que eu devo fazer?

Pensou nas opções. Seu primeiro instinto foi sair de repente e confrontá-los, dizer ao piloto que aquela merda não era da conta dele. *Volte para o seu assento, velhinho*. Mas isso era irracional. Provavelmente seria demitido por isso.

Não. Ele não devia fazer nada. Era um profissional. Era ela a dramática, a que havia misturado um assunto particular com o trabalho. Ele pilotaria o avião (tudo bem, observaria o piloto automático controlar a aeronave) e seria o adulto com os pés no chão.

No entanto, tinha que admitir que aquilo o estava matando. A porta fechada.

Não saber o que estava acontecendo do lado de fora. O que ela estava dizendo. Dispensando seu bom senso, ele se levantou, sentou-se e ficou de pé outra vez. Quando estava chegando à porta, ela se abriu e o comandante voltou com o café.

— Está tudo bem? — perguntou ele, fechando a porta.

Charlie se virou e fez um alongamento.

— Claro — respondeu. — Só... estou com câimbra na lateral do corpo. Estou tentando me alongar.

O sol começava a se pôr quando se aproximaram de Martha's Vineyard. Em solo, Melody passou pela torre de controle e estacionou. Charlie se levantou assim que os motores foram desligados.

— Aonde você vai? — perguntou o comandante.

— Fumar — disse Charlie.

O comandante se levantou.

— Mais tarde — pediu ele. — Quero fazer um diagnóstico completo do controle de voo. O manche pareceu meio duro no pouso.

— Só um cigarro rápido? — perguntou Charlie. — A gente tem, tipo, uma hora até a decolagem.

O comandante abriu a porta da cabine. Atrás dele, Charlie viu Emma na cozinha. Reparando na porta sendo aberta, ela olhou para trás, deparou com Charlie e desviou o olhar depressa. Melody moveu o quadril para bloquear a visão de Charlie.

— Faça a verificação — disse, saindo e fechando a porta.

Baboseira de merda, pensou Charlie, ligando o computador.

Ele suspirou, uma, duas vezes. Levantou-se. Sentou-se. Esfregou as mãos até ficarem quentes, depois as pressionou nos olhos. Tinha pilotado o avião por quinze minutos antes da decolagem. O manche parecia normal. Mas Charlie era um profissional, o Sr. Profissional, então fez o que lhe fora pedido. Essa sempre havia sido sua estratégia. Quando alguém passa a vida atuando, aprende a parecer bom. Entregar a documentação no prazo. Chegar primeiro no campo para o treino. Manter o uniforme bem-passado e limpo, o cabelo cortado, o rosto barbeado. Ficar de pé com as costas retas. Ser o personagem.

Para se acalmar, ele pôs os fones de ouvido e colocou Jack Johnson para tocar. Melody queria que ele fizesse a verificação? Ótimo. Ele não faria apenas o que havia sido pedido. Ia polir tudo com cuspe, para completar. Ele começou a checagem, um violão suave tocando em seu ouvido. Do lado de fora, os últimos raios de sol mergulharam atrás das árvores e o céu ganhou um tom escuro.

O comandante encontrou Charlie em seu assento trinta minutos depois,

dormindo. Ele balançou a cabeça e desabou em sua cadeira. Charlie se levantou num pulo, o coração disparado, desorientado.

— O quê? — disse.

— Fez a verificação? — perguntou Melody.

— Hum, fiz — respondeu Charlie, ligando interruptores. — É... Está tudo certo.

O comandante olhou para ele por um segundo, depois assentiu.

— Certo. O primeiro cliente já chegou. Quero estar pronto para decolar às vinte e duas horas.

— Claro — disse Charlie, acenando. — Posso... Tenho que mijar.

O comandante fez que sim com a cabeça.

— Volte direto para cá.

Charlie assentiu.

— Sim, senhor — respondeu, conseguindo deixar apenas um toque de sarcasmo na voz.

Ele saiu da cabine. O banheiro da tripulação era bem ao lado da porta. Viu Emma parada ao lado da entrada do avião, esperando para cumprimentar os primeiros passageiros que chegavam. Charlie viu na pista o que parecia ser uma família de cinco pessoas, iluminada pelos faróis de uma Range Rover. Analisou a nuca de Emma. Ela estava com o cabelo preso em um coque, uma mecha ruiva caía em seu rosto. A imagem o deixou zonzo, uma vontade insuportável de se ajoelhar e de encostar o rosto no colo dela, um ato de penitência e devoção, o gesto de um amante, mas também de um filho para a mãe, pois o que ele queria não era o prazer sensual da pele nua, mas a sensação maternal das mãos dela em sua cabeça, a aceitação incondicional, o toque dos dedos dela em seu cabelo, o carinho de mãe. Fazia tanto tempo que alguém havia acariciado o cabelo dele, esfregado suas costas até que ele dormisse. E ele estava tão cansado, tão profundamente cansado.

No banheiro, ele se encarou no espelho. Tinha os olhos vermelhos, as bochechas escurecidas pela barba. Ele não queria ser aquilo. Um perdedor. Como havia se deixado chegar àquele ponto? Como deixara aquela mulher destruí-lo? Enquanto estavam namorando, tinha considerado a atenção dela sufocante, a maneira como ela segurava sua mão em público, como ela apoiava a cabeça em seu ombro. Como se o estivesse marcando. Gostava tanto dele que Charlie achava que só podia ser fingimento. Depois de atuar a vida toda, ele tinha certeza de que conseguia identificar outro mentiroso a um quilômetro de distância. Então ele demonstrara frieza com ela. Ele a havia afastado para ver se ela voltaria. E ela havia

voltado. Aquilo o deixara louco. *Estou de olho em você*, pensava ele. *Sei que está fingindo, merda. A mentira acabou. Então pare com isso*. Mas ela parecia apenas magoada, confusa. E, por fim, uma noite, enquanto transavam, ela havia esticado o braço, acariciado seu rosto e dito "Eu te amo", e algo dentro dele explodira. Ele a agarrara pelo pescoço, primeiro para que ela calasse a boca, mas, então, ao ver o medo em seus olhos, a maneira como seu rosto ficara vermelho, tinha começado a apertar com mais força e o orgasmo havia sido como um raio de luz branca que subira de suas bolas para o cérebro.

Enquanto se encarava no espelho, ele disse a si mesmo que estava certo desde o início. Ela estava fingindo. Estava brincando com ele e, agora que havia cansado, ia apenas jogá-lo fora.

Ele lavou o rosto e secou as mãos em uma toalha. O avião vibrava enquanto os passageiros subiam a escada. Ele ouvia vozes, risadas. Passou as mãos pelo cabelo e ajeitou a gravata.

Profissional, pensou. Logo depois abriu a porta e voltou para a cabine.

Vagabunda.

GUS ESCUTA UMA voz automática na fita.

"Piloto automático desligado."

É agora, pensa. *O começo do fim.*

Ele escuta o barulho dos motores, um aumento na velocidade que, pelo que viu a partir dos dados registrados, foi provocado pelo fato de o copiloto estar fazendo o avião girar e ganhar força.

"Gosta disso?", ouve Busch murmurar. "É isso que você quer?"

É apenas uma questão de tempo agora. O avião vai bater na água em menos de dois minutos.

E então ele ouve as batidas na porta e escuta a voz de Melody.

"Pelo amor de Deus, me deixe entrar. Me deixe entrar. O que está havendo? Me deixe entrar."

Mas o copiloto está em silêncio. Manteve para si quaisquer coisas que tenham passado por sua cabeça nos últimos momentos de vida. Tudo que resta, sob o barulho do desespero do piloto, é o som de um avião caindo em espiral, em direção à morte.

Gus estende a mão e aumenta o volume, esforçando-se para ouvir alguma coisa, qualquer coisa; como o sinal é digital, não há o chiado da gravação da fita, apenas o silêncio da cabine sob o suave barulho mecânico e o ronco do motor. E então... barulho de tiros. Ele leva um susto e joga o carro para a faixa da esquerda. À sua volta, buzinas soam. Soltando um palavrão, ele corrige seu curso para a faixa certa e perde a conta do número de tiros. Pelo menos seis, seis estrondos de canhão na gravação silenciosa. E, sob o barulho deles, o som de um mantra sussurrado.

Merda, merda, merda, merda.

Bang, bang, bang, bang.

A velocidade aumenta enquanto Busch se apoia no acelerador, o avião girando como uma folha descendo pelo ralo.

E, apesar de saber o final, Gus se pega rezando para que o comandante e o segurança israelense consigam abrir a porta, para que dominem Busch, o comandante assuma seu posto e encontre uma solução milagrosa para acertar o curso do avião. Então, como se por pena do fato de ele estar prendendo a

respiração, os tiros são substituídos pelo barulho de um corpo batendo na porta de metal da cabine. Mais tarde, os técnicos vão recriar os sons, determinar o que era um ombro e o que era um chute, mas por enquanto são apenas barulhos ansiosos por sobrevivência.

Por favor, por favor, por favor, pensa Gus, mesmo que a parte racional de seu cérebro saiba que estão condenados.

E, exatamente um segundo antes da queda, uma única sílaba:

"Ah!"

Então, o impacto — uma mistura de sons tão forte e concludente que Gus fecha os olhos. Essa mistura continua por quatro segundos, os impactos primários e secundários, o barulho da asa se partindo, da fuselagem rachando. Busch deve ter morrido na hora. Os outros podem ter durado um ou dois segundos, sido mortos não pelo impacto, mas ao serem atingidos por destroços. Graças a Deus, nenhum havia sobrevivido por tempo suficiente para se afogar enquanto o avião afundava. Eles sabem disso pelas autópsias.

No entanto, em algum lugar no caos, um homem e um menino sobreviveram. Ouvir a queda na fita transforma aquele fato em um verdadeiro milagre.

— Chefe? — chama Mayberry.

— Oi, eu...

— Foi ele. Ele só... Por causa da moça. Da aeromoça.

Gus não responde. Está tentando entender a tragédia, a morte de todas aquelas pessoas, de uma criança, por quê? Por causa do coração partido de um maluco?

— Quero uma análise mecânica completa — diz. — De cada barulho.

— Sim, senhor.

— Chego em vinte minutos.

Gus desliga. Pergunta a si mesmo por quantos anos ainda conseguirá fazer aquele trabalho, quantas outras tragédias conseguirá engolir. É um engenheiro que começa a acreditar que o mundo está fundamentalmente perdido.

Ele vê a saída se aproximar e passa para a faixa da direita. A vida é uma série de decisões e reações. São as coisas que fazemos e as que são feitas a nós.

E então ela acaba.

★ ★ ★

A primeira voz que Scott ouve na fita é sua.

"O que está havendo?", pergunta ele. "Para você. Entre a gente."

A qualidade da gravação é ruim, um sibilar mecânico soa sobre as vozes. Parece uma ligação de celular, e Scott percebe que é isso mesmo, no instante em que reconhece a própria voz.

"Vamos para a Grécia", ele ouve Layla dizer. "Eu tenho uma casinha na beira de um penhasco através de, tipo, umas seis empresas de fachada. Ninguém sabe de nada. É um mistério completo. A gente pode tomar sol e comer ostras. Dançar ao anoitecer. Esperar a poeira baixar. Sei que devia ser menos atirada com você, mas nunca conheci ninguém que me desse tão pouca atenção. Mesmo quando a gente está junto, parece que estamos no mesmo lugar, mas em anos diferentes."

— Onde você...? — pergunta Scott.

Bill olha para ele e ergue as sobrancelhas, uma expressão de triunfo.

— Ainda acha que a gente devia acreditar que nada aconteceu?

Scott o encara.

— Você... Como você...?

Bill ergue o indicador. *Espere só.*

A fita volta a tocar.

"Como está o menino?"

É a voz de Gus. Scott não tem que ouvir a próxima voz para saber que será a dele.

"Ele não está... falando, na verdade, mas parece gostar do fato de eu estar aqui. Então talvez isso seja terapêutico. A Eleanor é muito... forte."

"E o marido?"

"Saiu daqui hoje de manhã carregando as malas."

Uma longa pausa.

"Não preciso dizer o que vão pensar", diz Gus.

Scott se pega murmurando suas próximas palavras, junto com a fita.

"Desde quando o que as pessoas pensam importa mais do que a verdade?"

"Desde 2012, eu acho", afirma Gus. "Especialmente depois... Do seu esconderijo na cidade. De como isso foi parar no jornal. A herdeira, que... Eu disse: 'Encontre um lugar para se esconder', não 'crie uma notícia para os tabloides'."

"Não aconteceu nada. Quer dizer, é, ela tirou a roupa e foi para a cama comigo, mas eu não..."

"A gente não está falando do que aconteceu ou não", responde Gus. "Está falando do que parece."

A gravação termina. Bill se inclina para a frente.

— Como pode ver, mentiras. Desde o início, você só está contando mentiras.

Scott faz que sim com a cabeça, montando as peças em sua cabeça.

— Você grampeou a gente — diz. — O telefone da Eleanor. Foi assim que ficou sabendo... Quando liguei da casa da Layla. Foi assim que você ficou sabendo onde eu estava. Você rastreou a ligação. E depois... grampeou o telefone do Gus também? O FBI? Foi assim que... Todos aqueles vazamentos... Foi assim que conseguiu o memorando?

Scott vê a produtora de Bill acenar freneticamente de fora do estúdio. Ela parece estar em pânico. Scott se inclina para a frente.

— Você grampeou o telefone deles. Um avião caiu. Pessoas morreram e você grampeou o telefone das vítimas, dos parentes delas.

— As pessoas têm o direito de saber — afirma Bill. — Era um grande homem. David Bateman. Um gigante. Nós merecemos a verdade.

— É, mas... Você tem ideia de que isso é totalmente ilegal? O que você fez? Sem contar... *imoral*. A gente está sentado aqui e você está preocupado com o quê? Se eu tive uma relação consensual com uma mulher?

Scott se inclina mais.

— E, enquanto isso, você não tem ideia do que realmente aconteceu, de que o copiloto trancou o comandante para fora da cabine, desligou o piloto automático e jogou o avião no mar. De que seis tiros foram dados na porta, tiros de verdade, provavelmente pelo guarda-costas dos Bateman, que estava tentando abrir a cabine e recuperar o controle do avião. Mas não conseguiu, então todo mundo morreu.

Ele olha para Bill, que, pela primeira vez na vida, está sem palavras.

— Pessoas morreram. Pessoas com famílias, com filhos. Foram assassinadas. E você está aqui me perguntando sobre minha vida sexual. Tenha vergonha nessa cara!

Bill se levanta. Parece ameaçar Scott. O próprio Scott fica de pé, encarando-o, sem recuar.

— Tenha vergonha nessa cara! — repete, dessa vez baixinho, apenas para Bill.

Por um instante, parece que Bill vai bater nele. Seus punhos estão fechados. Então dois câmeras o agarram e Krista aparece.

— Bill — berra ela. — Bill. Calma.

— Me larguem — grita Bill, lutando. Mas eles o seguram com força.

Scott se levanta. Vira-se para Krista.

— Está bem — diz. — Já chega.

Ele sai, permitindo que a raiva e a briga desapareçam. Scott segue por um corredor até chegar ao elevador. Sentindo-se como um homem que acordou de um sonho, ele aperta o botão, depois espera que as portas se abram. Pensa na asa

flutuando e na maneira como pegava fogo, pensa na voz do menino gritando no escuro. Pensa em sua irmã e no modo como ele esperou em sua bicicleta, na escuridão crescente. Pensa em todos os drinques que bebeu e na sensação de ouvir o primeiro tiro e mergulhar na água clorada.

Em algum lugar o menino está esperando, brincando com seus caminhões na entrada da casa, pintando fora dos contornos dos desenhos. Um rio vagaroso e folhas voando com o vento.

Ele vai recuperar seus quadros. Vai remarcar as reuniões nas galerias e quaisquer outras que aparecerem. Vai encontrar uma piscina e ensinar o garoto a nadar. Já esperou tempo suficiente. É hora de apertar o PLAY, deixar o jogo terminar, ver o que acontece. E, se for um desastre, então é isso que vai ser. Ele sobreviveu ao pior. É um sobrevivente. Está na hora de começar a agir como tal.

Então a porta se abre e ele entra no elevador.

SOBRE O AUTOR



© Leah Muse

NOAH HAWLEY é escritor, produtor e roteirista vencedor do Emmy, do Globo de Ouro e dos prêmios PEN, Critic's Choice e Peabody. Entre seus trabalhos na TV estão as séries *Bones*, *Fargo* e a recente *Legion*. *Antes da queda* é seu quinto livro publicado, best-seller do *The New York Times* e eleito por diversos veículos um dos melhores *thrillers* de 2016.

LEIA TAMBÉM



Quem era ela
JP Delaney



A viúva
Fiona Barton



Sully
Chesley B. "Sully" Sullenberger III & Jeffrey Zaslow